

UNIVERSIDADE ABERTA



A Educação Sexual veiculada pelos Manuais Escolares

Um Contributo para a Prática Docente no 1º Ciclo

Anabela Salvado Diogo

**Doutoramento no ramo das Ciências da Educação
Especialidade em Didácticas**

2011

UNIVERSIDADE ABERTA



A Educação Sexual veiculada pelos Manuais Escolares

Um Contributo para a Prática Docente no 1º Ciclo

Anabela Salvado Diogo

**Doutoramento no ramo das Ciências da Educação
Especialidade em Didácticas**

Tese orientada pela
Professora Doutora Maria Teresa Morais de Oliveira
em co-orientação com a
Professora Doutora Manuela Malheiro Ferreira

2011

AGRADECIMENTOS

A presente investigação, fruto de um conjunto de reflexões partilhadas e de um crescimento evolutivo intrínseco, contou com a colaboração de várias entidades e de pessoas singulares, de espírito crítico e intervventivo, demonstrando genuína preocupação com o rumo tomado pela Educação, na generalidade e da Educação Sexual, em particular. A todo(a)s obrigada pela disponibilidade e partilha do saber de forma tão convicta e apaixonada e, em exclusivo, manifesto o meu sincero agradecimento pelo vosso contributo genuíno que, de uma forma ou de outra, permitiram a exequibilidade deste meu projecto académico.

Expresso o meu profundo agradecimento ao Agrupamento Vertical de Escolas que me acolheu, em particular às professoras Maria e Joana que me abriram as portas e me deixaram presenciar o gosto pelo dinamismo e pela construção do saber em contexto de sala de aula.

Manifesto a minha mais sincera gratidão à Doutora Maria Teresa Oliveira que embarcou comigo nesta viagem e incondicionalmente demonstrou a sua disponibilidade em todas as etapas que levaram à consecução desta investigação. Obrigada por todas as reflexões partilhadas que permitiram que eu fosse mais crítica no meu trabalho e o estímulo que me incutiu para chegar sempre mais longe.

Deixo um agradecimento especial à Doutora Maria Manuela Malheiro pela sua clarividência, fundamental nos derradeiros momentos e pela sua contribuição atenta que enriqueceu todo o trabalho desenvolvido.

Agradeço às peritas que validaram os instrumentos de avaliação dos manuais escolares e contribuíram com sugestões pertinentes, fruto da sua vasta experiência em vários campos da Educação.

Agradeço especialmente à Doutora Conceição Dinis pela pronta disponibilidade, pela partilha da sua vasta experiência e das suas convicções respeitante à educação. Agradeço a frontalidade e clareza das suas palavras.

Declaro a minha profunda gratidão à Ana Cristina Marques e ao Valdemar Coelho por todo trabalho árduo que desenvolveram em torno das actividades, para que tivessem cor e a sua exequibilidade fosse possível. Obrigada pela cumplicidade e, fundamentalmente, pela paciência que de coração disponibilizaram.

Agradeço de coração à minha família que me apoiou, me abraçou e encorajou nos bons e menos bons momentos. Simão Pedro, obrigada por estares a meu lado. Maria Inês obrigada pela paciência e pelo teu carinho e amor incondicional.

A todos os meus(minhas) amigo(a)s do peito que, de uma maneira ou de outra, se interessaram, contribuíram e me incitaram a continuar, muito obrigada. Agradeço com carinho às minhas «companheiras de estrada» que comigo ainda partilham a vontade de traçar novos caminhos com bases democráticas e assentes no espírito de cidadania.

RESUMO

A Educação Sexual veiculada pelos Manuais Escolares

Um Contributo para a Prática Docente no 1º Ciclo

A Educação Sexual (ES), integrada na Educação para a Saúde, tem vindo a ocupar um lugar de destaque na Escola, revelando-se essencial a criação de condições, que incluem a formação do(a)s agentes educativo(a)s, para a ES se traduzir numa realidade em meio escolar. É basilar que a Escola opere ao nível da aquisição de conhecimentos, na área dos afectos e sentimentos e efectue um treino de competências fundamentais ao crescimento pessoal e social sadio do(a)s aluno(a)s. Considerando o manual escolar como o recurso didáctico mais utilizado em meio escolar e que, na generalidade, o(a)s docentes o encaram como um apoio essencial para a sua prática lectiva, a investigação que se apresenta pretendeu indagar que contributo oferece o manual escolar para o desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula? Foi efectuado um estudo exploratório que englobou a avaliação de todos os manuais de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade disponíveis para adopção pelas escolas, N=17, relativamente ao tema da Reprodução Humana, com base numa grelha de análise, construída e validada para tal. Posteriormente, foi conduzido um estudo de caso centrado em duas turmas do 3º ano de escolaridade, averiguando-se a receptividade de professore(a)s e aluno(a)s na promoção da Educação Sexual através dos manuais escolares, optando-se por uma triangulação metodológica que envolveu a observação e o inquérito por questionário e por entrevista. Foi possível, centrado nos resultados do estudo, contribuir para a construção de um manual escolar direcionado para o 1º Ciclo. A condução de ambos os estudos permitiu concluir que os manuais escolares não revelavam qualquer preocupação na promoção da Educação Sexual. Demonstravam-se redutores na abordagem aos conceitos da Reprodução Humana, negligenciavam as dimensões da sexualidade e descuravam o desenvolvimento de capacidades individuais no(a)

aluno(a). Concluiu-se que a Educação Sexual formal depende da vontade e sensibilidade do(a) professor(a).

Palavras - chave: Educação Sexual; Manuais Escolares; Reprodução Humana; Educação para a Saúde; 1º Ciclo do Ensino Básico

ABSTRACT**Sexual Education transmitted by Textbooks****A Contribution for Practical Teaching in Primary School**

Sexual Education (SE), a component of Health Education, has been occupying a prominent place in School. The training of educational agents is a necessary condition for SE to be effectively implemented in School. It is vital that School act at the level of knowledge acquisition, affections and feelings, and provide training of basic skills for the personal and social development of students in a healthy perspective. As the textbook is the most teaching resource used in schools, and generally the teachers see it as an essential support tool for their teaching, this research has sought to investigate what is the textbook contribution for the development of SE within the classroom context. An exploratory study was carried out which involved all textbooks available in the market for the 3rd year of schooling (Primary School Level) about Human Reproduction within Environmental Studies curricular area (N=17). The textbook assessment was based on a checklist, created and validated specifically for this study. A further case study was conducted focusing on two 3rd grade classes to assess the willingness of teachers and students in promoting SE using textbooks. The methodology involved classroom observations, questionnaires and interviews and a triangulation of data was done. Based on the study findings, it was possible to create activities for a 1st Cycle textbook. After conducting the two studies, it was concluded that the textbooks had no concerns towards the promotion of SE. They were restrictive in their approach to the concepts of Human Reproduction, neglected dimensions of sexuality and overlooked the development of students' individual capacities. It was concluded that formal Sexual Education depends on the teacher's willingness and sensibility.

Keywords: Sexual Education; Textbooks; Human Reproduction; Health Education; 1st Cycle of the Portuguese Educational System

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vii
ÍNDICE.....	ix
ÍNDICE DOS QUADROS.....	xiii
ÍNDICE DOS GRÁFICOS.....	xv
ÍNDICE DAS IMAGENS.....	xvi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xvii
INTRODUÇÃO.....	19
1. Justificação da Investigação.....	23
2. Problema de Investigação.....	24
3. Questões de Investigação.....	26
4. Objectivos do Estudo.....	26
5. Plano Geral da Dissertação.....	28
PARTE I - QUADRO TEÓRICO.....	31
INTRODUÇÃO.....	33
Capítulo I - O Manual Escolar.....	35
Introdução.....	35
1. O manual escolar no centro da dinâmica ensino/aprendizagem: necessidade ou dependência?.....	35
2. Quadro Legislativo sobre as Políticas de Avaliação, Certificação e Adopção dos Manuais Escolares.....	41
3. A Selecção do Manual Escolar pelas Escolas.....	47
4. Os Manuais Escolares promotores da Educação Sexual em Contexto de Sala de Aula: mobilizador de conhecimentos, promotor de atitudes e difusor de papéis de género.....	49
Conclusão.....	56
Capítulo II - A Educação Sexual em Meio Escolar.....	59
Introdução.....	59
1. A Educação Sexual em Meio Escolar: Um Contributo para o desenvolvimento Pessoal e Social.....	59
2. As Escolas Promotoras de Saúde e a Implementação da Educação Sexual nas Escolas.....	64

3. Evolução do Enquadramento Legal da Educação Sexual em Portugal: Intervenientes, Contributos e Medidas Educativas.....	72
4. A Realidade de Outros Países Europeus no que concerne à Implementação da Educação Sexual nas Escolas.....	82
5. A Educação Sexual em Meio Escolar: Evolução das Abordagens Educativas.....	84
Conclusão.....	93
Capítulo III - Intervenientes e Práticas na Educação Sexual em Meio Escolar	95
Introdução.....	95
1. O(A) Aluno(a) como Prioridade Central em todo o Processo.....	95
2. A Influência do(a)s Diferentes Agentes Educativo(a)s no Crescimento Individual e Psico-social do(a) Aluno(a).....	101
2.1. O Papel do(a)s Pais/Mães e Encarregado(a)s de Educação na Promoção da Educação Sexual.....	103
2.2. Perfil e Papel do(a) Professor(a) na Promoção da Educação Sexual em Meio Escolar.....	107
2.3. Necessidade de Formação do(a)s Agentes Educativo(a)s.....	113
3. Construção de um Projecto de Educação Sexual e sua Implementação em Contexto Escolar.....	121
Conclusão.....	128
CONCLUSÃO	129
PARTE II - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	131
INTRODUÇÃO	133
Capítulo IV – Metodologia	135
Introdução.....	135
1. Opção Metodológica.....	137
2. Contextualização da Investigação.....	140
3. O Estudo Exploratório.....	141
3.1. Construção da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	142
3.2. Validação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	153
4. O Estudo de Caso.....	157
4.1. Caracterização dos Intervenientes no Estudo.....	157
4.1.1. A Escola Básica 1 E.....	158
a. A Turma do 3º Ano de Escolaridade.....	159
4.1.2. A Escola Básica 1 M.....	160

a. A Turma do 3º Ano de Escolaridade.....	161
4.1.3. As Professoras Envolvidas.....	162
4.2. Métodos e Instrumentos de Investigação.....	163
4.2.1. Observação.....	163
4.2.2. Inquérito por Questionário.....	168
4.2.3. Inquérito por Entrevista.....	172
5. Tratamento de Dados.....	175
Capítulo V – Resultados.....	177
Introdução.....	177
1. Resultados obtidos a partir da condução do Estudo Exploratório.....	178
2. Resultados obtidos a partir da condução do Estudo de Caso.....	192
2.1. Observação.....	193
2.1.1. Observação do Desempenho do(a)s Aluno(a)s nas Aulas/Sessões de Reprodução Humana.....	193
2.1.2. Actividades Desenvolvidas em Contexto de Sala de Aula.	198
2.1.3. As Reflexões das Professoras Expressas nos Relatos de Sala de Aula.....	200
2.2. Análise Comparativa das Respostas aos Questionários Administrados aos(as) Aluno(a)s.....	205
2.3. Análise do Inquérito por Entrevista administrado às Professoras Envolvidas.....	222
Conclusão.....	229
CONCLUSÃO.....	233
Introdução.....	233
1. Conclusões da Investigação.....	233
2. Actividades a incluir num Manual de Educação Sexual.....	244
2.1. Estrutura de um Manual de Educação Sexual.....	245
2.2. Exemplos de Actividades a incluir num Manual de Educação Sexual.....	247
2.2.1. O meu Corpo.....	248
2.2.2. A minha Origem.....	252
2.2.3. Os meus Sentimentos.....	254
2.2.4. Menino ou Menina?.....	257
3. Limitações da Investigação.....	259
4. Recomendações e Sugestões para Futuras Investigações.....	261
BIBLIOGRAFIA.....	263

ANEXOS.....	283
Anexo 1 - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	285
Anexo 2 - Critérios Definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	287
Anexo 3 - Quadro de Observações (CD).....	295
Anexo 4 - Relatos de Sala de Aula das Turmas do 3º Ano de escolaridade a partir das Observações Realizadas (CD).....	299
Anexo 5 - Inquérito por Questionário Administrado aos(as) Aluno(as) (CD).....	333
Anexo 6 - Guião de Entrevista/Entrevistas (CD).....	337
Anexo 7 - Fichas de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar (CD) ..	347
Anexo 8 - Desenhos efectuados pelo(as) aluno(as) na 1ª Actividade – desenho dos órgãos do corpo humano – do questionário administrado (CD).....	381

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro I	Esquema Geral da Investigação.....	140
Quadro II	Actividades desenvolvidas na Turma do 3º Ano de Escolaridade – Escola E.....	165
Quadro III	Actividades desenvolvidas na Turma do 3º Ano de Escolaridade – Escola M.....	166
Quadro IV	Grelha de Análise das Reflexões expressas nos Relatos de Sala de Aula.....	167
Quadro V	Grelha de Análise das Respostas ao Questionário Administrado aos(as) Aluno(a)s – 1ª Actividade.....	169
Quadro VI	Grelha de Análise das Respostas ao Questionário Administrado aos(as) Aluno(a)s – 2ª Actividade.....	170
Quadro VII	Grelha de Análise das Respostas ao Questionário Administrado aos(as) Aluno(a)s – 3ª Actividade.....	171
Quadro VIII	Grelha de Análise das Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista.....	174
Quadro IX	Reflexão da Professora Maria expressa nos Relatos de Sala de Aula.....	201
Quadro X	Reflexão da Professora Joana expressa nos Relatos de Sala de Aula.....	203
Quadro XI	2ª Actividade – Fecundação – Escola E.....	209
Quadro XII	2ª Actividade – Fecundação – Escola M.....	211
Quadro XIII	3ª Actividade – Conta uma História – Escola E.....	213
Quadro XIV	3ª Actividade – Conta uma História – Escola M.....	215
Quadro XV	Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 1º Momento.....	223
Quadro XVI	Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 2º Momento.....	225

Quadro XVII	Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 3º Momento.....	227
Quadro XVIII	Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 4º Momento.....	228
Quadro XIX	Actividade «O meu corpo. O teu corpo.».....	249
Quadro XX	Actividade «O Zé toma banho.».....	252
Quadro XXI	Actividade «A minha família.».....	254
Quadro XXII	Actividade «Saber resistir!».....	256
Quadro XXIII	Actividade «Quais as minhas tarefas?».....	259

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico I	I Parte - Estrutura Organizacional - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	178
Gráfico II	I Parte - Conteúdo - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	181
Gráfico III	I Parte - Ilustração - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	182
Gráfico IV	I Parte - Textos - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	183
Gráfico V	II Parte - Metodologia - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	185
Gráfico VI	II Parte - Ilustração - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	186
Gráfico VII	II Parte - Sociedade - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	188
Gráfico VIII	II Parte - Reprodução Humana - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar.....	189
Gráfico IX	1 ^a Actividade - Desenho dos Órgãos do Corpo Humano - Escola E.....	206
Gráfico X	1 ^a Actividade - Desenho dos Órgãos do Corpo Humano - Escola M.....	208
Gráfico XI	2 ^a Actividade - Fecundaçāo - Escola E.....	210
Gráfico XII	2 ^a Actividade - Fecundaçāo - Escola M.....	212
Gráfico XIII	3 ^a Actividade - Conta uma História - Escola E.....	214
Gráfico XIV	3 ^a Actividade - Conta uma História - Escola M.....	215
Gráfico XV	4 ^a Actividade - Brinquedos e Tarefas - Pré-teste - Escola E	217
Gráfico XVI	4 ^a Actividade - Brinquedos e Tarefas - Pós-teste - Escola E	217
Gráfico XVII	4 ^a Actividade - Brinquedos e Tarefas - Pré-teste - Escola M	219
Gráfico XVIII	4 ^a Actividade - Brinquedos e Tarefas - Pós-teste - Escola M	219

ÍNDICE DAS IMAGENS

Imagen I	Giroflé, p.26.....	179
Imagen II	Giroflé, p.29.....	180
Imagen III	Papagaio, p. 17.....	186
Imagen IV	Giroflé, p.27.....	187
Imagen V	Amiguinhos, p.20.....	187
Imagen VI	Giroflé, p.26.....	190
Imagen VII	Aprender a Descobrir, p. 19.....	191
Imagen VIII	Pasta Mágica, p.28.....	192
Imagen IX	Actividade «O meu corpo. O teu corpo.».....	248
Imagen X	Actividade «O Zé toma banho.».....	250
Imagen XI	Actividade «A minha família.».....	253
Imagen XII	Actividade «Saber resistir!».....	256
Imagen XIII	Actividade «Quais são as minhas tarefas?».....	258

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEL	Associação Portuguesa de Editores e Livreiros
APF	Associação para o Planeamento da Família
ATL	Actividades de Tempos Livres
BEIs	Brigadas Escolares de Intervenção
BUIs	Brigadas Universitárias de Intervenção
CAE	Centro de Área Educativa
CCPES	Comissão de Coordenação do Programa de Educação para a Saúde
CEB	Ciclo do Ensino Básico
DEB	Departamento de Educação Básica
DES	Departamento de Educação Secundária
DL	Decreto – Lei
DGIDC	Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
DREALG	Direcção Regional de Educação do Algarve
EB1	Escola Básica 1
EE	Encarregados de Educação
ENHPS	European Network Health Promoting Schools
ESE	Escola Superior de Educação
EUA	Estados Unidos da América
FERLAP	Federação Regional de Lisboa das Associações de País
FERSAP	Federação Regional de Setúbal das Associações de País
GTES	Grupo de Trabalho Educação Sexual
GTME	Grupo de Trabalho Manuais Escolares
I CISES	I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual
IIE	Instituto de Inovação Educacional
IPPF	International Planned Parenthood Federation
ISBN	International Standard Book Number
ISPA	Instituto Superior de Psicologia Aplicada

IST	Infecção Sexualmente Transmissível
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
ME	Ministério da Educação
MEM	Movimento da Escola Moderna
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização Nações Unidas
PCP	Partido Comunista Português
PPES	Programa de Promoção e Educação para a Saúde
REEPS	Rede Europeia de escolas Promotoras de Saúde
RNEPS	Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde
SHE	Schools for Health in Europe
S - IVAM	Seleção do Problema - Investigação - Visão - Acção - Mudança
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UEP	União de Editores Portugueses
VIH/SIDA	Vírus Imunodeficiência Humana/Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
WAS	World Association of Sexology
WHO	World Health Organization

INTRODUÇÃO

A área da Educação Sexual (ES) tem vindo a conquistar um lugar de destaque, quer no campo da investigação, quer em contexto escolar. Medidas legais nos últimos anos (Lei nº 60/2009; Portaria nº 196-A/2010) foram tomadas para que a Educação Sexual fosse uma realidade e se concretizasse em contexto de sala de aula. Verifica-se, pois, quer a nível institucional, quer ao nível da comunidade educativa, uma crescente consciencialização da importância da Educação Sexual. Inserida na Educação para a Saúde por assentar em pressupostos de cidadania, de tolerância, de respeito pela diferença, na capacidade de efectuar escolhas saudáveis para a sua saúde, encarando o indivíduo como um todo, a Educação Sexual efectua um contributo válido para o crescimento pessoal e psico-social equilibrado da criança. A Educação Sexual revela-se, pois, uma aposta no futuro, uma aposta com o intuito de formar uma sociedade equilibrada, livre de preconceito, tolerante e promotora da igualdade, empenhando-se no desenvolvimento de capacidades individuais que permitam escolhas responsáveis e preferência por estilos de vida saudáveis. Esta visão holística, globalizante, permite evidenciar e constatar a importância da Educação Sexual. Aquando da realização da nossa anterior investigação (Diogo, 2003), poucos estudos se haviam debruçado sobre a temática e revelava-se uma área por explorar, cheia de potencialidades e capaz de abranger um leque variado de abordagens, consoante a área do conhecimento do(a) investigador(a), nomeadamente ao nível da sociologia, da psicologia, da sexologia, da ética, da educação. Na actualidade, a condução de investigações pertinentes tem oferecido o seu contributo para que a Educação Sexual seja encarada como uma vertente primordial a abordar em contexto escolar, conferindo à Escola um papel determinante na formação de mentes sadias, tolerantes e críticas. Este papel, a Escola já recusou desempenhar, alegando que a família seria a detentora de tal responsabilidade. Na impossibilidade de a Escola se dissociar da promoção do crescimento psico-social do(a) aluno(a), dado que oferece modelos, imprime tendências, facilita o desenvolvimento de competências comunicativas, gera relações interpessoais e oferece espaços de

partilha de saber e de conhecimento, houve a necessidade de assumir e adoptar uma atitude mais intervativa, numa perspectiva de Escola promotora de saúde. Considerando que o tempo passado na Escola supera o tempo passado em família, a prevenção de problemas sociais emergentes na comunidade e a promoção da saúde em meio escolar, traduz-se na opção óbvia a tomar. Esta tomada de consciência ainda hoje não é pacífica, atendendo aos intervenientes no contexto socioeducativo e, particularmente, à falta de formação na área da Educação Sexual, no âmbito da Educação para a Saúde. No entanto, em contexto de sala de aula experimenta-se um ambiente propício à partilha de saberes, devendo-se estimular a curiosidade, o espírito crítico, a autonomia e a responsabilidade, permitindo ao(à) aluno(a) o desenvolvimento de competências na área pessoal e social essenciais para o seu crescimento. A Escola privilegia, atende, fomenta, assente na figura do(a) professor(a) que possui interesse genuíno no bem-estar do aluno, em promover a dinâmica ensino/aprendizagem de forma efectiva, revelando, pois, um papel substancial em todo o processo educativo.

A investigação em educação, na área da Educação Sexual, veio vislumbrar a importância da sua abordagem em meio escolar. Veio, ainda, demonstrar a exequibilidade de projectos com o genuíno propósito de contribuir para o crescimento informado e pleno das crianças e jovens, considerando as diferentes dimensões da sexualidade. A polémica que envolveu a sua instituição de carácter formal, compreendendo os agentes educativos e toda a comunidade escolar, foi incisivamente focada. À partida, denotou-se de forma flagrante, o papel fundamental do(a) professor(a) e o seu envolvimento enquanto ser sexuado em todo o processo de implementação da Educação Sexual em contexto de sala de aula. A necessidade de formação, inicial e contínua, foi apontada como essencial, com o intuito de afastar receios, apaziguar ansiedades e alertar para o desenvolvimento de estratégias activas, capazes de desenvolver no(a)s aluno(a)s competências individuais básicas para o seu crescimento global e sadio. Também, a articulação com a família para que

as estratégias implementadas fossem eficazes na área da Educação Sexual foi um dos pontos mencionados nas investigações realizadas. No entanto, os resultados obtidos a partir de estudos e as conclusões das investigações realizadas na área, ainda, não se encontram divulgados na comunidade educativa. Uma comunidade educativa informada é capaz de fazer uma aposta concertada na sua formação, é capaz de progredir ao nível da implementação de projectos pertinentes e de proceder a inovações que facilitem a dinâmica ensino/aprendizagem.

São dados agora os primeiros passos para a divulgação de investigação em Portugal através da disponibilização on-line de artigos científicos, dissertações de mestrado e doutoramento, intervenções em conferências, organizados em repositórios pelas instituições de ensino superior. O seu acesso integral e gratuito constitui um passo essencial para o crescimento e enriquecimento da sociedade educativa, numa perspectiva globalizante, permitindo constatar o rumo tomado pelas investigações em educação. Facilita verificar a pertinência das investigações realizadas e, mais importante, permite que o(a) investigadore(a) faça o cruzamento de dados, possibilitando melhorar e valorizar uma investigação em curso, inferir e extrapolar resultados para diferentes contextos ou realidades sociais ou educativas. A divulgação de informação é essencial para que as diferenças entre a investigação e a prática lectiva se atenuem. A investigação traduz-se num meio eficaz para apontar estratégias inovadoras que promovam a dinâmica ensino/aprendizagem e abre caminho para a reflexão das práticas lectivas, fundamental para a melhoria da qualidade do ensino. Torna-se, pois, basilar que a comunidade escolar confira relevância à investigação conduzida e a comunidade académica revele preocupação na divulgação dos resultados e conclusões das investigações realizadas.

Convém, pois, que a investigação realizada na área da Educação Sexual ofereça o seu contributo para que a Educação Sexual seja uma realidade em contexto

escolar e, mais importante, promova o cumprimento do papel da Escola e dos seus agentes educativos, nomeadamente no desenvolvimento de competências que permitam a tomada de decisões ponderadas e responsáveis a nível pessoal e social por parte de crianças e jovens. Revela-se numa necessidade premente a promoção da Educação Sexual que englobe as diferentes dimensões da sexualidade, ao nível biológico, psico-social, ético, cultural e político. Os recursos disponíveis para esta abordagem de forma efectiva e globalizante em contexto de sala de aula traduzem-se, para além do(a)s docentes, no recurso didáctico mais divulgado e utilizado em contexto de sala de aula: o manual escolar.

Assentando no pressuposto de que os manuais escolares contribuem para o desenvolvimento de competências individuais, veiculam valores, de igualdade e tolerância e revelam-se portadores de informação pertinente e rigorosa do ponto de vista científico, o(a) professor(a) terá um bom instrumento auxiliar da sua prática lectiva. Revela-se, ainda, crucial que não se limitem a apresentar conteúdos desprovidos de um contexto sociocultural e proponham aos(as) aluno(a)s a realização de actividades que estimulam as suas capacidades cognitivas. Sensibilizados para o facto de o manual escolar ser um poderoso recurso em contexto de sala de aula e alertados para as suas potencialidades, o(a)s professore(a)s contribuirão em pleno para o crescimento e desenvolvimento psico-social sadio do(a)s aluno(a)s. A formação de docentes, inicial e contínua, impõe-se como essencial, alertando para a importância da qualidade dos materiais pedagógicos, neste caso do manual escolar, quer a nível científico, quer a nível pedagógico. Pretende-se, pois, que o manual escolar seja um contributo que facilite a dinâmica ensino / aprendizagem, sendo já constatável a grande influência que detém em meio escolar, quer de mentes, quer de práticas lectivas.

1. Justificação da Investigação

Muito(a)s professore(a)s centram o processo de ensino/aprendizagem unicamente na exploração dos manuais escolares, limitando as estratégias de ensino e tomando-os como uma fonte fiável de conhecimentos (Gama, 1991). O manual escolar é o principal recurso didáctico utilizado em contexto de sala de aula, sendo usado como fio condutor da abordagem dos conteúdos e sugerindo estratégias. Tendo em conta que o mercado dos manuais escolares tem evoluído significativamente nos últimos tempos, relativamente à qualidade dos textos, das ilustrações e das actividades propostas, será que atingiu os mínimos desejáveis no que concerne ao desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula?

Realizando uma investigação centrada nos manuais escolares será possível averiguar se estes promovem a Educação Sexual essencialmente ao nível do conhecimento científico, descurando os sentimentos, as atitudes e valores e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Para que a Educação Sexual seja promovida em pleno será necessário que o manual escolar veicule informação suficiente, pertinente e rigorosa, confira ênfase a atitudes, valores e sentimentos e promova o desenvolvimento de competências individuais. A aquisição de conhecimentos na área da Reprodução Humana revela-se essencial para que o(a)s aluno(a)s cresçam informado(a)s e atento(a)s às transformações do corpo, mas não chega. A capacidade de tomar decisões, a responsabilidade, a autonomia e o espírito crítico são competências que se revelam importantes a adquirir para que haja um crescimento global sadio do(a) aluno(a) a todos os níveis (psicológico, sociológico, ético...). Os manuais escolares poderão contribuir para a aquisição dessas competências, não se limitando à transmissão de mera informação.

Considerando a crescente emergência de fomentar a Educação Sexual em meio escolar com vista à “*formação pessoal e social dos indivíduos e para a promoção da*

saúde sexual e reprodutiva” (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000: p. 15), destaca-se a necessidade de avaliar os recursos didácticos disponíveis, nomeadamente o recurso em que o(a)s docentes mais se apoiam na dinâmica ensino/aprendizagem: o manual escolar. No 1º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente no 3º ano de escolaridade, é iniciado o ensino formal do tema da Reprodução Humana, havendo a pertinência de indagar se o recurso didáctico mais utilizado contribui para a promoção da Educação Sexual, oferecendo informação suficiente e rigorosa do ponto de vista científico, conferindo ênfase a valores, atitudes e sentimentos e desenvolvendo competências individuais. É neste ciclo de aprendizagem que as concepções adquiridas poderão perdurar se não forem abaladas para se efectuar construção do conhecimento. A consolidação de crenças, preconceitos ou tabus poderão, futuramente, levar a comportamentos que comprometam o bem-estar do indivíduo e a vivência da sua sexualidade de forma sadia. É também nesta fase que o(a)s aluno(a)s se apercebem da permanência da sua identidade sexual e se denota um crescente despertar para as questões sexuais (López e Fuertes, 1999). Evidencia-se, pois, a relevância da investigação proposta, realizando-se um estudo aprofundado e que compreenda a Educação Sexual veiculada pelos manuais escolares.

2. Problema de Investigação

Existe uma crescente necessidade de incutir no(a)s aluno(a)s responsabilidades, atitudes e valores, assim como o desenvolvimento da autonomia e do espírito crítico, com o intuito de permitir tomadas de decisão ponderadas e responsáveis no futuro, a nível pessoal e social. A Escola constitui o meio ideal para que as mudanças aconteçam, uma vez que potencia saberes, incute conhecimentos e propicia as relações entre pares, expondo sentimentos e estabelecendo laços que poderão ser duradouros. A Escola forma personalidades e mentes, numa perspectiva holística, acompanhando o crescimento físico e intelectual do(a)s aluno(a)s.

O manual escolar é o instrumento que o(a)s aluno(a)s usam todos os dias e que serve de suporte para a aquisição de saberes e conhecimentos. Como já referido anteriormente, muitos docentes baseiam-se exclusivamente neste recurso didáctico e é necessário que este seja o mais adequado à população discente para a qual foi adoptado, que corresponda às suas necessidades e que diversifique as estratégias de ensino com o intuito de motivar e incutir o gosto por aprender. O manual poderá, também, contribuir para a mudança de valores e atitudes e promover o desenvolvimento de competências individuais. Partindo deste pressuposto, podemos delinear o seguinte problema de investigação:

Que contributo oferece o manual escolar para o desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula?

Os manuais escolares não são um mero instrumento transmissor de conhecimentos. Estes operam de forma intuitiva a partir dos textos que são apresentados, das imagens e do discurso empregue para abordar os conteúdos. Comunicam ideias e tendências do(a)s próprio(a)s autore(a)s. Pretende-se, pois, averiguar se no tema da Reprodução Humana, os manuais escolares contribuem para a mudança de atitudes, desenvolvem competências individuais, dão ênfase a valores e sentimentos e transmitem conhecimentos correctos em termos científicos, contribuindo para o claro desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula. Partindo desta indagação, que implica a avaliação dos manuais escolares de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade disponíveis no mercado, e realizando um estudo de caso centrado na lecionação do tema da Reprodução Humana a turmas do mesmo ano, será possível responder à questão que constitui o problema de investigação.

3. Questões de Investigação

Foram elaboradas as seguintes sub questões de investigação, com o intuito de contribuir para a resposta à questão principal colocada:

- Quais as características dos manuais escolares que permitem o melhor desenvolvimento da Educação Sexual na sala de aula?
- De que forma o(a)s professore(a)s, no âmbito da Educação Sexual, inovam a sua prática lectiva a partir do uso dos manuais escolares e que papel o(a)s docentes desempenham em contexto de sala de aula?
- Quais as competências, na área da Educação Sexual, são desenvolvidas pelo(a)s aluno(a)s a partir do uso dos manuais escolares?

4. Objectivos do Estudo

Tendo por base o problema de investigação e considerando que se pretende desenvolver uma investigação centrada nos manuais escolares, na área da Educação Sexual, constatou-se a necessidade de desenvolver, numa primeira fase, um estudo exploratório e, numa segunda fase, a condução de um estudo de caso. Numa terceira fase, com base nos estudos realizados, pretendeu-se elaborar uma proposta que englobasse um conjunto de actividades a incluir num manual escolar de Educação Sexual direcionado para o 1º Ciclo. Foi delineado um objectivo geral para cada um dos estudos, assim como os respectivos objectivos específicos, que serviram de fio condutor ao longo de toda a investigação. Foi, ainda, traçado um terceiro objectivo geral que implicou efectuar um contributo para a elaboração de um manual escolar de Educação Sexual.

Objectivo Geral 1

Apurar a contribuição dos manuais escolares para o desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula

Objectivos Específicos

- Verificar de que forma os manuais escolares reflectem os objectivos definidos pelo Ministério da Educação (ME) para o desenvolvimento da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico
- Aferir a possibilidade de o desenvolvimento da Educação Sexual, a partir dos manuais escolares, ser considerado uma inovação na prática lectiva
- Explorar possíveis relações entre os manuais escolares e a promoção da Educação Sexual na sala de aula

Objectivo Geral 2

Averiguar a receptividade do(a)s professore(a)s e aluno(a)s quanto à promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula através dos manuais escolares

Objectivos Específicos

- Compreender as concepções do(a)s professore(a)s relativamente ao uso dos manuais escolares no âmbito da Educação Sexual
- Verificar a relação entre o nível de formação académica e profissional do(a)s professore(a)s com a receptividade ao desenvolvimento da Educação Sexual na sala de aula
- Identificar concepções manifestadas pelo(a)s aluno(a)s originárias do uso do manual escolar para o desenvolvimento da Educação Sexual
- Constatar a evolução de conhecimentos e a mudança de valores e atitudes no(a)s aluno(a)s das turmas observadas.

Objectivo Geral 3

Contribuir para a elaboração de um manual escolar no âmbito da Educação Sexual para o 1º Ciclo do Ensino Básico.

A partir das questões definidas e dos objectivos propostos pretendeu-se que fosse possível a obtenção de dados relevantes que permitisse uma exploração profunda do estudo em curso (Cousin, 2005).

5. Plano Geral da Dissertação

A presente investigação encontra-se organizada de modo a facilitar a sua leitura e seja observável, com clareza, a sua evolução e o propósito das opções tomadas. É realizada uma Introdução à investigação que inclui a justificação da sua realização, focando a sua relevância no contexto educativo actual, a apresentação do problema de investigação e as respectivas questões e objectivos, que orientaram e apontaram o caminho a seguir. De seguida, a investigação encontra-se estruturada em duas partes: Parte I - Quadro Teórico e Parte II - Investigação Empírica. A Parte I - Quadro Teórico realiza o enquadramento da investigação para que se obtenha uma visão globalizante das áreas que abrange, evidenciando incisivamente a Educação Sexual nos diferentes contextos ligados à educação. Desta forma, encontra-se estruturada em três capítulos: Capítulo I - O Manual Escolar; Capítulo II - A Educação Sexual em Meio Escolar; Capítulo III - Intervenientes e Práticas na Educação Sexual em Meio Escolar. Os capítulos formam um encadeamento lógico e encontram-se intimamente ligados, para que a investigação teórica se traduza num crescendo de ideias e se verifique a construção e a estruturação do saber. A Parte II - Investigação Empírica encontra-se organizada em dois capítulos: Capítulo IV - Metodologia e Capítulo V - Resultados. No Capítulo IV - Metodologia apresentam-se as opções metodológicas efectuadas para cada um dos estudos e a respectiva justificação das escolhas realizadas. No que concerne ao estudo exploratório é descrito, com rigor e de forma exaustiva, o modo de como foi construída e validada a «Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar». Relativamente ao estudo de caso, foram caracterizados todos os intervenientes e explanados os métodos e instrumentos de investigação utilizados para que se efectuasse um estudo exaustivo e em profundidade. O Capítulo V - Resultados expõe os resultados obtidos a partir dos dados conseguidos através dos métodos de investigação utilizados. Finalmente, a Conclusão expõe as conclusões da investigação e reúne um conjunto de actividades que pretendem ilustrar as quatro temáticas sugeridas para a

promoção da Educação Sexual em meio escolar. As quatro temáticas pressupõem que sejam contempladas a esfera dos conhecimentos, a esfera dos sentimentos, valores e atitudes e a esfera do desenvolvimento de competências individuais. A Conclusão aponta, ainda, as respectivas limitações e indica sugestões para futuras investigações, considerando as insuficiências verificadas na investigação realizada. Os anexos 1 e 2 encontram-se disponíveis para consulta no final da dissertação com o intuito de facilitar a sua consulta aquando da leitura do que se refere ao estudo exploratório. Os restantes anexos foram reunidos num CD disponibilizado na contracapa.

PARTE I

QUADRO TEÓRICO

INTRODUÇÃO

O enquadramento teórico do estudo empírico realizado surge da necessidade de uma investigação teórica de modo a clarificar os pontos fulcrais do estudo, contribuindo para um maior entendimento das opções tomadas para a sua exequibilidade e oferecendo uma perspectiva globalizante de todas as áreas que focaliza. É executada uma breve abordagem histórica aos manuais escolares de acordo com a evolução do conceito de aprendizagem, que permite justificar o rumo tomado no estudo exploratório efectuado, não descurando a política vigente que envolve a avaliação, certificação e adopção dos manuais escolares, pretendendo clarificar a complexa orgânica a que estão submetidos. A polémica que rodeia a Educação Sexual introduzida em meio escolar não poderia deixar de ser considerada, partindo de um enquadramento histórico e da sua evolução legal com vista à sua implementação formal nos programas curriculares. Numa investigação anterior, que resultou numa dissertação de mestrado envolvendo o acompanhamento de um projecto de Educação Sexual numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi focado algum enquadramento teórico que volta a ser mencionado na presente investigação, mas aprofundado, actualizado e reestruturado de acordo com os objectivos formulados e as questões de investigação levantadas.

A investigação teórica efectuada pretende conferir significado ao estudo empírico, enquadrando-o na actualidade, considerando as investigações de outro(a)s autore(a)s nos diversos ramos da Ciência e não omitindo a perspectiva histórica que delinea um quadro de evolução visível. Apresenta-se, pois, um conjunto de linhas de pensamento evolutivas que geraram o que hoje podemos constatar nas escolas, podendo não corresponder ao que preconizamos como ideal na dinâmica ensino/aprendizagem. Foram privilegiados os estudos realizados no 1º Ciclo do Ensino Básico, atendendo também ao que é verificável noutras países da Europa, no que concerne à promoção da Educação Sexual em meio escolar, considerando as dimensões da sexualidade. Apenas nesta

perspectiva será possível potenciar as aprendizagens em contexto de sala de aula, tendo como finalidade essencial a contribuição para o crescimento sadio e pleno do(a) aluno(a).

Capítulo I

O Manual Escolar

Introdução

O presente capítulo pretende situar no contexto actual a importância do manual escolar conferida pelo(a)s agentes educativo(a)s, atendendo à sua evolução ao longo dos tempos como figura de destaque em contexto de sala de aula. Revela-se pertinente realizar uma abordagem que inclua as políticas vigentes de avaliação, certificação e adopção dos manuais escolares por parte das escolas, demonstrando a sua relevância na área da educação. Finalmente são focados alguns estudos realizados na área dos manuais escolares e da Reprodução Humana, no que concerne à veiculação de informação pertinente e rigorosa e na área da promoção da igualdade de género, indagando se os manuais denotam preocupação nesta vertente da Educação Sexual.

1. O manual escolar no centro da dinâmica ensino/aprendizagem: necessidade ou dependência?

O termo «manual» foi pela primeira vez empregue no séc. XVII (Oppel, 1976), muito antes das chamadas teorias de aprendizagem terem vindo a debruçar-se reflexivamente sobre a aprendizagem e a aquisição de conhecimento. Este termo definia um livro de pequenas dimensões que reunia o conhecimento considerado essencial de certas teorias ou matérias conferindo-lhe um uso prático, sendo conotado como um livro de fácil manuseio (Oppel, 1976; Choppin, 1998). Só a partir do final do séc. XIX o conceito de «manual» começou a ser atribuído aos livros que abarcavam o saber escolástico definido por um currículo (Choppin, 1998). Desde cedo, os manuais escolares tiveram influências culturais, políticas, sociais e económicas e, como outros livros disponíveis para a população, foi alvo de censuras e controlo de informação. Ainda hoje, em consequência do ensino massificado, são sujeitos a políticas

editoriais que possuem um claro objectivo lucrativo. Sendo capazes de abranger o leque das diferentes dimensões sociais, o manual escolar possui o propósito de servir o(a) aluno(a), apesar de ele(a) não ser incluído(a) nos processos de selecção e adopção. Um conjunto de professore(a)s detém esse poder, justificável pelo papel de promotore(a)s de aprendizagens no meio escolar. O manual escolar é, muitas vezes, encarado como orientador da planificação a elaborar pelo(a) professor(a) e poderá ser usado como substituto do programa da disciplina (Tormenta, 1996) em detrimento dos programas oficiais (Santos e Valente, 1997) e, em casos mais extremos, como se verifica nas escolas americanas, pode ser o definidor do currículo (Apple, 1997). Desta forma, o manual opera como grande influenciador das práticas do(a) professor(a) e, consequentemente, do pensamento do(a) aluno(a), imprimindo tendências pedagógicas e sugerindo formas de aprendizagem, monopolizando, em contexto de sala de aula, o parco leque de materiais pedagógicos em uso. "*O manual é ainda, de longe, o suporte de aprendizagem mais expandido, mais utilizado, mais generalizador, mais modelizador, mais eficaz da nossa realidade escolar*" (p. 14), como referem Santos e Valente (1997), baseando-se em Gerard e Roegiers (1993), no que concerne aos manuais de ciências, mas que bem pode ser aplicado aos manuais escolares na sua generalidade. A Lei 47/2006 de 28 de Agosto vem retirar parte do protagonismo que o manual escolar possui nas nossas escolas definindo-o como um recurso didáctico e retirando-lhe a exclusividade. Sugere que é destinado ao desenvolvimento de competências no(a) aluno(a), mas engloba também o(a) professor(a) quando referencia que poderá conter orientações de trabalho para o(a) docente.

Influenciado, desde cedo, por pedagogos e comunidades pedagógicas associadas a movimentos de ensino, o manual escolar poderá encorpar influências das teorias de aprendizagem e do conhecimento que se possui acerca da aquisição e consolidação do saber por parte do(a) aluno(a). Tanto em Portugal como em outros países europeus, a evolução dos manuais escolares encontra-se agregada a essas influências. Aquando o surgimento da Escola

Nova, o manual escolar deixou de integrar o saber meramente enciclopédico para permitir “*uma abertura de caminhos, uma estruturação básica do raciocínio, com vista à remissão para outras leituras e outras fontes de informação e formação*” (Magalhães, 1999: p. 285), deixando de haver um saber único e inquestionável, ratificado pela comunidade pedagógica da chamada Escola Tradicional (Morgado, 2005). Os manuais escolares revelaram-se mais práticos e adequados à realidade de então, tanto ao nível informativo como ao nível da representação dos intervenientes (Magalhães, 1999). No início do séc. XX, Freinet, resistente ao uso de manuais escolares por verificar que não consideravam as necessidades educativas dos alunos, propunha aos seus alunos a construção dos seus «livros de vida» que não eram mais do que textos sobre o seu dia-a-dia explorados como situações de aprendizagem (Magalhães, 1999). E foi baseado nas suas convicções que surgiu, na década de 60, o movimento da escola moderna (MEM) em Portugal, a partir do «Grupo de Trabalho de Promoção Pedagógica» constituído no então Sindicato Nacional de Professores (Niza, 1998). Assentando na “*concepção empirista da aprendizagem*” (Niza, 1998: p. 139), o MEM evoluiu segundo os pressupostos de Vigotsky e Brunner, considerando as necessidades educativas e interesses do(a) aluno(a). Nesta perspectiva, o(a) professor(a) é detentor(a) de um papel de mediação, centrando-se na aprendizagem do(a) aluno(a), fomentando estratégias activas, promovendo a diferenciação pedagógica (Grave-Resendes e Soares, 2002) e permitindo o estabelecimento de conexões entre a teoria e a prática, utilizando outros materiais pedagógicos que não o manual. Também, em meados do séc. XX, os manuais escolares foram influenciados, entre outros, por Decroly, estruturados de acordo com os centros de interesse (Magalhães, 1999), não havendo compartimentação curricular e permitindo ao(à) aluno(a) conduzir a sua aprendizagem de acordo com os seus interesses ou motivações. No entanto, os manuais nunca deixaram de inculcar a ideia de que o saber que instituem é universal e de constituírem um conjunto de verdades indubitáveis, apesar da adaptabilidade às realidades sociais e a publicitação de inovações na prática

lectiva. “*O livro escolar não apenas contém um critério de verdade como ele próprio representa e é interpretado como sendo verdade*” (Magalhães, 1999: p. 283).

Encarados como um apoio fundamental para a prática lectiva do(a) professor(a), dando-lhe serenidade e segurança, quer ao nível pedagógico, quer ao nível científico no ensino dos conteúdos programáticos, o manual escolar pode ser encarado como uma forma de “*currículo apresentado*”, traduzindo o conteúdo definido no “*currículo prescrito*” determinado pelos órgãos responsáveis pela educação e instituído por leis normativas ou linhas orientadoras de carácter oficial (Diogo e Vilar, 2003). Desta forma, para o(a) professor(a), o manual pode assumir um lugar de destaque em contexto de sala de aula, conferindo-lhe uma importância exacerbada. Gama (1991) refere que esta “*dependência*”, muitas vezes psicológica, não seria alarmante se os manuais encorpassem a qualidade esperada, o que segundo estudos efectuados não acontece. Com o novo enquadramento legal de avaliação e certificação de manuais espera-se que a qualidade científica e pedagógica seja optimizada verificando-se um esforço por parte dos serviços educativos oficiais que o instituído legalmente se realize.

Actualmente, e de acordo com Fernandes (2001), o manual escolar deverá ser estruturado a partir da perspectiva desenvolvimentista e não assentar em teorias que privilegiem a memorização de conhecimentos, estando esta ideia de acordo com a definição de aprendizagem avançada por Tavares e Alarcão (2005): “*Uma construção pessoal, resultante de um processo experiencial, interior à pessoa e que se traduz numa modificação do comportamento relativamente estável*” (p. 86). Uma dinâmica que resulta do quadro teórico do construtivismo onde prevalece a ideia da interacção entre assimilação e acomodação, numa perspectiva Piageciana, e opera intrinsecamente no sujeito, sendo constatável pelas suas acções a consolidação do «aprendido». O manual deverá, ainda, atender às necessidades educativas do(a)s aluno(a)s, de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo e contexto sociocultural em que se encontram inserido(a)s, de acordo com o preconizado por Piaget, para que se confira

significado às aprendizagens e facilite esse processo. Deve promover o uso de materiais manipulativos facilitadores da construção do conhecimento. No entanto, de acordo com estudos realizados na área (Fernandes, 2001), na generalidade, os manuais escolares estão de acordo com o disposto no Currículo Oficial unicamente no que concerne aos conteúdos. Traduzem os programas definidos pelos órgãos responsáveis pela educação, materializando as linhas orientadoras e os objectivos propostos pelos mesmos (Spreng, 1976), o que é típico de sociedades mais conservadoras, como alerta Tormenta (1996).

Spreng (1976) aponta que “*le manuel s'adresse à l'élève et aide à inculquer un corps de savoirs de façon durable*” (p. 20), transmitindo saberes e conhecimentos aplicáveis a diferentes situações que possam surgir, quer em contexto escolar, quer na vida quotidiana, implicando uma compreensão dos conceitos. Se esta compreensão tiver lugar, permitirá a aplicabilidade do saber a novos contextos por parte do(a) aluno(a), permitindo o desenvolvimento desta competência. O Decreto-Lei n.º 369/90 de 26 de Novembro define manual escolar como:

“*o instrumento de trabalho, impresso, estruturado e dirigido ao aluno, que visa contribuir para o desenvolvimento das capacidades, para a mudança de atitudes e para a aquisição dos conhecimentos propostos nos programas em vigor (...)*” (p. 4836).

Sugere, mais uma vez, que o manual não seja só um mero transmissor de conhecimentos, de acordo com os programas vigentes, mas que contribua para o desenvolvimento de competências que levem o(a) aluno(a) a dar passos importantes na área da pesquisa e da organização, com o claro objectivo de adquirir e consolidar métodos e hábitos de trabalho e estudo (Gérard e Roegiers, 1998). Muito similar à definição de Richaudeau (1981): “*un manuel est un matériel imprimé, structuré, destiné à être utilisé dans un processus d'apprentissage et de formation concerté.*” (p. 51). O autor indica, ainda, que o manual poderá ser analisado a partir de uma perspectiva científica, pedagógica e institucional, apresentando três funções essenciais: “*de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e como guia orientador*” (p. 51). Mas, segundo Fernandes (2001), adoptando uma visão mais pragmática e baseando-se na experiência que

adquiriu em investigações efectuadas na área, os manuais escolares, na generalidade, fomentam a memorização de conceitos em vez da compreensão, não apresentam informação actualizada e científica e descuram a promoção de valores essenciais para a vivência em sociedade, discriminando de forma negativa o sexo feminino, outras raças que não a caucasiana e habitantes de zonas rurais ou piscatórias. Não apresentam, pois, características fundamentais para o desenvolvimento pleno e sadio do(a) aluno(a) a nível pessoal e social, considerando o espírito de cidadania e democrático. As teorias cognitivistas ou desenvolvimentistas colocam o(a) aluno(a) inserido(a) numa sociedade e em interacção ampla com as suas estruturas organizacionais para poder crescer de forma plena (Ferreira e Santos, 1994) e o manual escolar deverá contemplar esta condição, sendo um instrumento importante na formação pessoal e social. O manual escolar forma identidades, sendo um meio de divulgação de valores e modelos, e institui estereótipos (Pinto, 1999) que pouco já fazem sentido numa sociedade em evolução para a igualdade. O manual traduz-se numa ferramenta poderosa na promoção da igualdade de género se houver sensibilidade por parte do(as) autore(a)s e uma política séria que permita uma análise numa perspectiva de género aquando da certificação dos manuais. Numa visão poética, mas realista, do potencial que o manual escolar pode oferecer, mais especificamente no que concerne aos(as) aluno(a)s, Brito (1999) descreve:

"Os manuais escolares acompanham trajectórias didácticas, fomentam ódios de estimação, despertam amores que perduram para sempre, antecipam destinos, apontam percursos multidirecccionados, substituem professores, alongam-se em explicações, valorizam originalidades, arquivam compilações, engendram complicações, enervam ou alegram os alunos, que os enchem de sublinhados ou os riscam furiosamente, pintam-nos de várias cores, amarroram-nos, despedaçam-nos esmagam-nos contra os outros materiais que carregam na mochila. Enfim, estimam-nos mal, ou bem, mas não separam deles" (p. 142).

A panorâmica que é focada aponta para uma reflexão séria relativamente à influência do manual escolar no desenvolvimento individual de cada aluno(a), ajudando-o(a) a traçar um percurso vivencial, mas segundo o saber que

preconizam. Podem ser motivadores das aprendizagens, impulsionadores para a aquisição do saber ou, pelo contrário, meramente desmotivantes.

O manual escolar deverá considerar as aprendizagens e vivências que o(a) aluno(a) acarreta para a Escola e promover o desenvolvimento de competências que levem o(a) aluno(a) a questionar e a rever as suas concepções alternativas acerca dos conteúdos a estudar, provocando uma maior estruturação do conhecimento e permitindo um papel activo na dinâmica ensino/aprendizagem por parte do(a) aluno(a). No entanto, estudos realizados verificaram que os manuais escolares poderão promover exactamente o oposto. Poderão induzir concepções alternativas, distantes do conhecimento científico que se pretende consolidar e difíceis de desenraizar no decorrer dos anos de escolaridade (Silva, 2001; Alves e Carvalho, 2007; Guimarães, 2009; Guimarães e Cavadas, 2009).

Na generalidade, e não descurando a sua complexidade como recurso didáctico, o manual traduz o programa de uma disciplina específica, destinado a um ano de escolaridade específico (Cabrita, 1999) realizando uma abordagem pedagógica, cultural, ideológica e até política e social (Cabrita, 1999; Guimarães e Cavadas, 2009). Revela-se fundamental em contexto escolar (Guimarães, 2009), sequenciando conteúdos, sugerindo formas de abordagem e até estabelecendo ritmos de aprendizagem (Guimarães e Cavadas, 2009), com a finalidade de potenciar o processo ensino/aprendizagem e torná-lo eficiente (Gérard e Roegiers, 1998).

2. Quadro Legislativo sobre as Políticas de Avaliação, Certificação e Adopção dos Manuais Escolares

O quadro legislativo actual evidencia uma evolução significativa no sentido de assegurar a qualidade científica e pedagógica dos manuais escolares e restantes recursos didáctico-pedagógicos de todo o ensino básico e secundário. Já em 1986, na Lei de Bases do Sistema Educativo, a garantia da qualidade pedagógica

dos manuais escolares e de outros meios didácticos era mencionada no artigo 44º, referenciando o Ministério da Educação como a entidade responsável por assegurar essa qualidade. No entanto, o Decreto-Lei nº 57/87 de 31 de Janeiro delegou nas escolas o processo de análise dos manuais escolares (mencionado em GTME, 2005). Só em 1990 foi instaurado o Decreto-Lei n.º 369/90, de 26 de Novembro, com o intuito de garantir a qualidade científica e pedagógica dos manuais escolares através da constituição de comissões científico-pedagógicas independentes, com o propósito de intervir de forma mais incisiva, caso o manual não estivesse de acordo com os programas vigentes ou a apreciação fosse requerida pelos órgãos pedagógicos da Escola ou de outras entidades civis. O referido Decreto-Lei conferia competência aos órgãos da Escola na escolha dos manuais mais adequados às suas realidades sociais, regulamentava os períodos de adopção e as medidas de suspensão, caso fossem encontrados erros ou omissões em manuais escolares. As primeiras comissões científico-pedagógicas, constituídas no ano lectivo 1992/93, avaliaram a adequação dos manuais escolares das três áreas curriculares disciplinares do 1º ano de escolaridade às mudanças operadas pela reforma curricular instituída a partir de 1989, concluindo que os manuais não contemplavam as mudanças estabelecidas. Contactados os editores, com o intuito de compensarem a situação verificada, não foram tomadas as medidas sancionatórias previstas legalmente (GTME, 2005). As comissões seguintes, constituídas em 1995 e que se debruçaram sobre a qualidade dos manuais escolares disponíveis para os 3º e 4º anos de escolaridade e para as Ciências da Natureza e Educação Visual e Tecnológica do 2º Ciclo, constataram uma evolução positiva relativamente à adequação dos manuais aos programas curriculares, embora a situação não se verificasse em todos os manuais (GTME, 2005).

Em 2005, com a circular nº 6/2005, de 14 de Abril, enviada a todas as escolas e agrupamentos, houve a estipulação de critérios de selecção a considerar pelos órgãos pedagógicos das escolas e respectivos departamentos curriculares ou conselho de docentes aquando da selecção do manual escolar, definindo as

orientações a respeitar nos manuais escolares a adoptar para o ano lectivo 2005/2006. Uniformizavam-se, pois, os critérios de avaliação para todas as escolas.

Com a Lei 47/2006 de 28 de Agosto, uma nova política é traçada para os manuais escolares uma vez que é pretendida, de forma efectiva, assegurar a qualidade científica e pedagógica dos manuais escolares de acordo com o estipulado no currículo nacional, garantindo não possuir o propósito de interferir no processo global de elaboração de um manual escolar, nem nas escolhas dos seus intervenientes. A Lei pretende que todos os manuais passem por um processo de avaliação e certificação efectuado por comissões de avaliação independentes, como regulamentado no Decreto-Lei nº 261/2007 de 17 de Julho. Os critérios definidos vão desde o rigor científico e à conformidade com o disposto no currículo, passando pela qualidade pedagógica e culminando na qualidade dos materiais e na possibilidade de ser reutilizado, para chegar à avaliação de manual «certificado» ou «não certificado». A Lei teve por base o relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho de Manuais Escolares (GTME, 2005) em 2005 que, efectuando uma análise histórica e legal, constatou que o processo de avaliação dos manuais escolares como disposto no Decreto-Lei n.º 369/90 não surtiu o efeito pretendido, uma vez que não evitava, em tempo útil, a utilização de manuais escolares com incorrecções pedagógicas e/ou científicas, para além de todo o processo se ter tornado dispendioso. Baseando-se em modelos adoptados pela Estónia, Quebec e alguns estados dos EUA, o GTME propôs, assim, “*um sistema de avaliação prévia da qualidade dos manuais escolares*” (GTME, 2005: p. 18). Segundo os investigadores do Observatório dos Recursos Educativos, Carvalho e Fadigas (2007), o GTME não fez prova científica, suportada por uma investigação que comporte um estudo comparativo entre as realidades educativas mais próximas da realidade portuguesa, de que há falta de rigor na concepção dos manuais escolares ou de outros materiais pedagógicos. Consequentemente, e segundo o estudo comparativo entre Portugal e alguns países da Europa realizado pelos

investigadores acima mencionados, Portugal é o único país com uma política de certificação de manuais escolares. Apenas a Espanha e a Noruega experimentaram um sistema similar que abandonaram em meados da década de noventa por considerarem que limitava o “*exercício da profissão docente*”. Segundo a Lei 47/2006, uma segunda fase de avaliação tem lugar aquando da adopção dos manuais pelas escolas, onde os docentes verificarão a sua adequação ao projecto educativo, como disposto no artigo 16º. Findo o processo, as escolas disponibilizarão na «Base de Dados de Manuais Escolares» do Ministério da Educação (ME) os manuais apreciados e adoptados. O Despacho nº 415/2008 de 4 de Janeiro estabelece as condições de entrada em vigor do regime de avaliação e certificação dos manuais escolares a partir do ano lectivo de 2008/2009 e indica que se encontra aberto o processo de avaliação dos manuais adoptados e em utilização relativo a um conjunto de áreas curriculares. Entre estas áreas encontra-se o Estudo do Meio dos 3º e 4º anos, como disposto no artigo 34º da Lei 47/2006 procedendo-se à avaliação dos manuais já adoptados “*de acordo com os programas e qualidade científica e pedagógica dos conteúdos*” (p. 6218). Caso o procedimento atribua a menção de «Desfavorável», cabe ao ME intervir de modo a que as editores procedam à respectiva correção das “*deficiências encontradas*”. Caso este facto não aconteça é da responsabilidade do ME “*determinar a caducidade da adopção ao manual*” (p. 6218). Este processo de avaliação dos manuais de Estudo do Meio dos 3º e 4º anos já foi concluído como disposto no nº 7 do Despacho nº 22025/2009 de 2 de Outubro e todos os manuais desta área curricular que foram apreciados e avaliados no decorrer desta investigação, se mantiveram nas listas, disponibilizada pelo ME para 2010/2011. Verificou-se a alteração de incorrecções em alguns manuais escolares, mas outros mantiveram as omissões e as incorrecções constatadas no estudo empírico no que concerne ao tema da Reprodução Humana na área curricular de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade. Não foi possível apurar se as alterações observadas foram por vontade editorial ou sugestão das referidas comissões de avaliação independentes. Para o ano lectivo 2011/2012, o ME publicou on-line, na página

da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), a lista de manuais escolares avaliados e certificados, verificando-se que os manuais da área curricular de Estudo do Meio não constam na lista e não se encontra calendarizada a sua selecção e adopção por parte das escolas.

A política que envolve a adopção de um manual escolar demonstra complexidade, uma vez que comprehende a opinião pública, autore(a)s, livreiros e editores e, obviamente, a comunidade docente que nem sempre reúne consenso no que concerne às políticas educativas vigentes, adoptando uma visão mais pragmática do sistema de ensino e respectiva orgânica. O estudo realizado por Carvalho e Fadigas (2007) evidencia que o sistema educativo português não confere aptidão aos(as) professore(a)s no que concerne à avaliação dos manuais escolares. No entanto, Gama (1991) e Fernandes (2001) indicam que a selecção dos manuais não pode ficar meramente a cargo de um grupo de professore(a)s de cada escola e que se deverá zelar pela qualidade dos mesmos e sugerem que se realizem estudos nesse sentido. Brito (1999) sublinha as dificuldades sentidas pelo(a)s professore(a)s aquando da selecção do manual, que procuram escolher o manual que se revele mais útil para a sua prática docente, tentando um consenso de opiniões, nem sempre fácil de concretizar. Distingue, ainda, a certificação da qualidade científica e pedagógica dos manuais da selecção do manual por parte do(a)s professore(a)s, atendendo às especificidades da escola e do meio, de acordo com o projecto educativo.

Quanto ao regime de fixação de preços, a evolução não foi pacífica. Os manuais escolares traduzem-se num fardo pesado na carteira das famílias portuguesas com filhos em idade de escolaridade obrigatória ou não. O regime de preços sofreu influências das conjunturas políticas e sociais vivenciadas na sociedade portuguesa após o 25 de Abril, constatáveis pelo Decreto-Lei nº329-A/74 de 10 de Junho (mencionado em GTME, 2005) que convencionou um regime de preços que evitou a médio prazo o disparo exponencial dos custos dos manuais escolares para as famílias. Estabeleceu-se, pois, um regime de preços máximos

para os manuais do 1º Ciclo e procedeu-se à sua actualização através da publicação de portarias e despachos normativos com regularidade anual. A partir do Decreto-Lei nº 369/90 de 26 de Novembro foi definido um novo regime a que a fixação de preços dos manuais escolares destinados à escolaridade obrigatória se deveria submeter, estabelecido pela Portaria nº 186/91 de 4 de Março e pela Portaria nº 724/91, de 24 de Julho, consequência da nova política traçada. Mas o Decreto-Lei nº 176/96, de 21 de Setembro, que pretendeu estabelecer o sistema do preço fixo do livro, incluiu os manuais escolares e livros auxiliares nas excepções a esta directriz. No nº 1 do artigo 15º indicou que os manuais escolares e os livros auxiliares dos ensinos básico e secundário não se encontravam sujeitos à obrigatoriedade de venda a preço fixo. Estava aberto o caminho para uma posterior liberalização dos preços dos manuais escolares, tendo por base argumentativa a crescente estabilidade política e económica que se fazia sentir nos vários sectores da sociedade portuguesa. O resultado foi o crescimento desenfreado dos custos dos manuais para as famílias (GTME, 2005). Por essa razão, a 21 de Janeiro de 2004, foram celebradas as convenções entre Direcção-Geral da Empresa, a APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros) e a UEP (União de Editores Portugueses), aplicáveis à venda ao público dos manuais escolares para o ensino básico no ano lectivo 2004/2005, definindo o regime de preços. A lei nº 47/2006 veio uniformizar o regime de preços indicando no artigo 24º que os manuais escolares se encontram sujeitos o regime de preços convencionados, como regulamentado pela Portaria nº 792/2007 de 23 de Julho, numa acção concertada de conjugar os interesses das famílias com os interesses de autore(a)s e livreiros. Confere, ainda, autonomia aos agrupamentos e respectivas escolas para desenvolver um sistema de empréstimo de manuais escolares e outros recursos, regulamentado, mais tarde, pelo Decreto-Lei 261/2007. A partir de 2009, as famílias mais carenciadas puderam beneficiar de manuais escolares gratuitos à semelhança do que acontece na Espanha (Carvalho e Fadigas, 2007). Mas para as restantes famílias, os manuais ficam a seu cargo, ao contrário do que acontece na Dinamarca e Suécia em que existe

uma política que garante a gratuitidade dos manuais escolares desde o ensino básico até ao secundário. A Finlândia, Noruega e Reino Unido possuem esta mesma política para os manuais do ensino básico (Carvalho e Fadigas, 2007). O parecer do GTME (2005) não foi favorável ao regime de gratuitidade dos manuais escolares, uma vez que consideraram o manual escolar como um bem de primeira necessidade e, por conseguinte, as famílias terão de ponderar a sua aquisição no orçamento familiar, antes de adquirirem outros bens de consumo menos necessários, como telemóveis ou consolas de jogos, afirmando que a sociedade portuguesa não atribuiria valor ao esforço dispendioso operado pelo Estado e por todos os contribuintes.

O quadro legal revela-se complexo, mas possui o claro propósito de assegurar a qualidade científica e pedagógica dos manuais escolares existentes no mercado, uma vez que se constata o papel fundamental que possuem em contexto de sala de aula e como mobilizador de conhecimentos. Não se demonstra visível, ainda, a eficiência das medidas tomadas, sendo intuitivo prever as possíveis influências e as pressões editoriais exercidas, pela noção do custo que acarreta a realização da reformulação de conteúdos que possuam incorrecções, omissões ou erros científicos. No entanto, ainda é cedo para inferir se o propósito de melhorar a qualidade científica e pedagógica dos manuais escolares será atingido.

3. A Selecção do Manual Escolar pelas Escolas

A concepção do manual escolar obedece, nos dias de hoje, a exigências do foro científico, pedagógico, socioeconómico e cultural, havendo a necessidade de se submeter a um processo avaliativo desde a concepção até à sua edição e posterior utilização de forma a garantir a qualidade no seu todo. O quadro legal abriu caminho para que esta avaliação fosse possível.

Segundo a circular nº 6/2005, de 14 de Abril, o Conselho de Docentes ou os Departamentos Curriculares teriam de analisar cada manual, segundo os critérios de apreciação redigidos pelo Ministério da Educação, contemplando as seguintes componentes de análise: Organização e Método; Informação; Comunicação; Características Materiais. Os critérios definidos em cada componente de análise já tinham sido referenciados por outros autores como fundamentais na apreciação de manuais escolares (Brito, 1999; Fernandes, 2001). Na «Informação» é incluído um parâmetro que avalia o manual quanto a discriminações relativas a sexo, etnias, religiões, entre outros. As componentes de análise podem ser avaliadas com Insuficiente, Suficiente, Bom ou Muito Bom. A circular indica, ainda, que se deveria ter em conta a relação qualidade/preço. Caso fossem detectadas incorrecções nos manuais analisados, teriam de se assinalar numa ficha própria, indicando as páginas e segundo os seguintes parâmetros: Adequação ao Programa/Orientações Curriculares; Qualidade Científica; Adequação ao Nível Etário dos Alunos. A partir da publicação da Lei nº 47/2006 e respectiva regulamentação a cargo do Decreto-lei nº 261/2007, os manuais escolares que não tenham sido submetidos ao processo de certificação, serão avaliados pelos órgãos competentes das escolas, considerando a circular nº 6/2005, de acordo com os critérios anteriormente mencionados. Os manuais que sofreram o processo de certificação serão apreciados pelos docentes dos departamentos curriculares tendo em conta apenas quatro pontos: A adequação do manual ao Projecto Educativo da escola; As características do público-alvo; As características do meio envolvente; Diversidade social e cultural da comunidade escolar.

Carvalho e Fadigas (2007) referem que é pouco relevante a avaliação dos manuais quanto ao seu aspecto físico, uma vez que a evolução para os *e-books* é inevitável mesmo que não venham a substituir os manuais na sua totalidade. No entanto, há que considerar ainda o peso, as dimensões do manual e o grau de resistência à utilização normal, como é avaliado na Circular nº 6/2005. Considerando que é o instrumento de trabalho mais utilizado em contexto de

sala de aula, e não sendo possível utilizar os *e-books* a título individual em contexto de sala de aula por falta de recursos tecnológicos, são o(a)s aluno(a)s que na prática os carregam todos os dias.

Apesar da certificação e da avaliação do manual escolar realizada à luz de critérios bem definidos e estruturados, é o(a) professor(a) ou um conjunto de professore(a)s que efectuará a escolha e seleccionará o manual escolar atendendo a uma perspectiva mais pragmática, avaliando a sua utilidade em contexto de sala de aula. No entanto, o(a) professor(a) deverá adoptar uma atitude crítica perante o que veicula e deve estimular essa atitude no(a)s aluno(a)s. O manual escolar não pode ser tomado como detentor da verdade e monopolizador do saber. Brito (1999) aconselha que “*a mensagem necessita passar sempre pelo crivo das nossas críticas*” (p. 147) e assim, cumpra correctamente a sua função de auxiliador na dinâmica ensino/aprendizagem.

4. Os Manuais Escolares promotores da Educação Sexual em Contexto de Sala de Aula: mobilizador de conhecimentos, promotor de atitudes e difusor de papéis de género

A Educação Sexual engloba três esferas fundamentais à sua promoção de forma explícita: Conhecimentos; Sentimentos, Valores e Atitudes; Competências Individuais. Estas três esferas traduzem o que se encontra legalmente instituído (Lei nº 60/2009; Portaria nº 196-A/2010) e preconizado por vários especialistas na área (Kay, Gray e Hassall, 1993; Ministérios da Educação e da Saúde, APP, 2000; Caetano, 2010). Os manuais escolares, promotores da Educação Sexual em contexto escolar terão de contemplar estas três esferas e de uma forma não redutora da realidade, mas globalizante, com o intuito de formar mentes sãs e informadas, capazes de tomar decisões e de perspectivar o futuro a partir de uma visão positiva da sua sexualidade. A articulação das três esferas potenciará a escolha de comportamentos sadios e levará a evitar comportamentos de risco. No campo dos valores e atitudes, a Educação Sexual passa indiscutivelmente

pela promoção da igualdade de género. E os manuais escolares, possuidores de um papel fundamental na formação de mentes, sendo até agora constatável a sua forte presença nas escolas portuguesas (Gama, 1991; Santos e Valente 1997), detêm o poder de promover tanto a igualdade como a discriminação de género. É nesta área da Educação Sexual que os manuais escolares conservam o papel mais preponderante, uma vez que falamos na globalidade e não de um manual de uma disciplina específica. Desde a Reforma Curricular dos anos 90, os manuais escolares foram alvo de estudos relativamente aos papéis de género por eles veiculados (Pinto, 1999) numa perspectiva de interiorizar a necessidade de uma educação para a igualdade de género e evitar o estereótipo pessoal e social. Num estudo realizado por Martelo (1999), centrado nos manuais escolares e transmissão de papéis de género, foi concluído que, na generalidade, os manuais escolares contribuem para a visão tradicionalista da distribuição de papéis de género, quer textualmente, quer a nível das ilustrações. A conclusões semelhantes chegaram Correia e Ramos (2002) num estudo realizado a manuais escolares de Língua Portuguesa e Matemática do 1º Ciclo, apresentando-se flagrante a discriminação dos papéis de género sociais, em que as mulheres são representadas em profissões estereotipadas como tradicionalmente femininas.

Arends (1995) aponta seis formas de discriminação sexual encontradas em manuais escolares e outros materiais curriculares, identificadas por alguns investigadores da área da educação: (1) a distorção linguística (referido também por Pinto, 1999 que a inclui em «Veículos de Transmissão»), que ocorre quando se usam “*palavras e pronomes masculinos (...) para referir o conjunto das pessoas*” (p. 149), facto mencionado também por Martelo (1999) que levanta a possibilidade de se retirar universalidade ao uso do masculino, a partir de medidas legais tomadas pelo sistema educativo; (2) os estereótipos (referido por Henriques e Joaquim (1995) e citado por Pinto, 1999), em que aos homens e mulheres são conferidos papéis sexuais sociais tradicionais (o autor revela ser frequente em manuais escolares os papéis serem estereotipados); (3) a invisibilidade (também referida em Henriques e Joaquim (1995) e citado em Pinto, 1999), onde a mulher

não «aparece» nas ilustrações ou não é mencionada dos textos; (4) o desequilíbrio, quando não são apresentados os diferentes pontos de vista de uma questão colocada; (5) a falta de realidade, quando “*os textos, por vezes, apresentam um quadro irrealista da vida moderna, apresentando uma família nuclear típica*” (p. 149) (verificado em Alves e Carvalho, 2007); (6) a fragmentação, quando a informação sobre as mulheres apresenta-se separada da restante, conferindo-lhe parca importância, o que Henriques e Joaquim (1995), citados por Pinto (1999), intitulam por «desintegração». Pinto (1999) aconselha o(a)s professore(a)s a confrontarem o(a)s seus(suas) aluno(a)s com os preconceitos encontrados nos manuais escolares e outros materiais, levando-o(a)s a questionar e a explorar os seus pontos de vista. A mesma autora sugere que os manuais sejam os impulsionadores da promoção da igualdade de género, inovadores nesta área, mostrando de forma equitativa que ambos os sexos possuem iguais oportunidades, nos diversos campos da sociedade, permitindo uma evolução essencial em mentes que só conhecem realidades singulares.

Torna-se relevante situar Portugal na Europa e cruzar resultados em projectos desenvolvidos noutras países para se obter uma visão abrangente da problemática que envolve a promoção da Educação Sexual numa perspectiva integradora nas políticas que envolvem a concepção dos manuais escolares. Num projecto de investigação, mencionado em Carvalho e Clément (2007), realizado a nível europeu: Biology, Health and Environmental Education for Better Citizenship (BIOHEAD-CITIZEN), dezanove países, treze europeus e seis não europeus (pertencentes ao continente africano e ao Próximo Oriente) foram envolvidos com o intuito de indagar como o ensino da Biologia, a Educação para a Saúde e a Educação Ambiental contribuem para a promoção da cidadania. Procedeu-se à análise dos programas de ensino e dos manuais escolares do ensino primário e secundário de cada país, tendo-se verificado diferenças substanciais no que concerne à abordagem dos temas seleccionados para análise, entre os quais os temas «Reprodução Humana e Educação Sexual» e «Educação para a Saúde» (Carvalho e Clément, 2007). Colectivamente, foram

construídas grelhas de análise de manuais escolares específicas para cada tema e uma grelha geral que incluía parâmetros do foro organizacional, epistemológico e social e, ainda, a conformidade com os programas de ensino vigentes de cada país. Foi administrado um questionário a docentes e futuro(a)s docentes com o propósito de apurar as suas concepções sobre os temas em enfoque e a formação de melhores cidadã(o)s. No caso dos manuais escolares, os investigadores averiguaram se os manuais analisados consideravam a interacção do modelo «KVP» (baseado em Clément, 2004, 2006 e mencionado em Carvalho e Clément, 2007). O modelo «KVP» traduz-se na interacção de três pólos: «conhecimentos científicos»(K); «sistemas de valores»(V); «práticas sociais»(P). Clément (2004), autor do modelo, defende que a assimilação do conhecimento científico individual (K) é efectuada considerando os outros dois pólos (V e P). O conhecimento (K) é retido ou assimilado segundo as práticas (P) profissionais, sociais ou pessoais do indivíduo e a importância que lhe é conferida depende da interacção entre os conhecimentos (K) e o sistema de valores (V) de cada um. Carvalho e Clément (2007) exemplificaram o modelo «KVP» mencionando a análise efectuada a um conjunto de dois manuais franceses, datados de 1959, para aluno(a)s de 11-12 anos. Os manuais apresentavam-se semelhantes mas, claramente, parte dos conteúdos eram direcionados para géneros diferentes. Um manual expunha conhecimentos científicos(K) relativamente a mecânica de motores e o outro apresentava tecnologias referentes a electrodomésticos. Esta clara diferenciação de conteúdos evidencia as práticas sociais (P) que se verificavam na altura, assentes em valores (V) sexistas (Carvalho e Clément, 2007).

Vários estudos foram realizados considerando essencialmente a esfera dos conhecimentos, mas atendendo à Educação Sexual na sua abrangência, no que concerne ao seu contributo para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo e, desta forma, realizando também uma análise na esfera dos sentimentos, valores e atitudes e na esfera das competências individuais. Na área da sexualidade e da Reprodução Humana, considerando os manuais

escolares do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi efectuado um estudo que abrangeu vinte e três manuais escolares, doze do 1º ano e onze do 3º ano de escolaridade do ensino básico, editados entre 1991 e 1995, (Teixeira *et al.*, 1999 e referido em Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001). O estudo realizado pretendia averiguar qual a importância conferida à «Identidade Sexual» e «Função Reprodutora/Sexual e Órgãos Genitais», o rigor científico com que era abordado o tema e quais as metodologias adoptadas pelos manuais analisados. Verificou-se que os manuais escolares não atribuíam relevância aos temas, denotando-se uma abordagem fugaz dos conteúdos comparativamente com os outros temas, e a informação era insuficiente e pouco rigorosa do ponto de vista científico. Observou-se uma franca desigualdade de género na apresentação dos conteúdos, evidenciando-se a figura masculina com um papel activo e preponderante.

Ainda na área da Reprodução Humana e Educação Sexual, o estudo seguinte incidiu sobre os manuais escolares do 3º ano de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico, revelando-se exaustivo e permitindo uma perspectiva global da abordagem efectuada ao tema da Reprodução Humana (Alves e Carvalho, 2005; Alves, Anastácio e Carvalho, 2007; Alves e Carvalho, 2007). Foram encontrados setenta manuais portugueses de vinte e uma editoras, desde 1920 até 2003. No entanto, foram analisados apenas trinta e quatro manuais escolares, tendo-se verificado que o tema começou a ser abordado pelos manuais escolares do 3º ano de escolaridade a partir de 1993, consequência da publicação do Despacho nº 139/ME/90 de 16 de Agosto, que aprovou os planos curriculares dos ensinos básico e secundário e incluiu o tema da Reprodução Humana no programa do 1º Ciclo (também mencionado por Teixeira *et al.*, 1999). A partir de uma grelha de análise que comportava dez critérios que incluíam a análise dos textos, das figuras e das actividades propostas, o estudo verificou que o tema da Reprodução Humana era, na generalidade, o último a ser apresentado, ocupando o espaço de uma página. Verificou-se que nem todos os manuais representavam os órgãos genitais, apesar de constar no programa do 1º CEB o objectivo de conhecer os órgãos do mencionado “*aparelho reprodutor humano*”

(Teixeira *et al.*, 1999; Alves, Anastácio e Carvalho, 2007) e que o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001) menciona já como «sistema orgânico». Convém debruçarmo-nos reflexivamente sobre a designação «aparelho» e «sistema», neste caso referente ao reprodutor humano. A palavra «aparelho» designa equipamento ou, no caso específico, um metódico agregado de órgãos, enquanto «sistema» implica algo dinâmico, um conjunto de órgãos interligados e que interagem com outros sistemas e com o meio. Na generalidade das investigações e estudos realizados na área, é aplicada a designação de «aparelho reprodutor». No entanto, esta designação revela-se pouco precisa uma vez que os órgãos reprodutores se incluem num corpo organizado, dinâmico e que para a sua sustentabilidade promove a interacção plena de todos os órgãos. Ainda referente ao estudo acima mencionado, observou-se erros na legendagem de figuras e constatou-se que estas nem sempre se encontravam relacionadas com o texto. Mais, verificou-se que as omissões e incorrecções científicas eram frequentes (já constatado no estudo realizado por Teixeira *et al.*, 1999 e referido em Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001) e que a informação não científica não era relevante, uma vez que informava o(a) aluno(a) daquilo que ele(a) já sabia. No que concerne às actividades, o estudo apurou que não eram propostas actividades de pesquisa, nem apelavam à promoção do espírito crítico (também mencionado no estudo realizado por Teixeira *et al.*, 1999 e referido em Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001). Certos conteúdos, considerados essenciais não eram abordados como a higiene, a anti-concepção ou a prevenção de ISTs/SIDA. O «acto sexual», também, nunca era mencionado.

Um estudo comparativo no que concerne ao tema da Reprodução Humana entre os manuais escolares portugueses referentes ao ensino obrigatório e manuais escolares moçambicanos referentes ao ensino geral, demonstrou que as lacunas observadas são as mesmas (Alves e Carvalho, 2007a). Foi utilizada a grelha de análise construída colectivamente para este tema ao abrigo do projecto BIOHEAD CITIZEN que incluía parâmetros que procediam a uma análise textual e de figuras, tendo-se dado ênfase às representações anatómicas

dos respectivos sistemas, à fecundação, à referência dos métodos anticoncepcionais e das ISTs, em particular da SIDA. Analisando comparativamente os manuais referentes aos anos de escolaridade onde são abordados conteúdos de Reprodução Humana, dois manuais escolares portugueses, do 6º e 9º anos, seleccionados por revelarem maior índice de adopção pelas escolas e dois manuais únicos oficiais moçambicanos, da 5ª e 7ª classe, verificou-se algo preocupante: a abordagem das ISTs e SIDA estava ausente, à excepção do manual do 9º ano português. Relativamente às imagens, os manuais moçambicanos apresentavam imagens a preto e branco, sempre sob a forma de esquema e só aparecendo as partes do corpo mencionadas, enquanto nos manuais portugueses havia, também, o recurso à fotografia e apresentavam o corpo todo. De salientar que nos manuais portugueses, os indivíduos representados eram todos de origem europeia, enquanto nos manuais moçambicanos os indivíduos representados revelavam-se de origem africana. No que concerne aos conteúdos, os manuais moçambicanos realizavam uma abordagem demasiado simples, sendo a informação transmitida muito escassa e pouco relevante do ponto de vista científico, enquanto os manuais portugueses revelaram alguma complexidade na abordagem dos conteúdos.

Preocupante é o facto de se verificarem incorrecções ao longo da escolaridade. Centrando o estudo nos manuais de 9º ano portugueses para 2006/2007, no que concerne à fertilidade humana e seu controlo, Osório (2007) constatou que os manuais não se revelavam claros relativamente ao controlo da natalidade e prevenção das ISTs, podendo induzir o(a) aluno(a) em erro no que concerne a uma relação sexual protegida. Verificou, ainda, omissões no conteúdo referente à ovulação e no que concerne à importância da higiene no período menstrual.

Um estudo na área da Educação para a Saúde (Carvalho *et al.*, 2007), abrangendo catorze países, pretendeu analisar os manuais escolares do 1º Ciclo e do Ensino Secundário, quanto à abordagem biomédica *versus* abordagem promoção da saúde, dentro da Educação para a Saúde. Os países com maior

percentagem de abordagem biomédica dos conteúdos foram a França (99,2%); Malta (98,5%) e a Itália (91%). Os países que privilegiavam uma abordagem para a promoção da saúde foram a Alemanha (64,6%), Marrocos (51%) e Finlândia (50,1%). De salientar que o modelo biomédico engloba apenas a abordagem informação/prevenção/cura, enquanto o modelo de promoção da saúde encara o indivíduo como um todo numa interacção “*bio-psico-social*” permanente, incluindo, por definição e por inserção lógica, a Educação Sexual.

Outros estudos realizados (Pereira, 2004; Sousa, 2006) na área da Reprodução Humana verificaram que o manual escolar adoptado, para o 3º ano de escolaridade, comportava omissões, falhas e abordagens fugazes dos conteúdos, capazes de constituir obstáculos à aprendizagem. A falta de rigor deste manual adoptado levou o(a)s aluno(a)s a considerar os testículos e a vagina como órgãos sexuais externos. Atendendo aos factos e aos estudos realizados na área dos manuais escolares, da Reprodução Humana e da Educação Sexual, verifica-se que autore(a)s e editores conferem parca importância ao estudo da sexualidade e não revelam preocupação na promoção da Educação Sexual de forma explícita, que teria que considerar os conhecimentos, sentimentos, valores e atitudes e o desenvolvimento de competências individuais. Revela-se, pois, premente a organização de formação na área direcionada para autore(a)s e editores para que tornem sensíveis e tratem a temática com a merecida importância, como refere Anastácio (2007).

Conclusão

O manual escolar é encarado como um instrumento facilitador da dinâmica ensino/aprendizagem e um recurso didáctico essencial, uma vez que traduz um currículo e sintetiza o saber a adquirir de uma disciplina específica. No entanto, a qualidade científica e pedagógica ainda não se encontra totalmente garantida. Medidas legais foram tomadas e aguardam-se resultados animadores, consequentes das políticas vigentes. O manual escolar revela-se

capaz de promover a Educação Sexual em meio escolar e poderá tornar-se num poderoso aliado, uma vez que se encontra presente em todas as escolas portuguesas. O manual escolar, considerando as suas características únicas, poderá sintetizar o conhecimento científico, pertinente e actual sobre a Reprodução Humana, poderá privilegiar sentimentos, atitudes e valores e desenvolver competências individuais no(a)s aluno(a)s. No entanto, estudos realizados, na área da Reprodução Humana e da discriminação de género, constatam que o manual escolar não revela preocupação em veicular informação rigorosa e pertinente e estereotipa papéis sexuais sociais. Dificilmente poderá contribuir para a promoção da Educação Sexual em meio escolar, fundamental para que o(a) aluno(a) seja entendido como um todo, considerando as dimensões biológica, psico-afectiva, ética e sociocultural.

Capítulo II

A Educação Sexual em Meio Escolar

Introdução

Para que se entenda o(a) aluno(a) de uma forma holística e se verifique a preocupação com o seu bem-estar a todos os níveis de desenvolvimento (físico, psíquico, social...) a Escola terá de se consciencializar da sua magnitude e impacto na vida do(a) aluno(a). A Escola permite a construção do saber, divulga informação, imprime tendências e proporciona espaços relacionais fundamentais ao crescimento do(a) aluno(a). Revela-se, pois, essencial que se realize uma abordagem às escolas promotoras de saúde, cujo derradeiro princípio traduz-se na capacitação do(a) aluno(a) a optar por estilos de vida saudáveis e a evitar comportamentos de risco. A Educação Sexual insere-se nesta dinâmica de acção por partilhar o mesmo princípio fundamental e assentar igualmente em valores democráticos e igualitários. Esta perspectiva globalizante da Escola permite um maior entendimento da evolução do quadro legal da Educação Sexual e da realidade verificada em outros países europeus. Há, ainda, a salientar a importância de se realizar uma abordagem à evolução dos modelos de Educação Sexual, constatando-se qual a abordagem que mais potencia a mudança de comportamentos e o desenvolvimento de capacidades individuais.

1. A Educação Sexual em Meio Escolar: Um Contributo para o desenvolvimento Pessoal e Social

A Educação Sexual esteve sempre presente nas escolas de forma informal, adoptando conotações positivas e negativas, conforme a abordagem realizada e influenciando comportamentos, reprimindo alguns e proclamando outros como aceitáveis. A Educação Sexual informal assume um papel fundamental na formação dos jovens, uma vez que “é o processo mais básico de aprendizagem da

sexualidade" (Vaz, 1996: p. 17). Adoptando pais e mães como primeiros modelos, transmissores de valores que moldam o carácter e permitem a construção da sua identidade e a definição dos papéis de género, as crianças partem à descoberta edificando o saber junto dos pares, dos livros e dos media. É nesta fase que os mitos, as concepções erradas e a informação pouco rigorosa podem enraizar falsos conhecimentos e influenciar negativamente o crescimento da mente. Esta Educação Sexual, apesar de descuidada pela Escola e pouco entendida como tal, é essencial para a construção do indivíduo de forma sadia e plena, desde que os educadores tenham a sensibilidade de explorá-la e mantiverem uma atitude aberta que possibilite a livre expressão (Camamero *et al.*, 1985). A Escola é, pois:

"(...)um espaço privilegiado, pelo seu contributo na aquisição e estruturação de conhecimentos, na interiorização de valores e no desenvolvimento de práticas que vão constituir um suporte essencial para a cidadania (Ferreira, 1998: p. 28).

Adoptando uma visão reflexiva sobre o tempo passado pelo(a)s aluno(a)s nas escolas verifica-se que, muitas vezes, suplanta o tempo passado com as famílias. Para além disso, é um espaço muito importante de encontro entre amigo(a)s e parceiro(a)s (Vilar, 1987). Em conjunto constroem identidades, descobrem-se, inter-relacionam-se... A sexualidade "*não consegue ser mantida fora da escola*" (Louro, 2000: p. 47) porque faz parte de cada um de forma intrínseca, desde o nascimento e por todas a nossa existência como individualidade. Daí a necessidade de converter a Educação Sexual à sua forma formal nas escolas, de modo a contribuir para a construção do conhecimento, para a aquisição de informação científica essencial, para a definição dos papéis de género, para a construção de uma sociedade mais tolerante e respeitadora da diferença. O silêncio não é deveras a melhor opção, podendo transmitir uma certa carga negativa à sexualidade (Vilar, 1987) que deve ser encarada de forma positiva.

Nos dias de hoje, considerando a sociedade actual, a Escola não deverá adoptar o papel das famílias, mas deverá exercer um papel mediador entre a família e

o(a) aluno(a), levando-os a estabelecer o diálogo fundamental para a resolução de tantos problemas que se verificam em meio escolar. Deverá também recorrer, se necessário, a profissionais de saúde para casos específicos que a Escola não possa solucionar. O(A)s profissionais de saúde deverão, pois, intervir em casos pontuais e em articulação com a Escola e nunca adoptar o papel de promotores únicos da Educação Sexual em meio escolar, como disposto nas orientações oficiais.

A Educação Sexual em meio escolar implica a discussão da sexualidade humana nas suas diferentes dimensões, na nossa opinião, indissociáveis. As diversas dimensões dinamizadas interactivamente promovem uma sexualidade sadia e livre de tabus ou preconceitos, contribuindo para o desenvolvimento pleno e global do(a)s aluno(a)s. Hoje está mais que verificado que abordar a sexualidade na sua dimensão biológica é redutor, embora essencial para a aquisição de conhecimentos com rigor científico, sendo possível extinguir mitos e afastar falsas ideias enraizadas (Sampaio, 1987). É necessário que a dimensão psico-afectiva, gerindo emoções, sentimentos esteja presente (Machado, 1998) e seja estimulada, contextualizando o prazer noutras áreas para além da fisiológica. E, porque ninguém é uma ilha, e a capacidade de estabelecer laços é fundamental para o bem-estar, saber comunicar e partilhar sentimentos é essencial para a vivência da sexualidade, sendo a dimensão comunicativa a responsável por esta abertura (Machado, 1998). A dimensão ética não pode ser deixada para segundo plano, já que compreende a responsabilização das acções praticadas a título individual e a capacidade de tomar decisões ponderadas (Machado, 1998; Pinto, 1982). Uma visão mais pragmática corresponde em saber distinguir o certo e o errado em questões que envolvam a sexualidade (Bruess e Greenberg, 2004). Existe uma estreita relação entre ética e educação, uma vez que a ética é a arte de saber viver consigo e com os demais, sentindo amor e gosto pela vida. A Escola promove essa aprendizagem, contribuindo para a formação do carácter e da personalidade da criança (Oliveira, s. d.). Desta forma, a Educação Sexual contribuirá também para o *"desenvolvimento do*

raciocínio moral" (ME, 2002: p. b) e de uma consciência social, fundamental para a vivência em sociedade. Inter-relacionada com a dimensão sociocultural e política (Machado, 1988), a Educação Sexual promoverá o espírito de cidadania, a tolerância e a aceitação da diferença, a partir da compreensão de valores e atitudes culturais, muitas vezes enraizadas e decisivas no modo como é encarada a sexualidade de cada um e as suas variadas expressões. Estas dimensões - biológica, psico-afectiva, comunicativa, sociológica, ética, cultural e política - em interacção, moldam a personalidade do indivíduo desde a nascença e imprimem atitudes e valores face à sua sexualidade e ao modo de encarar a sua vivência em comunidade. No entanto, o tema é controverso por nem todos encararem a sexualidade como uma componente essencial da vida sendo, muitas vezes, negada ou reprimida. Mas a sexualidade faz parte de cada um (Myles *et al.*, 1983), intrinsecamente.

A sexualidade é expressa através de comportamentos e pode ser uma fonte de bem-estar e de prazer (López e Fuertes, 1999). Segundo a OMS (citado em Frade *et al.*, 2001), a sexualidade é:

"uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influência também a nossa saúde física e mental" (p. 16).

Atendendo a esta definição, nada mais evidente que estabelecer a Educação Sexual de modo formal, planificada e estruturada em meio escolar. Não só sugere que a sexualidade esteja intrinsecamente ligada ao carácter e que leva a comunicar, a estabelecer relações, como daí depende o bem-estar individual e social. A Escola possui o dever de promover o bem-estar do(a)s aluno(a)s e deve potenciar um crescimento informado e o desenvolvimento de competências individuais fundamentais para uma vivência feliz e positiva. Contribuirá, pois, para que se façam escolhas acertadas e se optem por estilos de vida saudáveis. A partir da administração de um questionário em 63 escolas,

inquirindo o(a)s aluno(a)s de uma turma do 10º ano e de uma turma do 12º ano, Vilar e Ferreira (2010) verificaram que a escola assume um papel cada vez mais evidente na Educação Sexual, contribuindo para uma vivência da sexualidade mais positiva, denotando-se a adopção de comportamentos preventivos, indiciando-se a capacidade de recorrer a ajudas quando necessário e evidenciando-se o início das relações sexuais mais tarde. A escola deverá proporcionar, na opinião de vário(a)s autore(a)s que privilegiam as dimensões psico-afectiva, comunicativa e ética, uma educação para as atitudes e valores (Oliveira, s. d.; Buxarrais, 2000; Zapiain, 2003), alegando que a formação de atitudes positivas sobre sexualidade devia ser um dos principais focos de reflexão na Educação Sexual, considerando que “*la actitud hacia la sexualidad interviene en el proceso*” (Zapiain, 1993: p. 206) de desenvolvimento pessoal global. Segundo Oliveira (s. d.), “*su objetivo es ayudar al alumnado a tomar decisiones responsables en lo que respecta a su relación con los demás*” (p. 176), mas não é fácil educar para uma atitude sexual adequada. Brennan (1995) alerta para as atitudes que o(a)s professore(a)s/educadore(a)s trazem para a sala de aula, pois são observadas e interiorizadas pelo(a)s aluno(a)s. Muito(a)s professore(a)s/educadore(a)s transmitem a sua atitude negativa, para com a sexualidade própria, adulterando informação e transmitindo sensações de medo e de perigo (López, 1985). Brennan (1995) salienta a necessidade de haver uma mudança nas atitudes do(a)s professore(a)s/educadore(a)s em relação a estereótipos, auto estima ou imagens negativas de si e medos em relação à sexualidade ou vergonha do seu próprio corpo. Para que esta mudança de atitudes se concretize, revela-se fundamental a formação de educadore(a)s/professore(a)s, que inclua dinâmicas de grupo reflexivas que privilegiem a participação activa dos intervenientes.

Na opinião de Zapiain (1993), as atitudes são tendências que assentam em três aspectos fundamentais: cognitivo, afectivo e comportamental. O autor indica que a informação, mesmo que precisa, não implica um comportamento adequado, mas releva o facto da possibilidade das pessoas, que expressam uma

atitude negativa face à sexualidade, não possuírem a informação adequada. Zapian (2003) sublinha a necessidade da Educação Sexual assentar na esfera das atitudes e justifica:

"(...) centrar a atenção na atitude, pressupõe abrir espaços para trabalhar a capacidade de assumir o protagonismo no desenvolvimento do projecto próprio de sexuação, a disposição para integrar de forma positiva o erotismo (...) na estrutura geral da personalidade, e a capacidade de se relacionar com os outros em ligação com os suportes emocionais e o espaço da intimidade. (p. 35)

Partir da esfera das atitudes para privilegiar a esfera das competências individuais e, desta forma, promover a vivência da sexualidade de forma sadia e positiva é uma proposta a considerar nos programas e projectos de Educação Sexual. No entanto, a esfera dos conhecimentos não deve ser ignorada.

2. As Escolas Promotoras de Saúde e a Implementação da Educação Sexual nas Escolas

Uma Escola promotora da saúde pretende, de uma maneira globalizante, desenvolver um conjunto de competências no(a)s aluno(a)s que lhes permitam tomar decisões ponderadas e responsáveis relativamente à sua saúde física e mental, a título pessoal ou social, considerando todos os factores influenciadores e decisivos para a promoção da saúde. A OMS (Organização Mundial de Saúde) prevê que, em 2015, cerca de 50% das crianças que frequentarão o Pré-Escolar e mais de 95% do(a)s aluno(a)s que frequentarão o ensino básico e secundário, usufruirão de uma Escola promotora da saúde (WHO, 1999) e que em 2020 todo(a)s o(a)s aluno(a)s possuam a capacidade de fazer escolhas saudáveis relativamente à sua saúde. São as metas propostas para os países da União Europeia e que combinam os esforços de todos os países para as alcançar. E é neste ambiente que se insere a Educação Sexual, sendo uma componente importante da Educação para a Saúde, fundamental para o crescimento pleno e sadio do(a)s aluno(a)s.

Portugal insere-se na Rede Europeia de Escolas Promotoras de Saúde (REEPS) a partir de 1994, instituindo a Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde (RNEPS), envolvendo dez escolas e quatro centros de saúde. A REEPS, fundada em 1991 pelo Comité Internacional do Planeamento (CIP) constituído pela Comissão da Comunidade Europeia, o Conselho da Europa e o Gabinete Regional para a Europa da OMS, contou com a adesão de sete países europeus: Bélgica; Dinamarca; Grécia; Hungria; Irlanda; Polónia e República Checa. Desde o início, a REEPS possuía o intuito de instituir Escolas Promotoras de Saúde, numa perspectiva de desenvolvimento e treino de competências que permitissem a escolha futura de estilos de vida saudáveis por parte do(a)s aluno(a)s, sublinhando o elo indissociável entre a Educação e a Saúde e sugerindo uma coordenação óbvia entre os dois ministérios que as tutelam (Burgher, Rasmussen e Rivett, 1999). Na Primeira Conferência da Rede Europeia (1997) foram delineados os seguintes princípios a considerar numa Escola Promotora de Saúde: Democracia; Equidade; Competência para a acção (*“Empowerment and Action Competence”*); Ambiente Escolar; Currículo; Formação de Professores; Indicadores de Sucesso; Colaboração; Comunidade; Sustentabilidade (ENHPS, 1997; Burgher, Rasmussen e Rivett, 1999). Os países aderentes assumiram, pois, o compromisso de criar as condições necessárias para que estes princípios fossem promovidos em todas as escolas. A 2^a Conferência Europeia, que teve lugar em 2002, constatou a importância da proximidade e articulação dos Ministérios da Educação e da Saúde na promoção de uma Educação para a Saúde e a 3^a Conferência Europeia sobre as Escolas Promotoras de Saúde, da qual resultou a Declaração de Vilnius (SHE, 2009), pretendeu salientar a importância de uma promoção holística, globalizante da saúde. Incluiu uma declaração dos jovens que participaram activamente na Conferência, sublinhando a importância do empenho de todos os agentes educativos na promoção da saúde em contexto escolar e da adopção de estratégias que incluissem dinâmicas activas, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo e os capacitassem a fazer escolhas saudáveis. A Declaração delineia cinco valores nucleares onde

assentam as Escolas Promotoras de Saúde: Equidade; Sustentabilidade; Inclusão; Competência para a acção; Democracia. À excepção da Inclusão, os restantes já tinham sido definidos como princípios fundamentais a considerar numa Escola Promotora de Saúde na 1^a Conferência Europeia. A oferta de iguais oportunidades para todos, a concertação de esforços sistematizados para a obtenção de resultados, o respeito pela diversidade, a capacitação de crianças e jovens e a difusão de valores democráticos serão medidas essenciais para que a Escola se revele em pleno uma Escola Promotora de Saúde, despertando para esta perspectiva uma comunidade educativa consciente e com valores alicerçados nos Direitos Humanos. Um estudo conduzido por Vilaça (2006) constatou a importância do desenvolvimento de competências de acção no(a)s aluno(a)s, demonstrando-se ser eficaz o uso da metodologia S - IVAM (Investigação - Visão - Acção - Mudança). Muito há para fazer para que as Escolas Promotoras de Saúde sejam uma realidade, nomeadamente na formação de professore(a)s. Um estudo que indagou o modelo biomédico e a promoção da saúde nas concepções do(a)s professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s, a partir de um questionário administrado a 6379 professore(a)s de dezasseis países da Europa, África e do Próximo Oriente, apurou que a maioria dos inquiridos era da opinião que o objectivo da Educação para a Saúde seria “*desenvolver um comportamento responsável para com a saúde*” (Carvalho, Clément e Berger, 2009). O estudo verificou, ainda, que o(a)s professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s dos países situados mais a norte da Europa (Finlândia, Lituânia, Hungria) e o Chipre encontravam-se mais de acordo com a abordagem da promoção da saúde, enquanto o(a)s professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s da Europa Central (Polónia, Alemanha, França, Roménia) e a Tunísia estavam mais de acordo com o modelo biomédico, privilegiando o conhecimento na educação. O(a)s professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s do 1º Ciclo do Ensino Básico evidenciavam-se possuir uma maior concepção de promoção da saúde que os restantes inquirido(a)s. Em Portugal, num estudo realizado por Rodrigues *et al.* (2007), a partir de um questionário realizado online, constatou-se que todo(a)s o(a)s professore(a)s inquirido(a)s pertencentes

ao 1º Ciclo do Ensino Básico e às Ciências da Natureza assumiam realizar Educação para a Saúde, enquanto que não se verificou a existência de professore(a)s da área que o(a)s investigadore(a)s denominam por ciências exactas e das TIC que afirmassem tê-la feito. Dos 77 questionários apurados, 48% foram respondidos por professore(a)s que revelavam ter realizado Educação para a Saúde. A amostra não se denota representativa, mas é possível tirar ilações: o(a)s professore(a)s possuem sensibilidade para realizar Educação para a Saúde consoante a área a que leccionam; o(a)s professore(a)s do 1º Ciclo realizam Educação para a Saúde devido à abrangência curricular que leccionam e por se envolverem na vida pessoal e social do(a)s seus(suas) aluno(a)s, consequência de uma convivência diária e muito próxima, própria da orgânica deste Ciclo de ensino. No entanto, o(a)s professore(a)s das restantes áreas curriculares não podem colocar-se à margem. Só com o esforço de todos se poderá instituir uma Escola Promotora de Saúde.

Portugal tinha já arrancado em 1990 com o Projecto «Viva a Escola», que compreendeu a realização de um treino de competências que permitissem aos(as) aluno(a)s a escolha de comportamentos saudáveis na generalidade (Resolução do Conselho de Ministros, 1990) e instituiu o PPES (Programa de Promoção e Educação para a Saúde) em 1993 pelo Despacho nº 172/ME/93 de 13 de Agosto. Esta decisão pretendia responder às necessidades de prevenção verificadas nas áreas da toxicodependência, SIDA e na prevenção de riscos associados à sexualidade, promovendo a concertação de esforços nos diversos sectores institucionais e permitindo o estabelecimento de parcerias com outros organismos não governamentais. Neste contexto de iniciativa e atendendo ao *feedback* positivo verificado na Primeira Conferência da Rede Europeia (ENHPS, 1997), Portugal alargou substancialmente a rede de Escolas Promotoras de Saúde, criando legislação específica para que fossem formadas estruturas de apoio, assegurando-se a partilha de responsabilidades por parte dos dois ministérios envolvidos (Despacho Conjunto ME e MS, 1998; Despacho Conjunto ME e MS, 2000).

Convém situar toda esta orgânica no contexto mundial de pretensões, no que concerne à promoção da saúde. O conceito «Saúde para Todos» (Health for All) foi pela primeira vez abordado na Conferência Internacional sobre Cuidados de Saúde Primários, da qual foi emitida a Declaração de Alma-Ata (WHO, 1978), reforçando a importância da promoção da saúde: *"is essential to sustained economic and social development and contributes to a better quality of life and to world peace."* (p. 1). O conceito de saúde evoluiu de uma perspectiva de prevenção de doença para uma óptica de promoção do bem-estar a nível pessoal e social global, sublinhando-se o facto de que o crescimento económico de cada país dependia directamente do quanto o Governo estaria disposto a investir na promoção da saúde do seu povo. A Declaração de Alma-Ata possuía a pretensão de que todos os povos do mundo usufruissem de saúde, meta que seria alcançada em 2000, através dos «Cuidados de Saúde Primários». Os «Cuidados de Saúde Primários», além de incluir a prestação de serviços e envolver todos os sectores responsáveis pelo desenvolvimento económico do país, englobavam também a educação na área da prevenção e controlo de problemas de saúde e o planeamento familiar. O conceito era, pois, abrangente, holístico, embora na área da educação a perspectiva biomédica denotava-se predominante. A 1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em 1986, definiu as orientações para alcançar a meta apontada pela Declaração de Alma-Ata: *Health for All by the year 2000 and beyond* (p. 1), descrevendo a promoção da saúde como um processo que visa potenciar as capacidades individuais de modo a que cada um seja capaz de fazer escolhas que incrementem um modo de viver saudável. A Carta de Otava (WHO, 1986), aprovada nesta Conferência, apresentou as orientações necessárias à promoção da saúde englobando cinco áreas distintas: Construir Políticas Saudáveis (*"Build Healthy Public Policy"*); Criar Ambientes Favoráveis (*"Create Supportive Environments"*); Fortalecer a Acção Comunitária; Desenvolver Competências Pessoais; Reorientar os Serviços de Saúde; sublinhando a necessidade de união de todos os meios, que em conjunto sugerissem e desenvolvessem estratégias de promoção de saúde para que a «Saúde para Todos» fosse uma realidade. É

no «Desenvolvimento de Competências Pessoais» que a Carta reitera a necessidade da Educação para a Saúde explicitamente. A saúde é encarada de uma perspectiva positiva e enumera um conjunto de pré-requisitos fundamentais para a saúde: *“peace, shelter, education, food, income, a stable ecosystem, sustainable resources, social justice, and equity”* (WHO, 1986: p. 1). Claramente, a Carta de Otava instituiu o conceito de promoção da saúde e instituiu-o logo à partida no sentido mais lato. A capacitação dos indivíduos para escolha de estilos de vida saudáveis e promoção da igualdade de género são medidas amplamente mencionadas de forma implícita e explícita. Tanto a Declaração de Alma-Ata como a Carta de Otava, apelam à união de todos os sectores, quer económicos, quer políticos, culturais, para uma plena promoção da saúde e assumem os mesmos pré-requisitos fundamentais, tendo impulsionado uma nova política de saúde, apesar da meta delineada para 2000 não ter sido alcançada pelas razões óbvias de fraco empenho governativo e pela sobreposição de interesses económicos. A Recomendação de Adelaide, datada de 1988, resultante da 2^a Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, subscreveu o disposto nas anteriores conferências e recomendou a adopção de uma política de saúde pública que obtivesse a *“positive health impact”* (WHO, 1988: p. 2) numa perspectiva globalizante devido às diferenças flagrantes entre os países. Foram diagnosticadas quatro áreas de acção urgente: Apoio à Saúde das Mulheres; Alimentação e Nutrição; Tabaco e Álcool; Criação de Ambientes favoráveis à Saúde com o intuito da valorização da Mulher e instituição da igualdade de género, da colmatação de necessidades básicas, da minimização de riscos para a saúde e da preservação de ambientes saudáveis e da abolição de ambientes prejudiciais à saúde. A Recomendação deixou, ainda, um apelo às instituições de ensino para que contemplassem no currículo o treino de competências individuais. A valorização da Mulher e a promoção da igualdade de género volta a ser referenciada na Declaração de Sundsvall, resultante da 3^a Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em 1991, no que concerne à criação de Ambientes Favoráveis com vista à promoção da saúde (WHO, 1991). Mais uma vez, a importância da educação no treino de competências

individuais foi reforçada, permitindo a capacitação dos indivíduos na escolha de estilos de vida saudáveis, e apelou a uma união de esforços de organizações governamentais e não governamentais para a preservação de ambientes saudáveis. É neste contexto que é formada a Rede Europeia de Escolas Promotoras de Saúde e as restantes Redes, com o propósito claro de fomentar a Educação para a Saúde, com vista ao treino de competências fundamentais que capacitassem o(a)s aluno(a)s a tomar decisões acertadas no que concerne à sua saúde no presente e na vida adulta. A educação é o pilar de cada sociedade, a eficácia das medidas a tomar para a promoção da saúde, com base nas recomendações expressas, passa indiscutivelmente pela educação e pela responsabilização do sector na organização de um currículo que contemple o desenvolvimento de competências inerentes à saúde. A 4^a Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em 1997, foi direcionada para a promoção da saúde no século XXI, da qual foi emitida a Declaração de Jacarta. Denotou-se a necessidade de voltar a subscrever as cinco áreas de intervenção referenciadas na Carta de Otava, uma vez que é verificada a eficácia na promoção da saúde quando se consideram as cinco áreas referidas, mas a lista de pré-requisitos fundamentais à saúde foi aumentada, atendendo à mudança do sistema de valores das sociedades e do óbvio aumento demográfico, consequência da evolução temporal: “*peace, shelter, education, social security, social relations, food, income, the empowerment of women, a stable eco-system, sustainable resource use, social justice, respect for human rights and equity*” (WHO, 1997: p. 2). De realçar que a Declaração de Jacarta sublinhou que a maior ameaça para a saúde é a pobreza. E, conscientes da necessidade de apontar soluções, na Declaração enunciaram, pois, um conjunto de prioridades com vista à promoção da saúde no século XXI: promover a responsabilidade social para a saúde; Aumentar os investimentos para o desenvolvimento em saúde; Consolidar e expandir as parcerias em saúde; aumentar a capacitação da comunidade e do indivíduo; garantir uma infra-estrutura para a promoção da saúde. A Carta de Banguecoque, produto da 5^a Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde em 2005, definiu promoção da saúde numa perspectiva

holística, plena, completa, reforçando a óptica positiva mencionada na Carta de Otava e descreve-a como um processo do qual resulta a capacitação dos indivíduos para melhorar a sua saúde a partir do controle de factores determinantes de saúde e que a saúde é um direito humano fundamental (WHO, 2005). Para que esta realidade se processe, a Carta de Banguecoque apontou a necessidade de serem assumidos compromissos essenciais para a promoção da saúde em todos os sectores e, mais uma vez, numa perspectiva globalizante: a promoção da saúde como componente primordial da agenda de desenvolvimento global; a promoção da saúde como responsabilidade central de todos os governos; a promoção da saúde como objectivo fundamental da comunidade e da sociedade civil; a promoção da saúde como requisito de boas práticas empresariais.

Numa Escola Promotora de Saúde é, pois, essencial que o(a)s aluno(a)s realizem um treino de competências que lhes permitam tomar decisões ponderadas e responsáveis e optem por estilos de vida saudáveis a todos os níveis, incluindo a área da sexualidade e saúde reprodutiva. Verificando-se a inclusão da Educação Sexual na política de Educação para a Saúde, seria óbvia a sua promoção em meio escolar, considerando todas estas orgânicas criadas e concertadas. Mas tal não aconteceu, apesar de terem sido tomadas decisões fundamentais para a sua implementação em contexto escolar. A implementação formal da Educação Sexual nas escolas foi polémica e pouco fácil de concretizar, pela resistência dos agentes educativos e pela despreocupação governamental em criar uma estrutura legal que instituisse a sua promoção sem barreiras, tabus ou preconceitos, com vista a contribuir para um crescimento global sadio do(a)s aluno(a)s. No entanto, verifica-se que houve preocupações pontuais, mas planeadas e articuladas, de educadores, associações e movimentos no que concerne à prevenção de risco associados à sexualidade, principalmente com o aparecimento do VIH/SIDA, ou que reconheceram a existência da sexualidade desde o berço e a necessidade de se falar dela e de compreendê-la como parte da identidade do ser humano. A Escola revelava-se o palco propício para a

promoção em pleno da Educação Sexual formal, pelas suas características que envolvem a contribuição para uma sociedade democrática, igualitária e tolerante.

3. Evolução do Enquadramento Legal da Educação Sexual em Portugal: Intervenientes, Contributos e Medidas Educativas

As primeiras abordagens formais no âmbito da Educação Sexual surgiram na década de sessenta, por iniciativa da Igreja Católica, reflectido as orientações expressas no Concílio Vaticano II. Os debates promovidos envolviam a sexualidade e o matrimónio, numa perspectiva conservadora, mas que na época foi considerado uma inovação. Denotou-se uma certa preocupação no(a)s professore(a)s de Religião e Moral nas escolas em debater temas que incluísssem a contracepção e o aborto (Vilar, 1990). Com a reforma de Veiga Simão, foi instituída a primeira Comissão Interministerial sobre Sexualidade e Educação (Vilar, 1990) e procedeu-se à aprovação da lei da co-educação, permitindo que rapazes e raparigas pudessem estudar e conviver no mesmo espaço escolar (Frade *et al.*, 2001). Depois da revolução dos cravos, em 1974, verificou-se uma maior preocupação por parte do Governo no que concerne ao planeamento familiar e o tema mais discutido, nos anos oitenta, nas diferentes estruturas sociais, devido ao seu cariz polémico e confrangedor, foi a possibilidade da legalização do aborto (Vilar, 1990).

A Lei nº 3/84, que regulamentou a Educação Sexual e o Planeamento Familiar, foi o primeiro passo para ponderar a inclusão da sexualidade e Reprodução Humana no currículo e assegurar a promoção da Educação Sexual em contexto escolar (Cortesão *et al.*, 1989). Verificou-se, desde cedo, a necessidade de formação de professore(a)s na área. Mas todo o processo se evidenciou polémico. O(A)s pais/mães e encarregado(a)s de educação, pertencentes ao movimento associativo (Associações de Pais), rejeitaram a ideia da Educação

Sexual na Escola e “chamaram a si o exclusivo desta responsabilidade” (Sarmento, 1999: p. 7).

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), aprovada em 1986, inseriu a Educação Sexual na área de Formação Pessoal e Social no nº 2 do artigo 47º:

“Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual (...)” (LBSE, 1986: p. 3078).

Chegou a haver uma disciplina com essa designação mas, só foi implementada a partir de 1993 (Brito, 1994), sete anos depois. Com a publicação do Despacho nº 139/ME/90 de 16 de Agosto houve a introdução de mudanças nos currículos de Biologia e Ciências da Natureza, incluindo-se temas ligados à Reprodução Humana, apenas na perspectiva biológica e médica.

Em 1995, 5 escolas do país desenvolveram um projecto experimental no âmbito da Educação Sexual, resultante da coordenação de três organismos: A Associação para o Planeamento da Família (APF), o ME e o Programa de Promoção e Educação para a Saúde (PPES). A duração do projecto foi de três anos, tendo daí resultado a publicação de um documento e, posteriormente, as linhas orientadoras para a implementação da Educação Sexual nas escolas com o intuito de:

“ facultar aos profissionais da Educação, da Saúde e de outros sectores que trabalham em Educação Sexual, nomeadamente em meio escolar, um documento técnico de apoio que se aproxime das expectativas e das necessidades, nesta matéria, quer de quem planeia e coordena acções, quer, em particular, de quem desenvolve actividade diária com crianças e jovens” (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000: p. 17).

Os dirigentes das Associações de Pais acompanharam com interesse o projecto experimental desenvolvido (Carvalho, 1999), tendo-se pronunciado a FERLAP

(Federação Regional de Lisboa das Associações de Pais) de forma favorável e positiva, referindo no entanto, a necessidade de aprofundar e melhorar certos aspectos referentes às estratégias a desenvolver com a família (Sarmento, 1999).

Surgindo a necessidade de dar cumprimento à lei nº 3/84, foi aprovado, em 1998, em Conselho de Ministros, o “*Relatório Interministerial para a Elaboração de um Plano de Acção em Educação Sexual e Planeamento Familiar*” e, em Fevereiro de 1999, através da Resolução do Conselho de Ministros nº 7/99, foi aprovado o “*Plano para uma Política Global de Família*” (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000: p. 21) com o intuito de criar condições para que a família participasse mais activamente na vida escolar dos seus educandos. Logo em Maio do mesmo ano, a Assembleia da República aprovou a lei 120/99 que preconizou a implementação nos estabelecimentos de ensino básico e secundário de:

“*um programa para a promoção da saúde e da sexualidade humana, no qual será proporcionada adequada informação sobre sexualidade humana, o aparelho reprodutivo (...), doenças sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos (...) as relações interpessoais, a partilha de responsabilidades e a igualdade entre os géneros*” (Lei nº 120/99: p. 5232).

Denota-se, pois, uma preocupação de fomentar a Educação Sexual atendendo às diferentes dimensões da sexualidade humana, com o intuito de promover o desenvolvimento pleno do(a)s aluno(a)s ao nível físico, psicossocial e ético.

Em 1998 e 1999, a FERLAP realizou debates sobre a Educação Sexual nas escolas do ensino básico e secundário, tendo chegado a algumas conclusões que se entrosam com a lei aprovada anteriormente:

“*Gostaríamos de ver nas escolas a abordagem da sexualidade de forma pluridisciplinar com a mesma naturalidade de quem fala de afectividade, de quem fala de forma inteligente do sentir, da partilha, do prazer, mas também, e em simultâneo, de responsabilidade e de respeito*” (Sarmento, 1999: p. 7).

Em Outubro de 2000, o Decreto-lei nº 259/2000 é publicado com o propósito de levar as escolas a incluir um programa de Educação Sexual no seu Projecto Educativo de acordo com o disposto no nº 4 do artigo 2º da lei 120/99:

“O projecto educativo de cada escola (...) deve integrar estratégias de promoção de saúde sexual, tanto no desenvolvimento do currículo, como na organização de actividades de enriquecimento curricular, favorecendo a articulação escola-família, fomentar a participação da comunidade escolar e dinamizar parcerias com entidades externas à escola (...)” (DL nº 259/00: p. 5784).

Desta forma, todas as escolas teriam a obrigatoriedade de promover acções no âmbito da Educação Sexual e de contemplar a família no processo. O Decreto-lei não chegou a ser regulamentado, nem houve a preocupação de promover a formação de professore(a)s por parte dos órgãos governativos (Barraca, 2001).

Com a nova reforma curricular de 2001, a Educação Sexual pôde ser abordada, no ensino básico, nas novas áreas curriculares não disciplinares: Formação Cívica, Estudo Acompanhado e Área de Projecto, estabelecidas pelo Decreto-lei nº 6/2001. Estas áreas pretendiam promover a autonomia, a responsabilidade e o espírito crítico, sendo mais fácil abordar temas e problemas transversais às várias disciplinas, uma vez que são “*de natureza transversal e integradora*” e, para o(a)s aluno(a)s correspondiam “*a oportunidades de aprendizagem que devem ser articuladas com todas as outras*” (ME, 2001: p. 11). No entanto, a iniciativa teria de partir sempre do(a) professor(a) que lecionasse a área não disciplinar.

Ainda em 2001, a FERLAP em parceria com a FERSAP (Federação Regional de Setúbal das Associações de Pais), realizaram um seminário nacional intitulado “*A Educação Sexual – a visão dos pais*”. Resultaram desse seminário algumas reflexões importantes, frisando a urgência da implementação da Educação Sexual nas escolas e a importância do envolvimento das famílias nesse processo

e a necessidade de apostar na formação de professore(a)s e funcionário(a)s e fomentar uma estreita relação com o(a)s técnico(a)s de saúde, para que todos pudessem dar o seu contributo ímpar para o bom desenvolvimento de projectos de Educação Sexual (Sarmento, 2001).

Em Setembro de 2007 foi publicado o Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES), criado pela Ministra da Educação através do Despacho nº 19737 de Junho de 2005 e liderado pelo Doutor Daniel Sampaio, onde é concluído que a Educação para a Saúde *“deve ser considerada obrigatória”* (p. 4) e que os projectos a desenvolver em meio escolar deverão incluir quatro áreas consideradas essenciais, sendo a sexualidade e as ISTs uma das áreas. O relatório reforça que *“a Educação Sexual deverá existir em todas as escolas”* propondo um *“Programa mínimo e obrigatório”*, definindo conteúdos mínimos da Educação Sexual em meio escolar, contemplando os três Ciclos e o Ensino Secundário, sendo *“a avaliação dos conhecimentos obrigatória”*. (p. 4) e considera fundamental que a Escola complemente *“o papel educativo das famílias nesta área”* (p. 8). O Relatório Final (GTES, 2007) contém em anexo o relatório da Subcomissão para Avaliação de Manuais, que resultou da necessidade de avaliar os materiais existentes no mercado no âmbito da Educação Sexual. A Subcomissão definiu critérios e realizou a análise de um total de quarenta e três livros/manuais e de nove videogramas. Concluiu que, na generalidade, os materiais avaliados são de boa qualidade, considerando o critério «Informação», que indagou a promoção da cidadania e a adopção de uma atitude não discriminatória no que respeita a sexos, etnias, religiões, o critério «Organização e Método», que inclui a verificação da motivação para o saber e propostas de desenvolvimento de projectos interdisciplinares e o critério «Comunicação», que englobou as ilustrações e textos escritos.

Com a publicação da Lei nº 60/2009 de 6 de Agosto, que atendeu às orientações sugeridas pelos relatórios acima mencionados, as escolas teriam obrigatoriamente de proceder à inclusão da Educação Sexual no ensino básico e

secundário na área da Educação para a Saúde e nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares (nº 1 e nº 2 do artigo 3º da Lei nº 60/2009) e com a carga horária definida no artigo 6º para cada um dos Ciclos, reforçando o que tinha sido publicado no Decreto-lei nº 259/2000, no que se refere à inclusão obrigatória da Educação Sexual no Projecto Educativo dos agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas.

Ao incluir a Educação Sexual nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares está-se a aceitar a transversalidade da temática e a conferir-lhe significado nos mais variados domínios, havendo uma inclusão plena nos currículos e programas escolares e no desenvolvimento das competências gerais e transversais. Pretende-se, pois, que a Educação Sexual não seja uma área separada, mas sim interligada com os conteúdos das outras áreas (Branco, 1999). Já Guasch (1973), ao debruçar-se reflexivamente sobre a implementação da Educação Sexual nas escolas referiu:

“Conceber a Educação Sexual em si, querer fazer dela uma disciplina nova ou uma matéria suplementar a ensinar, seria um contra-senso. A educação da sexualidade humana não pode ser uma acção especial e limitada; deve ser sim progressiva e inscrever-se dia a dia numa educação global da pessoa na escola e fora dela” (p. 275).

Verifica-se, pois, a inclusão do conceito de Educação Sexual na perspectiva de contribuição para o crescimento global do(a) aluno(a).

Fernandes (2001) aponta a importância da Educação Sexual ser desenvolvida por vário(a)s professore(a)s para que o(a)s aluno(a)s possam ter acesso a diferentes perspectivas e que as diferentes disciplinas deverão contribuir para a sua promoção “devido à sua abrangência transdisciplinar” (p. 162). Esta opinião já era partilhada pelos Ministérios da Educação e da Saúde e APF (2000) quando afirmaram que a Educação Sexual se traduz num conjunto de conteúdos que

atravessam transversalmente o currículo, desde o 1º Ciclo do Ensino Básico ao Secundário.

A Lei nº 60/2009 veio causar algum desconforto na comunidade escolar. Segundo os media, insurgindo-se o(a)s docentes, alegando a falta de formação na área e exigindo a regulamentação urgente, e insurgiram-se os encarregados de educação, que se mostraram receosos da adequação dos conteúdos a leccionar à faixa etária do(a)s aluno(a)s. Entenda-se que o desconforto verificado surge da falta de informação e de formação na área. É uma área sensível que mexe com os valores e a conduta pessoal de cada docente. A abordagem dos temas ligados à sexualidade exige imparcialidade havendo necessidade de o(a)s professore(a)s se sentirem à vontade e evitar a transmissão dos seus valores ou das suas convicções. Nem todos o(a)s docentes possuem o perfil desejável ou se demonstram disponíveis para a abordagem dos temas. O(A)s encarregado(a)s de educação sentem a insegurança da comunidade docente e ficam receosos com a promoção da Educação Sexual em meio escolar. Está nas mãos do(a)s docentes apaziguar ânimos, esclarecer dúvidas e realizar a articulação com a família e, acima de tudo, informá-los de todo o processo. Com a Portaria nº 196-A/2010, de 9 de Abril, que procedeu à regulamentação da lei, os conteúdos a leccionar em cada Ciclo de ensino ficaram definidos e contemplam tanto a aquisição de conhecimentos científicos como o desenvolvimento de competências que envolvam a mudança de atitudes e valores e o treino de competências individuais básicas para a promoção de uma sexualidade sadia, considerando também algo tão fundamental como a “dimensão ética da sexualidade humana” (Portaria nº 196-A/2010). Também as horas atribuídas a cada Ciclo de ensino para a promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula ficaram estabelecidas. Os conteúdos traduzem fielmente as finalidades expressas na Lei nº 60, pretendendo promover a igualdade entre os sexos, a tolerância, o respeito pela diferença. O estabelecido veio reforçar o que já vários profissionais da área tinham mencionado: a Educação Sexual incluída no sistema educativo de forma formal, com o intuito

de garantir o sucesso e o cumprimento do estipulado ao longo do quadro legal (Gaudreau, 1990). Existe pertinência na abordagem dos conteúdos em cada Ciclo de ensino, adequados à faixa etária e de acordo com as possíveis necessidades do(a)s aluno(a)s, havendo uma progressão evolutiva lógica ao longo dos anos de escolaridade.

A APF (2001), ao analisar a complexidade da Educação Sexual e as suas características globalizantes, defende que esta, integrada no sistema educativo, só terá sucesso se considerar aspectos fundamentais como a formação de professore(a)s, o desenvolvimento da Educação Sexual em articulação com as áreas curriculares, a articulação da Escola/família e a colaboração de outro(a)s agentes como os centros de saúde. Serve, pois, de alerta para o facto de que a Educação Sexual, agora instituída legalmente nas escolas portuguesas, nunca poderá ser encarada como uma área estanque, mas depende de toda a comunidade educativa para a obtenção de resultados efectivos, que não são mais que o contributo genuíno para o desenvolvimento pessoal e social sadio de cada aluno(a).

Um dos aspectos essenciais a salientar é o facto da Lei nº 60/2009 não instituir a Educação Sexual formal a partir do Pré-Escolar, onde já se evidencia fundamental a prevenção de aproximações abusivas, a promoção da igualdade de género e a higiene dos órgãos genitais. Um estudo realizado numa comunidade do Brasil ao nível do ensino Pré-Escolar (Brino, 2006), que contemplou a implementação de um programa de capacitação de professore(a)s, familiares e crianças na área da prevenção do abuso sexual de menores, revelou resultados positivos na comunidade envolvida, constatando-se uma crescente denúncia de casos de abuso ou de tentativa de abuso. Um estudo que abordou as representações de género em educadore(a)s e na família de crianças frequentadoras do Pré-Escolar (Rocha, 2009) apurou que os estereótipos de género mantêm-se, apesar de parecer que com a evolução dos tempos foram atenuados. Conclusões semelhantes foram referenciadas num

estudo conduzido numa comunidade do Brasil (Manhães, 2004) onde se constatou o tratamento diferenciado e discriminatório entre meninos e meninas do Pré-Escolar pelo(a)s educadore(a)s de infância. De salientar que a diferenciação de género nos comportamentos de meninos e meninas e nas suas brincadeiras não são inatas, havendo uma pressão social para que esse facto aconteça, como concluiu o estudo realizado por Finco (2004) sobre as relações de género no Pré-Escolar. As crianças observadas em ambiente escolar demonstraram não possuir atitudes sexistas nas brincadeiras e que a educação Pré-Escolar se revelou propícia para a Educação Sexual numa perspectiva de igualdade de género. A Educação Sexual enquadra-se na generalidade dos objectivos pedagógicos traçados para este nível de ensino (ME, 1997) que pretendem alcançar o desenvolvimento de um conjunto de competências na área da Expressão/Comunicação, na área de Formação Pessoal e Social, transversal às componentes curriculares, e na área de Conhecimento do Mundo. Desde cedo, e considerado nas orientações curriculares, se revela crucial uma educação que contemple o respeito pela diferença, a tolerância e a promoção da igualdade, contribuindo para o desenvolvimento sadio da criança, quer a título individual, quer a nível social, fomentando uma educação democrática e para o espírito de cidadania. A inclusão da Educação Sexual na educação Pré-Escolar é também uma das propostas apontada pelos intervenientes no I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual, expressa na Carta de Aveiro (I CISES, 2010) e abordada em várias intervenções, nomeadamente por Oliveira e Chagas (2010) e Teixeira (2010). Teixeira (2010) sugere uma “*educação afectiva e sexual*” no Pré-Escolar. Apesar de não concordarmos com a designação, encarando-a como uma redundância, a Educação Sexual é em pressuposto uma educação afectiva uma vez que assenta no conjunto indissociável das dimensões da sexualidade e seria considerada incompleta se não contemplasse a dimensão psico-afectiva, compreende-se a mensagem inerente no sentido em que se incidiria menos na esfera dos conhecimentos para privilegiar a esfera dos sentimentos, valores e atitudes.

O conteúdo mencionado na Portaria nº 196-A/2010, relativamente à “*protecção do corpo*” (p. 3) e à “*prevenção dos maus tratos e das aproximações abusivas*” (p. 4), que comprehende a prevenção de abusos sexuais, tem sido preocupação de vários educadores, programas e projectos. É o caso do Programa Harimaguada (1993) que sugere a abordagem deste conteúdo em articulação com a família no 1º Ciclo do Ensino Básico. Halstead e Reiss (2003) indicam a prevenção de abusos sexuais como uma das finalidades da Educação Sexual. Um estudo mencionado por Allen (1987), realizado na Inglaterra em 1985, concluiu a necessidade da protecção do corpo criando-se um programa que alertasse as crianças para as aproximações abusivas. Facto importante, também, mencionado por Wallis e Vanevery (2000). Neste momento, a crescente necessidade de alertar o(a)s educadore(a)s e professore(a)s para o facto de as novas tecnologias de informação, incluindo as redes sociais, se terem tornado em armas poderosas no aliciamento de crianças e jovens pouco seguros ou mais vulneráveis, justificava a sua menção em portaria. Numa sociedade em que as redes sociais têm ganho terreno no que concerne a relacionamentos afectivos, sendo um meio desinibidor por se poder utilizar ao nível da comunicação sem rosto ou de um avatar construído para o efeito, «o uso seguro das TIC» seria um subtema a ponderar.

Bruess e Greenberg (2004) indicam que a Educação Sexual deverá ser realista e adequada aos tempos de hoje. Uma realidade que se prende com o facto de encararmos a sexualidade como algo intrínseco que nos acompanha desde o berço. Deverá ser baseada nas necessidades do(a)s aluno(a)s, de modo que responda efectivamente às carências verificadas e seja bem sucedida e, segundo os autores, não deverá ser confundida com aconselhamento. A Educação Sexual não deve ser encarada como um meio para a resolução de problemas individuais específicos, mas como um meio que capacite o(a)s aluno(a)s a tomar decisões e a procurar apoios quando necessário.

4. A Realidade de Outros Países Europeus no que concerne à Implementação da Educação Sexual nas Escolas

A nível europeu, as regiões que mais desenvolveram a Educação Sexual foram a Europa de Leste e os países da Escandinávia. No que concerne à Europa de Leste, não foram encontrados documentos que corroborassem a afirmação anterior. No caso dos países da Escandinávia, verifica-se que criaram o programa mais completo e progressista, a nível pedagógico e a nível legislativo respectivamente, para a abordagem do tema nas escolas (Meredith, 1990). A Suécia, por exemplo, incluiu a Educação Sexual nas escolas como disciplina obrigatória, em 1956 e desde os primeiros anos de escolaridade. A Educação Sexual, desde cedo, foi baseada na realidade circundante, promovendo a igualdade de género e o direito à diferença. O governo tem revelado interesse e preocupação na área, nomeadamente na dimensão das relações interpessoais, tendo constituído uma comissão de avaliação, no final da década de 90, que indagou, na perspectiva da igualdade de género, a qualidade do ensino nas escolas do ensino obrigatório e nas escolas de nível alto-secundário (Nilsson, 2008). Foram 80 as escolas envolvidas, verificando-se que, apesar de haver educação em sexualidade, a qualidade da educação não era uniforme, uma vez que dependia da visão ou das convicções de quem a leccionava ou da importância conferida pelo director de cada escola. Desta forma, verificou-se que a Educação Sexual tanto era promovida de forma completa em algumas escolas, como era fomentada sob a perspectiva biomédica ou era abordada de forma tradicionalista noutras escolas. Este facto leva a frisar, novamente, a importância do papel do(a) professor(a) e da sua formação que englobe perspectivar a Educação Sexual de forma holística e completa.

Convém mencionar os países que, pela proximidade geográfica, possam ter influenciado a implementação da Educação Sexual de modo formal nas escolas portuguesas. A Espanha, no que concerne à Educação Sexual, demonstrou ao longo da sua história oscilações a par com os regimes políticos instituídos. Com

a República, a Espanha experienciou uma abertura genuína às questões da sexualidade, tendo sido criada a “Liga para a Reforma Sexual sobre Bases Científicas” (Sánchez, 2005) e realizadas várias iniciativas nesse âmbito. A partir da instituição da ditadura de Franco, alicerçada nos dogmas do catolicismo, foi imposta uma atitude conservadora face à sexualidade. Só nos anos de transição política houve espaço para alguma abertura, impulsionada por órgãos não governativos e instituições de ensino e pela inércia governativa. Os governos socialistas (1982-1994) instituíram a «Lei Orgânica de Ordenamento Geral do Sistema Educativo» onde é expressa a obrigatoriedade da Educação Sexual e confere-lhe um carácter transversal, mas não é regulamentado como deve ser promovida (Sánchez, 2005). O programa Harimaguada, implementado no Arquipélago das Canárias em 1995 *“foi o movimento de renovação pedagógica mais importante em Espanha”* (Sánchez, 2005: p. 22). O programa surgiu da necessidade de incluir a Educação Sexual no currículo, baseado nos resultados de várias investigações que apontavam para a grande falta de informação e formação nesta área. Segundo Espinosa (1998), nasceu para garantir *“o desenvolvimento de um importante aspecto da personalidade, a dimensão afectivo-sexual”* (p. 25). A equipa que esteve por detrás do programa era da opinião que uma adequada Educação Sexual deve facilitar a construção do conhecimento sexual e que o objectivo básico é favorecer a aceitação positiva da própria identidade sexual, desligada de elementos discriminatórios de géneros e fomentando as relações interpessoais equilibradas. Desta experiência resultou um guia didáctico do(a) professor(a), o guia de formação de pais/mães e professore(a)s e ainda um dossier didáctico de Educação Sexual com actividades para cada Ciclo, abrangendo aluno(a)s com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos. Sánchez (2005) alerta para a falta de formação e a despreocupação governamental nessa área, apesar de preconizar o carácter transversal da Educação Sexual.

Em França, a Educação Sexual já foi encarada numa perspectiva biológica e de prevenção, sendo a sua promoção deixada ao critério do(a) professor(a)

(Albagly, 2005), apesar de haver circulares e notas que incitavam à abordagem dos temas mais na área da contracepção e aborto. No entanto, desde o início do século XX, que o Ministério de Educação manifestava interesse na área, tendo havido iniciativas de Educação Sexual efectiva como o “*Programa de Vida Familiar e Social*” destinado às classes profissionais de adolescentes, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, a partir de 1968 (Desaulnier, 1986). Para a abordagem da Educação Sexual em contexto escolar de forma concertada, o Ministério da Educação, em 1996, através de uma circular, indicou a necessidade de haver prevenção na área da SIDA e, em 1998, instituiu nas escolas secundárias duas horas de Educação Sexual, apesar de ter sido numa perspectiva preventiva e de nem todas as secundárias terem cumprido com o disposto (Albagly, 2005). Só a partir de 2001, com a criação de uma lei que conferia obrigatoriedade ao tema, estipulando três sessões anuais nas escolas primárias e secundárias, foi possível chegar a todos o(a)s aluno(a)s. No entanto, e mais uma vez, não se verificou uma aposta séria na formação de professore(a)s (Albagly, 2005; Desaulnier, 1986).

Como é fácil de constatar, o(a) professor(a) é o(a) impulsor(a), o motor de toda a orgânica ligada à promoção da Educação Sexual em contexto escolar. As opções governativas não apostam na formação. A formação terá de ser encarada como permanente e realizada sob uma perspectiva construtivista, como referido anteriormente.

5. A Educação Sexual em Meio Escolar: Evolução das Abordagens Educativas

O processo evolutivo, pouco pacífico, influenciado por questões sociológicas, culturais e religiosas, da Educação Sexual em meio escolar foi lento e controverso, dependendo da visão de como era encarada a sexualidade humana. Numa perspectiva redutora e tradicionalista, a Educação Sexual é definida como a mera transmissão de conhecimentos que envolvem a anatomia, fisiologia e os mecanismos de Reprodução Humana, como é mencionado por

Braeken e Massey (1990) e por Zapian (1993). No entanto, a Educação Sexual deverá inter-relacionar as diferentes dimensões da sexualidade com o intuito de contribuir para o desenvolvimento global sadio do(a)s aluno(a)s, como explicita Alves (2001). Frade *et al.* (2001) interpretam o conceito de Educação Sexual numa perspectiva globalizante e de desenvolvimento pessoal, sugerindo o valor intrínseco que lhe deve ser conferido:

"Quando falamos de Educação Sexual, de programas de Educação Sexual, estamos a utilizar um conceito global abrangente de sexualidade que inclui a identidade sexual, o corpo, as expressões de sexualidade, os afectos, a reprodução e a promoção da saúde sexual e reprodutiva" (p. 13).

Destombes et al. (1974) reforça esse valor intrínseco ao afirmar que a Educação Sexual é permanente porque "*c'est l'histoire de la vie sexuée de chacun de nous*" (pp. 71-72). Na óptica de outro(a)s autore(a)s, a Educação Sexual possui o objectivo essencial de permitir que sejam desenvolvidas um conjunto de competências que levem as pessoas a viver «*su sexualidade de forma sana, feliz y responsable*» (Harimaguada, 1993-d: p. 1) ou a dotá-las de capacidades fundamentais como a tomada de decisões responsáveis no que concerne a relações interpessoais (Sanders e Swinden, 1990) para que, no futuro, sejam pais e mães conscientes e informado(a)s (Lee, 1986). Deve, ainda, promover a tolerância e o respeito pelas diferentes expressões da sexualidade (Greydanus *et al.*, 1995).

Os modelos de Educação Sexual disponíveis na literatura pesquisada definem quatro perspectivas diferenciadas de promoção de Educação Sexual formal e que de alguma forma se coadunam com as definições de Educação Sexual expressas, traduzindo opiniões e convicções de épocas marcadas por questões do foro cultural, político ou religioso.

No caso dos Modelos Impositivos, a sexualidade humana é encarada segundo regras de conduta restritivas, com o intuito de refrear comportamentos menos aceitáveis do ponto de vista religioso ou ideológico, apontando normas rígidas,

em binómios: normal/anormal, saudável/patológico (Vaz, 1996). Estes modelos transmitem e enraízam atitudes conservadoras que se traduzem pela dificuldade em ser tolerantes para com comportamentos sexuais fora das regras normativas estabelecidas e em respeitar as diferentes expressões da sexualidade. López e Fuertes (1999) categorizam as atitudes conservadoras da mais intransigente para a mais tolerante perante vivências da sexualidade diferentes das estabelecidas pelas ideologias interiorizadas. Na generalidade, os indivíduos com atitudes conservadoras enraizadas tendem a não aceitar o divórcio, a homossexualidade e a vivência do amor fora do casamento. Defendem que a Educação Sexual deve ser virada para o amor, para a procriação e para os valores familiares. A atitude de interdição é a mais rígida das atitudes conservadoras, instituindo que o amor só faz sentido no casamento e para fins reprodutivos e que os comportamentos sexuais devem ser controlados. Um indivíduo que revele uma atitude conservadora de dependência manifesta uma certa incapacidade de tomar decisões, dependendo de outros para o efeito, sentindo-se inseguro e pouco informado sobre a sexualidade. É capaz de entender a necessidade de haver a Educação Sexual, mas considera arriscado promovê-la. Uma atitude conservadora de falso naturalismo traduz-se na manifestação de comportamentos divergentes do que se pensa ou se acredita. Para disfarçar o pensamento moralizado alega que a sexualidade tem de ser encarada de uma maneira tão natural que não seja necessário falar dela. Dentro deste modelo, a atitude conservadora mais tolerante é denominada por atitude conservadora integrada e enquadraria a sexualidade num sistema de valores, consegue encará-la de forma positiva e adopta um comportamento tolerante em relação aos comportamentos sexuais dos outros.

Vaz (1996) destaca, dentro dos Modelos Impositivos, os Modelos Conservadores. López e Oroz (1999) denominam-nos como Modelos Morais e assumiram uma dimensão significativa na nossa sociedade até há bem pouco tempo. Segundo estes modelos, a sexualidade é assumida como um impulso

intrinsecamente negativo que deve ser severamente controlado. A sexualidade é justificada com fins meramente reprodutivos e em contextos que legitimam a reprodução. A expressão fora destes contextos não é desejada (Vaz, 1996). Nesta perspectiva, a Educação Sexual tem como objectivo a transmissão de normas e condutas de acordo com as ideologias estabelecidas, de modo a que seja impedido o desenvolvimento de comportamentos sexuais não desejáveis, criando mecanismos de controlo dos impulsos e moderando o relacionamento sexual e excluindo explicitamente a dimensão erótica (Vaz, 1996). É condição necessária, de acordo com este modelo, a Educação Sexual ser promovida com o conhecimento e colaboração da família e a aquisição por parte dos formadores uma formação moral adequada, considerando ser um tema sensível de ser abordado (López e Oroz, 1999). Este modelo tem uma visão da sexualidade fortemente limitativa, não aceitando os relacionamentos sexuais dos jovens fora do matrimónio e as diferentes expressões da sexualidade, para além de se basear num modelo ideal que pouco tem a ver com a realidade da vivência da sexualidade e das relações amorosas (Vaz, 1996). A informação é fortemente moralizada e tem como objectivo a educação para o matrimónio. No entanto, apresenta alguns aspectos positivos no que concerne ao envolvimento das famílias na promoção da Educação Sexual, conferindo-lhe um papel preponderante e inclui a dimensão ética da sexualidade (López e Oroz, 1999). Segundo López e Oroz (1999), este modelo esteve a readquirir especial importância nos Estados Unidos, possivelmente como consequência do surgimento de doenças como o VIH/SIDA. Há defensores, López e Oroz (1999) citam Lickona (1993) entre outros, do regresso de um modelo de educação que valorize a estrutura familiar tradicional. Depois da promoção de vários modelos que assentavam nos mesmos pressupostos, mas sem o sucesso pretendido e com bastantes falhas, surgiu o modelo de Educação do Carácter, que pode ser incluído nos Modelos Impositivos. Apesar de promover a igualdade de género, o modelo difunde que a Educação Sexual proporciona o início precoce da actividade sexual nos jovens e fomenta uma moral sexual sólida que considera

imorais as relações antes do matrimónio e condena as orientações homossexuais.

Os Modelos de Ruptura Impositivos vieram opor-se frontalmente aos Modelos Impositivos, surgindo da necessidade de se encarar a sexualidade numa perspectiva menos rígida ou normativa, questionando-se o refrear dos impulsos sexuais, a discriminação de género e a condenação de orientações homossexuais. Associados ao movimento juvenil Sex-pol (sexualidade e política), criado em Viena, nos anos 30, por Reich (López e Oroz, 1999), foram denominados por López e Oroz (1999) por «Modelos de Educação Sexual para a Revolução Sexual e Social». Estes Modelos foram essenciais no que concerne à mudança de atitude face à sexualidade, realizando uma crítica séria, embora radical, à moral sexual tradicional da época. Surgindo em força nos anos 60, consequência da emergência de movimentos sociais de contestação (movimentos estudantis, feministas e homossexuais), acabaram por se traduzir em pressupostos e normas rígidas que impunham comportamentos ideais, segundo as convicções ideológicas que preconizavam, apesar de proporem alternativas (Vaz, 1996). As atitudes subjacentes a este modelo são liberais individualistas e impositivas. Embora não restrinjam o conceito de sexualidade, uma atitude liberal individualista traduz-se em comportamentos algo radicais, rejeitando-se a existência de moral sexual e centrando-se apenas nos interesses individuais. Uma atitude liberal impositiva centra-se na imposição de ideias, denotando-se em indivíduos que abandonaram por completo os ideais conservadores e, ao libertarem-se de preconceitos ou tabus, tornaram-se intolerantes para com as atitudes dos outros. O indivíduo e as suas apetências convertem-se no único sistema regulador da moral e dos comportamentos sexuais, havendo menosprezo pelos que não mudaram o seu sistema de crenças (Vaz, 1996), abolindo por completo a dimensão ética da sexualidade. López e Oroz (1999) consideram o modelo pouco significativo do ponto de vista educativo, embora o modelo defende que a Educação Sexual deva ser incluída no currículo escolar, com o apoio dos profissionais de saúde.

Os Modelos Médico-Preventivos, ou Biomédicos, usualmente desenvolvidos por profissionais de saúde, foram promovidos pelos primeiros programas de Educação Sexual implementados, com a clara finalidade de prevenção, no que concerne ao aborto, às ISTs e controlo da natalidade. O Modelo tornou-se característico das intervenções de muitas instituições de saúde em meio escolar, fazendo-se sentir em campanhas publicitárias, colóquios, acções de formação ou sessões de esclarecimento (López e Oroz, 1999), tendo sido muito divulgado em Portugal nos anos 90, possivelmente pela proximidade dos dois Ministérios, no âmbito da Rede de Escolas Promotoras de Saúde. Segundo Vaz (1996), o Modelo possuía uma forte presença nos próprios programas de Ciências da Natureza e de Biologia em vigor nas escolas portuguesas. Facto ainda verificado no estudo já mencionado, de Carvalho *et al.* (2007), que investigou a presença desta abordagem nos manuais escolares de catorze países europeus, africanos e do próximo oriente, observando-se que, na generalidade dos sete manuais escolares portugueses analisados, a presença da abordagem biomédica excede os 50%, quer ao nível dos textos, quer ao nível das imagens. Também, num estudo realizado por Vilar e Ferreira (2010) no Ensino Secundário se verificou que a Educação Sexual ainda assumia uma perspectiva biomédica, realizada na área que os autores denominam por ciências naturais. As formas de intervenção usadas à luz destes modelos, não incluem respostas às problemáticas de infância, mas encontram-se mais centradas na problemática da puberdade e adolescência. Têm como objectivo essencial a aquisição de conhecimentos sobre anatomia e fisiologia da Reprodução Humana e sobre contracepção como forma mais eficaz de prevenir o contágio de ISTs (Vaz, 1996). No entanto a dimensão psico-afectiva e comunicativa não é discutida, apenas se fornecem conhecimentos a nível científico o que, do ponto de vista da Educação Sexual, se torna insuficiente e acaba por reforçar a ideia de associar a sexualidade ao perigo (López e Oroz, 1999). Segundo López e Oroz (1999), o modelo está em evolução, graças à contribuição da OMS que promove campanhas de Educação Sexual, dirigindo os conhecimentos biológicos para o bem-estar pessoal e social.

O Modelo Biográfico ou de Desenvolvimento Pessoal integra as componentes de natureza biológica com outras de tipo psicossocial (Vaz, 1996), considerando as interacções das diferentes dimensões da sexualidade. Este modelo surge na Suécia, nos anos 50, e foi adoptado por diversos países europeus, uma vez que incorpora os elementos positivos dos modelos acima mencionados (López e Oroz, 1999). Pretende fomentar uma atitude liberal aberta, considerando a sexualidade como uma fonte potencial de vida, de prazer e de comunicação e que contribui para o bem-estar e harmonia do indivíduo. Uma atitude liberal aberta tolera a sexualidade dos outros, aceitando os desejos, fantasias e sensações sexuais como algo natural (Vaz, 1996) e defende que “*a Educação Sexual é um direito das pessoas que a sociedade não pode negar*” (López e Fuertes, 1999: p. 35). O modelo defende o respeito pelo direito à diferença e pela pessoa do outro, nomeadamente as suas características físicas, os seus valores, a sua orientação sexual, promovendo a igualdade de género no que concerne a direitos e oportunidades, recusando expressões de sexualidade que envolvam violência ou coacção ou relações pessoais de dominação e de exploração (Vaz, 1996). A Educação Sexual, nesta perspectiva, contribui para encarar a sexualidade como uma construção pessoal e integrante das diferentes dimensões (Vaz, 1996). A Educação Sexual faz-se com actividades contextualizadas e sequenciadas, com objectivos específicos para cada grupo da comunidade educativa. Estas actividades terão de contemplar o treino de competências individuais que permitam o desenvolvimento da autonomia, do espírito crítico e conferir a capacidade de tomar decisões. O modelo considera que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de comportamentos responsáveis no relacionamento sexual. Pretende que haja o direito à maternidade e paternidade livre consciente e responsável (Vaz, 1996). Denota-se uma flexibilização de atitudes no sentido de haver uma aceitação positiva e confortável do corpo sexuado, do prazer e da afectividade. As atitudes sexistas e discriminatórias são colocadas de lado (Vaz, 1996). O desenvolvimento deste modelo permite o desenvolvimento de competências fundamentais, como as de tomar decisões

responsáveis e de recusar comportamentos não desejados ou que violem a dignidade e os direitos pessoais e ao nível da comunicação, fundamental para o estabelecimento de relacionamentos sadios e satisfeitos. A aquisição de vocabulário adequado, o saber pedir ajuda ou recorrer a apoios quando necessário, a utilização de meios seguros e eficazes de contracepção para prevenção do contágio de ISTs ou controlo da natalidade (Vaz, 1996) são competências que devem ser desenvolvidas para vivência da sexualidade de forma plena e sadia e o Modelo de Desenvolvimento Pessoal privilegia este treino de competências.

No caso da Inglaterra e do País de Gales, a Educação Sexual é muito polémica (Thorogood 2000), tendo-se revelado uma matéria de luta constante. As opiniões divergem e, enquanto uns acham que a Educação Sexual é potencialmente perigosa, outros consideram que a Educação Sexual é um direito. Thorogood (2000) agrupou as linhas de pensamento em dois grandes modelos de Educação Sexual: o Modelo de Informação Condicionada (*restricted*) e o Modelo Liberal. O Modelo de Informação Condicionada defende que a Educação Sexual deve ser feita no seio familiar e deve basear-se na transmissão de conhecimentos científicos e valores morais. Favorece uma Educação Sexual limitada a uma função normativa que promove a heterossexualidade e a monogamia. Pode ser, pois, incluído nos chamados Modelos Impositivos. O Modelo Liberal surge dos movimentos de libertação dos anos 60 e defende que a Educação Sexual é um direito. Articula a Educação Sexual com os chamados “*new teaching methods*”, que consiste no(a) educador(a) criar condições para que o(a) aluno(a) tenha acesso à informação que pretende, conferindo ao(à) aluno(a) autonomia, poder para decidir o que quer, segundo a informação que pesquisou. De acordo com estas características, este modelo é incluído nos Modelos de Ruptura Impositivos. No entanto, a partir do princípio da década de 90 e com o surgimento de doenças como o VIH/SIDA, o Modelo Liberal tem vindo a sofrer alterações, reformulando o seu discurso no sentido de conferir

um lugar de destaque à família e conferindo importância aos valores, adquirindo, pois, características do Modelo de Desenvolvimento Pessoal.

Actualmente tem-se verificado a crescente difusão de uma abordagem, a nível internacional e nacional, que poderá revelar-se eficaz na prevenção das ISTs e do VIH/SIDA e na promoção da saúde sexual reprodutiva no geral: a educação inter-pares (Zienoly e IPPF - EN, 2008). Esta abordagem poderá incluir-se dentro do Modelo de Desenvolvimento Pessoal pelas suas características que levam a considerar as diferentes dimensões da sexualidade, mas centrando a sua acção num único agente influenciador de decisões, os pares. Existindo a consciência de que os pares possuem um papel influenciador e preponderante nas escolhas de estilos de vida, nada mais elementar que proceder à formação de jovens e capacitá-los no sentido de intervir junto dos seus pares para que realizem escolhas saudáveis ao nível da sua saúde. À partida são reconhecidos alguns riscos que envolvem pressões de grupo com propósitos inadequados, inexperiência inicial em lidar com problemas específicos manifestados e alguns obstáculos do foro social e cultural (Zienoly e IPPF - EN, 2008). No entanto, se o processo de implementação for bem conduzido, os riscos poderão ser minimizados, havendo necessidade de realizar uma selecção criteriosa dos pares a incluir na formação inicial e um levantamento de necessidades e possíveis obstáculos na comunidade onde se realizará a intervenção. Oliveira *et al.* (2010) referenciam um projecto de educação pelos pares nas escolas do Porto, da Fundação Portuguesa «A Comunidade contra a SIDA». O projecto é centrado no trabalho no grupo/turma, desenvolvido em três anos consecutivos (do 7º ao 9º ano de escolaridade) por universitários formados pela Fundação e que se organizam em Brigadas Universitárias de Intervenção (BUIs). Quando o(a)s aluno(a)s integrado(a)s no projecto de educação pelos pares chegam ao 9º ano, organizam-se em Brigadas Escolares de Intervenção (BEIs) e adoptam o papel de pares educadores ao nível do 1º, 2º e 3º Ciclos. O conceito parece, no mínimo, interessante e a organização adequada e bem delineada para que haja a contribuição efectiva para a prevenção do VIH/SIDA. Um estudo conduzido

em Itália (Borgia *et al.*, 2005), que englobou a avaliação comparativa de um projecto de educação pelos pares com o programa dirigido por professore(a)s na área da prevenção do VIH/SIDA, concluiu que a educação pelos pares permite maior aquisição de conhecimento na área. No entanto, nenhuma das intervenções, por pares ou por professore(a)s, conseguiu realizar mudanças ao nível dos comportamentos sexuais.

A Educação Sexual em meio escolar deverá integrar e inter-relacionar as diferentes dimensões da sexualidade, como referido anteriormente, de modo a que contribua para o crescimento pleno e sadio de cada aluno(a), tal como o Modelo de Desenvolvimento Pessoal preconiza. Ao fomentar e privilegiar a atitude liberal aberta contribui para a aceitação das diversas expressões da sexualidade, para a tolerância, igualdade de género, deixando gradualmente as atitudes conservadoras ainda promovidas pela nossa sociedade e por tabus difíceis de erradicar.

Conclusão

A evolução para uma maior consciencialização da necessidade de se constituírem Escolas Promotoras de Saúde, em que a Educação Sexual assume um papel de destaque, tem acontecido na comunidade escolar e na sociedade em geral. Atendendo à legislação actual, estão criadas as condições para que a Educação Sexual seja promovida em meio escolar, articulando as suas dimensões e realizando uma abordagem que considere o Modelo de Desenvolvimento Pessoal e Social.

Capítulo III

Intervenientes e Práticas na Educação Sexual em Meio Escolar

Introdução

Estão criadas as condições legais para que a Educação Sexual seja considerada área essencial a fomentar para o desenvolvimento pessoal e social de cada criança. Resta indagar se o(a)s intervenientes no processo de promoção formal da Educação Sexual se encontram sensibilizados para tal e se consideram fundamental que tal aconteça em meio escolar. O papel do(a)s docentes e do(a)s pais/mães e encarregado(a)s de educação terá de ser realçado e insistentemente apontado, uma vez que se traduzem em modelos e promotores primordiais da Educação Sexual. A formação do(a)s agentes educativo(a)s, inicial ou contínua, terá de ser considerada como uma área a apostar de forma concertada. É, pois, na promoção do bem-estar do(a) aluno(a) e em torná-lo(a) autónomo(a), capaz de tomar decisões ponderadas e responsáveis e optar por comportamentos sadios que todo o processo se deve centrar. A constituição de um projecto de Educação Sexual para cada grupo/turma poderá assegurar a exequibilidade de todo o processo em contexto de sala de aula.

1. O(A) Aluno(a) como Prioridade Central em todo o Processo

No centro da dinâmica ensino/aprendizagem encontra-se o(a) aluno(a), possuidor(a) de identidade, de características individuais intrínsecas e com necessidades educativas diferenciadas. Desta forma, revela-se essencial compreender o que se denomina por sexualidade infantil, por se referir a um período que decorre desde o nascimento da criança e a acompanha naturalmente por toda a infância. A vivência positiva da sua sexualidade recebe influências presentes no meio envolvente, que inclui os agentes educativos, os media, os pares, contribuindo para a construção da sua identidade.

O reconhecimento da existência da sexualidade infantil é recente. A definição de sexualidade não era compreendida no seu sentido mais lato. Foi Freud, que no séc. XIX, entendeu a sexualidade como uma energia emergente aquando do nascimento da criança e se mantinha presente nas relações com os pais, com os seus pares, influenciando o seu desenvolvimento psíquico. No entanto, na interpretação de Malpique (1986), Freud resumia a sexualidade infantil a três características:

“apoiar-se numa função fisiológica essencial à vida, ser auto-erótica pois não tem ainda objecto sexual e o seu fim ser determinado pela excitação de uma zona erógena” (p. 27).

Hoje, na opinião de Malpique (1986), a sexualidade infantil já não é pensada assim, unicamente em termos fisiológicos. Carvalho (1999) compara a sexualidade a uma viagem onde é descoberta a nossa personalidade. A criança terá de usufruir de um crescimento equilibrado para que a vivência da sua sexualidade seja responsável.

Considerando a infância um período de desenvolvimento que se apoia numa perspectiva de evolução por etapas, Ferreira (1998) elucida que, a partir do um ano de idade até aos dois anos, a criança adquire competências motoras, mentais e linguísticas que se vão desenvolvendo para a tornar autónoma. Encontra-se, pois, no “estúdio sensório-motor”, segundo o modelo piageciano. Numa fase pré-operatória, a partir dos dois, três anos de idade, as crianças tomam consciência da sua identidade sexual e, a partir dos três, quatro anos, manifestam interesses e comportamentos sexuais, expressando-se frequentemente através do jogo (López e Fuertes, 1999). Esta forma de expressão é justificada por Piaget com o aparecimento do que o autor denomina por “função simbólica” e que implica a aquisição de capacidade representativa, embora limitada ao figurativo e ao concreto (Tavares e Alarcão, 2005). A criança manifesta, ainda, um pensamento egocêntrico e que manter-se-á até à entrada

no “*estádio das operações concretas*”. A família e a Escola interagem com a realidade da criança e influenciam as suas decisões (Ferreira, 1998).

Em relação aos aspectos fisiológicos das crianças (até aos dez - doze anos), os órgãos genitais estão pouco desenvolvidos e os caracteres sexuais secundários iniciaram o seu desenvolvimento. A concentração de hormonas sexuais na circulação sanguínea é muito pequena e o prazer sexual não adquire significado tão específico como na adolescência e na idade adulta (López e Fuertes, 1999).

Na infância, entre os dois e os seis anos, os meninos e as meninas não se sentem especialmente atraídos mutuamente e separam-se na organização dos grupos de amigos. Tendem em imitar os adultos, copiando gestos, palavras, atitudes e identificam-se com a figura do mesmo sexo (Pinto, 1982). Exploram o seu corpo e o dos outros, uma vez que para imitarem os adultos, necessitam de parceiros (Alvim, 1986). López (1993) defende que a criança, até aos seis anos de idade, acredita que a identidade sexual depende da sua vontade. Pode decidir se é menino ou menina, consoante a roupa que vestir ou os acessórios que usar porque não faz depender a identidade sexual das características anatómicas. Um estudo realizado por Freitas (2005/2006), no ensino Pré-Escolar, evidenciou que uma percentagem significativa de crianças distinguiu os sexos pelas diferenças anatómicas visíveis ou pelos adornos e vestuário, verificando-se, também, uma pequena percentagem de crianças que considerava não existir de todo diferenças anatómicas entre os sexos.

A partir dos seis até aos dez, doze anos, segundo a teoria piageciana, a criança encontra-se no “*estádio das operações concretas*” e já adquiriu algumas competências essenciais, como a manipulação de objectos de uma forma precisa e a percepção da realidade concreta, conseguindo classificar e estabelecer relações entre objectos. Não há dificuldades na comunicação verbal. É nestas idades que a criança se apercebe que tem um papel distinto na sociedade, consoante seja rapaz ou rapariga, uma vez que os pais/mães, professore(a)s,

colegas, os livros, os media exercem uma grande pressão educativa no campo sexual. Esta pressão poderá ser positiva ou negativa. A criança apercebe-se que a sua identidade sexual permanecerá ao longo da sua vida e o seu interesse por questões sexuais aumenta (López e Fuertes, 1999). A sexualidade manifesta-se de uma forma natural, utilizando a curiosidade e a vontade de aprender «coisas de adultos» (Weiss e Greco, 1995). Do ponto de vista de López (1993), este período de infância, é um período de evolução importante em relação à sexualidade:

“(...)por un lado, la adquisición de permanencia de la identidad sexual y el inicio de la relativización de los roles de género y, por otro, la conformación e interiorización de la moral sexual” (p. 25).

Ao longo deste período (entre os seis e os dez, doze anos), a criança atravessa estádios de evolução importantes, no campo sexual, em que o seu pensamento ganha conhecimento e consistência. A partir dos seis anos, a criança admite que determinadas tarefas tipificadas podem, também, ser realizadas pelo sexo oposto. Não distingue ainda identidade sexual de género, uma vez que não faz depender a identidade sexual dos órgãos genitais. Mas a partir dos oito anos, a criança começa a dar prioridade às diferenças anatómicas o que solidifica o conceito de identidade sexual, distinguindo-a de género (López e Fuertes, 1999). A criança percebe que a identidade sexual não muda segundo a sua vontade e depende das características anatómicas (López, 1993).

Nesta fase da infância (a partir dos oito anos), como já foi mencionado, a criança interioriza a moral sexual dos adultos uma vez que estes a transmitem através de prémios e castigos. É que, segundo López (1993), *“los niños y las niñas nacen «amorales» y no tienen capacidad para controlar su propia conducta.”* (p. 28). Quando um adulto dá uma palmada porque a criança mexeu nos seus órgãos genitais, esta interioriza que deve evitar fazê-lo na frente de pessoas estranhas porque é incorrecto e que constitui algo mau para si mesmo (López e Fuertes, 1999). A

partir do momento em que a criança interioriza a moral sexual dos adultos começa a existir o sentimento de culpa (Ferreira, 1998).

É neste contexto que a finalidade premente é contribuir para o crescimento pleno e sadio do(a) aluno(a), numa perspectiva de futuramente ser possível afirmar que a sociedade possui cidadã(o)s mais felizes, capazes de viver a sua sexualidade de forma ampla e positiva. No entanto, para que esta condição se verifique, será necessário que a criança desenvolva competências que permitam a escolha de estilos de vida saudáveis e seja capaz de tomar decisões ponderadas e responsáveis a título pessoal e social, estruture o conhecimento numa perspectiva construtivista e consiga abalar as suas concepções alternativas que, muitas vezes se prendem com mitos, tabus ou preconceitos. As concepções alternativas que possuem não se prendem apenas com a influência do meio e das suas vivências, mas também com o desenvolvimento intrínseco próprio de cada idade e que se traduz nas aquisições formais características dos diferentes patamares dos estádios de desenvolvimento piagetianos (Piaget e Inhelder, 1993; Piaget, 2000; Tavares e Alarcão, 2005). Os estudos realizados por Pereira (2004) e Sousa (2006) ao nível da Reprodução Humana, no que concerne às concepções do(a)s aluno(a)s antes do ensino formal, constataram que no 1º e 2º anos de escolaridade o(a)s aluno(a)s revelavam concepções elementares e redutoras na representação dos órgãos sexuais femininos e masculinos e do nascimento do bebé. O(A)s aluno(a)s demonstravam, ainda, maior facilidade em representar o pénis, no que concerne à generalidade dos órgãos sexuais, facto também constatado num estudo conduzido por Pintor (2005), mas que envolveu aluno(a)s do 3º ano de escolaridade. Pereira (2004) e Sousa (2006) justificam este facto devido ao pénis se revelar o órgão de maior visibilidade no dia-a-dia das crianças, quer na rotina da micção, quer na sua representação na anatomia dos bonecos com que brincam. Relativamente à fecundação, no 1º ano de escolaridade, o(a)s aluno(a)s possuíam, predominantemente, concepções de carácter afectivo, mencionando o casamento, a intervenção divina ou a intenção da mãe em que se formasse um bebé (preformismo feminino). As concepções de

carácter biológico, também, foram manifestadas por aluno(a)s que referenciavam que o bebé tinha surgido porque a mãe comia muito. Estas concepções, de carácter afectivo e biológico, tinham já sido verificadas em crianças do Pré-Escolar no estudo realizado por Freitas (2005/2006) que apurou ainda, que o papel do pai não era considerado no processo. No 2º ano de escolaridade verifica-se uma mudança acentuada no estudo realizado por Sousa (2006), em que as concepções se prendiam essencialmente com a perspectiva biológica, referenciando o(a)s aluno(a)s a necessidade da existência do homem e da mulher para haver fecundação, denotando-se nas respostas concessão de um papel mais activo ao homem que à mulher no processo. O estudo realizado por Pintor (2005) constatou que o(a)s aluno(a)s no 3º ano de escolaridade revelavam as mesmas concepções, verificadas nos estudos mencionados, no que concerne à fecundação, antes da aprendizagem formal dos conhecimentos. Relativamente ao desenvolvimento intra-uterino, o(a)s aluno(o)s do 1º e 2º anos de escolaridade revelavam saber que o bebé se alimenta e respira através da mãe, embora pouco(a)s aluno(a)s fizessem alusão ao cordão umbilical ou a um “tubo” (Pereira, 2004; Sousa, 2006). Já a maioria do(a)s aluno(a)s do 3º ano de escolaridade, alvo do estudo desenrolado por Pintor (2005), demonstravam associar o cordão umbilical à nutrição e respiração do bebé. Em todos os estudos mencionados, a esmagadora maioria do(a)s aluno(a)s referiam que, no que concerne ao parto, o bebé nasce pela barriga da mãe e poucos mencionaram o parto pela vagina. Todas estas concepções manifestadas terão de ser demolidas para que haja construção do conhecimento. Se o manual escolar omitir conhecimentos ou demonstrar incorrecções aquando do ensino formal e se o(a) docente não demonstrar uma atitude crítica face à exposição incorrecta dos conteúdos, as concepções poderão manter-se presentes e dificultar a aquisição de conhecimentos correctos posteriormente. Preconceitos, mitos e tabus poderão ser perpetuados na mente do(a) aluno(a) e comprometer o seu desenvolvimento psico-social sadio e a vivência da sua sexualidade de forma positiva.

2. A Influência do(a)s Diferentes Agentes Educativo(a)s no Crescimento Individual e Psico-social do(a) Aluno(a)

A Escola é um espaço privilegiado para a promoção da Educação Sexual e contribui de forma efectiva para o desenvolvimento pessoal e social do(a) aluno(a) e para a construção da sua identidade.

“A Educação Sexual (...) não pode ser senão uma educação permanente. Por seu lado a Educação Sexual escolar, encontra-se limitada por um tempo (o da escolaridade) e por um local particular de educação (a escola)” (p. 63).

A afirmação é de Desaulnier (1986) aquando da realização de um estudo comparativo entre a França e o Quebeque e que alerta para o facto de que a Educação Sexual deve ser promovida de forma contínua e constante. Deverá ser encarado como um processo iniciado na nascença e que a Escola é apenas um espaço privilegiado, mas temporário, para a sua promoção. Desta forma, nada mais assertivo que promover a Educação Sexual desde o momento em que o(a)s aluno(a)s ingressam na educação Pré-Escolar e a promovam ao longo dos Ciclos de ensino até ao Superior (I CISES, 2010; Oliveira e Chagas, 2010; Teixeira, 2010). A família é fundamental em toda a orgânica inerente, quer para uma Educação Sexual intencional, quer informal. O desenvolvimento natural da sexualidade acontece quando uma criança se vai familiarizando com o seu corpo, experimentando sensações, apercebendo-se das diferenças entre ele e os outros corpos. A criança, num ambiente de mensagens positivas onde se sinta bem consigo e com o seu corpo, é capaz de exprimir a sua sexualidade de uma forma livre e sem preconceitos (Myles *et al.*, 1983). O ambiente envolvente é rico em modelos sexuais, essenciais para o desenvolvimento da moral sexual e dos comportamentos sexuais (López e Fuertes, 1999).

A Educação Sexual informal tem, contudo, um papel preponderante que é alicerçado pelas experiências do quotidiano em que os pais e as mães são os

primeiros modelos denominados por «modelos reais» (López e Fuertes, 1999). As crianças aprendem observando o comportamento destes modelos e interiorizam os valores e atitudes transmitidas.

No entanto, as crianças procuram também a informação junto dos livros e dos media, considerados «modelos simbólicos» (López e Fuertes, 1999), que facilitam a aquisição de informações, podendo contribuir para a superação de medos, mas podendo também fornecer uma imagem negativa e distorcida da realidade. “*O sexismº é estimulado na sociedade actual através dos media*” (p. 87), foi uma das conclusões a que chegou Portugal (2009) num estudo que incluiu a análise a um videojogo específico verificando-se a veiculação de estereótipos de género, constatando-se a atribuição de tarefas diferenciadas de acordo com o género, atendendo ao que se observa em sociedade. O estudo alertou ser necessário estimular nos adolescentes uma atitude crítica perante os videojogos que possuem e sublinhou a importância do acompanhamento pelos pais ou mães na sua compra e utilização. As crianças e adolescentes procuram, ainda, informação junto dos seus pares, sentindo-se mais à vontade para expor os seus receios ou partilhar sentimentos (López e Fuertes, 1999). Esta Educação Sexual informal é valiosíssima, considerando que é onde as crianças adquirem e constroem as primeiras concepções da sexualidade e “*acompanha o percurso do indivíduo nas diversas etapas do seu desenvolvimento*” (ME, 2002: p. c). No entanto, a Educação Sexual informal pode contribuir para a construção de conceitos errados da realidade, tendo a Educação Sexual formal de complementar ou corrigir algumas falhas da Educação Sexual informal, nomeadamente na dissolução de mitos e tabus.

Mas, a Educação Sexual formal não pode ignorar a Educação Sexual informal, uma vez que “*a criança acabada de chegar à escola é portadora de toda a experiência afectiva vivida nas relações familiares*” (Mauco, 1977: p. 167) e do meio envolvente. É, pois, necessário que haja uma Educação Sexual adaptada às necessidades e à realidade de cada criança, tendo em conta as suas experiências armazenadas e

os conhecimentos prévios. A criança chega à Escola e revela um conjunto de vivências, resultantes dessa Educação Sexual informal, que não podem ser ignoradas e devem estar presentes na Educação Sexual formal na Escola, para que o seu desenvolvimento, nesta área, seja harmonioso e contribua para uma vivência sem ansiedades e preconceitos. Para que este desenvolvimento harmonioso seja conseguido em pleno, torna-se imperativo apostar numa articulação estruturada entre a Escola e a família que, nestas idades, se tem vindo a demonstrar de extrema importância para o bem-estar da criança.

De forma informal, a criança também é influenciada por «modelos intermédios», representados pela roupa, adereços, jogos e actividades, constituindo mensagens sobre a sexualidade (López e Fuertes, 1999), essencialmente na área da distinção de género e que poderão contribuir para promoção da igualdade de género, se o(a)s educadore(a)s estiverem despertos para essa situação.

2.1. O Papel do(a)s Pais/Mães e Encarregado(a)s de Educação na Promoção da Educação Sexual

O(A)s pais/mães, desde o nascimento ou ainda no ventre materno, estruturam uma definição de género, de identidade, criando expectativas, revelando ansiedades quando perspectivam o futuro. E possuem ambições, de acordo com o sexo, influenciando à partida o crescimento sexuado do(a)s filho(a)s, tanto na aquisição da identidade sexual como nas noções de papéis de género. Serão, como já foi referido, os primeiros modelos e possuem um papel determinante no desenvolvimento da Educação Sexual, sendo, indiscutivelmente, iniciada por eles (Bruess e Greenberg, 2004) e assumindo, à partida, um carácter informal. A Escola possui o dever de realizar um trabalho conjunto para a promoção do diálogo entre pais/mães e filho(a)s, fundamental para o desenvolvimento da sexualidade nas crianças. Hoje sabe-se que “*não responder às questões que os filhos colocam é contribuir para o seu não crescimento*” (Santos,

1994: p. 15) e há a necessidade de alertar pais/mães e encarregado(a)s de educação para os benefícios do diálogo em família, instituindo-se laços de confiança fundamentais no caso de o(a)s filho(a)s necessitarem de ajuda ou de apoios, ao longo das diferentes fases da vida. A opção do silêncio não será, pois, a mais adequada pois “*a Educação Sexual faz-se mesmo quando se nega.*” (Moita e Santos, 1992: p. 2). É necessário que os pais/mães tenham consciência que a Educação Sexual faz-se dentro da família ou fora dela, mesmo que se imponha um leque alargado de obstáculos, uma vez que pode ser transmitida por gestos, comportamentos e atitudes (Guasch, 1973). A família é o espaço afectivo mais importante na nossa cultura. Transmite valores e atitudes, que resultam de reacções positivas e negativas face à sexualidade, e determina comportamentos sexuais como a definição de papéis sexualmente estereotipados (Machado, 1988).

Como já referido, os pais/mães são os modelos que mais contribuem para a construção da identidade sexual do(a)s filho(a)s (Sousa, 1998), “*são os primeiros intervenientes no processo de aprendizagem sexual*” (Vilar, 1987: p. 169) e, segundo Sousa (1998), têm consciência da importância da Educação Sexual para o desenvolvimento global do(a)s filho(a)s. Went (1985) reforça:

“Parents should ensure their children do know the truth about «the facts of life» when they are ready for this information... they should answer question on sex when they arise...” (p. 12).

Estudos realizados nos EUA, mencionados em Caron *et al.* (1995), revelam que os pais/mães não se sentem à vontade para falar sobre a sexualidade do(a)s filho(a)s e receiam não ter a informação apropriada, que corresponda às necessidades do(a)s filho(a)s, nos diferentes níveis etários. Outros são da opinião que, se falarem com o(a)s filho(a)s sobre a sua sexualidade, estarão a promover o início da sua actividade sexual mais cedo que o esperado. Finger (2000) contraria esta ideia referindo que os estudos realizados concluem que a Educação Sexual retarda o começo da actividade sexual porque, quando bem

informados, o(a)s educando(a)s tendem a ponderar as suas atitudes e a fazer decisões acertadas sobre o seu comportamento sexual.

Orth (1991) categorizou as atitudes dos pais/mães e encarregado(a)s de educação face à Educação Sexual em vários métodos. O «método do silêncio» caracteriza-se por evitar em referir qualquer assunto que envolva a sexualidade humana, fruto da insegurança sentida pelo(a)s pais/mães e encarregado(a)s de educação e da não valorização da sexualidade, havendo o pressuposto de que em nada contribui para o seu bem-estar. Nestas situações, as crianças tendem a procurar a informação que pretendem noutras modelos disponíveis e junto dos seus pares, que nem sempre possuem os conhecimentos correctos, levando à criação de mitos. Poucos pais/mães utilizam o «método técnico» porque este se limita a fornecer conhecimentos científicos, sendo a sexualidade encarada como algo fisiológico, descurando a dimensão psico-afectiva, a comunicativa ou a ética. A generalidade dos pais/mães e encarregado(a)s de educação interessados em fazer Educação Sexual opta pelo «método integrado». Este, relaciona a dimensão fisiológica com as outras dimensões e leva a que a criança tenha uma visão positiva da sua sexualidade, incutindo-lhe valores e atitudes.

Vilar (1999), num estudo efectuado na área de Lisboa sobre a comunicação entre progenitores e adolescentes, no que concerne à sexualidade, identifica quatro estilos educativos nos progenitores, especificando com rigor as características apresentadas pelas famílias, baseando-se no modelo de Kellerhals e Montadon (1991) citado pelo autor. Quando a família é conservadora e se rege por regras morais fortes, evitando a abordagem de temas ligados à sexualidade e proibindo certos comportamentos sexuais, denota-se um «estilo de negação». O «estilo evitativo» caracteriza-se igualmente pela rara abordagem de temas ligados à sexualidade e por mensagens morais de aviso, mas sem conotação proibitiva. Estes dois estilos apresentam, pois, características do método do «silêncio». O autor identifica, ainda, o «estilo permissivo», característico das famílias que revelam maior abertura para falar de questões sexuais, sem

proibições, mas sem apoiar e valorizar a sexualidade dos adolescentes e o «estilo apoianto» que é caracterizado pela frequência das conversas ligadas à sexualidade dos adolescentes onde são apoiados, informados e aconselhados. A sexualidade é valorizada, verificando-se as semelhanças com o «método integrado» descrito por Orth (1991)

Collier (1995) refere que certos pais/mães sentem que os media e os pares substituíram o seu papel na Educação Sexual o que corresponde muito pouco à verdade. A informação fornecida pelos media é, por vezes, pouco adaptada à realidade e a informação dada pelos amigos, tem vindo a ter um papel cada vez mais importante (Vilar, 1987), mas nem sempre é correcta, podendo transmitir atitudes negativas e potenciar a criação de mitos. Collier (1995) refere, ainda, que algumas famílias esperam que o(a)s filho(a)s coloquem dúvidas sobre a sua sexualidade para agirem, mas nem todo(a)s o(a)s filho(a)s fazem perguntas ou estão à vontade para discutir ou colocar questões aos/às pais/mães. Noutras famílias, na opinião de Went (1985), os pais/mães têm receio que o(a)s filho(a)s lhes coloquem questões pessoais e não consigam responder.

Apesar dos receios e do «medo de errar» na educação do(a)s filho(a)s, os pais e mães deverão considerar a sexualidade como uma componente fundamental no crescimento e desenvolvimento pessoal e social sadio do(a)s seus/suas filho(a)s e contribuir de forma efectiva para isso. Caetano (2010) enuncia um conjunto de sugestões, propondo que os pais e mães se incluam na vida do(a) filho(a) sem recurso ao controle e à imposição, que promovam a autonomia, a confiança e transmitam valores de cidadania, os levem a optar por uma visão de vida positiva mas realista, que demonstrem amor e afectividade.

2.2. Perfil e Papel do(a) Professor(a) na Promoção da Educação Sexual em Meio Escolar

O(A) professor(a) é o(a) principal agente educativo(a) para uma Educação Sexual formal, sentindo o peso da responsabilidade e, muitas vezes, adoptando uma atitude de negação perante a crescente emergência dos temas a tratar, talvez por não se sentirem preparado(a)s para responder a questões que possam ser colocadas. Manifestam dificuldades em “*«educar» os seus alunos quando eles próprios não se sentem «educados» na matéria*” (Pacheco e Gamito, 1993). Alguns(Algumas) professore(a)s determinam não desenvolver a Educação Sexual na sala de aula, ignorando que esta também se faz informalmente e que o(a)s aluno(a)s a recebem através de atitudes, gestos e opiniões que o(a) professor(a) revela não intencionalmente. Esquecem que a Educação Sexual “*se refere a todas as formas de transmissão de valores e informações sobre sexualidade, nas suas múltiplas e variadas dimensões*” (Nodim, 2002: p. 1). Ao efectuar uma análise breve ao estudo realizado por Anastácio (2007), que envolveu 486 professores(as) do 1º Ciclo do Ensino Básico, verifica-se que um conjunto de professore(a)s adopta o que se pode considerar como «estilo evitativo», face à promoção da Educação Sexual em contexto escolar, por se denotar as mesmas características identificadas num grupo de pais/mães ou encarregado(a)s de educação, alvos do estudo realizado por Vilar (1999), referido anteriormente. Na generalidade, Anastácio (2007) apurou que o(a)s professore(a)s: concordam mais com a Educação Sexual nos níveis de ensino onde se situam o(a)s aluno(a)s de faixa etária correspondente à adolescência (3º Ciclo e Secundário); estão conscientes de que ao longo dos 4 anos de escolaridade a frequência com que colocam questões aumenta, incidindo sobretudo no mecanismo da Reprodução Humana; concordam que a Educação Sexual fomentará o diálogo familiar e aumentará o auto-conhecimento e os conhecimentos na área; apontam como intervenientes preferenciais os pais e depois os médicos e enfermeiros e os psicólogos; revelam sentir mais dificuldades na área das expressões da sexualidade e em temas que envolvam o prazer sexual e menos

dificuldades na abordagem das relações interpessoais e diferenças e papéis de género; receiam as reacções dos pais e um meio conservador; são a favor de formação na área que o(a)s prepare, quer ao nível científico e ao nível dos valores, quer ao nível da capacitação individual em responder a perguntas inesperadas. A autora identificou, ainda, os factores mais influentes na percepção do(a)s professore(a)s, para a não consecução da Educação Sexual em contexto de sala de aula: sexo, idade, o tempo de serviço, o facto de ter filho(a)s, a formação e a área de trabalho. Situando Portugal no contexto europeu e com o intuito de se obter uma visão mais globalizante, relativamente às concepções de professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s no que concerne à promoção da Educação Sexual em meio escolar, menciona-se um estudo realizado com contornos semelhantes mas abrangendo professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s de catorze países da Europa, África e Próximo Oriente, perfazendo um total de 5189 inquiridos (Berger *et al.*, 2007). É referenciada a complexidade do estudo e apontado o factor que mais influencia as concepções do(a)s professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s na área da sexualidade: a religião. Na generalidade, o estudo apurou que o(a)s futuro(a)s professore(a)s concordavam mais com o sexo seguro, o aborto e os direitos homossexuais e preferiam incluir estes itens mais cedo no currículo escolar, do que o(a)s professore(a)s no activo. Professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s do Líbano, Tunísia, Marrocos e Senegal apresentavam concepções mais conservadoras no que concerne aos temas do aborto, sexo seguro e Educação Sexual. Não concordavam com a abordagem da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico, mas apenas a partir dos 15 anos de idade. Professore(a)s e futuro(a)s professore(a)s oriundos de França, Finlândia, Estónia, Portugal e Itália apresentavam uma visão mais aberta relativamente aos temas como o aborto, a igualdade de género e os direitos homossexuais e concordam mais com a lecionação de tópicos que envolvem a homossexualidade, o prazer, a pedofilia, a contracepção, o aborto e as ISTs.

O papel do(a) professor(a) em Educação Sexual é muito semelhante ao que se lhe atribui noutras áreas da educação (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000). A CCPES, em conjunto com o DEB, o DES e o IIE (2001), publicaram um guia anotado de recursos onde conferem plena autonomia ao(à) professor(a) e sublinham a sua função de gestor(a) curricular, justificando assim a não elaboração de um manual escolar, mas o guia referido. No entanto, é necessário que haja um conjunto de apoios que permita ao(à) professor(a) reflectir sobre os valores e atitudes, em relação à sexualidade (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000). Sanders e Swinden (1995) afirmam que a Educação Sexual está sempre inter-relacionada com os valores, sentimentos e atitudes do(a)s professore(a)s e por isso constitui-se como um desafio. Estudos incidentes na área da Reprodução Humana (Pereira, 2004; Sousa, 2006) revelaram que um dos obstáculos à aprendizagem do(a)s aluno(a)s se prende com os valores e a formação do(a)s professore(a)s. Segundo Mauco (1977), o(a) professor(a) é capaz de possuir um vastíssimo conhecimento científico, mas pode não se conhecer a si próprio(a) e desconhecer a criança que tem à sua frente. *“Ignora a vida inconsciente da criança e a importância da energia sexual como se ignora a si mesmo”* (Mauco, 1977: p. 194). Desta ignorância sobre si mesmo resulta a necessidade de uma reflexão aprofundada.

Na opinião de Braeken e Massey (1990), o(a)s professore(a)s terão de possuir requisitos a nível pessoal, pedagógico e científico para o desenvolvimento da Educação Sexual. A nível pessoal, o(a) professor(a) terá de compreender a importância da sexualidade e aperceber-se da sua complexidade, estar à vontade com a linguagem sexual empregue e ter consciência das suas próprias ideias e atitudes, em relação à sexualidade. O(A) professor(a) não deverá, em circunstância alguma, impor valores ou posições (Branco, 1999). Deverá ter uma visão imparcial do que está a ser discutido (Sanders e Swinden, 1990). A nível pedagógico, segundo Braeken e Massey (1990), o(a) professor(a) terá de ser comunicativo(a), desenvolver actividades diversificadas, articular a Educação Sexual com as necessidades do(a)s aluno(a)s e ter à disposição um conjunto de

recursos materiais que facilitem o desenvolvimento das actividades. A nível científico, o(a) professor(a) terá de ter um fácil acesso à informação e possuir os conhecimentos básicos correctos sobre sexualidade. As autoras são da opinião que o(a) professor(a), ao desenvolver competências a estes três níveis, estará apto(a) para promover a Educação Sexual de uma forma aberta e sem tabus.

Em relação às estratégias de ensino, o(a) professor(a) terá de coordená-las de uma forma coerente e clara (Braeken e Massey, 1990). Deverá promover o debate, segundo Vilar (1987), facilitando o ensino/aprendizagem de conhecimentos, e fornecer informações complementares. O(A) professor(a) deverá também, responder sinceramente às questões colocadas (Moita e Santos, 1992) porque, como Madureira (2001) defende, *“quando uma criança faz uma pergunta é porque está preparada para ouvir a resposta. Uma resposta adequada à sua idade.”* (p. 34). A informação fornecida deverá ser correcta e verdadeira (Moita e Santos, 1992), numa atmosfera de abertura e partilha, tendo a sensibilidade de moderar os conflitos que possam aparecer (Braeken e Massey, 1990). Para isso, é necessário que haja confiança e tolerância para com as diferenças de cada um, para que o(a)s aluno(a)s tenham o à vontade de partilhar o que sentem (Myles *et al.*, 1983). Todas as actividades desenvolvidas deverão levar o(a)s aluno(a)s a compreender o seu desenvolvimento, quer a nível fisiológico, quer a nível psico-afectivo ou nas suas relações com os outros (Sanders e Swinden, 1995), ou seja, a inter-relacionar as diferentes dimensões da sexualidade.

Convém mencionar que não se está a falar de um(a) professor(a) de uma disciplina específica, mas sim do(a)s professore(a)s em geral. A Educação Sexual deve ser pensada em conselho de turma, tendo o(a) Director(a) de Turma um papel preponderante, mas que se estende aos(as) restantes professore(a)s das diferentes disciplinas. No caso do 1º Ciclo do Ensino Básico é o(a) professor(a) titular de turma o(a) responsável pela promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula e a sua formação de base pode ser, neste momento, a mais variada. A Educação Sexual traduz-se num conjunto de

conteúdos transversais ao currículo, desde o 1º Ciclo do Ensino Básico ao Secundário (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000). Verifica-se, pois, que o(a) professor(a) não precisa de ser um(a) perito(a), como acontece algumas áreas científicas, para fomentar a Educação Sexual, mas deverá estar devidamente informado(a) e fazer a interacção das respectivas dimensões da sexualidade (Myles *et al.*, 1983), para além de demonstrar genuína preocupação pelo(a)s educando(a)s e ser sensível às necessidades educativas do(a)s aluno(a)s (Went, 1985; Bruess e Greenberg, 2004). A formação na área, denota-se essencial, para que o(a)s docentes se apercebam dos factos mencionados e operem mudanças ao nível da sua prática lectiva (Vilaça, 2010; Rossi *et al.*, 2010).

Na opinião de Dellamont (1986), o(a)s professore(a)s no 1º Ciclo apresentam, por vezes atitudes sexistas que separam os rapazes das raparigas, conferindo-lhes papéis sexuais sociais muito diferentes. A autora aconselha o(a)s professore(a)s a evitar contos ou histórias sexistas, nunca separar os rapazes das raparigas para actividades escolares, incentivar as raparigas a levantar e a transportar coisas e o desporto deverá envolver conjuntamente rapazes e raparigas, sendo uma ferramenta fundamental na promoção da igualdade de género.

O(A)s professore(a)s devem usar um vocabulário adequado ao nível etário do(a)s aluno(a)s. É conveniente usarem os nomes próprios de cada parte do corpo e não o calão ou a gíria (Camamero *et al.*, 1985; Goldman, 1995). Sanders e Swinden (1990) sublinham que as crianças devem ser sensibilizadas para o tipo de linguagem que podem utilizar e em que situações. Para isso, o(a)s professore(a)s não se devem inibir em usar os vários tipos de designações ou de linguagem para exemplificar o que se considera correcto.

Na opinião de Camamero *et al.* (1985), as possíveis actividades que sejam desenvolvidas com crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico terão que ser

relacionadas com a vida de cada criança e nunca de forma impessoal. Os autores apontam algo tão fundamental como conferir significado às aprendizagens, não só para o sucesso da consolidação dos conhecimentos, mas porque a sexualidade humana se traduz na sua existência enquanto crianças. Desta forma, as actividades deverão contemplar a exploração das vivências da criança, utilizando informação referente à família, aos seus aspectos fisiológicos, e incluindo a exposição de sentimentos, privilegiando a dimensão comunicativa, com o intuito de contribuir em pleno para a aceitação pessoal e aceitação da diferença. Link (1995) é da mesma opinião quando refere que o(a) professor(a) deve averiguar quais os sentimentos que o(a)s aluno(a)s experienciam por serem rapazes ou raparigas, quais os valores e atitudes incutidas no seio familiar e qual o grau de facilidade de estabelecer laços ou relações com os amigos do mesmo sexo e do sexo oposto, mas numa perspectiva preventiva de comportamentos de risco e de promoção da Educação Sexual de acordo com as necessidades do(a)s aluno(a)s. Referencia, pois, que o papel do(a) professor(a) também passa por estar atento(a) a estes aspectos, que considera fundamentais para a definição de comportamentos sexuais futuros. Fazendo uma análise constante dos comportamentos observados, o(a) professor(a) terá mais facilidade em desenvolver a Educação Sexual na sala de aula.

Há outro facto importante para o qual Llewellyn (1987) e Went (1985) apontam e que é necessário evitar: o embaraço do(a)s professore(a)s quando lhes é colocada uma pergunta na área da sexualidade. O facto de, por exemplo, gaguejar ou desviar a pergunta colocada pode levar a confusões, por parte da criança, em relação a ideias sobre a sua sexualidade. Zapiain (1993) afirma que, desta forma, a Educação Sexual não se fará naturalmente. Llewellyn (1987) sugere, ainda, que o(a)s professore(a)s sejam sensíveis às famílias monoparentais ou outras situações familiares não convencionais. A sociedade encontra-se num processo evolutivo no que concerne à estrutura familiar. O convencionado como comum, traduzindo-se em família tradicional ou nuclear,

está a converte-se numa pluralidade de estruturas diferenciadas, desde famílias multinucleares, famílias homossexuais ou famílias comunitárias. As famílias comunitárias são raras na nossa sociedade e mais comuns em certas tribos africanas, mas têm vindo a destacar-se em comunidades específicas, em que toda a comunidade é responsável pela educação dos seus descendentes. O(a) professor(a) deverá, pois, alargar o seu conceito de família, considerando toda a diversidade já designada por «Novas Famílias» ou «Famílias Contemporâneas», atendendo às definições de vários cronistas terapeutas familiares e psicólogos que disponibilizam artigos on-line, com o propósito claro de contribuir para a aceitação da diferença, erradicando a discriminação com base em valores familiares diferenciados. Adoptando uma postura sensível às particularidades e disponibilidades familiares, o(a) professor(a) facilitará a articulação entre a Escola e a família.

2.3. Necessidade de Formação do(a)s Agentes Educativo(a)s

Todo(a)s o(a)s pais/mães e encarregado(a)s de educação poderão ser considerado(a)s como o(a)s primeiro(a)s agentes educativo(a)s e não será descabido afirmar que se revela haver necessidade de formação. Não se está a falar de uma formação estruturada para a aquisição de conhecimentos na área da Educação Sexual, mas uma formação centrada na aquisição de competências tão essenciais como o diálogo familiar e a sensibilização para o desenvolvimento pessoal e social que o(a) aluno(a) experimenta. A sensibilização de pais/mães e encarregado(a)s de educação para o crescimento inevitável do(a)s seus(suas) educando(a)s e proporcionar que se compreenda em que circunstâncias em que esse crescimento tem lugar, seria um ponto de partida fundamental para a resolução de conflitos no seio familiar, comuns aquando do período da adolescência. Efectuando uma articulação crucial entre a Escola e a família, haverá genuína preocupação para a formação de cidadã(o)s, livres, responsáveis, capazes de tomar decisões ponderadas e optar por estilos de vida saudáveis. Mais uma vez, a iniciativa teria de ser tomada

pela Escola para a sua exequibilidade e teria de contar com a intervenção do(a)s parceiro(a)s da Saúde Escolar, psicólogo(a) e assistente social. Neste caso, a Escola teria de se revelar sensível e demonstrar-se disponível, aberta e, principalmente, promotora das acções que pudessem decorrer. Para tal, a necessidade de formação docente é imperativa. Em meio escolar, o(a) principal agente educativo(a) é o(a) professor(a), como já referenciado anteriormente. O(A) professor(a) “é o protagonista nessa empreitada de formação do cidadão íntegro, participativo, capaz de diferenciar sem discriminar inclusive questões que envolvem a sexualidade” (Petrenas e Gonini, 2010: p. 401). Possui, pois, um papel preponderante em todo o processo de educar, mediar, dinamizar, promover o ensino/aprendizagem de uma perspectiva holística, conferindo importância ao bem-estar do(a) aluno(a) e ao seu crescimento pleno e sadio e demonstrando verdadeira preocupação pelo(a) aluno(a). Machado (1988) sublinha:

“Sem uma reflexão aprofundada por parte dos educadores sobre os seus próprios valores face à sexualidade, bem como sobre o modo de intervirem em Educação Sexual, dificilmente se desenvolve nos jovens uma atitude de procura, de descoberta e de apropriação crítica dos próprios conhecimentos e valores” (p. 4).

A necessidade de formação, como já foi mencionado, é óbvia para a consciencialização, por parte do(a)s professore(a)s, do papel preponderante que desempenham no campo da Educação Sexual. Fernandes (2001) reforça a necessidade da formação “específica prévia” na área da sexualidade devido a “envolver conhecimentos, afectos e valores” (p. 162). Os resultados de um estudo efectuado por Madureira (2007) revelaram a necessidade de incluir a Educação Sexual na formação inicial de professore(a)s com estratégias activas enquadradas nas práticas lectivas do dia-a-dia, com o intuito de erradicar preconceitos e práticas discriminatórias e se combata o sexismo e a homofobia.

Alverca (1998) avança que a APF tem recebido, ao longo dos anos, uma crescente solicitação para formação e apoio a projectos de Educação Sexual por

parte de docentes. Revela, também, a pressão exercida ao nível do ensino superior para a introdução nos currículos dos diferentes cursos de formação de professore(a)s, quer contínua, quer inicial, de planos curriculares que abranjam Educação Sexual. Anastácio (2007) apurou que o(a)s professore(a)s com formação na área ou que tinham já experienciado promover a Educação Sexual apresentavam argumentos mais favoráveis à sua consecução em meio escolar. Numa pesquisa efectuada em 2003 (Diogo, 2003), verificou-se a organização de formação na área nas ESEs de Setúbal e Porto, nas Universidades Lusófona e Católica e no ISPA, embora mais centrada na sexologia. Hoje, a formação encontra-se disseminada pelas diferentes Universidades e Institutos Superiores. Realizando uma pesquisa on-line no que concerne à oferta formativa incluída na formação inicial de professore(a)s constatou-se que, das vinte e nove instituições de ensino superior que disponibilizam o curso de «Educação Básica», dezassete possuem no plano de estudos uma disciplina que é denominada por «Educação para a Saúde» ou que indica realizar uma abordagem de conteúdos relacionados com a Educação para a Saúde. No entanto, das cinco instituições de ensino que disponibilizam o programa da disciplina on-line, apenas o Instituto Politécnico de Santarém inclui a «Educação Afectiva e Sexual» no programa da disciplina «Biologia Humana e Saúde» e o Instituto Politécnico da Guarda menciona a abordagem a uma educação sobre valores e sentimentos no programa da disciplina «Formação Pessoal e Social». De salientar que o Instituto Politécnico do Porto, no curso de «Educação Básica», inclui a disciplina «Qualidade de Vida, Ambiente e Sexualidade», mas como opção. De certa forma, os factos contrariam a política global de saúde preconizada pela OMS, no que concerne ao direito de todos usufruírem de uma Escola Promotora de Saúde. Uma Escola é promotora de saúde se os seus agentes educativos estiverem sensibilizados para tal e de forma consciente promoverem o bem-estar pessoal e social do(a)s aluno(a)s de uma forma globalizante. Sebastião (2005), num estudo que envolveu a concepção, implementação e avaliação de um programa de formação para futuro(a)s

professore(a)s, constatou a necessidade de formação ao nível científico e didáctico na área da sexualidade e da Reprodução Humana.

Greydanus *et al.* (1995) salientam a importância de haver uma disciplina/curso no ensino superior para sensibilizar futuros profissionais da educação para esta área e fornecer-lhes informação precisa e actualizada. No entanto, denota-se que, essencialmente, uma disciplina de Educação Sexual deve realizar um treino de competências fundamentais à promoção futura do tema em contexto de sala de aula, nomeadamente a imparcialidade na discussão ou debates, o uso de vocabulário correcto e adequado à faixa etária, consciência crítica no que concerne à utilização de materiais pedagógicos ou manuais existentes no mercado ou adoptados para as áreas disciplinares de Biologia e Ciências Naturais e, mais que tudo, a naturalidade na abordagem dos conteúdos, sem tabus ou preconceitos. Teixeira (2010) sugere a instituição de um “*currículo em espiral*” (p. 317) que seja iniciado no Pré-Escolar e se desenrole pelos níveis de ensino seguintes até ao ensino superior. Esta perspectiva progressiva revela-se impulsionadora e integradora de boas práticas docentes no futuro, no que concerne à promoção da Educação Sexual em contexto escolar. No ensino superior, para além de adoptar um carácter de formação pessoal, apostará na formação profissional de cada indivíduo, capacitando-o para fomentar a Educação Sexual no seu sentido mais lato, considerando todas as dimensões da sexualidade e encarando-a como intrínseca a cada um. Torna-se pertinente, pois, incluir o quanto antes nos currículos do ensino superior a promoção da Educação Sexual (Sebastião, 2005).

No que concerne à formação contínua, podemos afirmar que possui um papel preponderante no desenvolvimento de competências do(a)s professore(a)s interessados e a encarar a sexualidade de forma positiva, preparando-os para a implementação do projecto em contexto de sala de aula. Atendendo ao disposto no nº 4 do artigo 8º da Lei nº 60/2009, regulamentado pela Portaria nº 196-A/2010, a DGIDC (Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular), pertencente ao ME, assegurará a formação do(a)s professore(a)s

envolvido(a)s, tendo sido realizado um levantamento das necessidades pelos Centros de Formação. Ainda no nº 3 do artigo 6º da referida Portaria é especificado que as formações realizadas na área da Educação para a Saúde e Educação Sexual são consideradas realizadas na área do(a) docente, o que constitui um incentivo à formação. A Carta de Aveiro (I CISES, 2010) anunciou a criação de uma “*Rede Internacional de Formação de Professores(as) em Sexualidade e Educação Sexual*” com base nos princípios preconizados nesse Congresso e apontou a importância da acessibilidade a cursos especializados em Educação Sexual, que promovam dinâmicas de grupo que levem a ultrapassar receios.

Ferreira (1995) afirma que é necessário haver formação de professore(a)s para preencher as lacunas deixadas pelos manuais escolares. Como já foi referido, a necessidade de adoptar uma atitude crítica perante o manual escolar é fundamental (Anastácio, 2007; Osório, 2007) para não veiculação de pressupostos incorrectos e para o desenvolvimento de estratégias que visem a mudança de atitudes e valores, usualmente não apontadas pelos manuais. Na nossa experiência na formação de professore(a)s na área da Educação Sexual, foi possível constatar que o(a)s professore(a)s não se encontram desperto(a)s para omissões e incorrecções que se verificam nos manuais escolares no que se refere ao tema da Reprodução Humana e há necessidade de sensibilizá-lo(a)s para tal, evitando que sejam veiculados conhecimentos erróneos ou se promova uma aquisição deficitária de conhecimentos científicos. Quando alertado(a)s para estas situações, o(a)s professore(a)s tendem a arranjar materiais didácticos alternativos ao manual escolar, com maior rigor na apresentação dos conhecimentos.

Qualquer que seja o programa de formação de professore(a)s terá de contemplar três áreas distintas: a formação pessoal na área de Educação Sexual, onde sejam discutidas os valores e as atitudes face à sexualidade humana; a formação científica, adquirindo conhecimentos nos vários domínios da sexualidade humana; a formação pedagógica com estratégias activas (Machado,

1988). O programa de formação terá que levar o(a) professor(a) a reflectir sobre os seus métodos de ensino, os seus conhecimentos e as atitudes e valores que possui e ajudar a transferir as competências adquiridas para a sua prática lectiva (Braeken e Massey, 1990). Vilaça (2006), num estudo que englobou a formação contínua de professore(a)s, analisando as mudanças nas concepções e práticas do(a)s professore(a)s no desenvolvimento de projectos de Educação Sexual baseados na metodologia S - IVAM (Investigação - Visão - Acção - Mudança), com recurso às TIC, reforçou a pertinência de incluir na formação, a noção de sexualidade e de Educação Sexual, o reconhecimento de competências interpessoais e de comunicação e respectivas dinâmicas que levem a potenciar as competências referidas, o abuso sexual de menores e, na esfera dos conhecimentos, a importância da abordagem de noções básicas de fertilidade, contracepção, ISTs, saúde sexual, adopção e aborto.

Da nossa experiência na área da formação de professore(a)s, é possível afirmar que se o programa de formação assentar em metodologias dinamizadoras e activas, promovendo, simultaneamente, a reflexão da prática lectiva e como seres sexuados, contribuir-se-á para a promoção efectiva e formal da Educação Sexual em contexto de sala de aula. Este facto é verificado pelo programa de divulgação das actividades realizadas pelo(a)s aluno(a)s e pela exposição de trabalhos, quer nas salas de aula, quer nos espaços comuns da escola. Estudos conduzidos por Vilaça (2010) e Rossi *et al.* (2010) constataram mudanças na prática lectiva do(a)s professore(a)s, após a formação participante na área da Educação Sexual. Desta forma, a formação realizada na modalidade de oficina de formação revela-se ideal, pelas suas características, uma vez que pressupõe um desenvolvimento de competências que capacitem o(a)s formando(a)s ao nível do saber estar e saber fazer e ao nível da reflexão pessoal e das suas práticas lectivas. As dinâmicas de grupo ocorrem numa perspectiva construtivista, verificando-se aquisição do saber ou mudança de atitudes e valores. A modalidade implica sempre a participação activa nas sessões

presenciais e a construção e aplicação de um projecto com o(a)s aluno(a)s, nas sessões não presenciais geridas pelo(a) formando(a).

Nas formações direcionadas para o Pré-Escolar, o(a)s formando(a)s revelam-se inicialmente resistentes à promoção da Educação Sexual no nível de escolaridade que trabalham. Mas, ao longo das sessões presenciais, o(a)s formando(a)s expressam que reconhecem a necessidade da abordagem dos conteúdos da área referida e envolvem-se activamente nos projectos que desenvolvem com o(a)s aluno(a)s, demonstrando perplexidade quando verificam a prestação do(a)s aluno(a)s nas actividades desenvolvidas e constatam a sua evolução na aquisição de conhecimentos ou na mudança de atitudes. Também Albuquerque (2006) identificou necessidades de formação contínua ao nível do Pré-Escolar. O(A)s inquirido(a)s envolvido(a)s no estudo revelaram conferir importância à educação alimentar, à educação ambiental, à segurança e à saúde oral como áreas essenciais a desenvolver na Educação para a Saúde. Não demonstraram interesse em promover as restantes áreas onde inseriram a Educação Sexual, constatando-se a necessidade premente de motivar e estimular o(a)s educadore(a)s a fazê-lo.

Segundo os questionários administrados aos(as) formando(a)s pelo Centro de Formação de Escolas de Portimão e Monchique, o(a)s professore(a)s inscrevem-se na oficina de formação de Educação Sexual por interesse no tema ou aquisição/actualização de conhecimentos e, como resultados da acção apontam a actualização/aprofundamento dos conhecimentos na área da Educação Sexual e a inovação e aperfeiçoamento da prática lectiva. Quando é pedido aos(as) formando(a)s que indiquem os aspectos mais positivos, a generalidade refere que o facto de a oficina decorrer em ambiente escolar com o(a)s colegas que conhecem, facilita a partilha de experiências, opiniões ou a exposição de receios, tabus ou preconceitos. Também, no estudo conduzido por Vilaça (2006), uma das vantagens apontadas pelo(a)s professore(a)s em formação foi a possibilidade da sua frequência com colegas da mesma escola, facilitando a

implementação dos projectos de Educação Sexual. Desta forma, é possível inferir que a formação realizada no seio dos agrupamentos de escolas se revela mais eficaz aquando da participação activa nas estratégias e nas reflexões operadas, potenciando as mudanças conceptuais e comportamentais. A opção é facilitadora de partilha e construção de materiais em conjunto e de recurso a apoios quando necessário. Os obstáculos mencionados pelo(a)s docentes no estudo efectuado por Vilaça (2006), no que concerne à continuidade dos projectos nas escolas e ao nível da falta de colaboração por parte dos outro(a)s docentes não é verificável quando se opta pela formação direcionada para cada agrupamento de escolas. A formação será mais eficaz se considerar a realidade educativa do agrupamento de escolas e as necessidades demonstradas pelo(a)s formando(a)s.

Há efectivamente um grupo de agentes educativos que é descurado em todo o processo de promoção de Educação Sexual em contexto escolar e outros campos educativos, mas que possuem um papel essencial na promoção das relações interpessoais sadias e na construção de cidadã(o)s responsáveis e tolerantes: o(a)s auxiliares de acção educativa. A interacção constante entre este grupo de agentes educativo(a)s e o(a)s aluno(a)s, em situações de recreio e de tempos livres, revela-se privilegiante, uma vez que tem lugar num ambiente informal e pouco condicionado pelas regras de conduta constantes em contexto de sala de aula. Desta forma, a formação de auxiliares de acção educativa, na área da Educação Sexual e noutras áreas de Educação para a Saúde, revela-se crucial numa Escola Promotora de Saúde e atenuaria conflitos relacionados com papéis de género, afastando ideias pré-concebidas no que concerne a comportamentos. No entanto, é conferida pouca importância a este grupo, quer pela direcção da escola, quer pelos encarregados de educação. Poucas escolas apostam na formação dos seus auxiliares, sendo a sua formação inicial a mais variada, chegando o nível de escolaridade a oscilar entre o 4º ano e o 12º ano de escolaridade, havendo casos raros possuidores de um curso médio. Quando questionados sobre a área onde sentem maior necessidade de formação, é

frequente referirem a gestão de conflitos e as relações interpessoais, mas revelam fraca iniciativa em apostar na sua formação. Os factos mencionados foram verificados ao longo da nossa experiência profissional e num estudo desenvolvido por Carreira (2007) que indagou a importância da formação no desempenho do(a)s auxiliares de acção educativa numa escola secundária.

A formação é, pois, um dos pontos fundamentais a considerar quando se pretende genuinamente fomentar a Educação Sexual em meio escolar. Erradica obstáculos, aponta soluções, atenua receios e potencia a promoção do desenvolvimento pessoal e social sadio do(a) aluno(a).

3. Construção de um Projecto de Educação Sexual e sua Implementação em Contexto Escolar

Atendendo ao disposto na Lei nº 60/2009, um projecto de Educação Sexual deve ser construído no início do ano lectivo, fazendo constar os conteúdos a abordar e a identificação dos respectivos intervenientes, bem como as iniciativas, visitas de estudo e actividades de divulgação a realizar, não descurando a respectiva avaliação. A Portaria nº 196-A/2010 veio estabelecer os conteúdos para cada nível de ensino a abordar nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, de acordo com as finalidades expressas no Artigo 2º da Lei nº 60/2009. As finalidades definidas compreendem a promoção do bem-estar geral do indivíduo, valorizando as perspectivas positivas da sexualidade e o treino de competências individuais, fundamental para o desenvolvimento do espírito crítico, da autonomia para a capacidade de tomar decisões ponderadas e responsáveis, a aquisição de conhecimentos científicos e a promoção de atitudes de respeito pela diferença, de tolerância e de igualdade de género. Verifica-se, pois, o cuidado de inter-relacionar e integrar as diferentes dimensões da sexualidade para a promoção de um crescimento global sadio do indivíduo. Fundamentalmente deseja-se que o indivíduo

compreenda a sua sexualidade (Lee, 1986) e, objectivamente, aspira-se levar o indivíduo a:

"conhecer e aceitar o próprio corpo, a procurar informação ou a solicitar apoio...para se ser capaz de estabelecer com os outros, relações mais sãs e satisfatórias" (Veiga et al., 2001: p. 9).

Especificamente, para o 1ºCiclo do Ensino Básico, a Portaria nº 196-A/2010 definiu cinco conteúdos base: o corpo; o corpo em harmonia com o meio; a família; diferenças entre rapazes e raparigas; protecção do corpo e o direito de dizer não. A Portaria estabelece, ainda, que o(a) professor(a) deverá esclarecer todas as dúvidas que possam surgir com naturalidade em contexto de sala de aula e que deverá desenvolver no(a)s aluno(a)s a capacidade de pedir ajuda ou apoios quando necessário. Para cada conteúdo, o(a) professor(a) deverá contemplar três áreas fundamentais - conhecimentos, o treino de competências individuais e sentimentos, valores e atitudes – de acordo com as finalidades delineadas legalmente e com a opinião manifestada por Kay, Gray e Hassall (1993) e que nesta investigação se denominam por esferas.

Os conteúdos mencionados podem facilmente ser articulados e integrados nas áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, nas áreas de Expressão e nas áreas não disciplinares, contribuindo para o desenvolvimento das competências gerais e transversais definidas para o 1º Ciclo. Assim, a Educação Sexual não será uma área separada, mas sim interligada com os conteúdos das outras áreas curriculares (Branco, 1999).

O disposto legalmente vem estabelecer racionalidade à perspectiva desenvolvimentista de vários autores e é o culminar de vários estudos e opiniões baseadas na prática lectiva e no envolvimento diário com o(a)s aluno(a)s e de orientações metodológicas definidas por organismos governamentais e associações não governamentais ao longo dos últimos vinte anos. Branco (1999), Vilar (1987) e os Ministérios da Educação e da Saúde e a

APF (2000) indicaram que a implementação de um projecto de Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico teria como finalidade contribuir para que as crianças conhecessem o seu corpo, valorizassem as atitudes e valores e se apercebessem e reflectissem sobre os papéis sexuais sociais. Para isso, o projecto precisaria de integrar as diferentes dimensões da sexualidade, tendo ainda a considerar, segundo López (1990), citado em Vaz (1996), que o currículo deveria compreender quatro níveis: o nível «sociológico», uma vez que, na sociedade, existe um número elevado de mensagens sobre sexualidade e nem todas são correctas e adequadas; o nível «epistemológico» porque é de extrema importância consolidar conhecimentos correctos e com rigor sobre a Reprodução Humana; o nível «pedagógico», de modo a que as aprendizagens fossem interiorizadas partindo estratégias activas e onde todas as áreas de conhecimento contribuíssem; o nível «psicológico» onde se teria em conta o desenvolvimento global da criança. A Lei nº 60/2009 vem reunir todas as perspectivas anunciadas e em que assentou o relatório final do GTES (2007).

O projecto de Educação Sexual terá, pois, de promover a sexualidade de uma perspectiva positiva, encarando-a como uma fonte de bem-estar e prazer, sempre com o objectivo claro de contribuir para o crescimento pleno do indivíduo a todos os níveis (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000).

Para que o projecto possa ser coerente e exequível será fundamental a realização de um diagnóstico inicial que consiga apurar as necessidades educativas do(a)s aluno(a)s, contemple a articulação com a família e avalie as características do meio envolvente, considerando a situação geográfica, a cultura e o meio socioeconómico, como também é referenciado no Programa Harimaguada (1993-c). Este diagnóstico inicial é fundamental para que se antevejam dificuldades na implementação do projecto, atendendo ao nível da adequação dos conteúdos, ao nível etário do(a)s aluno(a)s ou às suas crenças culturais (Branco, 1999). O(A) professor(a) terá de ter em atenção a religião e a cultura em que a criança está inserida, de modo a desenvolver um conjunto de

estratégias adequadas, evitando que o meio se torne num obstáculo impeditivo do desenvolvimento da Educação Sexual (Jewitt, 1994).

Um projecto deverá considerar a intervenção de outro(a)s agentes educativo(a)s, nomeadamente o(a)s auxiliares de acção educativa, o(a) psicólogo(a) e o(a) assistente social da escola, o(a)s profissionais da área da Saúde Escolar e o(a) professor(a)-coordenador(a) da Educação para a Saúde e Educação Sexual.

A articulação com a família, como já foi referenciado, é fundamental para que o(a)s pais/mães e encarregado(a)s de educação não se sintam à margem do desenvolvimento do projecto, podendo-se promover actividades que fomentem o diálogo entre pais/mães e filho(a)s e que demonstrem a importância do esclarecimento de dúvidas.

Na construção de um projecto, o(a)s professore(a)s deverão realizar um levantamento de todos os apoios e recursos indispensáveis à prática do projecto e permitam com facilidade a sua implementação e, se possível, elaborar novos materiais (Programa Harimaguada, 1993-c) para colmatar as necessidades educativas verificadas.

No que concerne à avaliação, deverá ser realizada uma análise reflexiva sobre a implementação do projecto, indicar se houve cumprimento do que inicialmente se tinha planificado e referenciar possíveis ajustes efectuados, quer ao nível metodológico, quer ao nível dos intervenientes, concordando com Marques *et al.* (2002). Relativamente aos(as) aluno(a)s, a avaliação não deverá incidir só na área dos conhecimentos, mas deverá verificar se houve mudanças ao nível das atitudes e valores, sendo Sampaio (1987) da mesma opinião. Went (1985) defende que a avaliação no 1º Ciclo do Ensino Básico deverá assentar nas competências que a criança adquiriu: capacidade de questionar e responder a perguntas sem embaraços com os pais/mães, amigo(a)s e professore(a)s; o uso

de vocabulário adequado; cooperação entre rapazes e raparigas; atitudes para com os outros; desenvolvimento da auto-estima.

Para o desenvolvimento de metodologias que promovam a aprendizagem, o papel do(a) professor(a) é preponderante, como já foi várias vezes referido. Para que se verifique a eficácia das estratégias, o(a)s aluno(a)s terão de ser activos no processo de ensino/aprendizagem, participando em debates, pesquisas e dramatizações de situações reais. As actividades terão de ser dinâmicas, diversificadas e adequadas ao nível etário do(a)s aluno(a)s já que “*a utilização de metodologias activas e participativas, em detrimento de longas dissertações, são a melhor forma de abordagem da Educação Sexual*” (ME, 2002: p. f). As concepções alternativas do(a)s aluno(a)s só serão desmontadas se estes se envolverem na construção do conhecimento. Kay, Gray e Hassall (1993) são da opinião que é no 1º Ciclo que se deve iniciar a educação das crianças na área da prevenção do VIH/SIDA, uma vez que consideram que a Escola está mais aberta à comunidade e há uma maior participação do(a)s pais/mães na educação do(a)s filho(a)s.

Vaz (1996), Marques *et al.* (2002) e ME (2002) apresentam as estratégias mais utilizadas na Educação Sexual que contemplam as esferas do conhecimento, das atitudes e valores e do desenvolvimento de competências individuais: aquisição de conhecimentos – chuva de ideias, fichas de trabalho, trabalhos de pesquisa, sessões com profissionais de saúde; clarificação de valores e atitudes - barómetro de atitudes, debates, exploração de histórias valorativas; desenvolvimento de competências - discussão de casos que possam surgir, dramatização de situações reais, libertação e expressão de sentimentos.

O(A) professor(a), como já foi mencionado, poderá articular a Educação Sexual com as diferentes áreas do conhecimento e com a família, sempre que possível. O documento “*Orientações Técnicas sobre Educação Sexual em Meio Escolar – Contributos das Equipas de Projecto*”, e posteriormente os Ministérios da Educação

e da Saúde e a APF (2000), exemplificaram, baseando-se nas experiências da escola do 1º Ciclo integrante no projecto experimental, uma articulação possível da Educação Sexual com as áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e de Expressão Plástica. As professoras, em contexto de sala de aula, construíram um questionário com o(a)s aluno(a)s, partindo das questões mais comuns das crianças: “*Como é que eu nasci?*” ou “*Quanto pesava?*”. O(a)s aluno(a)s levaram os questionários para casa para que, em conjunto com o(a)s pais/mães, pudessem responder às questões. As respostas obtidas deram origem a novas perguntas relacionadas com a gravidez e o parto que são conteúdos contemplados no programa de Estudo do Meio. Na área da Matemática, o(a)s aluno(a)s trataram os dados resultantes da pergunta “*Quanto pesava?*” e elaboraram um gráfico, de modo a facilitar a comparação dos pesos à nascença do(a)s aluno(a)s da turma. A elaboração do questionário envolveu a Língua Portuguesa. Na área de Expressão Plástica, o(a)s aluno(a)s desenharam, em papel de cenário, os contornos de 2 personagens: o Manel e a Maria. De seguida, desenharam os respectivos órgãos externos, incluindo os órgãos sexuais. Estas personagens foram incluídas em actividades como a prevenção rodoviária (conteúdo pertencente ao Estudo do Meio) em situações problemáticas (na Matemática) e em histórias inventadas (na Língua Portuguesa). Ferreira *et al.* (2002) apresentaram sugestões de actividades de Educação Sexual para o 1º Ciclo, algumas desenvolvidas e validadas no projecto experimental já mencionado, devidamente articuladas com as diferentes áreas do conhecimento. Uma actividade interessante, sugerida pelos autores, pretende promover o «Respeito pelas Diferenças», possuindo como objectivos específicos o conhecimento do corpo com fonte de comunicação, relação e prazer e a aceitação das diferenças físicas de cada um. As articulações propostas envolvem as áreas curriculares de Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática e Expressão Plástica. Desta forma, a actividade inclui: a expressão oral do(a)s aluno(a)s sobre o seu próprio corpo e a sua descrição escrita (Língua Portuguesa); O desenvolvimento de competências que envolvam o respeito pelo outro independente da raça, peso, género, estatura e o

registro trimestral do peso e altura de cada criança (Estudo do Meio); a organização de gráficos de peso e altura e a resolução de situações problemáticas (Matemática); a realização de um auto-retrato e a organização de cartazes (Expressão Plástica).

Um estudo efectuado anteriormente na área da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico (Diogo, 2003) comprovou que a implementação de um projecto concertado com a formação de professore(a)s na área e considerando as diferentes dimensões da sexualidade na abordagem dos conteúdos contribui para a aquisição de conhecimentos correctos na área da sexualidade, para a mudança de atitudes e valores e para o desenvolvimento de competências individuais no(a)s aluno(a)s. Também Pintor (2005) constatou a eficácia de um programa de Educação em Sexualidade desenvolvido em duas turmas do 3º ano de escolaridade, assente nos pressupostos do MEM e sob uma perspectiva sócio-construtivista. O programa revelou contribuir para a mudança e evolução das práticas lectivas do(a)s docentes e para a construção do saber pelo(a)s aluno(a)s. Já os estudos efectuados por Pereira (2004) e Sousa (2006) demonstraram que as concepções alternativas do(a)s aluno(a)s, depois do ensino formal, nomeadamente no que concerne à fecundação, desenvolvimento intra-uterino e ISTs, se mantiveram. Os factos apurados poderão ser consequência das seguintes inacções: Os conhecimentos fomentados não foram concertados num projecto de Educação Sexual, a desenvolver ao longo do ano lectivo, mas limitados ao tema da Reprodução Humana e ao tempo disponibilizado em planificação para o seu ensino formal; O ensino formal teve por base apenas o manual escolar adoptado, verificando-se incorrecções e omissões no conhecimento científico veiculado; Não se procedeu à formação de professore(a)s, fundamental para a aquisição ou melhoria de práticas lectivas onde prevaleça o espírito crítico relativamente aos materiais didácticos usados e integradoras da Reprodução Humana no desenvolvimento pessoal e social do(a) aluno(a). Desta forma, é possível constatar, de novo, a importância de um projecto de Educação Sexual e a necessidade de formação de docentes.

Conclusão

O(A)s docentes detêm um papel fundamental na promoção da Educação Sexual, de carácter formal, em meio escolar. A necessidade de formação do(a)s agentes educativo(a)s revela-se premente para que a Educação Sexual seja promovida formalmente e o processo seja encarado com naturalidade, livre de tabus ou preconceitos, com vista a contribuir para o crescimento individual e social do(a) aluno(a). A articulação entre a escola e a família deverá constituir uma realidade. É constatado a importância da construção e implementação de um projecto de Educação Sexual específico para cada grupo/turma, de acordo com as necessidades do(a)s aluno(a)s, para que haja construção do conhecimento, se verifiquem mudanças nos valores e atitudes e se desenvolvam competências individuais. Desta forma, será possível contribuir para a prevenção efectiva de comportamentos de risco.

CONCLUSÃO

A Escola é o espaço privilegiado para a formação de cidadã(o)s livres, com princípios democráticos, capazes de optar por estilos de vida saudáveis e de encarar a vivência sexual de forma positiva. Para a concretização desta ambição revela-se necessário a concertação de esforços dos agentes educativos e a sensibilização de toda a comunidade escolar. Esta iniciativa terá de ser encarada numa perspectiva globalizante, que inclua formação adequada dos agentes educativos e a avaliação dos materiais pedagógicos e didácticos, nomeadamente dos manuais escolares ao nível dos conhecimentos científicos, da promoção de sentimentos, valores e atitudes e do desenvolvimento de competências individuais. No entanto, logo à partida, denota-se a inércia do Ministério da Educação em proporcionar formação aos(as) professore(a)s na área da Educação Sexual, como regulamentado em portaria, e a manutenção de manuais escolares nas listas para adopção pelas escolas com omissões e incorrecções científicas.

Constatando-se a forte presença que os manuais escolares detêm nas escolas, revela-se premente uma análise exaustiva, não só ao nível científico, mas que verifique a promoção o espírito de cidadania, a tolerância, o respeito pela diferença, a igualdade de género, princípios fundamentais para uma vivência sadia a título individual e social. Se o manual escolar privilegiar a promoção dos princípios anunciados, estará a contribuir para a Educação Sexual em meio escolar na esfera dos valores e atitudes. Contribuir hoje para o crescimento pleno e sadio do(a)s aluno(a)s permitirá que no futuro, sejam indivíduos responsáveis, com auto-estima e espírito crítico, capazes de tomar decisões, respeitando sentimentos e outras expressões da sexualidade sem preconceitos.

Revela-se, de igual forma, fundamental a implementação de um projecto de Educação Sexual no grupo/turma, consertado com os diferentes parceiros da

educação e em articulação com a família, para que se verifiquem mudança nas atitudes e valores e se constatem alterações ao nível das concepções do(a)s aluno(a)s e se realize a aquisição do saber com rigor. O projecto nunca poderá limitar-se ao tema da Reprodução Humana, apenas abordado no 3º ano de escolaridade e condicionado pela abordagem do manual escolar.

PARTE II

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

INTRODUÇÃO

A realização da investigação empírica, em simultâneo com a condução da investigação teórica que constituiu a Parte I, manifesta-se essencial para que se verifique o que é preconizado por órgãos oficiais e especialistas na área, havendo uma tomada de consciência do que efectivamente acontece no terreno educativo. Na investigação em curso denotou-se pertinente indagar se os manuais escolares se revelam bons recursos didácticos, considerando o tema da Reprodução Humana, havendo necessidade de se efectuar uma apreciação e avaliação de cada um dos manuais, do 3º ano de escolaridade, disponíveis no mercado para adopção pelas escolas. Posteriormente, no estudo de caso, pretendeu-se averiguar a receptividade de aluno(a)s e docentes na promoção da Educação Sexual através dos manuais escolares.

A investigação empírica encontra-se, pois, estruturada em dois capítulos e traduz todo o trabalho desenvolvido com a condução dos dois estudos - estudo exploratório e estudo de caso - e anuncia os respectivos resultados.

Em primeiro lugar é apresentado o capítulo da Metodologia que expõe as opções metodológicas efectuadas e contextualiza toda a investigação empírica. Para cada um dos dois estudos são explicadas e expostas, com rigor, todas as etapas que constituíram a presente investigação. No que concerne ao estudo exploratório é descrito, com minúcia, o procedimento que levou à constituição da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar, passando pelo estabelecimento de parâmetros e critérios de avaliação e pela respectiva validação efectuada por três peritas em educação. O estudo de caso engloba a caracterização dos intervenientes no estudo e a exposição dos métodos e instrumentos de investigação, tendo-se optado por uma triangulação metodológica: observação; inquérito por questionário; inquérito por entrevista.

O capítulo referente aos Resultados realiza a análise dos resultados obtidos a partir do estudo exploratório e a análise dos resultados conseguidos a partir da condução do estudo de caso.

Capítulo IV

Metodologia

Introdução

A investigação qualitativa em educação, para além da possibilidade de ser desenvolvida de múltiplas formas, é usada em inúmeros contextos educativos, permitindo o estudo de uma realidade focando os seus diversos aspectos (Bogdan e Biklen, 1994). Uma investigação de carácter qualitativo terá de, na perspectiva de vário(a)s autore(a)s (Bogdan e Biklen, 1994; Carmo e Ferreira, 1998), analisar a informação obtida de forma indutiva, comparando os dados recolhidos e formulando conclusões bem fundamentadas; de forma holística, compreendendo-a como um todo; de forma naturalista, uma vez que o investigador tenta imiscuir-se no meio que pretende observar e obtém os dados em contexto natural, havendo uma maior compreensão da informação recolhida (Bogdan e Biklen, 1994; Denzin e Lincoln, 1998; Cousin, 2005); de forma humanista, pois permite conhecer e interagir com os sujeitos objecto do estudo; de forma descriptiva, atendendo aos pormenores para que nada passe despercebido, traduzindo a realidade de forma rigorosa e exaustiva. Atendendo a estas características, a investigação qualitativa possui uma limitação que ressalta de imediato e que se prende com a generalização dos resultados. No entanto, autores como Bogdan e Biklen (1994) afirmam que o cerne não está na pretensão de generalizar os resultados, mas na possibilidade de serem transferidos para outros contextos.

Apesar da investigação em educação ter evoluído a partir da utilização de métodos quantitativos, recorrendo à estatística para análise de dados numa perspectiva positivista de traduzir a realidade com rigor científico (Fernandes, 1991), a investigação de carácter qualitativo, que estuda em profundidade as questões mais relevantes e permite uma maior compreensão dos factos não se preocupando em contabilizá-los, tem vindo a ganhar terreno e a despertar a atenção de investigadores e organismos educacionais (Bogdan e Biklen, 1994;

Chizzotti, 2003). Fundamentalmente em educação, a investigação qualitativa é a chave para as respostas na pluralidade de campos em que a Escola opera. A informação conseguida a partir de uma investigação qualitativa, relativamente ao ensino e à aprendizagem, dificilmente se obtém numa investigação de carácter quantitativo, devido ao seu elevado grau de objectividade (Fernandes, 1991) que impede a obtenção de dados ricos em detalhes essenciais para um maior entendimento da realidade estudada.

Ambos os paradigmas são válidos do ponto de vista epistemológico, mas assentam em pressupostos divergentes, associados a movimentos filosóficos distintos. Daí, na perspectiva de vário(a)s autore(a)s (menionado(a)s em Fernandes, 1991; Bogdan e Biklen, 1994; Carmo e Ferreira, 1998), a incompatibilização dos dois métodos e não ser possível o uso de ambos numa investigação. No entanto, há autore(a)s que defendem o uso dos dois métodos e, após uma reflexão crítica a ambos os paradigmas, considerando as limitações de cada um, é possível constatar as vantagens da recolha de dados de ordem qualitativa e quantitativa no desenrolar de uma investigação. Fernandes (1991) aponta o método qualitativo como solução para as limitações apontadas ao método quantitativo, sugerindo uma complementaridade proveitosa para a investigação, considerando as características da cognição humana e conferindo significado aos dados obtidos. Creswell e Clark (2007) são defensores dos “*mixed methods*”, ou métodos mistos ou métodos combinados, segundo a literatura disponível on-line. Os “*mixed methods*” possibilitam, em várias fases da investigação, a abordagem quantitativa e qualitativa, permitindo uma maior compreensão do problema de investigação formulado ao admitir a recolha e análise de dados de ordem quantitativa e qualitativa. Os dados recolhidos e analisados serão depois «combinados» traduzindo uma só realidade, onde cabe a objectividade do método quantitativo e a riqueza dos pormenores do método qualitativo.

Este capítulo foca as principais razões que levaram à escolha da opção metodológica, justificando o estudo de carácter qualitativo e permitindo a viabilidade da investigação, de modo a que os objectivos definidos fossem alcançados e as questões de investigação respondidas. Explica, com rigor e de forma clara, as respectivas fases que permitiram o desenrolar desta investigação, assentando nas principais características de uma investigação qualitativa para um maior entendimento e compreensão dos factos e dos dados obtidos a partir da realidade educativa estudada.

1. Opção Metodológica

Numa primeira fase, a investigação assentou na execução de um estudo exploratório aos manuais escolares de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade, mais concretamente no tema da Reprodução Humana. Um estudo exploratório possui o propósito fundamental de nos integrar na realidade que pretendemos investigar e servir de base ao estudo que se desenrolará a seguir com um maior entendimento, alertando-nos para possíveis dificuldades a superar para que o estudo se torne exequível (Sampieri *et al.*, 1991; Babbie, 1986) ou poderá apenas servir para uma maior compreensão da realidade e dos factos (Babbie, 1986; Carmo e Ferreira, 1998). Dependendo do que é pretendido pelo investigador, segundo a literatura consultada, um estudo exploratório pode ser realizado com diferentes finalidades. Mais concretamente, pode permitir um maior entendimento da realidade a estudar, contribuir para a formulação de hipóteses para um estudo posterior, possibilitar o cálculo de variáveis a ter em conta num problema, indagar a realização de investigações similares e sugerir orientações precisas no desenvolvimento de estudos futuros. Este estudo partiu da construção de instrumentos que permitiram a apreciação de cada manual escolar no geral e do tema da Reprodução Humana em particular, gerou uma maior percepção dos factos e possibilitou um maior conhecimento do objecto em estudo (Carmo e Ferreira, 1998). Desta forma, foi estabelecido o ponto de partida para a segunda fase da investigação: um estudo de caso num Agrupamento Vertical de Escolas pertencente ao Barlavento Algarvio que

envolveu as duas turmas do 3º ano de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Considerando que num estudo de caso é necessário atender ao rigor e à descrição fiel da realidade objecto de estudo, tornou-se pertinente a realização de uma triangulação metodológica (Denzin, 1978; Carmo e Ferreira, 1998; Cousin, 2005), tendo-se recorrido às seguintes fontes de informação: observação, inquérito por questionário e inquérito por entrevista. A triangulação revela várias perspectivas da realidade (Carmo e Ferreira, 1998) e permite estar mais perto da perspectiva dos intervenientes na investigação em curso, recorrendo também a descrições minuciosas do meio alvo do estudo (Denzin e Lincoln, 1998). Optou-se, pois, pelo inquérito por questionário e pelo inquérito por entrevista uma vez que *"estes processos tornam possível medir o que uma pessoa sabe (...), o que gosta e não gosta (...) e o que pensa (...)"* (Tuckman, 2002: p. 307) e que nos leva a entender a opinião dos entrevistados em relação à investigação em curso (Oppenheim, 2004). A observação é uma fonte informação preciosa já que traduz a realidade tal como ela é (Ghiglione e Matalon, 1997), não descurando a possibilidade de existirem algumas limitações no que concerne às relações que poderão ser estabelecidas entre o observador e o observado, influenciando a interpretação dos dados recolhidos (Estrela, 1994). Concretamente, este estudo de caso pretendeu averiguar se houve mudança no comportamento ou na atitude do(a)s aluno(a)s ou a aquisição de conhecimentos, verificável na administração dos questionários, antes e depois do desenrolar de actividades apresentadas pelo manual escolar ou pelas professoras. Indagou-se, ainda, quais foram as actividades escolhidas pelas professoras que permitiram colmatar as lacunas que o manual escolar apresentava na exploração deste conteúdo. Estas actividades, incluídas no tema da Reprodução Humana, ambicionavam fomentar a Educação Sexual em contexto de sala de aula. O estudo de caso incluiu transcrições de entrevistas realizadas às professoras envolvidas, relatos de sala de aula com registo das actividades, descrições das estratégias usadas e reflexões das professoras,

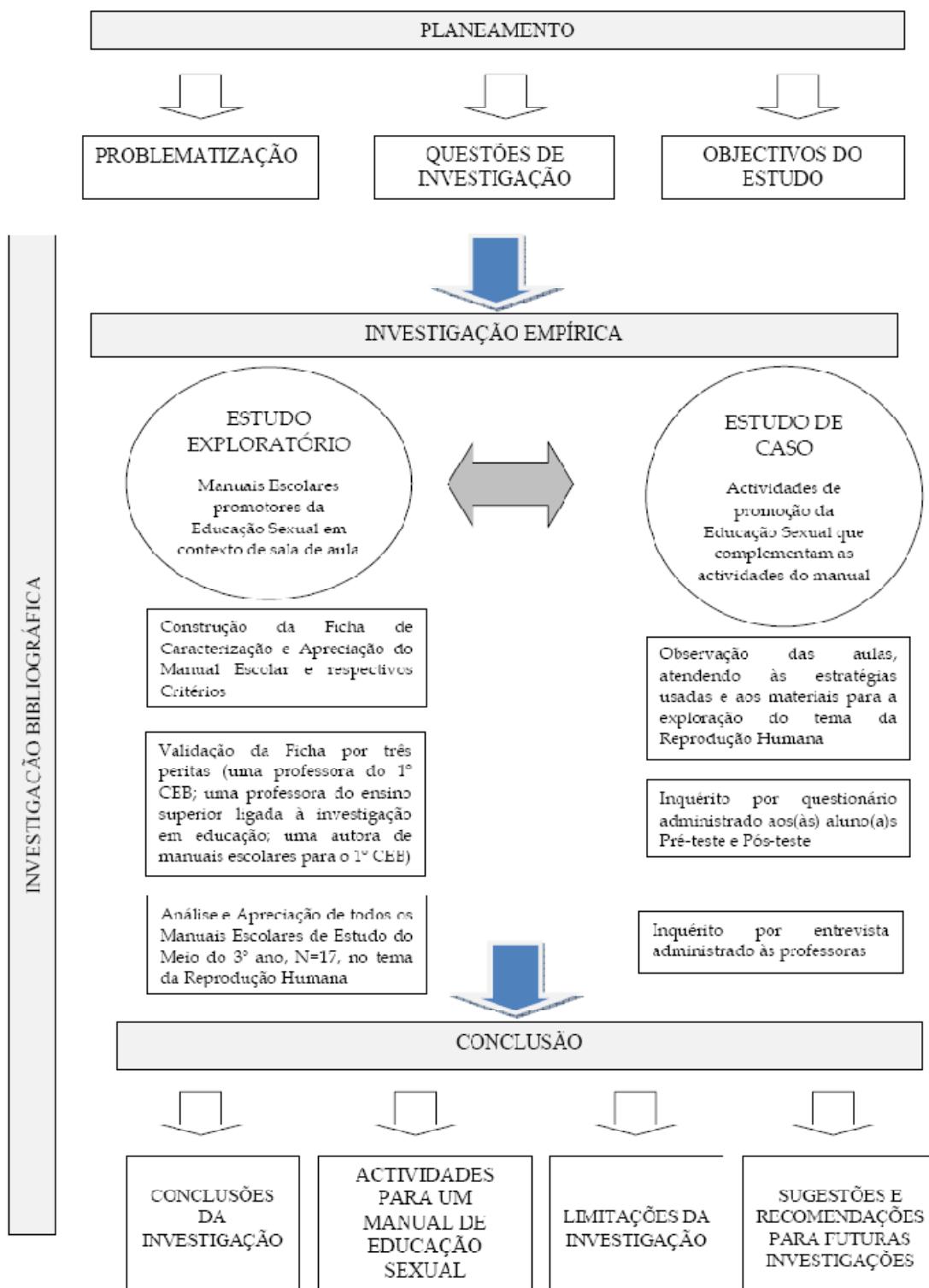
havendo um interesse muito maior pelo processo do que propriamente pelos resultados, uma vez que se torna fundamental conhecer as razões que levam os intervenientes na investigação a tomar determinadas decisões, levando a um maior entendimento dos factos (Bogdan e Biklen, 1994; Denzin e Lincoln, 1998).

Considerando os resultados do estudo exploratório, onde se efectuou a análise de dezassete manuais escolares, do 3º ano de escolaridade, existentes no mercado, e os resultados do estudo de caso foi delineado um conjunto de orientações para a elaboração de um manual de Educação Sexual. Pretende-se que o manual perspectivado fomente a Educação Sexual em contexto de sala de aula, ou seja, aprofunde conhecimentos pertinentes, correctos e actuais na área da Reprodução Humana, contribua para a promoção de sentimentos, valores e atitudes e desenvolva competências individuais essenciais à vivência da sexualidade de forma positiva e potenciando comportamentos futuros sadios. Foram construídos alguns exemplos de actividades consideradas fundamentais para a promoção da Educação Sexual, atendendo em simultâneo aos programas definidos para a área curricular de Estudo do Meio e ao disposto no novo enquadramento legal que institui e regulamenta a Educação Sexual em meio escolar (Lei nº 60/2009 e Portaria nº 196-A/2010).

Toda a investigação, essencialmente de carácter qualitativo, convergiu para a possibilidade de executar um manual escolar que promovesse a Educação Sexual, atendendo aos resultados obtidos em ambos os estudos. A sua exequibilidade dependeu deste modo de abordagem que, considerando as suas características, possibilitou conhecer em profundidade um contexto educativo onde é fundamental desenvolver a Educação Sexual. Essencial para um maior entendimento da realidade educativa, foi possível identificar obstáculos e dificuldades, tanto a nível humano como a nível material, e compreender as necessidades educativas do(a)s aluno(a)s nesta área, para assim apontar soluções que possuem o propósito único de contribuir para o crescimento psicossocial de mentes sadias, informadas, críticas e responsáveis.

2. Contextualização da Investigação

Com o intuito de facilitar o desenrolar da investigação, assegurando que nada fosse deixado ao acaso, apresenta-se um esquema/síntese que permite visualizar todos os intervenientes e as etapas conducentes à sua conclusão.



Quadro I – Esquema Geral da Investigação

O estudo exploratório efectuado incluiu a análise de dezassete manuais escolares de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade que se encontram em vigência desde o ano lectivo 2005/2006. Esta análise assentou na construção de uma ficha de caracterização e apreciação, com o propósito de apurar quais as características do manual que melhor promovia a Educação Sexual em contexto de sala de aula, de acordo com os parâmetros e critérios definidos.

Depois de indagar quais as escolas, na região do Algarve, que adoptavam um manual escolar que, segundo os critérios de avaliação definidos no estudo exploratório, se situava a um nível satisfatório, foi seleccionado aleatoriamente o Agrupamento Vertical de Escolas do Barlavento Algarvio para a realização do estudo de caso. O Conselho Executivo do Agrupamento foi contactado para autorizar a sua realização, envolvendo as duas escolas do 1º CEB pertencentes a esse Agrupamento, mais precisamente as duas turmas do 3º ano de escolaridade. Após redigido o pedido de participação por escrito, explicando os objectivos e especificamente quais as implicações que a realização do estudo de caso traria para o agrupamento, foi autorizado o contacto com as escolas e as respectivas professoras que leccionavam o referido 3º ano de escolaridade do ensino básico. Foi, ainda, garantido o anonimato de todos os sujeitos alvo da investigação.

3. O Estudo Exploratório

O estudo exploratório incluiu a realização de uma análise comparativa dos manuais escolares de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade disponíveis no mercado. Segundo o Currículo Oficial, o(a)s aluno(a)s trabalham conhecimentos, neste ano de escolaridade, sobre Reprodução Humana na área curricular de Estudo do Meio. Indagou-se, pois, quais os manuais escolares que se adequavam mais ao desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula, aquando da abordagem do tema da Reprodução Humana. Desta forma, os manuais foram analisados e comparados através de parâmetros

organizados numa ficha de caracterização e apreciação, segundo critérios definidos.

3.1. Construção da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

Com base em vários autores (Oppel, 1976; Richaudeau, 1986; Gama, 1991; Fernandes, 2001) foi construída uma ficha de caracterização e apreciação de fácil preenchimento, mas que possibilitou a reunião de informação fundamental e necessária a uma apreciação global e minuciosa do capítulo da Reprodução Humana do manual escolar (anexo 1). Para cada um dos parâmetros foram definidos três critérios de avaliação de modo a categorizar como Insuficiente, Suficiente ou Bom o parâmetro definido (anexo 2).

A ficha incluiu espaço para a identificação do manual escolar, possibilitando a indicação da área Curricular Disciplinar e o ano de escolaridade a que se destinava, o título e o(a)s respectivo(a)s autore(a)s, assim como a edição, o editor e o ISBN (International Standard Book Number), número identificativo, único para livros e publicações não periódicas. Incluiu, ainda, espaço para explicar, de forma sucinta, como o tema da Reprodução Humana se encontrava organizado. A análise efectuada encontra-se dividida em duas partes: I Parte – Aspectos Gerais; II Parte – Educação Sexual. Na I Parte – Aspectos Gerais - os parâmetros encontram-se agrupados em quatro áreas a avaliar: Estrutura Organizacional; Conteúdo; Ilustração; Textos. Em «Estrutura Organizacional» os parâmetros avaliaram a estrutura do tema e a forma como se encontrava organizado. Em «Conteúdo», pretendeu-se verificar se o tema manifestava rigor científico, se estava de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial e se fornecia informação suficiente e actual. Na «Ilustração», foi possível averiguar se as ilustrações eram relevantes, motivadoras, variadas e se encontravam bem articuladas com o texto que pretendiam ilustrar. Na área «Textos» apurou-se o nível de legibilidade, se os textos eram claros, rigorosos e privilegiavam a compreensão e se focavam problemas actuais, adaptados à

faixa etária do(a)s aluno(a)s. Na II Parte - Educação Sexual - os parâmetros encontram-se novamente agrupados em quatro áreas: Metodologia; Ilustração; Sociedade; Reprodução Humana. Na «Metodologia» verificou-se se o tema permitia uma atitude crítica e a interdisciplinaridade com outras áreas curriculares ou se existia relação com outros conteúdos do livro. Na «Ilustração» averiguou-se a existência de equilíbrio entre géneros e raças, se apresentavam rigor científico e se demonstravam produtos de avanços tecnológicos. Na área «Sociedade» pretendeu-se apurar a posição do tema relativamente aos papéis sexuais sociais, à tolerância e liberdade de sentimentos, à linguagem empregue e à responsabilização de acções. No que concerne à «Reprodução Humana», averiguou-se se o manual promovia a transmissão de atitudes positivas em relação à sexualidade, se a exploração do tema permitia a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade e se valorizava a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes.

Sendo realizada uma reflexão cuidada de modo a clarificar cada parâmetro constituinte da ficha, procedeu-se à análise e apreciação de cada manual escolar, no que concerne ao tema da Reprodução Humana. Na I Parte - Aspectos Gerais - e relativamente à área «Estrutura Organizacional», com o parâmetro (I) 1 pretendia-se averiguar se o manual era de fácil utilização. Os manuais que obtiveram classificação de Bom neste parâmetro, apresentavam instruções de utilização, objectivos, resumos, notas e actividades propostas assinaladas com um ícone. A classificação de Suficiente foi concedida aos manuais que apresentavam uma opção da alínea anterior. Os manuais que tiveram classificação de Insuficiente não apresentavam nenhuma das opções descritas no critério a) para este parâmetro. Com o parâmetro (I) 2 apurou-se se o manual sugeria actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas. Foi concedida classificação de Bom aos manuais que propunham actividades de pesquisa noutras fontes de informação como a Internet, materiais de apoio ao estudo ou em meios de comunicação social (jornais ou revistas), classificação de

Suficiente aos manuais que propunham actividades de pesquisa para usar unicamente o manual escolar e classificação de Insuficiente aos manuais que não propunham actividades de pesquisa. Com o parâmetro (I) 3 averiguou-se se o manual escolar era apelativo relativamente à sua apresentação estética. Os manuais que foram classificados com Bom apresentavam uma mancha textual pouco condensada, com cores apelativas e apresentavam harmonia entre o texto e a imagem. Os manuais que foram avaliados com Suficiente neste parâmetro apresentavam uma das características descritas anteriormente. Obtiveram classificação de Insuficiente os manuais que não apresentavam nenhuma das características acima descritas. O parâmetro (I) 4 englobou a avaliação das actividades propostas aos(as) aluno(a)s e as formas de avaliação, como a auto-avaliação e a hetero-avaliação. Os manuais que obtiveram classificação de Bom neste parâmetro incluíam sempre uma proposta de avaliação de actividades. Os manuais que tiveram classificação de Suficiente avaliavam apenas algumas das actividades propostas. Os manuais que obtiveram classificação de Insuficiente não incluíam proposta de avaliação de actividades. Em «Conteúdo», no parâmetro (I) 5, o manual foi avaliado com base nas competências definidas para o 1º Ciclo no quarto tema “*Viver Melhor na Terra*” do Currículo Nacional do Ensino Básico na área da Reprodução Humana e que são comuns na exploração de outras funções vitais do corpo humano:

”- Conhecimento das modificações que se vão operando com o crescimento e envelhecimento, relacionando-as com os principais estádios do ciclo de vida humana.

- Identificação dos processos vitais comuns a seres vivos dependentes do funcionamento de sistemas orgânicos.

- Reconhecimento de que a sobrevivência e o bem estar humano dependem de hábitos individuais de alimentação equilibrada, de higiene e de actividade física, e de regras de segurança e de prevenção.” (ME, 2001: p. 145).

Considerando estas competências, o manual teria de fornecer informação relativamente à estrutura e função dos diversos órgãos que constituem o sistema reprodutor, permitindo que cada aluno(a) estruturasse o conhecimento

de si próprio(a) e se inteirasse das transformações do corpo ao longo da sua vida e desenvolvesse hábitos de vida saudável e de higiene. Os manuais que obtiveram classificação de Bom neste parâmetro contemplavam todas as competências definidas no Currículo Oficial nesta área. Os manuais que obtiveram classificação de Suficiente contemplavam duas das competências definidas. Os manuais que tiveram classificação de Insuficiente contemplavam apenas uma ou nenhuma das competências definidas. No parâmetro (I) 6, cada manual escolar foi avaliado quanto ao rigor científico na apresentação de conhecimentos. Os manuais que alcançaram classificação de Bom não continham erros nem omissões ou incorrecções, e assim manifestavam rigor científico na apresentação de conhecimentos. Os manuais que apresentavam conhecimentos com alguns erros ou omissões e incorrecções leves, foi-lhes concedida classificação de Suficiente neste parâmetro. Nos casos em que os conhecimentos continham erros ou incorrecções ou omissões graves, os manuais obtiveram classificação de Insuficiente (Fernandes, 2001). No parâmetro (I) 7, os manuais que alcançaram classificação de Bom apresentavam informação suficiente relativamente a cada conteúdo abordado, os manuais que obtiveram classificação de Suficiente apresentavam informação suficiente em alguns dos conteúdos abordados e os manuais classificados de Insuficiente para este parâmetro apresentavam informação insuficiente para cada conteúdo abordado. No parâmetro (I) 8 pretendeu-se verificar se cada manual seria motivante ao promover o saber. Deste modo, os manuais que apresentavam os conteúdos de forma apelativa e motivadora obtiveram classificação de Bom. Os manuais que apresentavam apenas alguns conteúdos de forma apelativa e motivadora receberam classificação de Suficiente neste parâmetro. Obtiveram classificação de Insuficiente os manuais em que os conteúdos não se encontravam apresentados de forma apelativa e motivadora. No que concerne a «Ilustração», no parâmetro (I) 9 verificou-se a relevância das ilustrações em relação ao conteúdo a explorar (Fernandes, 2001). Os manuais que alcançaram classificação de Bom apresentavam ilustrações que clarificavam e aprofundavam os conteúdos em todas as situações. Os manuais que foram

classificados com Suficiente neste parâmetro apresentavam apenas em algumas situações o descrito no critério anterior. Os manuais que em nenhuma das situações apresentavam ilustrações que clarificassem e aprofundassem os conteúdos, conferindo-lhes significado, obtiveram classificação de Insuficiente. No parâmetro (I) 10 apurou-se se as ilustrações eram consideradas motivadoras e atraentes, considerando as cores, a dimensão e a definição (Richaudeau, 1986). Os manuais cujas ilustrações foram consideradas motivadoras e atraentes, tendo em conta estas características, alcançaram classificação de Bom neste parâmetro. Os manuais com apenas algumas ilustrações consideradas motivadoras e atraentes obtiveram classificação de Suficiente. Obtiveram classificação de Insuficiente os manuais que não apresentavam ilustrações motivadoras ou atraentes, considerando as cores, a dimensão e a definição. No parâmetro (I) 11, os manuais que conseguiram classificação de Bom apresentavam equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página. Os manuais que apresentavam apenas em algumas páginas o descrito no critério anterior, alcançaram classificação de Suficiente. Os manuais que não apresentavam equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página, obtiveram classificação de Insuficiente. No parâmetro (I) 12 verificou-se a existência de articulação conceptual entre as imagens e o texto (Gama, 1991; Richaudeau, 1986). Os manuais que receberam classificação de Bom neste parâmetro relacionavam sempre a imagem com o conteúdo a explorar. Os manuais que obtiveram classificação de Suficiente relacionavam a imagem com o conteúdo a explorar apenas em algumas situações. A classificação foi de Insuficiente para os manuais que não relacionavam a imagem com o conteúdo a explorar. O parâmetro (I) 13 teve como objectivo apurar se a ilustração apresentava legenda adequada. Os manuais que tiveram classificação de Bom neste parâmetro apresentavam todas as ilustrações legendadas adequadamente e com rigor científico. Os manuais que obtiveram classificação de Suficiente apresentavam apenas algumas das ilustrações legendadas e com rigor científico. A classificação foi de Insuficiente para os manuais que não apresentavam

ilustrações legendadas adequadamente e com rigor científico. Averiguou-se no parâmetro (I) 14 se as ilustrações se encontravam bem localizadas em relação ao texto que ilustravam, consoante pretendessem ser motivadoras, informativas ou de síntese. Desta forma, as ilustrações serão motivadoras se antecederem o texto e se se verificar o intuito de despertar o interesse ou a curiosidade do(a)s aluno(a)s, serão de carácter informativo se fornecerem informação e completem o texto que as antecede ou serão de síntese se clarificarem o conteúdo que se está a explorar (Fernandes, 2001; Richaudeau, 1986). Os manuais que atingiram classificação de Bom apresentavam todas as ilustrações bem localizadas. Nos casos em que se verificaram apenas algumas ilustrações bem localizadas em relação ao conteúdo a explorar, os manuais receberam classificação de Suficiente. Os manuais que obtiveram classificação de Insuficiente apresentavam todas as ilustrações mal localizadas em relação ao conteúdo a explorar. No parâmetro (I) 15 pretendeu-se averiguar se o manual continha ilustrações variadas recorrendo a diferentes tipos, fossem eles quadros, esquemas, desenhos ou fotografias. O facto de o manual apresentar um leque variado de ilustrações, permite ao(à) aluno(a) obter maior e melhor informação, de forma clara e com maior rigor, consoante sejam sob a forma de desenho, esquema ou fotografia (Oppel, 1976; Richaudeau, 1986). Os manuais que tiveram classificação de Bom neste parâmetro recorriam a mais de dois tipos de ilustração. Os manuais que conseguiram classificação de Suficiente recorriam a dois tipos de ilustração. Os manuais que obtiveram classificação de Insuficiente recorriam sempre ao mesmo tipo de ilustração. Quanto a «Textos», no parâmetro (I) 16 pretendeu-se verificar se os textos de cada manual apresentavam um bom nível de legibilidade tipográfica, adequado à faixa etária do(a) aluno(a), tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas (Fernandes, 2001; Richaudeau, 1986). A legibilidade tipográfica, na perspectiva dos autores mencionados, é fundamental para que visualmente seja fácil a exploração do manual, uma vez que poderá ser facilitadora na separação dos conteúdos e no destaque de matérias consideradas mais importantes. Nos casos em que os

manuais escolares apresentavam um bom nível de legibilidade tipográfica atendendo às características mencionadas, obtiveram classificação de Bom. Os manuais que apresentavam um nível de legibilidade tipográfica razoável, alcançaram classificação de Suficiente. Mas aos manuais que apresentavam um fraco nível de legibilidade tipográfica foi-lhes concedida classificação de Insuficiente. No parâmetro (I) 17 indagou-se se os textos seriam claros e rigorosos do ponto de vista linguístico, ou seja, se apresentavam uma linguagem gramaticalmente correcta, com um discurso adequado à faixa etária do(a)s aluno(a)s (Fernandes, 2001; Gama, 1991), atendendo ao vocabulário empregue. Desta forma, as dificuldades ao nível da compreensão textual poderiam ser evitadas. Os manuais que exibiam os textos claros e rigorosos do ponto de vista linguístico obtiveram classificação de Bom. Os manuais em que apenas em algumas situações exibiam uma linguagem gramaticalmente correcta com um discurso adequado à faixa etária tiveram classificação de Suficiente. Os manuais que não exibiam estas características obtiveram classificação de Insuficiente. O parâmetro (I) 18 tinha como objectivo apurar se os textos privilegiavam mais a compreensão que a memorização, promovendo outro tipo de aprendizagens para além dos factos, das leis e teorias, permitindo o desenvolvimento de competências específicas, previstas no Currículo Nacional do Ensino Básico, noutras domínios (Raciocínio, Comunicação, Atitudes) para além do Conhecimento. Foi concedida classificação de Bom aos manuais que promoviam sempre outro tipo de aprendizagens. Os manuais que obtiveram classificação de Suficiente apenas promoviam outro tipo de aprendizagens em certas situações. Os manuais que se preocupavam apenas com os factos, as leis e as teorias tiveram classificação de Insuficiente neste parâmetro. No parâmetro (I) 19 verificou-se se os textos focavam temas e problemas actuais, atendendo aos conteúdos a explorar. Temas e problemas actuais como o abuso sexual, tão importante para a prevenção de situações de risco, ou o VIH/SIDA, sendo fundamental a sua abordagem para a prevenção precoce. Os manuais que obtiveram classificação de Bom focavam sempre temas e problemas actuais. Os manuais escolares em que lhes foi concedida

classificação de Suficiente focavam, por vezes, temas e problemas actuais. Os manuais que tiveram classificação de Insuficiente não focavam temas e problemas actuais.

Na II parte – Educação Sexual, no que concerne à «Metodologia», no parâmetro (II) 1 averiguou-se se o manual promovia a compreensão dos conceitos, dando ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, partindo das suas vivências, contextualizando o conhecimento. Os manuais que obtiveram classificação de Bom neste parâmetro promoviam sempre a compreensão de conceitos. Os manuais que promoviam a compreensão de conceitos apenas em certas situações conseguiram classificação de Suficiente. Os manuais que não conferiam ênfase aos conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, não promovendo a compreensão de conceitos, foi-lhes dada classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 2 verificou-se se o manual inter-relacionava o tema com outros conteúdos programáticos do livro ou com outros já estudados nesta área curricular, podendo permitir uma articulação vertical a partir do 2º ano de escolaridade do ensino básico. Os manuais que efectuavam sempre essa inter-relação alcançaram classificação de Bom neste parâmetro. Os que inter-relacionavam por vezes o tema, obtiveram classificação de Suficiente. Os manuais que não inter-relacionavam o tema com outros do manual ou com outros já estudados nesta área curricular receberam classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 3 averiguou-se se o manual sugeria interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares: se possibilitava a realização de questionários ou a execução de actividades de papel e lápis, desenvolvendo competências na área da Língua Portuguesa; se permitia a leitura de tabelas e gráficos, desenvolvendo competências na área da Matemática; se apresentava propostas de actividades a desenvolver na Formação Cívica ou noutra área curricular não disciplinar. Desta forma, os manuais que permitiam sempre o desenvolvimento de competências noutras áreas curriculares, obtiveram classificação de Bom. Aos manuais que, apenas em algumas situações, permitiam o desenvolvimento de competências de

outras áreas curriculares foi-lhes concedida classificação de Suficiente. Aos manuais que não permitiam o desenvolvimento de competências das outras áreas curriculares foi-lhes conferida classificação de Insuficiente neste parâmetro. Relativamente ao parâmetro (II) 4 pretendeu-se apurar se o manual fomentava uma atitude crítica de modo a que permitisse ao(à) aluno(a) expressar a sua opinião de forma livre. Aos manuais em que esta condição se verificou, foi-lhes concedida classificação de Bom neste parâmetro. Os manuais que permitiam que o(a) aluno(a) expressasse a sua opinião segundo orientações ou restrições obtiveram classificação de Suficiente. Os manuais que não permitiam que o(a) aluno(a) expressasse a sua opinião receberam classificação de Insuficiente. Quanto à «Ilustração», no parâmetro (II) 5 apurou-se se as ilustrações apresentavam rigor científico. Os manuais em que o rigor científico se encontrava sempre presente em todas as ilustrações apresentadas, obtiveram classificação de Bom. Os manuais que apresentavam rigor científico só em algumas das ilustrações tiveram classificação de Suficiente. Os manuais cujas ilustrações não apresentavam rigor científico receberam classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 6 verificou-se se o manual demonstrava produtos resultantes de avanços tecnológicos. Actualmente, a tecnologia desenvolvida permite fotografar ou conseguir imagens, cada vez com maior definição, como o caso do embrião ou feto dentro do útero materno. Pretendeu-se, pois, indagar se o manual apresentava este tipo de ilustração. Nos casos em que este facto se verificava para todas as ilustrações, os manuais alcançaram classificação de Bom. Os manuais que demonstravam produtos de avanços tecnológicos apenas em algumas ilustrações, obtiveram classificação de Suficiente. Os manuais que em nenhuma das ilustrações demonstravam produtos de avanços tecnológicos, tiveram classificação de Insuficiente neste parâmetro. No parâmetro (II) 7 indagou-se se as ilustrações apresentavam equilíbrio entre géneros, tendo em conta o estereótipo de papéis sexuais sociais, igualdade de situações ou circunstâncias. Nos casos em que esta condição se verificou em todas as ilustrações, os manuais obtiveram classificação de Bom. Quando esta condição apenas se verificou em algumas das ilustrações, os

manuais alvo de análise tiveram classificação de Suficiente. Os manuais que não apresentavam ilustrações em que se verificasse equilíbrio entre géneros tiveram classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 8 apurou-se se as ilustrações apresentavam equilíbrio entre raças. Os manuais que apresentavam este equilíbrio em todas as ilustrações alcançaram classificação de Bom. Foi conferida classificação de Suficiente aos manuais que apresentavam equilíbrio entre raças apenas em algumas das ilustrações. Os manuais em que este equilíbrio não se verificou tiveram classificação de Insuficiente neste parâmetro. Quanto a «Sociedade», no parâmetro (II) 9 indagou-se se o manual não estereotipava os papéis sexuais sociais. Nos casos em que a apresentação do tema nunca estereotipava os papéis sexuais sociais, os manuais receberam classificação de Bom. Os manuais cuja apresentação do tema estereotipava, por vezes, os papéis sexuais sociais, conseguiram classificação de Suficiente. Os manuais que estereotipavam sempre os papéis sexuais sociais obtiveram classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 10 averiguou-se se ambos os sexos se encontravam colocados em iguais circunstâncias, ou seja, se davam igual importância tanto ao sexo masculino como ao sexo feminino, se exploravam ambos os sistemas reprodutores ou se davam ênfase a algum em particular. Foi concedida classificação de Bom aos manuais que colocavam sempre ambos os sexos em iguais circunstâncias. Quando este facto se verificou apenas em algumas situações, os manuais foram classificados como Suficiente neste parâmetro. Os manuais que não colocavam ambos os sexos em iguais circunstâncias receberam classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 11 indagou-se se o manual daria ênfase a valores e sentimentos. Os manuais em que este facto se verificou sempre ao longo do capítulo da Reprodução Humana, receberam classificação de Bom. Aos manuais em este facto só acontecia em algumas situações exploradas pelo capítulo foi-lhes concedida classificação de Suficiente. Os manuais que não davam ênfase a valores e sentimentos receberam classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 12 apurou-se se o manual alertava para a tolerância e liberdade de sentimentos. Os manuais que demonstravam situações que permitiam alertar para a tolerância e

liberdade de sentimentos obtiveram classificação de Bom. Os manuais que demonstravam, por vezes, situações que alertassem para a tolerância e liberdade de sentimentos conseguiram classificação de Suficiente. Foi conferida classificação de Insuficiente aos manuais que não alertavam para a tolerância e liberdade de sentimentos. No parâmetro (II) 13 indagou-se se os manuais apresentavam uma linguagem não discriminatória em relação aos sexos. Os manuais que apresentavam sempre uma linguagem não discriminatória em relação aos sexos alcançaram classificação de Bom. Os manuais que usavam linguagem discriminatória em algumas situações obtiveram classificação de Suficiente. Os manuais que apresentavam uma linguagem discriminatória em relação aos sexos foram classificados como Insuficiente neste parâmetro. Em relação ao parâmetro (II) 14, pretendeu-se verificar se o manual apelava ao agir responsável, tanto pessoal como de grupo. Os manuais que promoviam sempre atitudes responsáveis alcançaram classificação de Bom. Os manuais cuja promoção destas atitudes só era verificada em algumas situações obtiveram classificação de Suficiente neste parâmetro. Os manuais que não promoviam atitudes responsáveis em nenhuma circunstância receberam classificação de Insuficiente. No que concerne à «Reprodução Humana», no parâmetro (II) 15 verificou-se se o manual escolar permitia a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade. Considere-se como “a origem” as noções exploradas sobre fecundação e desenvolvimento intra-uterino. Os manuais que foram classificados de Insuficiente neste parâmetro permitiam adquirir escassos conhecimentos apenas sobre uma das áreas mencionadas. Os manuais que permitiam adquirir conhecimentos sobre o corpo e a origem obtiveram classificação de Suficiente. Os manuais que permitiam adquirir bons conhecimentos sobre todas as áreas mencionadas alcançaram classificação de Bom. Quanto ao parâmetro (II) 16, pretendeu-se apurar se o manual fomentava a necessidade de hábitos de higiene. Os manuais que fomentavam sempre a necessidade de hábitos de higiene obtiveram classificação de Bom. Os manuais que em alguma situação pontual referiam a importância dos hábitos de higiene receberam classificação de Suficiente neste

parâmetro. Os manuais que não fomentavam a necessidade de hábitos de higiene obtiveram classificação de Insuficiente. No parâmetro (II) 17 indagou-se se o manual escolar transmitia atitudes positivas em relação à sexualidade, ou seja, apresentava um discurso em que não se limitava a expor os factos simplesmente mas mencionava a importância da exploração da sexualidade de cada um. Os manuais que tiveram o cuidado de transmitir atitudes positivas em relação à sexualidade obtiveram classificação de Bom. Os manuais que transmitiam apenas algumas atitudes positivas em relação à sexualidade alcançaram classificação de Suficiente. Os manuais que não transmitiam atitudes em relação à sexualidade receberam Insuficiente neste parâmetro. Com o parâmetro (II) 18 pretendeu-se verificar se o manual valorizava a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes. Nos manuais que obtiveram classificação de Bom foi verificada esta situação. Os manuais que faziam alguma menção relativamente à identidade do(a) aluno(a) ou ao conhecimento das suas raízes receberam classificação de Suficiente. Os manuais em que se verificou a não valorização da identidade do(a) aluno(a), nem o conhecimento das suas raízes obtiveram classificação de Insuficiente neste parâmetro.

3.2. Validação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

Considerando os critérios redigidos para cada parâmetro, a validação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual constituiu um processo essencial, tendo contado com a colaboração vital de três peritas e da sua vasta experiência no terreno educativo e ao nível da investigação em educação. Analisando a ficha com rigor, atendendo à sua estrutura e organização conceptual, as peritas formularam sugestões e contribuíram para a sua exequibilidade enquanto instrumento de análise e apreciação, sugerindo em algumas áreas uma coerência lógica dos parâmetros.

A perita professora do Ensino Superior, doutorada em Didáctica e em Desenvolvimento Curricular e investigadora e colaboradora em centros de

investigação nacionais, sugeriu que certos parâmetros fossem clarificados de modo a que houvesse rigor aquando da apreciação do manual escolar. Relativamente ao parâmetro (I) 6 «Manifesta rigor científico na apresentação dos conhecimentos» e tendo em conta que esse rigor científico é manifestado sempre que os conhecimentos estão de acordo com o preconizado pela comunidade científica, a perita foi da opinião que haveria necessidade de esclarecer o que se entende por comunidade científica. Apontou a necessidade de especificar o tipo de aprendizagens que poderiam ser promovidas para além dos factos, das leis e das teorias, referente ao parâmetro (I) 18, no que concerne a «Textos» - «Privilegiaram mais a compreensão do que a memorização». A perita sugeriu que se introduzisse o parâmetro «Apresentam equilíbrio entre raças» na Ilustração da Parte II – Educação Sexual, uma vez que era da opinião que na apreciação de um manual escolar é fundamental verificar se este se mantém fiel ao estereótipo caucasiano ou promove a igualdade entre raças no currículo oculto. Aconselhou, ainda, que se clarificasse o parâmetro (II) 10, incluído em «Sociedade», de modo a que fosse especificado o significado de «Coloca ambos os sexos em iguais circunstâncias». Em «Reprodução Humana», no parâmetro (II) 17, a perita sublinhou a necessidade de se esclarecer como o tema poderá transmitir atitudes positivas em relação à sexualidade.

A perita professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, com quinze anos de serviço efectivo, com formação na área da Educação Sexual e uma pós-graduação na área da Educação Especial no domínio cognitivo e motor, focou alguns parâmetros que considerou de crucial importância para a apreciação de um manual escolar e a ponderar aquando da sua adopção. Reforçou a importância da auto-avaliação das actividades que o manual escolar deverá propor e da necessidade de uma estrutura organizacional simples e clara de modo a que seja de fácil utilização. Desta forma, a professora considera essencial uma avaliação que foque os aspectos mencionados. Frisou que os manuais deverão ter a preocupação de realizar uma abordagem cuidada do tema, com rigor científico, e de forma a permitir a liberdade de expressão, a igualdade entre os性os e a

naturalidade que o tema exige. A professora considerou o parâmetro (I) 11 «A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem» fundamental para a análise cuidada de qualquer tema do manual escolar, uma vez que é essencial esse equilíbrio para que haja motivação para exploração do tema por parte do(a) aluno(a).

A perita, actualmente autora de numerosos manuais escolares para o 1º Ciclo do Ensino Básico, outrora professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, ligada à formação contínua de professore(a)s desde 1989 e membro do Conselho Nacional de Educação durante cinco anos, aconselhou mudanças ao nível organizacional. A perita sugeriu algumas alterações à estrutura da ficha de caracterização e apreciação referente à graduação dos parâmetros, propondo que fossem organizados do mais restrito para o mais global ou do mais fácil de verificar para o mais difícil. A perita referiu que, na construção de um manual escolar, as políticas editoriais são algo restritivas relativamente ao espaço, havendo dificuldade em colocar tudo o que se acha essencial para a exploração do tema, uma vez que os programas são extensíssimos. A solução, segundo a perita, passa muitas vezes pelo currículo oculto e pela necessidade de executar materiais próprios de apoio ao fio condutor que o manual sugere. É no currículo oculto que é promovida a igualdade de género e de raças ou etnias. A perita alertou para a questão da tolerância, considerada no parâmetro (II) 12, uma vez que é um tema controverso, tendo a ver com a aceitação plena dos outros e do seu modo de ser, chocando com a questão do relativismo cultural, levantando controvérsias do foro ideológico. Indicou, ainda, que as ilustrações também podem estereotipar papéis, tendo esse facto sido contemplado no parâmetro II (7) «Apresentam equilíbrio entre géneros». Relativamente ao parâmetro II (8), no que concerne à «Ilustração» - «Apresentam equilíbrio entre raças», a perita frisou não ser necessário de em todas as ilustrações haver equilíbrio entre raças, uma vez que a população portuguesa é maioritariamente caucasiana e que a simples presença de outras raças será já razoável. Sugeriu a

alteração do parâmetro II (14) «Apela à responsabilização das acções» para um formato que incluísse o agir responsável, tanto pessoal como de grupo.

Todas as sugestões foram consideradas, permitindo um maior rigor, quer na estruturação da ficha de apreciação, quer na apreciação posterior de cada manual escolar.

Atendendo à sugestão da perita professora do Ensino Superior, relativamente ao esclarecimento do que se entende por comunidade científica, e recorrendo à literatura disponível on-line, no que concerne a artigos científicos e de opinião, podemos considerar que a comunidade científica é constituída por um grupo organizado que partilha um saber comum e que divulga esse saber, conscientes de que poderá ser questionável e não absoluto. A comunidade científica, a partir dos métodos científicos, produz Ciência. Produzir Ciência significa produzir conhecimento que, depois de uma reflexão conjunta e cuidada, é considerado verdade até que seja questionado de forma coerente. No entanto, consultando a opinião de Fernandes (2001), no que respeita aos manuais escolares, o rigor, no que concerne à dimensão científica, se prende com a “*inexistência de erros, incorrecções e omissões graves*” (p. 75). Os critérios definidos para o parâmetro (I)6 foram alterados.

Reflectindo sobre a questão da tolerância, levantada pela perita autora de manuais escolares para o 1º Ciclo do Ensino Básico, pode-se considerar que na Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948) ou na Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), no Preâmbulo, é reforçada a proclamação de direitos fundamentais como a igualdade entre homens e mulheres e a instauração de “*melhores condições dentro de uma liberdade mais ampla*.”. Ainda no número 1 do artigo 29 da Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989) é estabelecido pelos Estados Partes as finalidades da educação da criança, o que a alínea d) refere:

"Preparar a criança para assumir as responsabilidades da vida numa sociedade livre, num espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade entre os sexos e de amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e com pessoas de origem indígena." (alínea d) do número 1 do artigo 29).

Se por um lado deverão ser respeitados os valores culturais e tradições de cada povo, por outro é de extrema importância que esses valores não choquem com a liberdade de expressão e de convivência de cada indivíduo.

4. O Estudo de Caso

Para a realização do estudo de caso, iniciando a segunda fase da investigação em curso, foi seleccionado um Agrupamento Vertical de Escolas de acordo com o manual escolar de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade adoptado. Atendendo aos critérios de avaliação no estudo exploratório, este manual obteve classificação suficiente, no que concerne ao desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula. Pretendeu-se, pois, verificar se o manual escolar adoptado contribuía, na prática, para o desenvolvimento da Educação Sexual na sala de aula, desenvolvendo competências individuais, conferindo ênfase à mudança de atitudes e valores, aos sentimentos e à aquisição de conhecimentos científicos sobre Fisiologia e Reprodução Humana.

4.1. Caracterização dos Intervenientes no Estudo

O Agrupamento Vertical de Escolas onde se desenrolou a investigação foi constituído em 1998 e inclui dois Jardins-de-infância, duas escolas do 1º CEB e um estabelecimento de ensino do 2º e 3º Ciclos. Esta unidade organizacional, segundo o Projecto Educativo de Agrupamento, é dotada de órgãos próprios de administração e gestão, a partir de um projecto pedagógico comum, que integra verticalmente os cinco estabelecimentos de ensino, todos inseridos na mesma

freguesia. O Agrupamento era, na altura do desenrolar do estudo, frequentado por cerca de quatrocentos e setenta aluno(a)s.

As duas escolas do 1º CEB foram as envolvidas directamente no estudo efectuado, uma vez que cada uma possuía uma turma do 3º ano de escolaridade. Realizou-se uma caracterização do meio considerando o contexto cultural e socioeconómico em que as escolas se encontravam inseridas, verificando-se que apesar de se incluírem na mesma freguesia ressaltavam diferenças significativas na população escolar, determinantes para o sucesso das aprendizagens. Atendendo à descrição realizada por cada professora titular no início do ano lectivo para o Projecto Curricular de Turma, as turmas foram caracterizadas sucintamente. Foi, ainda, mencionado o nível socioeconómico demonstrado pelo(a)s pais/mães ou encarregado(a)s de educação.

4.1.1. A Escola Básica 1 E

A escola Básica1 E encontra-se localizada perto da escola sede de agrupamento. Segundo o Projecto Educativo do Agrupamento, a localidade onde se situa insere-se num meio rural em que a passagem do rio permitiu o desenvolvimento da produção de bivalves e sal. outrora existiu a actividade e comércio dos fornos de cal e dos tradicionais mouriscos fornos de telha e ladrilhos. Destaca-se o contributo da linha ferroviária para o desenvolvimento económico da freguesia. A localidade mantém o seu aspecto típico. O nível socioeconómico da população é médio baixo que, maioritariamente, trabalha por conta de outrem na construção civil, na hotelaria e no comércio. As mulheres dedicam-se a actividades domésticas, serviços de limpeza/hotelaria e de comércio. O nível de escolaridade ronda a conclusão do 1º Ciclo do Ensino Básico. Nos casos em que o nível de escolaridade se situa acima do 1.º Ciclo, verifica-se que as mulheres possuem um grau de escolaridade superior ao dos homens. Muitas das famílias desta freguesia recebem o rendimento de inserção

social, outras são apoiadas pelo Centro Paroquial, nomeadamente em alimentos e roupas.

A Escola Básica 1 E é constituída por um edifício tipo plano centenário, composto por cinco salas de aula, distribuídas por dois pisos, com instalações sanitárias. Em 2006, o edifício foi ampliado, tendo-se procedido à construção de uma sala de aula e de uma sala para refeições onde são servidas as refeições confeccionadas e transportadas pelos Serviços Sociais da Câmara Municipal.

O espaço escolar, que foi há pouco tempo sujeito a obras, é vedado por um muro e rede e integra uma área destinada a actividades desportivas e lúdicas.

Relativamente ao horário, as cinco turmas da escola funcionavam em Regime Normal: manhã, das 9:00 às 12:00; tarde, das 13:30 às 15:30.

Aquando do estudo realizado, a escola integrava cerca de cem aluno(a)s, distribuído(a)s por cinco docentes. De salientar a existência de um aluno de etnia cigana, quatro alunos provenientes de Cabo Verde, dois alunos russos e três alunos oriundos de Angola. O corpo docente era constituído por cinco professoras do Ensino Regular com turma, uma docente do Apoio Educativo e uma docente de Educação Especial. O corpo não docente era formado por uma Animadora Sociocultural, três Auxiliares da Acção Educativa (uma auxiliar destacada no refeitório) e duas Tarefeiras.

a. A Turma do 3º Ano de Escolaridade

A turma do 3º ano de escolaridade da escola E era constituída por vinte aluno(a)s: catorze raparigas e seis rapazes, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos (dezassete aluno(a)s com oito anos, dois alunos com nove anos e um aluno com doze anos). Uma aluna encontrava-se abrangida por um plano de diferenciação pedagógica e apresentava grandes dificuldades ao nível

das aprendizagens. Um aluno encontrava-se abrangido pelo Regime Educativo Especial, usufruindo de um Plano Educativo Individual e de um Programa Educativo.

O nível socioeconómico verificado era médio/baixo, os pais trabalhavam na sua maioria mas, as mães não possuíam trabalho ou exerciam profissões sazonais sem contratos de trabalho. Quanto às habilitações literárias, cerca de metade dos pais e mães concluiu o 1º Ciclo do Ensino Básico. De salientar que apenas duas mães concluíram o Ensino Secundário e duas mães possuíam um curso médio.

4.1.2. A Escola Básica 1 M

A escola Básica 1 M encontra-se localizada numa pequena localidade, à distância de 3Km da escola sede de agrupamento. O Projecto Educativo de Agrupamento descreve a localidade como um meio pequeno, constituído por duas partes distintas: a antiga e a nova. A parte antiga é caracterizada pelas casas térreas e típicas, ruas empedradas e estreitas, e casas de pequeno comércio. Possui um pequeno cais de embarque, que foi outrora local de partida e chegada da faina piscatória e do comércio de frutos secos e cortiça. A sua população vivia essencialmente da pesca e da indústria conserveira. Existem várias fábricas de conservas desactivadas cujos edifícios se apresentam actualmente bastante degradados. Aquando do encerramento das fábricas de conserva de peixe, parte da população ficou desempregada, procurando meios de subsistência nas localidades próximas, pelo que, nos dias de hoje, a localidade funciona quase como «dormitório». A parte nova traduz-se num aglomerado habitacional de prédios que tem crescido exponencialmente nestes últimos anos.

No que respeita à população, os mais velhos apresentam um elevado grau de analfabetismo e, os mais novos, não completaram a escolaridade obrigatória. A

maioria dos casais jovens trabalha nas cidades mais próximas. O nível sociocultural é médio baixo, o que se traduz na falta de expectativas profissionais e culturais.

A escola Básica 1 M foi construída em 1957, sendo actualmente formada por dois edifícios: um tipo plano centenário, composto por 4 salas de aula, uma biblioteca, um gabinete de reprografia e um pátio interior; outro edifício, de construção recente, onde funciona a cantina escolar e uma outra sala de 1º Ciclo. Cada um dos edifícios dispõe dos respectivos sanitários. Os espaços abertos que existem são de utilização comum e possuem canteiros ajardinados, um campo de jogos vedado e um parque infantil.

No que concerne ao horário, as cinco turmas da escola funcionavam em Regime Normal: manhã, das 9:00 às 12:00; tarde, das 13:30 às 15:30.

Quando foi alvo do estudo, a escola possuía uma população discente de cento e cinco aluno(a)s, distribuído(a)s por cinco docentes. De salientar a existência de dez aluno(a)s de etnia cigana e um aluno proveniente do Brasil. O corpo docente era constituído por cinco professoras do Ensino Regular com turma, uma Educadora de Infância, uma Coordenadora Itinerante de Bibliotecas (dia e meio por semana), uma docente do Apoio Educativo (doze horas e meia por semana) e uma docente de Educação Especial (três horas por semana). O corpo não docente era formado por duas Auxiliares da Acção Educativa, uma Cozinheira, uma Ajudante de Cozinha e duas Tarefeiras (a prestar funções no Refeitório e no 1º Ciclo).

a. A Turma do 3º Ano de Escolaridade

A turma do 3º ano de escolaridade da escola M era constituída por vinte e três aluno(a)s, vinte e dois aluno(a)s matriculados no terceiro ano de escolaridade e um aluno no segundo ano de escolaridade. Eram doze rapazes e onze raparigas.

As idades variavam entre os sete e os dez anos (dezoito aluno(a)s com oito anos, quatro aluno(a)s com sete anos de idade e uma aluna com dez anos). O aluno retido no segundo ano de escolaridade apresentava sérias dificuldades na articulação da comunicação/linguagem. Foram feitos os esforços necessários para usufruir de sessões de Terapia da Fala por parte da Segurança Social, mas o processo encontrava-se demorado por parte da DREALG.

O nível socioeconómico verificado era médio/baixo. Na generalidade, só um membro do agregado familiar possuía emprego. Quanto às habilitações literárias dos pais, um não possuía habilitações, quatro concluíram o 1º Ciclo, onze ficaram-se pela conclusão do 2º Ciclo, quatro completaram o 3º Ciclo e dois possuíam um curso do Ensino Superior. Quanto às habilitações literárias das mães, uma não possuía habilitações, seis mães completaram o 1º Ciclo do Ensino Básico, seis concluíram o 2º Ciclo do Ensino Básico, cinco completaram o 9º ano de escolaridade, três completaram o 12º ano e duas mães possuíam um curso do Ensino Superior.

De salientar que apenas vinte e um aluno(a)s foram incluído(a)s no estudo realizado, uma vez que uma aluna de etnia cigana se encontrava em fuga à escolaridade e o aluno matriculado no 2º ano de escolaridade apresentava sérias dificuldades em entender os conteúdos explorados, encontrando-se num nível de ensino não correspondente ao seu ano de matrícula, revelando grandes lacunas na aprendizagem.

4.1.3. As Professoras Envolvidas

As professoras envolvidas no estudo pertenciam aos Quadros de Agrupamento. A professora Maria possuía o Curso do Magistério Primário e contava com vinte e oito anos de serviço. A professora Joana era licenciada no ensino básico, variante Português/Francês, possuía uma pós-graduação na área da Educação

Especial e leccionava há treze anos. Apenas a professora Joana revelou possuir formação na área da Educação Sexual, resultante de seminários, fóruns e acções de formação. No entanto, ambas referenciaram já ter realizado actividades direcionadas para a promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula. Ambas participavam em programas e projectos escolares, no âmbito das áreas curriculares, com o(a)s aluno(a)s. Eram membros activos na comunidade escolar, exercendo funções de Coordenação de Conselho de Docentes ou de Estabelecimento e apostavam na sua formação pedagógica. Quando da realização do estudo de caso, as professoras frequentavam a formação contínua de ciências experimentais para o 1º Ciclo do Ensino Básico. Leccionando as únicas turmas do 3º ano de escolaridade do Agrupamento, as professoras realizavam frequentemente a planificação de alguns conteúdos em conjunto e efectuavam a troca de materiais didácticos e pedagógicos.

4.2. Métodos e Instrumentos de Investigação

Havendo a necessidade de diversificar os métodos e os instrumentos de investigação, de modo a que sejam conhecidas todas as vertentes a analisar em profundidade, optou-se no estudo de caso por uma triangulação metodológica: a observação, o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista.

Como já foi referido, uma triangulação metodológica permite um conhecimento preciso da realidade em estudo revelando as diferentes perspectivas com que se traduz (Carmo e Ferreira, 1998; Stake, 1998). Sendo um estudo empírico e havendo a necessidade de traduzir fielmente a realidade, a triangulação metodológica permite a revisão constante dos dados obtidos.

4.2.1. Observação

A observação efectuada às aulas das turmas do 3º ano de escolaridade, onde se desenvolveram actividades no âmbito da Reprodução Humana e da Educação

Sexual, adoptou um carácter naturalista, focando os incidentes críticos (Estrela e Estrela, 1994). A observação naturalista é apontada por Fernandes (1991) como uma “*das técnicas chave da investigação qualitativa*” (p. 64), uma vez que é “*uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural*” (Estrela, 1994: p. 45), impondo rigor na análise e estabelecendo uma interpretação rigorosa do que foi observado, já que implica a presença constante do observador ao longo da investigação em curso (Cró, 2004).

Foram poucas as sessões que foram observadas, cerca de quatro sessões em cada uma das turmas, uma vez que apenas seria pertinente a observação das aulas dedicadas ao tema da Reprodução Humana. Foi utilizada a planta da sala de aula (incluída nos relatos de sala de aula, anexo 4) com as respectivas disposições do(a)s aluno(a)s para facilitar a identificação e o registo das suas intervenções e da relação com os colegas do grupo/turma (Estrela, 1994). Foi usada uma legenda com o intuito de registar, com rigor, as intervenções do(a)s aluno(a)s e o seu comportamento perante a discussão dos assuntos ou actividades propostas. As observações registadas foram analisadas e organizadas num quadro de observações (anexo 3) que permitiu uma reflexão cuidada sobre a realidade observada (Cró, 2004). Foram efectuados relatos de sala de aula (anexo 4), de modo a traduzir fielmente a realidade observada, descrevendo todas as actividades desenvolvidas em contexto de sala de aula na área da Reprodução Humana e da Educação Sexual. As actividades que as professoras seleccionaram para realizarem com o(a)s aluno(a)s, como complemento do manual escolar, apresentavam diferentes finalidades, nomeadamente ao nível da motivação e ao nível da consolidação de conhecimentos. Os quadros seguintes representam todas as actividades que foram desenvolvidas em contexto de sala de aula, nas duas turmas observadas, e que se encontram descritas no anexo 4 referente aos relatos de sala de aula, onde são apresentados exemplos de fichas e de material pedagógico utilizado.

Competências Específicas (delineadas pelas professoras para o tema da Reprodução Humana)	S	Actividades	Finalidade	Conteúdos Abordados	Materiais
•Reconhecimento de situações de abuso sexual •Capacidade para identificar situações de risco		1. Uma História Nº 1 - 14/11/07	a) Introdução ao tema b) Motivação	*Reprodução *Fecundação	Livro "A Mamã pôs um ovo"
		2. Desenho o que penso	a) Levantamento dos conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s	*Relação sexual /acto de fazer amor	Papel e lápis
		1. Pesquiso e aprendo Nº 2 - 15/11/07	a) Identificação dos órgãos sexuais femininos e sexuais masculinos b) Aquisição da noção de fecundação c) Conhecimento das etapas do desenvolvimento intra - uterino d) Aquisição da noção de parto	*Órgãos reprodutores masculinos *Órgãos reprodutores femininos *Células sexuais: Óvulo e Espermatózóide *Maturação das células sexuais *Fecundação *Desenvolvimento intra-uterino * Parto	Fichas informativas + Ficha de Trabalho (anexo b) do anexo 4)
	Nº4 - 27/02/08	1. Discussão da apresentação em PowerPoint e comparação de imagens com o manual escolar Nº3 - 21/11/07	a) Consolidação das aprendizagens discutindo e comparando imagens b) Conhecimento das etapas do desenvolvimento intra - uterino	*Órgãos sexuais masculinos e femininos *Fecundação *Desenvolvimento intra-uterino	*Computador *Manual escolar
		1. Questionário 2. O direito de dizer "Não"	a) Aquisição da noção de abuso sexual a) Aprender a dizer "Não" b) Conhecer situações de risco	*Abuso sexual *Abuso sexual	Questionário (anexo c) do anexo 4) Ficha (anexo d) do anexo 4)

Quadro II - Actividades desenvolvidas na turma do 3º ano de escolaridade – Escola E

S	Actividades	Finalidade	Conteúdos Abordados	Materiais
Competências Específicas (delineadas pelas professoras para o tema da Reprodução Humana)	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade para distinguir fisiologicamente o género masculino do género feminino • Identificação das diferentes etapas que levam ao nascimento de um novo ser 	<p>1. Jogo de Palavras</p> <p>2. Duas Histórias</p> <p>3. Jogo de Palavras</p> <p>4. Conta uma história</p>	<p>a) Introdução ao tema b) Motivação</p> <p>a) Contextualização do tema b) Definição de reprodução c) Levantamento dos conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s</p> <p>a) Identificação dos órgãos sexuais femininos e sexuais masculinos b) Distinção fisiológica entre os sexos</p> <p>a) Reflexão sobre a importância da higiene</p>	<p>• Identificação da reprodução como processo vital comum a todos os seres vivos</p> <p>• Capacidade para distinguir fisiologicamente o género masculino do género feminino</p> <p>• Desenvolvimento de hábitos de higiene corporal</p> <p>Nº 1 - 3/12/07</p> <p>*Reprodução *Fecundação *Células sexuais *Órgãos reprodutores</p> <p>*Órgãos reprodutores masculinos *Órgãos reprodutores femininos</p> <p>*Higiene</p> <p>Livro "O Mundo cheio de Bebés"</p> <p>*Células sexuais: Óvulo e Espermatozóide</p> <p>*Caracteres sexuais secundários *Maturação das células sexuais *Fecundação</p> <p>* Fecundação *Desenvolvimento intra-uterino * Parto</p> <p>*Órgãos sexuais masculinos e femininos</p> <p>*Fecundação *Desenvolvimento intra-uterino * Parto</p> <p>*Abuso sexual</p> <p>*Abuso sexual</p> <p>*Abuso sexual</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de situações de abuso sexual • Capacidade para identificar situações de risco 	<p>1. Leio o livro "O Mundo cheio de Bebés"</p> <p>2. Discussão da apresentação em PowerPoint</p> <p>3. Recorta e cola</p>	<p>a) Comparação do tempo gestação de vários animais b) Comparação de gâmetas c) Concluir que todos os animais se reproduzem</p> <p>a) Conhecimento das mudanças na puberdade b) Aquisição da noção de fecundação</p> <p>a) Conhecer as diferentes etapas desde a concepção até ao nascimento</p>	<p>Nº 2 - 6/12/07</p> <p>Ficha (anexo f) do anexo 4)</p> <p>Computador; Data show</p> <p>Ficha (anexo g) do anexo 4)</p> <p>Etiquetas em cartolina</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de situações de abuso sexual • Capacidade para identificar situações de risco 	<p>1. Observo e colo</p> <p>2. Ficha de Trabalho</p>	<p>a) Consolidação das aprendizagens</p> <p>a) Consolidação das aprendizagens</p>	<p>Nº 3 - 7/12/07</p> <p>Etiquetas em cartolina</p> <p>Ficha (anexo h) do anexo 4)</p>
		<p>1. Questionário</p> <p>2. O direito de dizer "Não"</p> <p>3. Faço um desenho</p>	<p>a) Aquisição de noção de abuso sexual</p> <p>a) Aprender a dizer "Não" b) Conhecer situações de risco</p> <p>a) Descrever situações de risco b) Consolidação das aprendizagens</p>	<p>Nº 4 - 24/01/08</p> <p>Questionário (anexo i) do anexo 4)</p> <p>Ficha (anexo d) do anexo 4)</p> <p>Papel e lápis de cor</p>

Quadro III – Actividades desenvolvidas na turma do 3º ano de escolaridade – Escola M

As professoras mencionaram que, para além destas quatro sessões observadas, foram realizadas actividades pontuais nos restantes dias envolvendo temas como a discriminação de género e os afectos, incluídas na abordagem de conteúdos das outras áreas curriculares.

No final de cada aula observada, as professoras realizaram uma reflexão acerca do que desenvolveram e dos resultados obtidos, nomeadamente a adesão do(a)s aluno(a)s às actividades propostas e justificando o uso de outros materiais para além do manual escolar. Depois das quatro sessões observadas, foi pedido às professoras que tecessem algumas considerações em forma de conclusão/reflexão atendendo a tudo o que foi explorado em contexto de sala de aula. Estas reflexões expressas nos relatos de sala de aula (anexo 4) foram alvo de uma análise de conteúdo tendo em conta as categorias do quadro seguinte:

Categorias	Subcategorias
1. Actividades	a) Desenvolvimento das actividades b) Identificação das actividades que não corresponderam ao que era pretendido c) Indicação de alternativas ao desenrolar dessas actividades d) Indicação das dificuldades sentidas e) Medidas para as superar
2. Manual Escolar/Outros Recursos	f) Justificação do uso do manual escolar g) Justificação do uso de outros materiais pedagógicos
3. Consolidação de Saberes	h) Aquisição de conhecimentos sobre Reprodução Humana i) Constatatação de mudanças nas atitudes e valores

Quadro IV – Grelha de Análise das Reflexões expressas nos Relatos de Sala de Aula

4.2.2. Inquérito por Questionário

Foram administrados inquéritos por questionário aos(as) aluno(a)s. Ambas as turmas foram submetidas a um pré-teste e a um pós-teste com a finalidade de averiguar a aquisição de conhecimentos no tema da Reprodução Humana, a verificação de mudanças nas suas atitudes e valores no que concerne ao estereótipo de géneros, a relações interpessoais e sentimentos e ao desenvolvimento de competências individuais. O pré-teste foi administrado no 1º período, antes da leccionação do tema da Reprodução Humana e o pós-teste foi administrado no início do 3º período. O inquérito por questionário (anexo 5) foi composto por quatro actividades, de natureza diversificada, que pretendiam conseguir informação qualitativa, rica e detalhada acerca destas áreas, sendo necessário realizar uma análise de conteúdo das respostas do(a)s aluno(a)s (Bogdan e Biklen, 1994; Oppenheim, 2004; Hill e Hill, 2005).

A primeira actividade – Desenho dos Órgãos do Corpo Humano – pedia aos (às) aluno(a)s que desenhassem os órgãos em dois contornos que representavam o corpo, com a legenda «menina» e «menino» em cada um deles. Era proposto que desenhassem a caneta os órgãos pertencentes ao interior do corpo, a lápis os órgãos pertencentes ao exterior e que efectuassem a respectiva legenda. Esta actividade possuía a finalidade de indagar se o(a)s aluno(a)s distinguiam os contornos correctamente, desenhando os caracteres sexuais primários e os caracteres sexuais secundários do menino e da menina, se legendavam correctamente os caracteres desenhados, atribuindo-lhes um nome científico e se os localizavam correctamente no corpo.

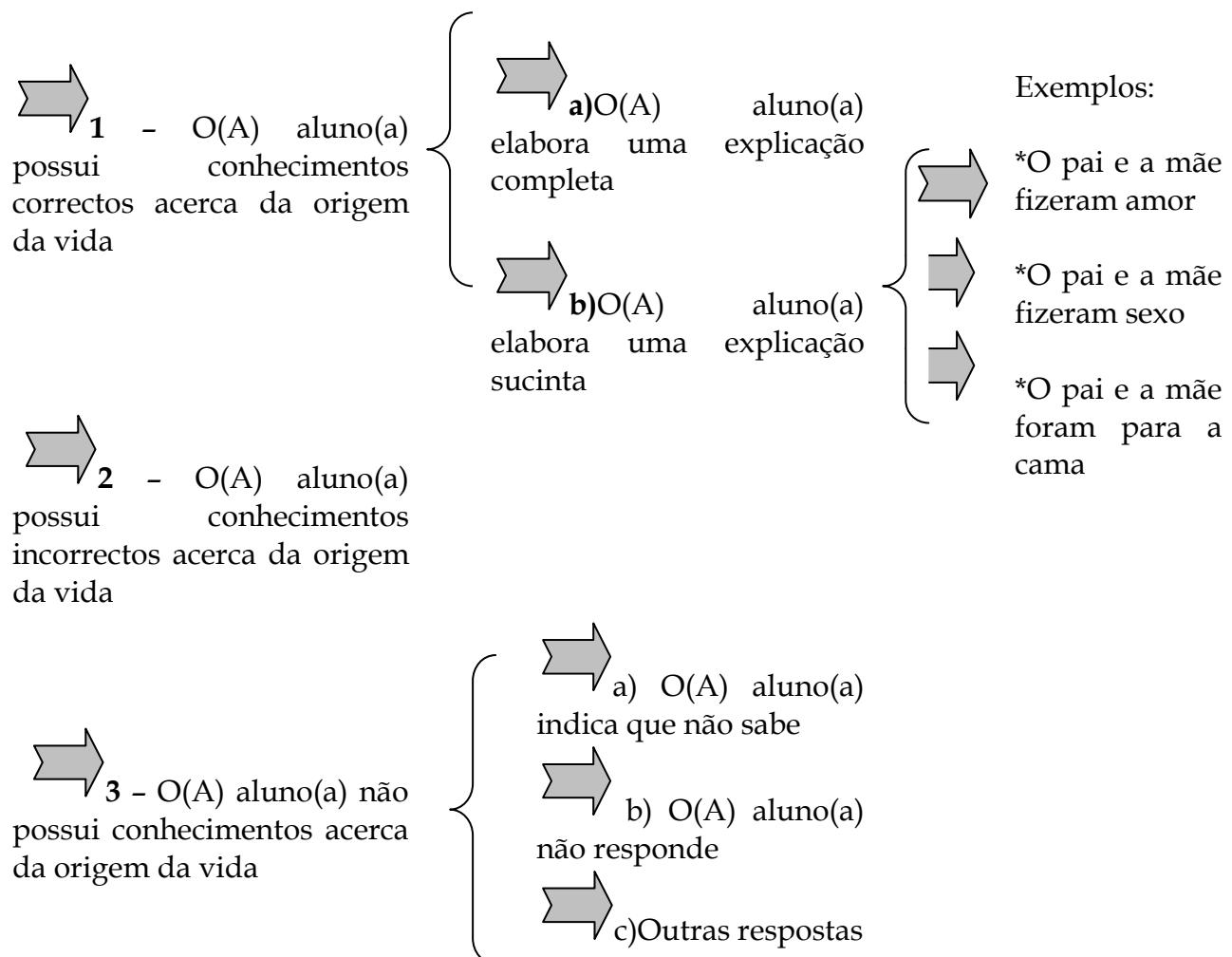
Realizando uma análise de conteúdo, foram consideradas as seguintes categorias e subcategorias dispostas no quadro V.

Menino/Menina		
Categorias/Subcategorias		
Não Desenhou		Caracteres Sexuais Primários
		Caracteres Sexuais Secundários
		Nenhuns
Desenhou sem Nomear		Caracteres Sexuais Primários
		Caracteres Sexuais Secundários
Desenhou e Nomeou	Nome Científico	Caracteres Sexuais Primários
		Caracteres Sexuais Secundários
	Nome Vulgar	Caracteres Sexuais Primários
		Caracteres Sexuais Secundários
Localização	Correcta	Caracteres Sexuais Primários
		Caracteres Sexuais Secundários
	Incorrecta	Caracteres Sexuais Primários
		Caracteres Sexuais Secundários

Quadro V – Grelha de Análise das Respostas ao Questionário Administrado aos(as) Aluno(a)s – 1^a Actividade

A segunda actividade - Fecundação - pretendia que o(a)s aluno(a)s descrevessem como se realiza a fecundação a partir de uma situação hipotética, em que a mãe é questionada pelo(a)s filho(a)s sobre o modo como o bebé que cresce na sua barriga apareceu. A partir desta actividade, pretendia-se verificar os conhecimentos que o(a)s aluno(a)s possuíam acerca da origem antes do desenvolvimento das actividades (no pré-teste) e depois do desenvolvimento das mesmas (no pós-teste) e, desta forma, apurar se o(a)s aluno(a)s abandonaram os seus conhecimentos prévios acerca do assunto, muitas vezes errados, e adquiriram um conhecimento correcto acerca da fecundação. Todas

as respostas foram alvo de uma análise de conteúdo, quantificando-as, de acordo com o disposto no quadro seguinte:



Quadro VI – Grelha de Análise das Respostas ao Questionário Administrado aos(as) Aluno(as) – 2^a Actividade

Quanto à terceira actividade - Conta uma História - foi pedido aos(as) aluno(as) que contassem uma história a partir de quatro vinhetas apresentadas. As vinhetas sugeriam a abordagem de um adulto a duas crianças, oferecendo-lhes guloseimas se o acompanharem de carro à casa dele. Esta história permitiu introduzir o tema do abuso sexual de menores e averiguar se o(as) aluno(as) se encontravam despertos para este tipo de situações antes e depois das actividades propostas. As histórias foram submetidas a uma análise de conteúdo, tendo por base as seguintes categorias e subcategorias:

- 1 - O(A) aluno(a) elaborou uma história baseando-se nas vinhetas apresentadas
- 2 - O(A) aluno(a) elaborou uma história mas não se baseou nas vinhetas apresentadas
- 3 - O(A) aluno(a) não elaborou a história
- { → a) A história do(a) aluno(a) sugere que está alerta para possíveis situações de abuso sexual
 { → b) A história do(a) aluno(a) não sugere que esteja alerta para situações de possível abuso sexual

Quadro VII – Grelha de Análise das Respostas ao Questionário Administrado aos(as) Aluno(as) – 3^a Actividade

Na quarta actividade – Brinquedos e Tarefas – era pedido aos(as) aluno(as) que escolhessem, mediante uma listagem de brinquedos e tarefas, quais os que pertenciam à Joana e quais os que pertenciam ao João. Pretendeu-se verificar se houve uma mudança de atitudes entre o pré-teste e o pós-teste relativamente aos papéis sexuais sociais. As respostas foram contabilizadas e traduzidas para gráficos de barras.

Todas as actividades incluídas no questionário tinham já sido validadas num projecto de Educação Sexual, realizado numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico em 2003, alvo de um estudo de caso efectuado numa investigação anterior, da qual resultou na dissertação de mestrado da investigadora (Diogo, 2003). No entanto, todas as actividades sofreram ligeiras alterações de acordo com o que era pretendido com a administração do questionário.

4.2.3. Inquérito por Entrevista

Foram administrados inquéritos por entrevista às professoras das turmas do 3º ano de escolaridade. A entrevista realizada abrangeu quatro momentos distintos, consoante o que se pretendia indagar. Num primeiro momento, possuía o propósito de apurar a importância que as professoras envolvidas conferiam ao tema da Reprodução Humana, a sua opinião acerca do manual escolar adoptado, relativamente ao modo como explorava o tema e quais as dificuldades que supunham ter de superar ao introduzir o tema em contexto de sala de aula. Num segundo momento, a entrevista apresentava o intuito de averiguar o modo como as professoras pretendiam fomentar a Educação Sexual em contexto de sala de aula, com a ajuda ou não do manual escolar e que recursos utilizariam, tendo em conta a sua definição de Educação Sexual. Num terceiro momento, a entrevista inquiriu acerca do que deveria constar num manual de Educação Sexual e qual a função dos manuais escolares. Finalmente, num quarto momento, que teve lugar após a leccionação do tema, era pedido às professoras que tecessem as considerações que achassem pertinentes acerca da leccionação e exploração do tema e da aprendizagem conseguida.

Foi, pois, elaborado um “guião de entrevista” (anexo 6) para que houvesse um desenrolar coerente entre os assuntos a abordar, mas que deixasse abertura para questões que pudessem surgir (Ludke e André, 1986; Tuckman, 2002). Segundo Oppenheim (2004), a entrevista é uma tarefa que implica uma certa complexidade, uma vez que é necessário criar um clima propício à colocação das perguntas, de modo a que o entrevistado fique à vontade. Por outro lado, é necessário atender à importância da descrição com rigor de toda a informação obtida, uma vez que qualquer pormenor pode ser fundamental para compreender a realidade estudada. Desta forma, foi dado a conhecer às entrevistadas os objectivos da investigação e o que era pretendido com o inquérito por entrevista. Propôs-se e pediu-se autorização para a gravação das entrevistas para que houvesse uma transcrição fiel de tudo o que fosse tratado, mas clarificando-se que as professoras estariam protegidas pelo anonimato e,

por isso, livres de colocar qualquer questão ou de comentar o que achassem pertinente. No fim de cada entrevista, procedeu-se à revisão dos pontos abordados e foi pedido às entrevistadas um *feedback* que contemplasse a revisão efectuada, para que houvesse uma maior compreensão de todos os factos. Foi-lhes, ainda, explicado como se iria proceder à análise das entrevistas.

Atendendo aos quatro momentos que traduziam o que era pretendido com a entrevista, foram elaboradas oito questões que permitiram um maior entendimento da realidade educativa. O primeiro momento compreendeu três questões: na primeira questão, pretendeu-se averiguar a opinião das professoras acerca da importância do tema da Reprodução Humana no currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico; a segunda questão teve como objectivo indagar qual a opinião das professoras no que concerne à abordagem do tema da Reprodução Humana do manual escolar; a terceira questão apurou quais as dificuldades que teriam de superar para desenvolver o tema em contexto de sala de aula. O segundo momento abrangeu as seguintes questões: a questão quatro, que pretendia que as professoras elaborassem uma definição para Educação Sexual; a questão cinco que, partindo da definição dada na questão anterior, averiguou o modo de como o manual escolar adoptado fomentava a Educação Sexual; a questão seis, em que as professoras foram inquiridas quanto aos recursos que teriam de usar para colmatar possíveis lacunas que o manual escolar pudesse apresentar, de modo a promover a Educação Sexual. O terceiro momento englobou as seguintes questões: a questão sete, que pretendeu indagar, na opinião das professoras, o que deveria constar num manual de Educação Sexual; a questão oito em que foi pedido às professoras que emitissem a sua opinião sobre a função de um manual escolar. As professoras emitiram as considerações finais (categoria 9 do Quadro VII), incluídas no quarto momento, depois da abordagem dos conteúdos sobre Reprodução Humana e da realização das actividades.

As entrevistas efectuadas foram alvo de uma análise de conteúdo, tendo sido estabelecidas as seguintes categorias e subcategorias:

	Categorias	Sub Categorias
1º Momento	1. Reprodução Humana no currículo do 1º Ciclo.	a) Relevância do tema no currículo b) Competências básicas a desenvolver pelo(a)s aluno(a)s c) Conteúdos a abordar considerados essenciais
	2. Abordagem do tema pelo manual escolar adoptado.	d) Relevância do manual escolar adoptado na abordagem do tema e) Outras possíveis abordagens
	3. Dificuldades no desenvolvimento do tema na sala de aula.	f) Dificuldades g) Medidas para as superar
2º Momento	4. Definição de Educação Sexual.	h) Descrição do que é a Educação Sexual
	5. Promoção da Educação Sexual pelo manual escolar.	i) Actividades que promovem a Educação Sexual no manual escolar j) O que falta no manual escolar para promover a Educação Sexual
3º Momento	6. Recursos a utilizar na promoção da Educação Sexual na sala de aula.	k) Recursos humanos l) Recursos materiais m) Outros recursos mencionados
	7. Constituição de um manual de Educação Sexual	n) Actividades a incluir num manual de Educação Sexual o) Conteúdos a explorar num manual de Educação Sexual p) Outras sugestões
4º Momento	8. Opinião acerca da função do manual escolar.	q) O manual escolar como motivação r) O manual escolar como aquisição de informação s) O manual escolar como consolidação de conhecimentos t) Indicação de outra função
	9. Considerações finais	u) Opinião acerca das actividades desenvolvidas v) Importância da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico w) Sugestões de abordagem da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico

Quadro VIII – Grelha de Análise das Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista

5. Tratamento de Dados

Com o intuito de realizar uma caracterização e apreciação exaustiva, rigorosa e coerente de cada manual escolar, foi fundamental a realização de uma análise de conteúdo do capítulo da Reprodução Humana que cada manual apresentava. Mediante a elaboração de parâmetros e o estabelecimento de critérios dispostos numa ficha de apreciação foi possível avaliar e comparar os diferentes manuais escolares relativamente à exploração do tema da Reprodução Humana e a promoção da Educação Sexual através de actividades sugeridas. Desta forma, contemplaram-se as quatro fases da análise de conteúdo, distinguidas por Robert e Bouillaguet (2002): a pré-análise, o estabelecimento de categorias, a quantificação e a interpretação.

De salientar que os inquéritos por questionário administrados aos(as) aluno(a)s e o inquérito por entrevista administrado às professoras foram também alvo de uma análise de conteúdo, permitindo a quantificação das respostas e possibilitando a sua clara interpretação (Carmo e Ferreira, 1998). Todas as questões integradas nos inquéritos administrados foram categorizadas com o intuito de facilitar a sua análise, como sugere Carmo e Ferreira (1998), devendo o estabelecimento de categorias permitir uma leitura clara do que se pretende aferir, respondendo, segundo Robert e Bouillaguet (2002) “à *quatre qualités fondamentales. Elles doivent être pertinentes, exhaustives, exclusives, objectives.*” (pp. 29). No caso do inquérito por entrevista, as categorias foram previamente estabelecidas de modo a que houvesse um fio condutor no desenrolar da entrevista, sugerido por Bogdan e Bilken (1994).

Todos os dados obtidos permitiram a realização de uma estatística descritiva mas, o número de aluno(a)s incluído(a)s no estudo não justificou outro tratamento estatístico mais específico. A metodologia utilizada também não possibilitou que houvesse generalização das conclusões.

Capítulo V

Resultados

Introdução

Os dados obtidos a partir dos instrumentos de investigação utilizados, considerando o problema, os objectivos e as questões de investigação levantadas que serviram de fio condutor a todo o processo de investigação, foram alvo de uma análise cuidada, apresentando-se os resultados. Para a execução de uma melhor leitura dos resultados obtidos, o capítulo encontra-se dividido em dois subcapítulos: Resultados obtidos a partir do Estudo Exploratório e Resultados obtidos a partir do Estudo de Caso.

A análise dos dados conseguidos a partir do estudo exploratório serviu de ponto de partida para uma reflexão crítica acerca do contributo dos manuais escolares para o desenvolvimento da Educação Sexual e da sua importância em contexto de sala de aula. Desta forma, no subcapítulo 1, são discutidos os resultados do Estudo Exploratório realizado a dezassete manuais escolares de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade do ensino básico relativamente ao tema da Reprodução Humana. Recorreu-se aos dados fornecidos pela Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar, que foi elaborada para este estudo e preenchida para cada manual (Anexo 7), atendendo aos critérios definidos para cada parâmetro de avaliação (Anexo 2), permitindo a comparação ampla dos manuais disponíveis no mercado.

No subcapítulo 2 são apresentados os resultados obtidos a partir do Estudo de Caso realizado num Agrupamento Vertical de Escolas do Barlavento Algarvio, atendendo à observação realizada às turmas do 3º ano de escolaridade, ao inquérito por questionário administrado aos(as) aluno(a)s antes e depois da leccionação do tema da Reprodução Humana (pré-teste e pós-teste) e ao inquérito por entrevista realizado às professoras de cada turma. A entrevista

permitiu apurar quais as concepções das professoras relativamente ao uso dos manuais escolares, que actividades foram escolhidas para colmatar possíveis lacunas apresentadas pelo manual e facultaram a recolha de opiniões sobre a evolução de conhecimentos ou mudança de atitudes e valores no(a)s aluno(a)s. A entrevista indagou, ainda, quais as actividades que as professoras consideravam pertinentes para incluir num manual de Educação Sexual e qual a opinião acerca da função do manual escolar.

1. Resultados obtidos a partir da condução do Estudo Exploratório

A análise comparativa dos dezassete manuais escolares disponíveis no mercado foi efectuada e foram construídos gráficos para apresentação dos resultados, atendendo às áreas a avaliar.

Em relação à I Parte - Aspectos Gerais - no que concerne à «Estrutura Organizacional» podemos observar os resultados no gráfico I.

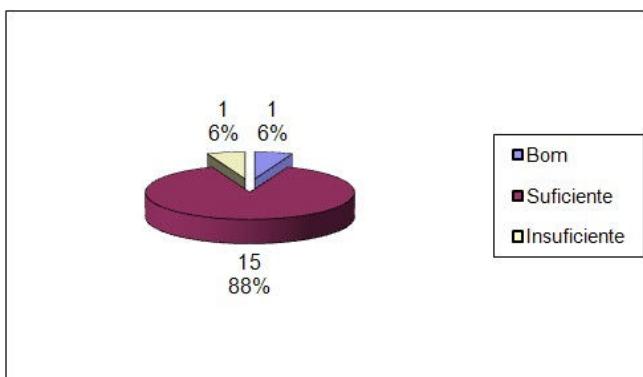


Gráfico I - I Parte - Estrutura Organizacional - Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

O único manual escolar que obteve classificação de Bom revelava uma boa estruturação do tema Reprodução Humana, sugeria actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas e incluía uma boa proposta de avaliação das actividades. Destacaram-se três (18%) manuais que, apesar da obtenção da classificação de Suficiente nesta área, sugeriam actividades para

aprendizagens autónomas, obtendo boa classificação neste parâmetro, e outro manual escolar (6%) que incluía uma boa proposta de avaliação das actividades. Considerando o manual escolar um suporte de aprendizagem que comporta um conjunto de linhas orientadoras que guiam a dinâmica ensino/aprendizagem torna-se pertinente que o manual sugira actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas, de modo a permitir o crescimento autónomo do(a) aluno(a) no saber, oferecendo-lhe um leque de alternativas para a aquisição de um mesmo conteúdo. Uma actividade para aprendizagem autónoma pode englobar a realização de uma pesquisa sobre o nascimento de cada um do(a)s aluno(a)s, como sugere o seguinte manual escolar.



Actividade

Pesquisa:

Faz uma pesquisa sobre o teu nascimento.

- a) Quanto tempo durou a gravidez da tua mãe?
- b) Que cuidados teve a tua mãe durante a sua gravidez?
- c) Em que dia, hora e mês nasceste?
- d) Como nasceste? Foi parto normal ou cesariana?
- e) Quanto pesavas?
- f) Quanto medias?

Imagen I – Giroflé, p. 26

Esta pesquisa poderá, posteriormente, suscitar dúvidas, que depois de colocadas pelo(a)s aluno(a)s e devidamente esclarecidas, contribuirão para a aquisição de conhecimentos de forma significativa. A actividade confere, pois, protagonismo ao(à) aluno(a) na aprendizagem, ao mesmo tempo que concede relevância ao seu nascimento. No que concerne à avaliação das actividades, verificou-se que seis (36%) manuais não incluíam proposta de avaliação das actividades referentes à Reprodução Humana, o que é considerado gravoso. É

de evidenciar que todas as actividades realizadas em contexto de sala de aula carecem de avaliação, forma mais arcaica de averiguar se houve consolidação do saber por parte do(a)s aluno(a)s. O manual deverá contemplar a avaliação nas suas diferentes formas. Observou-se que quatro (24%) manuais escolares incluíam a auto-avaliação no tema da Reprodução Humana. O exemplo seguinte é retirado de um manual escolar que inclui uma proposta de auto-avaliação com o intuito do(a)s aluno(a)s averiguarem quais os conteúdos onde apresentam maiores dificuldades de aprendizagem.

Auto-avaliação

Consulta a página 6 (*Como fazer a minha auto-avaliação*), responde Sim (S) ou Não (N) a cada um dos pontos e descobre a(s) razão(ões) do teu sucesso ou das tuas dificuldades.

1 2 3 4 5 6 7 8
 9 10 11 12 13 14 15

Imagen II – Giroflé, p. 29

As questões colocadas na página 6 do referido manual pretendem que o(a) aluno(a) reflecta sobre as competências que usou para a aquisição do conhecimento, nomeadamente ao nível de hábitos e métodos de trabalho e estudo, de regras de conduta, da autonomia e da responsabilidade. Pretende que o(a) aluno(a) se consciencialize das dificuldades que possui e que tome a iniciativa de as superar. Atendendo aos factos, revela-se pertinente uma boa estrutura organizacional do tema Reprodução Humana para que haja uma contribuição efectiva para a promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula através do manual escolar. O manual escolar contribuirá para a construção do saber e estará a desenvolver um conjunto de competências individuais fundamentais na aprendizagem, se oferecer uma utilização fácil, se promover actividades autónomas e diversificadas e se contemplar a avaliação.

Relativamente a «Conteúdo», onde se pretendia avaliar a existência de rigor científico, o desenvolvimento de competências descritas no Currículo Oficial e a informação fornecida, eis os resultados organizados no gráfico II:

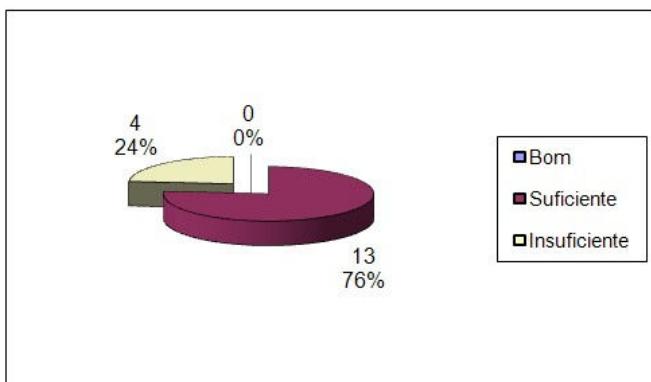


Gráfico II - I Parte - Conteúdo – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

De salientar que no parâmetro (I) 5, que avaliava se o conteúdo se encontrava de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial, apenas um manual (6%) alcançou boa classificação, uma vez que contemplava todas as competências previstas, nomeadamente na área da higiene pessoal, considerada fundamental quando se explora questões relacionadas com a função reprodutora ou com o corpo em geral. No parâmetro (I) 6, que avaliava o rigor científico na apresentação de conhecimentos, verificou-se que sete (42%) manuais ainda usavam o termo "*Aparelho Reprodutor*" e que alguns dos manuais avaliados apresentavam pouco rigor aquando da definição de fecundação "(...) *que se junte um elemento do pai com um elemento da mãe para formar um ovo.*" (Pitágoras e o Meio); "(...) *um elemento masculino e um elemento feminino.*" (Bambi 3) – observando-se concretamente dois manuais com erros científicos evidentes – "(...) *espermatozóide do Pai se une a um ovo da Mãe.*" (Vá de Roda); "*Depois de fecundado, o óvulo aloja-se no útero materno (...)*" (Trampolim 3). Aquando da descrição do nascimento do bebé observou-se algumas incorrecções – "*Para nascer, o bebé tem de passar pela vagina.*" (Júnior); "*Por contracções do útero o bebé nasce.*" (Pirilampo). Apenas o manual Caminhos indicava que o bebé nascia pela vagina se o parto fosse «normal» e fazia menção ao parto por cesariana, adicionando informações relativamente à origem do umbigo e à denominação de prematuro. Estas informações funcionam como motivação para a exploração

do tema, estimulando a curiosidade natural do(a) aluno(a) e levando-o(a) a questionar como ocorreu o nascimento de cada um(a), ou a olhar para o seu próprio corpo, conferindo significado ao conhecimento que se pretende estruturar. No que concerne ao parâmetro (I) 7, que apurava se a informação fornecida para cada conteúdo abordado se revelava suficiente, é de referir que oito (47%) manuais escolares não possuíam informação suficiente para cada conteúdo abordado, constatando-se a abordagem fugaz dos conteúdos ao nível dos órgãos reprodutores e da fecundação. Os erros ou incorrecções observados, mesmo conotados de leves ou moderados, podem influenciar a aquisição com rigor das aprendizagens, levando à construção inadequada do saber, abrindo-se a possibilidade de consolidar conhecimentos pouco correctos que depois serão difíceis de desconstruir. Um manual escolar que promova a Educação Sexual em contexto de sala de aula, jamais poderá conter erros, incorrecções ou omissões a nível científico. A informação que veicula terá de ser pertinente e rigorosa e terá de traduzir o disposto no Currículo Oficial, no que concerne às competências a desenvolver no(a)s aluno(a)s.

Quanto à «Ilustração», atendendo à relevância das mesmas, à articulação com o texto que pretendiam ilustrar, à legendagem e à variedade, os resultados foram mais satisfatórios, como se pode observar no gráfico III:

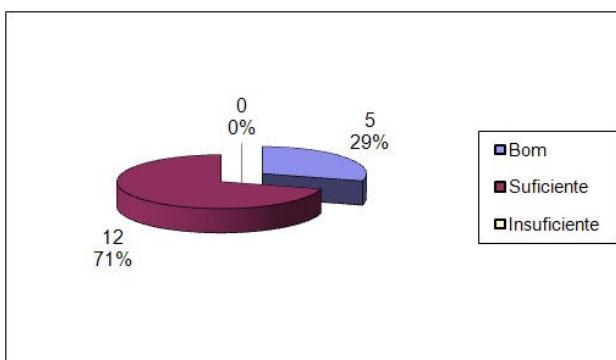


Gráfico III - I Parte - Ilustração – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

Os cinco (29%) manuais que receberam classificação de Bom apresentavam ilustrações bem localizadas em relação ao texto que ilustravam consoante

pretendessem ser motivadoras, informativas ou de síntese (parâmetro (I) 14). No entanto, dois desses manuais apresentavam sempre o mesmo tipo de ilustração (parâmetro (I) 15) - o desenho - impedindo o(a)s aluno(a)s de receber maior e melhor informação. Relativamente ao parâmetro (I) 13, referente à apresentação de legenda adequada, verificou-se que um (6%) manual não apresentava qualquer tipo de legenda nas ilustrações apresentadas e quatro (24%) manuais não legendavam os órgãos reprodutores. Apenas um (6%) manual - Caminhos - efectuou a legenda de «escroto» e «vulva», distinguindo-os de «testículo» e «vagina», respectivamente. Não houve manuais com classificação de Insuficiente, considerando os sete parâmetros que avaliavam esta área. Alguns manuais não apresentavam ilustração variada ou legendagem adequada, mas exibiam ilustrações relevantes em relação ao conteúdo a explorar ou demonstravam articulação conceptual entre o texto e a imagem, conferindo significado aos conteúdos e aprofundando-os, possibilitando uma melhor aprendizagem por parte do(a)s aluno(a)s. A ilustração veicula informação, sendo um recurso essencial para conferir significado ao texto que acompanha.

Quanto a «Textos», no que concerne ao nível de legibilidade, ao rigor e à menção de problemas actuais, eis os resultados apresentados no gráfico IV:

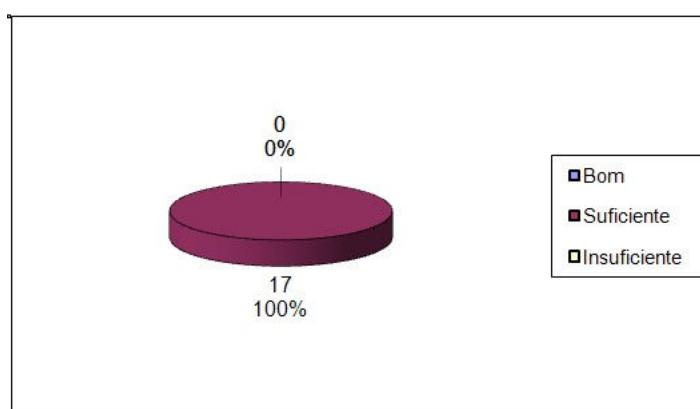


Gráfico IV - I Parte – Textos – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

Apesar de todos os manuais escolares terem alcançado classificação de Suficiente na área referida, individualizando o parâmetro (I) 19, que avaliava se

o manual focava temas e problemas actuais, todos os manuais foram avaliados com Insuficiente. Tem-se vindo a tornar emergente a abordagem de temas tão actuais como o abuso sexual de menores, uma vez que os casos de aliciamento de crianças com recurso às novas tecnologias (inclusive através das redes sociais) é cada vez mais frequente, sendo considerado fundamental a exploração de situações de risco para a prevenção de casos de abuso. Um manual escolar promotor da Educação Sexual terá de contemplar o desenvolvimento de competências que capacitem a criança a dizer «não» e a avaliar situações de risco. Constatou-se, ainda, que nenhum dos manuais analisados aborda a temática do VIH/SIDA, denotando-se a necessidade da sua abordagem em contexto escolar a partir do 1º Ciclo do Ensino Básico, numa perspectiva de prevenir futuros comportamentos de risco. No que concerne aos parâmetros (I) 16 e (I) 17, à excepção de sete (42%) manuais, os restantes apresentavam um bom nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a)s aluno(a)s e apresentavam-se claros e rigorosos do ponto de vista linguístico, facilitando a exploração do manual e a compreensão textual por parte do(a)s aluno(a)s.

A análise do manual escolar, considerando os parâmetros definidos para a I Parte – Aspectos Gerais – da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar, pode ser efectuada para qualquer unidade temática do manual. Pretende ser generalizada e avalia o manual nos pontos que devem ser encarados como essenciais para a definição de um bom manual escolar, atendendo ao papel que desempenham e à sua presença inquestionável nas escolas portuguesas.

Na II Parte – Educação Sexual – no que concerne à «Metodologia», atendendo à interdisciplinaridade do tema com outras áreas curriculares ou à inter-relação com outros conteúdos programáticos e à atitude crítica, eis o gráfico V que explicita os resultados:

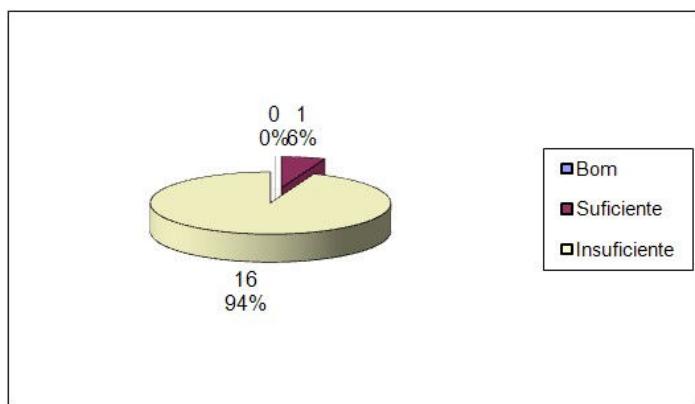


Gráfico V - II Parte – Metodologia – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

O manual escolar (6%) que obteve classificação de Suficiente promovia a compreensão de conceitos e sugeria interdisciplinaridade com outras áreas curriculares, com a Língua Portuguesa mais precisamente. Para a Educação Sexual é essencial que o manual permita o desenvolvimento de competências noutras áreas curriculares, havendo um encadeamento teórico como ocorre com todas as áreas curriculares no 1º Ciclo do Ensino Básico, não havendo compartimentação disciplinar. O(A) aluno(a) transfere o seu saber adquirido numa área curricular, para outra área curricular, enriquecendo intrinsecamente e construindo o seu próprio conhecimento. Há, ainda, a salientar os dois (12%) manuais escolares que obtiveram classificação de Suficiente no parâmetro (II) 4 que indagava se os manuais fomentavam uma atitude crítica. A capacidade de o(a) aluno(a) questionar a informação fornecida é um passo fundamental para a construção de um espírito crítico, levando-o(a) a desmantelar ideias pré concebidas, muitas vezes erradas, que dificultam a consolidação de conhecimentos com rigor científico. Estimulando o(a)s aluno(a)s a evidenciarem uma atitude crítica revela-se um contributo essencial na formação de mentes autónomas e empreendedoras.

Relativamente à «Ilustração» verificou-se se o manual, na abordagem do tema, revelava equilíbrio entre género, rigor científico ou se demonstrava produtos de avanços tecnológicos na ilustração apresentada. Eis os resultados obtidos no gráfico VI:

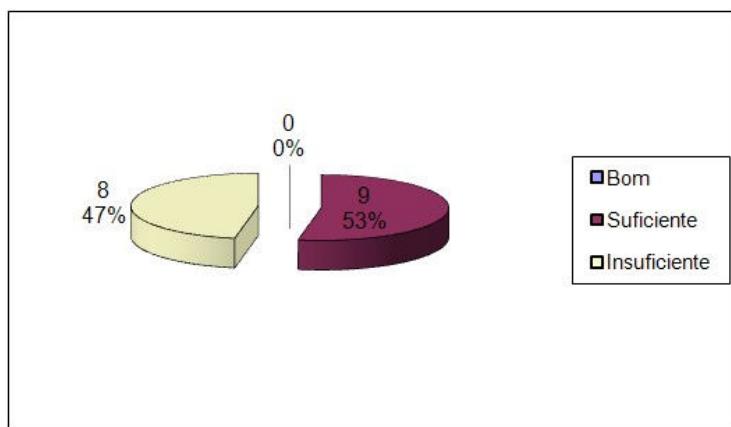


Gráfico VI - II Parte - Ilustração – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

Não houve manuais escolares com classificação de Bom tendo-se verificado no parâmetro (II) 5, relativamente ao rigor científico, a obtenção de Insuficiente por oito (47%) manuais. O exemplo seguinte demonstra uma ilustração do “Aparelho Reprodutor/Sexual”.



Imagen III – Papagaio, p. 17

Constatou-se ser a única ilustração inserida no tema da Reprodução Humana neste manual, não se verificando a legendagem dos órgãos sexuais externos, nem referência aos órgãos sexuais internos. Dois manuais escolares não foram avaliados neste parâmetro por não ilustrarem os órgãos sexuais nem o desenvolvimento intra-uterino. Os restantes manuais obtiveram classificação de Suficiente. É fundamental o rigor científico na ilustração de um manual escolar. Muitas vezes, o(a)s aluno(a)s constroem o conhecimento a partir da observação de imagens. Visualizando uma imagem com pouco rigor, o(a)s aluno(a)s poderão adquirir ideias erradas difíceis de refutar. Relativamente ao parâmetro (II) 6, que avaliava se as ilustrações do manual demonstravam produtos de avanços tecnológicos, constatou-se que dois (12%) manuais apresentavam

algumas ilustrações nestas condições e um (6%) manual introduziu a unidade temática, que engloba o estudo de todos os sistemas, com uma ilustração que se insere neste contexto. Estas ilustrações apresentavam imagens com maior definição, contribuindo, mais uma vez, para um maior rigor na aquisição dos conhecimentos, como se verifica pelos exemplos retirados dos manuais escolares referenciados em legenda.



Fig. 5 Feto e cordão umbilical.

Imagen IV – Giroflé, p. 27



Espermatozóides

Imagen V – Amiguinhos, p. 20

Quanto ao parâmetro (II) 7, que indagava se a ilustração apresentava equilíbrio entre géneros, observou-se que 8 (47%) manuais escolares obtiveram a classificação de Bom neste parâmetro, 8 (47%) manuais alcançaram classificação de Suficiente e um (6%) manual obteve Insuficiente uma vez que apenas apresentava a figura feminina. Quando um manual escolar apresenta equilíbrio entre géneros na ilustração que exibe permite que o(a)s aluno(a)s visualizem igualdade de situações ou circunstâncias para ambos os sexos, contribuindo para evitar a discriminação de género. Um manual escolar que promova a Educação Sexual terá de apresentar rigor nas ilustrações e privilegiar aquelas que mais se aproximam da realidade. Deverá, ainda, permitir que os géneros sejam retratados em iguais circunstâncias.

Quanto a «Sociedade» pretendeu-se apurar a posição do tema relativamente aos papéis sexuais sociais, à tolerância e liberdade de sentimentos, à linguagem

empregue e à responsabilização de acções, verificando-se os resultados no gráfico VII:

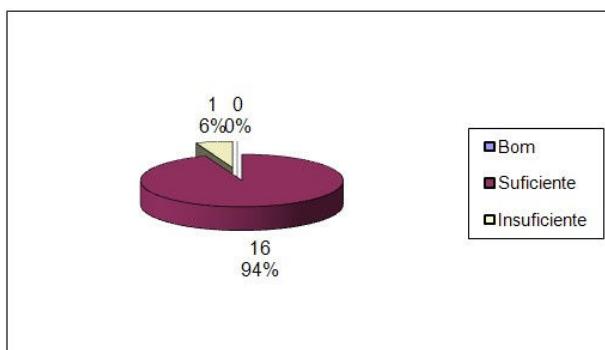


Gráfico VII - II Parte – Sociedade – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

O manual que obteve classificação de Insuficiente apenas alcançou boa classificação no parâmetro (II) 9 referente ao estereótipo de papéis sociais e no parâmetro (II) 13 referente à apresentação de uma linguagem não discriminatória. No parâmetro (II) 11, em que os manuais eram avaliados relativamente à ênfase que davam a valores e sentimentos, quinze (88%) manuais obtiveram classificação Insuficiente e dois (12%) manuais conseguiram classificação Suficiente: “*Quando um homem e uma mulher gostam um do outro e fazem amor (...)*” (Amiguinhos); “*E depois trataram de ti com muito carinho.*” (Vá de Roda). Desta forma, a Reprodução Humana não foi apresentada num plano meramente descritivo, desprovido de sentimentos, havendo algum cuidado em humanizá-la. De salientar a existência de seis manuais a utilizar os termos “*Pai*” e “*Mãe*” em detrimento de “*Homem*” e “*Mulher*”, sugerindo um certo cuidado na abordagem do tema, com menos frieza e alguma sensibilidade. A Educação Sexual implica a promoção de sentimentos e atitudes de tolerância, de igualdade, de responsabilidade. O manual escolar revela-se um instrumento poderoso para a disseminação de valores essenciais para a vivência numa sociedade democrática e mais humanizada. Associar a Reprodução Humana à manifestação de sentimentos permite que a sexualidade seja encarada como algo intrínseco e potencie futuros comportamentos relacionais sadios. O manual que promova este tipo de abordagem, tendo em conta os parâmetros

referenciados, estará a promover Educação Sexual, não só a nível psico-afectivo, como a nível ético e relacional, considerando as dimensões da sexualidade.

Finalmente, no que concerne a «Reprodução Humana», atendendo à transmissão de atitudes positivas em relação à sexualidade, à aquisição de conhecimentos sobre o corpo, à origem e às transformações da puberdade, aos hábitos de higiene e à valorização da identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes, eis o gráfico VIII que explicita os resultados:

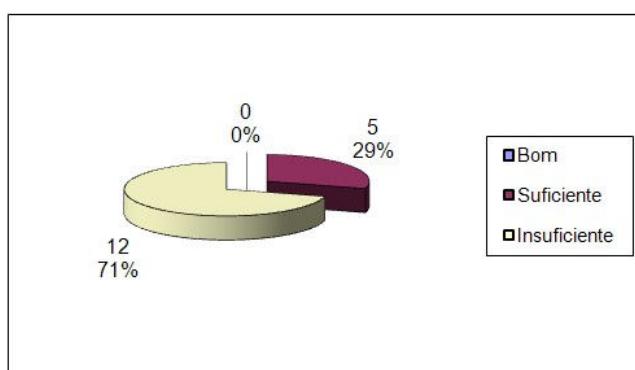


Gráfico VIII - II Parte - Reprodução Humana – Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

Considerando os quatro parâmetros pelos quais os manuais foram avaliados nesta área, apenas dois manuais alcançaram classificação de Bom num dos parâmetros. No parâmetro (II) 15, referente à aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade, não houve manuais que alcançassem a classificação de Bom, uma vez que permitiam a aquisição de conhecimentos sobre o corpo e/ou a origem, mas nenhum permitia a aquisição de conhecimentos sobre as transformações da puberdade. No entanto, verificou-se que um manual indicava dar importância às transformações do corpo ou ao “crescer” com esquemas de imagens, mas não explorava o conteúdo, nem eram evidentes as transformações da puberdade nas imagens apresentadas. De salientar ainda, outro manual que enumerava as diferenças físicas entre os sexos, mas sem referir que estas diferenças se tornavam evidentes a partir da puberdade, como se pode observar na imagem VI:

HOMENS E MULHERES

Conseguimos distinguir facilmente um menino de uma menina e um homem de uma mulher, porque entre os dois sexos há diferenças físicas.

As **mulheres** têm a voz mais fina, menos pêlos no corpo, as ancas mais largas e mamas.

Pelo contrário, **os homens** têm a voz mais forte, mais pêlos pelo corpo e barba.

Imagen VI – Giroflé, p. 26

Todo(a)s o(a)s aluno(a)s irão experienciar as transformações do corpo aquando da fase da puberdade. Conhecer as transformações de que serão alvo contribuirá para o esclarecimento de dúvidas que diminuirá a ansiedade que o(a)s aluno(a)s experimentam nesta fase, levando à formação de mentes esclarecidas e sadias. Constatou-se que dez (60%) manuais conseguiram classificação de Suficiente, uma vez que permitiam a aquisição de conhecimentos sobre o corpo e a origem, e que sete (42%) manuais obtiveram classificação de Insuficiente porque apenas permitiam a aquisição de conhecimentos ou sobre o corpo ou sobre a origem. Relativamente ao parâmetro (II) 16, que avaliava se o manual fomentava a necessidade de hábitos de higiene pessoal, apenas um (6%) manual (Trampolim 3) obteve classificação de Bom, uma vez que indicava dois cuidados com a saúde e segurança do sistema reprodutor e sugeria uma conversa com o(a)s pais/mães sobre o assunto. Os restantes manuais escolares foram avaliados com Insuficiente, pois não mencionavam a importância da higiene nos órgãos reprodutores. No parâmetro (II) 17, que permitia indagar se o manual transmitia atitudes positivas em relação à sexualidade, dois (12%) manuais foram avaliados com Suficiente, já que utilizavam slogans, no caso do manual Vá de Roda (“*Que linda que é a vida!*”), ou empregavam frases como “*inicia-se viagem fantástica*” ou “*é ou não é uma maravilha?*”, no caso do manual Júnior. Os restantes manuais escolares (quinze – 88%) foram avaliados com Insuficiente neste parâmetro. Quando o manual escolar não se limita à exposição dos factos e confere importância à sexualidade, contribui para abolição de tabus ou preconceitos. No parâmetro (II) 18, que avaliava a valorização da identidade do(a) aluno(a) e o

conhecimento das suas raízes, destaca-se um (6%) manual que alcançou classificação de Bom iniciando o tema com actividades referentes à árvore genealógica de cada um, como se observa na imagem VII:

Actividades

Observa a figura:

- Para o Pedro nascer, quem foi a mãe e o pai?

- E no teu caso?

- Quem foram os pais da tua mãe?

- E os pais do teu pai?

Imagen VII – Aprender a Descobrir, p. 19

Três (18%) manuais escolares obtiveram Suficiente neste parâmetro e os restantes manuais obtiveram Insuficiente, uma vez que não faziam menção às raízes do(a) aluno(a). Atendendo ao facto da identidade do(a) aluno(a) se prender com o viver da sua sexualidade desde o momento do seu nascimento, torna-se elementar a valorização da sua identidade e das suas raízes, permitindo conferir significado à abordagem do tema da Reprodução Humana, explorando-o na primeira pessoa, contribuindo para o crescimento intelectual sadio do(a)s aluno(a)s e, desta forma, se verificar uma promoção efectiva da Educação Sexual em contexto de sala de aula.

Relativamente à forma como se encontra organizado o tema da Reprodução Humana, verificou-se que a maioria dos manuais (dez - 58%) abordava o tema a partir da definição de reprodução ou da função reprodutora. Outros manuais (três - 18%) iniciavam o tema a partir de uma actividade proposta aos(as) aluno(a)s. Houve ainda manuais (dois - 12%) que abordavam o tema a partir da exploração dos órgãos sexuais reprodutores. Apenas um manual (6%) iniciava a partir da definição de fecundação e um (6%) ainda realizava uma abordagem motivadora a partir de uma ilustração, como se pode observar na imagem VIII:

FUNÇÃO REPRODUTORA**Imagen VIII – Pasta Mágica, p. 28**

Dez manuais (58%) propunham actividades aos(as) aluno(a)s, dois deles eram de pesquisa, as restantes eram para avaliação de conhecimentos. Independentemente da maneira como cada manual escolar aborda o tema da Reprodução Humana, é fundamental haver coerência no seu desenrolar, havendo um encadeamento lógico entre os conteúdos a abordar para que se confira significado aquando da consolidação de conhecimentos e para que nada seja deixado ao acaso, desmembrado ou forçado, já que faz parte da vida de cada um viver a sexualidade em pleno, de forma positiva e informada.

2. Resultados obtidos a partir da condução do Estudo de Caso

Para uma maior compreensão da realidade em contexto de sala de aula e de acordo com a metodologia adoptada, é efectuada uma análise aos dados recolhidos através das fontes de informação, que formam uma triangulação metodológica, permitindo um maior rigor no entendimento dos factos. São, pois, analisadas as observações efectuadas às turmas envolvidas aquando da leccionação do tema da Reprodução Humana em contexto de sala de aula, atendendo aos quadros de observação previamente elaborados, às reflexões das professoras expressas nos relatos de sala de aula e à análise das actividades

executadas, por parte do(a)s aluno(a)s, para o desenvolvimento de competências. De seguida, procede-se a uma análise comparativa dos questionários administrados aos(as) aluno(a)s antes da exploração do tema da Reprodução Humana (pré-teste) e depois da exploração do mesmo (pós-teste). Por fim, é realizada uma análise comparativa das entrevistas efectuadas às professoras envolvidas antes da leccionação do tema da Reprodução Humana.

2.1. Observação

A observação, de carácter naturalista, facilitou a indagação dos métodos de ensino utilizados por cada professora titular e a relação pedagógica estabelecida com o(a)s aluno(a)s. Foi, ainda, verificado que o(a)s aluno(a)s de ambas as turmas se mostravam familiarizado(a)s com o espaço sala de aula e este se encontrava decorado com trabalhos desenvolvidos nas diferentes áreas curriculares. As professoras demonstraram à vontade na exploração do tema da Reprodução Humana e o(a)s aluno(a)s manifestaram interesse na condução das actividades. A observação efectuada às turmas envolvidas englobou três aspectos essenciais para um maior entendimento da realidade observada, considerando a dinâmica de sala de aula construída pelos seus intervenientes no contexto educativo: o desempenho do(a)s aluno(a)s; as actividades desenvolvidas em contexto de sala de aula; as reflexões das professoras extraídas dos relatos de sala de aula. De salientar que os nomes do(a)s aluno(a)s e das professoras envolvidas são fictícios com o intuito de preservar o anonimato.

2.1.1. Observação do Desempenho do(a)s Aluno(a)s nas Aulas/Sessões de Reprodução Humana

A observação centrada no(a)s aluno(a)s permitiu analisar a sua intervenção na dinâmica ensino/aprendizagem, executando-se para o facto a planta da sala de aula (incluídas no anexo 4) para cada uma das turmas, com o intuito de facilitar

o registo das participações. Foram organizados os quadros de observação (anexo 3) que registaram o comportamento sócio-afectivo do(a)s aluno(a)s, a participação nas actividades, a aquisição de conhecimentos na área da Reprodução Humana, a mudança de valores e atitudes e o uso do manual escolar nas aulas observadas. Foram, ainda, incluídas algumas observações pertinentes e intervenções significativas realizadas formalmente pelo(a)s aluno(a)s em contexto de sala de aula.

Executando, na generalidade, uma análise aos registos efectuados no quadro de observação referente aos(as) vinte aluno(a)s da turma da escola E, verifica-se que, na globalidade, o(a)s aluno(a)s apresentaram bom comportamento, demonstrando-se atento(a)s e ordeiramente intervventivo(a)s em contexto de sala de aula. No entanto, observou-se que cinco (25%) aluno(a)s revelaram comportamentos inadequados em situações pontuais, uma vez que realizaram intervenções desajustadas ao que estava a ser discutido ou trabalhado no momento. Um aluno (5%) revelou dificuldades em comunicar com os colegas e, por vezes, não participou nas actividades propostas. Constatou-se no quadro de observação que doze (60%) aluno(a)s adquiriram poucos conhecimentos na área da Reprodução Humana. Apenas uma (5%) aluna revelou possuir muitos conhecimentos nesta área e sete (35%) aluno(a)s demonstraram possuir conhecimentos satisfatórios, observável aquando da realização das fichas de trabalho propostas pela professora e no resumo efectuado no início da 3^a sessão (relatos de sala de aula; anexo 4) em que a professora inquiriu o(a)s aluno(a)s de modo a verificar os conhecimentos que tinham adquirido. O facto de nem todos os suportes de aprendizagem apresentarem rigor científico nas imagens utilizadas pode ter condicionado a aquisição de conhecimentos nesta área. As concepções prévias incorrectas diagnosticadas em dois (10%) alunos, no que concerne à fecundação, constando-se difíceis de abalar através das fichas de trabalho realizadas, constituíram um obstáculo à aprendizagem. No entanto, destaca-se uma (10%) aluna que possuía concepções pouco correctas acerca da fecundação (*"vi que a sementinha do pai misturava-se com a da mãe (...)"* Joana,

Quadro de Observação – 3º ano de escolaridade da escola E, anexo 3) e evoluiu positivamente na aquisição de conhecimentos correctos na área (“*O óvulo e o espermatozóide dão origem a uma nova vida*” Joana, Quadro de Observação – 3º ano de escolaridade da escola E, anexo 3). Observou-se, ainda, que o(a)s aluno(a)s sentiam vergonha em falar dos conteúdos que implicassem o conhecimento dos órgãos genitais, mais concretamente os órgãos sexuais do corpo feminino. Esta constatação poderá ser consequência do escasso diálogo familiar ou de tabus enraizados, como referido pela professora nas reflexões expressas nos relatos de sala de aula (anexo 4), ou pelo facto do(a)s aluno(a)s se encontrarem mais familiarizado(a)s com o órgão sexual masculino «pénis», devido à sua utilização óbvia na micção. No que concerne a valores e sentimentos, dois (10%) alunos revelaram não conferir ênfase a estes aspectos, mas o(a)s restantes aluno(a)s evidenciaram conceder a devida importância aquando das suas intervenções no desenrolar das actividades. Relativamente ao estereótipo de papéis sexuais sociais, verificou-se que apenas seis (30%) aluno(a)s mostraram não estereotipar os papéis sociais, enquanto o(a)s restantes aluno(a)s revelaram efectuar discriminação de género. Este item foi observado aquando da realização de desenhos ou fichas de trabalhos propostos pela professora e o(a)s aluno(a)s mantiveram conversas informais e expressaram livremente as suas opiniões com os colegas, inclusive sobre as brincadeiras que iriam fazer no intervalo e a participação dos géneros nas mesmas. Evidencia-se dois (10%) aluno(a)s que claramente não se encontravam alerta para situações de abuso sexual e apenas cinco (25%) aluno(a)s provaram encontrar-se atentos para situações de risco. Observou-se que, para a maioria do(a)s aluno(a)s, o assunto é novo. Não houve ninguém, a família inclusive, que os tenha alertado para situações de risco ou de possível abuso e encararam esta possibilidade como uma realidade distante. Verificou-se que possuíam a noção de que existem situações destas, mas não as conseguiram identificar nem transferir para si. Todo(a)s o(a)s aluno(a)s consultaram o manual escolar para obtenção de informação ou consolidação de actividades, de acordo com o sugerido pela professora. Observou-se, ainda, que a professora Maria utilizou o manual escolar como concretização de

conhecimentos, uma vez que, na 3^a sessão, pediu aos(as) aluno(a)s para compararem as imagens do manual escolar com as imagens do suporte de aprendizagem que utilizou.

Relativamente aos(as) vinte e um(a) aluno(a)s da turma da escola M verificou-se que se revelaram mais agitado(a)s, observando-se um comportamento inadequado em nove (43%) aluno(a)s em situações pontuais, mais concretamente na participação de actividades, demonstrando intervenções inoportunas ou mantendo conversas paralelas com os seus pares sobre assuntos divergentes dos escolares. No que concerne à comunicação com os colegas em contexto de sala de aula, quatro (19%) aluno(a)s revelaram comunicar inadequadamente, mostrando-se muito conversadore(a)s e não respeitando as regras de sala de aula para uma comunicação ordeira. Mas, no que concerne a aquisição de conhecimentos na área da Reprodução Humana ou na mudança de valores e atitudes, o observado foi mais animador comparativamente com o observado na turma da escola E. Verifica-se que sete (33%) aluno(a)s possuíam poucos conhecimentos nesta área, mas denota-se nove (43%) aluno(a)s com muitos conhecimentos correctos sobre Reprodução Humana quando a professora realizou fichas de trabalho ou pediu aos(as) aluno(a)s para elaborarem oralmente um resumo do que havia sido tratado em sessões anteriores sobre a temática. Constatou-se que o(a)s aluno(a)s foram mais aberto(a)s relativamente a exporem as suas ideias ou sentimentos e não apresentaram pudor ou vergonha quando se abordou a constituição dos sistemas reprodutores ou a fecundação. Este «à vontade» pode ter contribuído para uma melhor aquisição dos conhecimentos. De salientar que não se observaram aluno(a)s que mantivessem concepções prévias incorrectas, difíceis de questionar. Todo(a)s o(a)s aluno(a)s revelaram conferir ênfase a valores e sentimentos mas, no caso do estereótipo de papéis sociais, o observado já não foi o esperado. Apenas seis (28%) aluno(a)s, claramente, não estereotiparam os papéis sociais, verificável pelas conversas que mantinham informalmente aquando da realização das actividades propostas pela professora, mais

concretamente aquando da realização da actividade recorta e cola, que se encontra no anexo g dos relatos de sala de aula (anexo 4), em que discutiram informalmente e com naturalidade quem iria tomar conta do novo ser. Treze (62%) aluno(a)s demonstraram distintamente encontrarem-se atentos para situações de risco aquando da realização das actividades direcionadas para este tema. Denotou-se que o(a)s restantes aluno(a)s evidenciavam considerar algumas situações como de risco, mas nem sempre se mostraram seguro(a)s quando deparado(a)s com novas situações hipotéticas aquando da actividade do desenho. Apesar de o(a)s aluno(a)s terem demonstrado que a família revelou alguma preocupação em abordar com eles o assunto, o(a)s aluno(a)s mostraram alguma dificuldade em identificar situações de risco. Todo(a)s o(a)s aluno(a)s utilizaram o manual para consolidação dos conhecimentos, sob a forma de trabalho para casa, como sugerido pela professora.

De salientar que apenas foram observadas quatro sessões por turma, dirigidas para a exploração do tema da Reprodução Humana. As professoras informaram que efectuaram actividades pontuais inseridas na abordagem de outros conteúdos programáticos, relativamente a papéis sociais e à avaliação de conteúdos. Na impossibilidade de planificar mais aulas/sessões sobre esta temática devido à extensão dos currículos, denotou-se que muito mais haveria para explorar e que seria fundamental a realização de mais sessões centradas na consolidação de aprendizagens. Revela-se pertinente focar vários cenários possíveis da realidade que se observa em sociedade, ao nível dos papéis de género e do que é veiculado pelos media, nomeadamente ao nível das redes sociais, levando o(a)s aluno(a)s a questionar e a formar mentes críticas, com o intuito de operar mudanças ao nível das atitudes e dos valores. Seria, pois, possível contribuir para que o(a)s aluno(a)s encarassem o tema como algo mais do que um conjunto de conteúdos a reter. Considerando as dimensões da sexualidade, este tema abrange os aspectos inerentes ao ser sexuado, podendo influenciar o comportamento social e o crescimento intrínseco do(a) aluno(a), nas diferentes vertentes.

2.1.2. Actividades Desenvolvidas em Contexto de Sala de Aula

As actividades promovidas assentaram nas competências definidas pelo Currículo Oficial e em competências sociais, que permitissem a mudança de comportamentos no(a)s aluno(a)s e promovessem o espírito crítico e a capacidade de tomar decisões. Todas as actividades realizadas encontram-se descritas nos relatos de sala de aula (anexo 4), conforme o expresso no Capítulo IV – Metodologia da Parte II.

Ambas as professoras sentiram necessidade de propor actividades de introdução ao tema e de provocarem a motivação no(a)s aluno(a)s. De salientar que apenas um (6%) manual escolar, avaliado no estudo exploratório realizado, efectuava uma abordagem motivadora do tema da Reprodução Humana, recorrendo a uma ilustração. A professora Joana justificou na reflexão efectuada na 1^a sessão que estas actividades permitiram um encadeamento lógico de ideias e enquadraram a abordagem do tema. As professoras conferiram importância aos conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, propondo actividades direcionadas para o diagnóstico, com o intuito de investigar o que o(a)s aluno(a)s pensavam ou as influências que adquiriram a partir da televisão, das revistas ou do ambiente familiar, como é referido pela professora Maria na reflexão da 1^a sessão. Para tal, a professora Maria propôs que o(a)s aluno(a)s desenhassem o modo como o pai e a mãe se juntam para formar um novo ser (anexo a) do anexo 4). A professora Joana, como o expresso na reflexão da 1^a sessão, indagou as concepções que o(a)s aluno(a)s possuíam acerca do assunto através do debate de ideias. As professoras propuseram actividades que permitissem a aquisição de conhecimentos. Apenas a professora Joana direcionou uma actividade concreta para a importância da higiene na 1^a sessão, levando o(a)s aluno(a)s a pensar, através do conto de uma história centrada na higiene praticada pelas suas personagens. Em todos os momentos, a professora Maria conferiu importância à higiene dos órgãos sexuais, mas não propôs uma actividade concreta, optando pelo diálogo com o(a)s aluno(a)s,

utilizando uma perspectiva expositiva, na 2^a sessão. Houve, posteriormente, actividades direcionadas para a consolidação de conhecimentos, que tiveram lugar na 3^a sessão, tanto na turma da escola E com a discussão da apresentação em PowerPoint e comparação de imagens com o manual escolar, como da turma da escola M com a actividade «Observo e Colo» e com a Ficha de Trabalho (anexo h) do anexo 4). As actividades que contemplaram a prevenção de situações de risco ou o despertar para situações de abuso sexual foram promovidas na 4^a sessão nas duas turmas. De salientar a actividade proposta pela professora Joana que pretendia que o(a)s aluno(a)s desenhassem uma situação de risco (anexo j) do anexo 4), tendo a professora justificado na reflexão da 4^a sessão que desejava que o(a)s aluno(a)s exprimissem uma situação já vivenciada ou traduzissem a ideia que têm da realidade. Esta actividade permitiu indagar quais o(a)s aluno(a)s que demonstravam estar alerta para estas situações e possibilitou que outro(a)s se consciencializassem do problema, uma vez que teriam de criar uma situação potencial de risco.

As professoras preferiram utilizar outros suportes de aprendizagem, como sites educacionais ou slides em PowerPoint, em detrimento do manual escolar, facto justificado nas reflexões expressas nos relatos de sala de aula, evidenciando-se a abordagem fugaz dos conteúdos realizada pelo manual. Apenas a professora Maria planificou utilizar o manual escolar na 3^a sessão com o intuito de fomentar o debate entre o(a)s aluno(a)s, efectuando-se uma análise comparativa de imagens do PowerPoint mostrado pela professora e as imagens do manual escolar. As professoras apresentaram variedade de materiais pedagógicos, com recurso às novas tecnologias de informação, como a Internet e a leitura de livros infantis sobre o tema («A mamã pôs um ovo»; «Para onde foi o Zézinho?»; «O mundo está cheio de bebés»), disponíveis no mercado e em suporte digital online.

É de referir que, apesar de as professoras apresentarem uma planificação em comum para o tema da Reprodução Humana, no que concerne a competências

a desenvolver e conteúdos a abordar, as actividades que seleccionaram foram diferentes para cada turma. Pelo que foi observado, as professoras optaram por actividades que fossem ao encontro do que acharam ser as necessidades educativas do(a)s seus(suas) aluno(a)s para este tema, baseando-se no conhecimento diário que possuíam de cada um(a), quer ao nível familiar quer ao nível do seu desempenho em contexto de sala de aula. O papel do(a) professor(a) é, pois, fundamental, como foi referido pela professora Joana em vários momentos na entrevista a que foi alvo (anexo 6) e nas reflexões expressas nos relatos de sala de aula (anexo 4). É o(a) professor(a) que promove a dinâmica ensino/aprendizagem de modo a que o(a)s aluno(a)s desenvolvam competências essenciais à consolidação do conhecimento, à mudança de valores e atitudes e potenciem capacidades individuais, fundamentais à vivência em sociedade.

2.1.3. As Reflexões das Professoras Expressas nos Relatos de Sala de Aula

Atendendo às categorias e subcategorias definidas para análise das reflexões efectuadas pelas professoras no fim das sessões observadas, apresenta-se os quadros que reúnem as considerações das professoras acerca das actividades desenvolvidas, do uso do manual escolar em contexto de sala de aula e da aquisição de conhecimentos e mudanças nas atitudes e valores do(o)s seus(suas) aluno(a)s. Estas reflexões encontram-se incluídas nos relatos de sala de aula (anexo 4) e traduzem a versão das professoras no que concerne ao decorrer das actividades. O quadro IX é referente às reflexões da professora Maria.

	1ª Sessão	2ª Sessão	3ª Sessão	4ª Sessão	Conclusão Reflexão
1. Actividades	a) Justificação da actividade do desenho: conferir sentimento ao acto sexual d) Aluno(a)s não desenharam por inibição Impossibilidade de aceder ao site "Escolovar" e) Diálogo e exploração dos desenhos no grupo/turma f) Uso do manual porque não consegue aceder ao site g) Ilustração do manual escolar referente aos órgãos reprodutores não é fácil de explorar. O site "Escolovar" é mais rigoroso do ponto de vista científico	b) Imagens da ficha de trabalho carecem de rigor científico c) As fichas informativas possuem rigor científico na apresentação de conceitos e imagens d) Uma aluna mostrou vergonha e) Diálogo para superar tabus g) Manual escolar incompleto, necessidade de recorrer a outros suportes de informação	a) Não foi desenvolvida uma actividade: o desenho do desenvolvimento intrauterino	d) Inexistência de diálogo entre pais/mães e filho(as) e) Voltar ao assunto e explorar outras situações g) Manual não possui actividades que despertem o(a)s aluno(a)s para situações de risco i) Pouco(a)s aluno(a)s demonstraram encontrar-se alerta para situações de risco. Denotaram-se poucas mudanças nas atitudes	a) Actividades de avaliação b) Realização de actividades pontuais sobre papéis sociais não alteraram atitudes d) Nomeação científica dos órgãos genitais não ficou consolidada e) Revisão dos conceitos abordados Continuação no 4º ano com um projecto na área da Educação Sexual
2. Manual Escolar Outros Recursos					h) Preferência por usar nomes vulgares para nomear o órgão sexual feminino Nomeação científica do órgão sexual masculino i) Inexistência de mudanças no comportamento referente aos papeis sexuais sociais, apesar de trabalhar com o(a)s aluno(a)s desde o 1º ano de escolaridade para evitar a discriminação de género
3. Consolidação de Saberes					

Quadro IX – Reflexão da Professora Maria Expressa nos Relatos de Sala de Aula¹

Efectuando uma análise generalizada às reflexões realizadas no fim de cada aula/sessão e à última reflexão que teve lugar no final da leccionação do tema, observa-se que a professora executou uma reflexão virada para as actividades que promoveu e para as lacunas que encontrou no manual escolar adoptado. A professora apenas usou o manual escolar na 1ª sessão por não conseguir aceder ao site da Internet, conforme tinha planificado, e na 3ª sessão onde o(a)s

¹ Subcategorias:

- a) Desenvolvimento das actividades
- b) Identificação das actividades que não corresponderam ao que era pretendido
- c) Indicação de alternativas ao desenrolar dessas actividades
- d) Indicação das dificuldades sentidas
- e) Medidas para as superar
- f) Justificação do uso do manual escolar
- g) Justificação do uso de outros materiais pedagógicos
- h) Aquisição de conhecimentos sobre Reprodução Humana
- i) Constatação de mudanças nas atitudes e valores

aluno(a)s compararam as imagens apresentadas em PowerPoint pela professora e as imagens do manual escolar. A professora verificou que os órgãos sexuais apresentados no manual não eram fáceis de explorar e referiu que este se encontrava incompleto, razão pela qual não fomentou o seu uso. É de referir que no estudo exploratório efectuado aos manuais escolares disponíveis para adopção se verificou não haver manuais escolares com classificação de Bom relativamente à «Ilustração», tendo-se constatado no parâmetro (II) 5 da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar, no que concerne ao rigor científico, a obtenção de Insuficiente por oito (47%) manuais. Não é demais salientar a importância do rigor científico nas imagens dos manuais escolares para permitir a aquisição e consolidação de conhecimentos correctos nas áreas a explorar e facultando ao(à) aluno(a) mais uma forma de aprender através da observação. No que concerne à consolidação de saberes, a professora verificou que não houve evolução nos conhecimentos, nem mudanças ao nível das atitudes e valores do(a)s aluno(a)s e não consegue justificar a inibição do(a)s aluno(a)s quando se mencionam os órgãos sexuais femininos, denotando-se maior à vontade na utilização do termo «pénis» para designar o órgão sexual masculino. A professora apontou estratégias para superar as dificuldades observadas, nomeadamente, o desenvolvimento de um projecto de Educação Sexual no 4º ano de escolaridade que contribuirá para a colmatação das dificuldades, dando continuidade ao que já foi abordado.

O quadro X é referente às reflexões efectuadas pela professora Joana.

	1ª Sessão	2ª Sessão	3ª Sessão	4ª Sessão	Conclusão /Reflexão
1. Actividades	a) As actividades de iniciação pretendem motivar o(a)s aluno(a)s e efectuar um encadeamento lógico de ideias Actividade sobre higiene pretende conferir a importância devida ao tema d) Turma muito reguila		a) Actividades no quadro permitiram a consolidação de conhecimentos e da nomeação científica dos órgãos reprodutores g) Uso do livro como motivação Apresentação de slides com inclusão das transformações da puberdade porque o(a)s aluno(a)s irão passar por essa fase e há necessidade de encará-la com naturalidade	a) Actividades sobre situações de risco: desenho para traduzir situação vivenciada ou ideia que têm da realidade b) O questionário não correu tão bem porque o(a)s aluno(a)s foram influenciado(a)s pela imagem escolhida para a ilustração c) Supressão da imagem g) Verifica-se uma lacuna no manual referente a esta temática e foi necessário o recurso a fichas i) A maioria do(a)s aluno(a)s demonstrou encontrar-se alerta para estas situações e as mentes foram despertadas para saber como agir	a) Proposta de actividades sobre afectos e papéis sociais por achar fundamental d) Realidade familiar diferente da abordada na sala de aula e) Debate e diálogo f) Manual sugere ao(a) professor(a) a sequenciação das temáticas g) Não usou o manual por ser pobre em conteúdo: vocabulário adequado mas não promove a relacionação de conceitos h) Identificação dos órgãos sexuais e bons conhecimentos sobre fecundação i) Constatou-se a mudança de comportamento no(a)s aluno(a)s face a situações de risco Não houve mudança ao nível do estereótipo de papéis sexuais sociais
2. Manual Escolar Outros Recursos					
3. Consolidação de Saberes					

Quadro X – Reflexão da Professora Joana Expressa nos Relatos de Sala de Aula ²

A professora Joana referiu que o manual escolar apenas sugeria a sequenciação da temática e não o utilizou em nenhuma das sessões planificadas. Apenas enviou a ficha de trabalho do manual escolar para o(a)s aluno(a)s realizarem em casa. Referiu, ainda, que o manual escolar não promovia a relacionação de conceitos o que está de acordo com o constatado no estudo exploratório, onde

² Subcategorias:

- a) Desenvolvimento das actividades
- b) Identificação das actividades que não corresponderam ao que era pretendido
- c) Indicação de alternativas ao desenrolar dessas actividades
- d) Indicação das dificuldades sentidas
- e) Medidas para as superar
- f) Justificação do uso do manual escolar
- g) Justificação do uso de outros materiais pedagógicos
- h) Aquisição de conhecimentos sobre Reprodução Humana
- i) Constatação de mudanças nas atitudes e valores

os manuais escolares foram avaliados na Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar, relativamente a «Metodologia» que indagava se o tema promovia a interdisciplinaridade com outras áreas curriculares ou se se interrelacionava com outros conteúdos programáticos, avaliando também a promoção de uma atitude crítica. No estudo efectuado apenas um (6%) manual obteve classificação de Suficiente enquanto os restantes obtiveram a classificação de Insuficiente. No entanto, a professora Joana salientou que o manual escolar adoptado apresentava um vocabulário adequado à faixa etária do(a)s aluno(a)s. Voltou a frisar que o(a) professor(a) é que possui um papel fundamental. A professora observou evolução nos conhecimentos do(a)s aluno(a)s e mudanças no seu comportamento à excepção de atitudes relativas à discriminação de género justificando com a dificuldade de mudar mentalidades. Mas efectuou um balanço positivo de tudo o que foi efectuado.

Ambas as professoras apontaram a família como um obstáculo à promoção da Educação Sexual. A professora Maria referiu a falta de diálogo familiar e a professora Joana indicou que a realidade familiar é diferente da realidade discutida na Escola. Ambas referiram o diálogo entre professor(a) e aluno(a) para superação das dificuldades encontradas que implicassem directamente o(a) aluno(a), mas o diálogo entre a Escola e a família não foi mencionado. Referenciaram também, na 4^a sessão, que o manual não possuía actividades que explorassem possíveis situações de risco e que desta forma, foi necessário o recurso a fichas de trabalho. Apurou-se, na realização do estudo exploratório aos manuais escolares, que nenhum manual focava temas e problemas actuais (parâmetro (I) 19 da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar) como o abuso sexual de menores numa perspectiva de prevenção de situações de risco. A exposição de aluno(a)s a situações desta natureza pode ser evitada com a abordagem do tema em contexto de sala de aula e um treino de competências que institua o direito de dizer «não».

A reflexão após cada aula/sessão é considerada essencial e funciona como um contributo para a melhoria do ensino. Pretende, pois, apurar quais os mecanismos que levaram à consolidação de conhecimentos e ajustar ou substituir aqueles que tiveram menos sucesso na promoção da dinâmica ensino/aprendizagem. Desta forma, as professoras referenciaram as actividades que não correram como esperado e apontaram soluções, como o debate, o diálogo e a concertação de um projecto de Educação Sexual para o 4º ano de escolaridade. O propósito é que, futuramente, se verifique maior sucesso nas aprendizagens, tendo sempre em vista o crescimento intrínseco do(a) aluno(a) e a capacidade de construir o seu conhecimento a partir das ferramentas metodológicas que lhe são disponibilizadas.

2.2. Análise Comparativa das Respostas aos Questionários Administrados aos(as) Aluno(as)

Para cada actividade constante do questionário administrado aos(as) aluno(as) é realizada uma análise comparativa entre os resultados do questionário administrado antes da lecionação do tema da Reprodução Humana (pré-teste) e os resultados do questionário administrado aos(as) aluno(as) depois da lecionação do tema referido (pós-teste). As quatro actividades que compunham o questionário pretendiam apurar a evolução dos conhecimentos sobre o tema, no que concerne à constituição do sistema reprodutor e à fecundação e constatar mudanças ao nível das atitudes no(as) aluno(as), referente a papéis de género e à protecção do corpo de aproximações abusivas.

No que concerne à primeira actividade - Desenho dos Órgãos do Corpo Humano - apresenta-se os resultados no gráfico IX, construído a partir da análise dos desenhos efectuados pelo(as) aluno(as) (anexo 8) da turma da escola E:

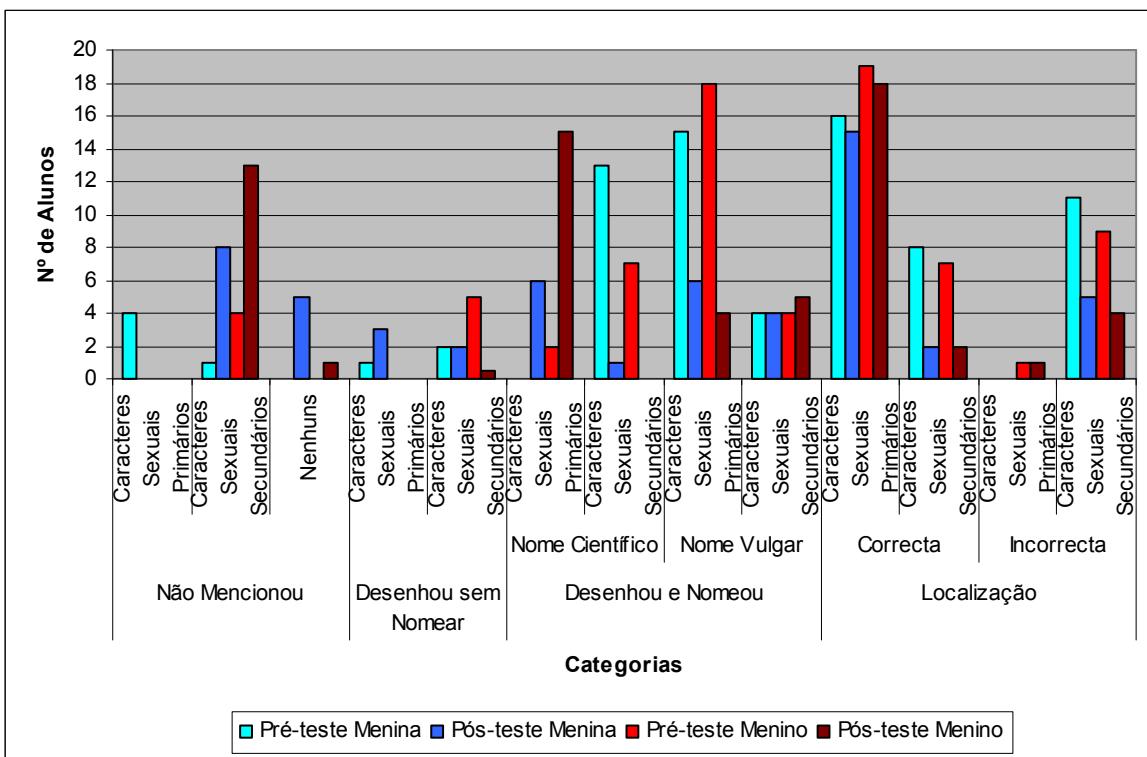


Gráfico IX – 1ª Actividade - Desenho dos Órgãos do Corpo Humano – Escola E

Como se pode verificar, a turma da escola E demonstrou uma evolução significativa, relativamente ao desenho e nomeação científica dos caracteres sexuais primários no contorno do corpo do menino, constatando-se que houve quinze (75%) aluno(a)s que desenharam e nomearam correctamente os órgãos sexuais masculinos no pós-teste. No que concerne ao desenho e nomeação científica dos caracteres sexuais primários no contorno do corpo da menina verificou-se uma evolução ligeira, podendo-se observar que houve seis (30%) aluno(a)s que desenharam e nomearam correctamente os órgãos sexuais femininos no pós-teste, não havendo nenhum aluno(a) no pré-teste a fazê-lo. Verificou-se, ainda, que no pós-teste houve cinco aluno(a)s que não desenharam ou mencionaram os caracteres sexuais primários e secundários no contorno feminino e um aluno não os mencionou no contorno masculino, quando, no pré-teste, os tinham desenhado e mencionado com um nome vulgar. A professora Maria constatou e referenciou na reflexão final expressa nos relatos de sala de aula (anexo 4), já mencionado anteriormente, que o(a)s aluno(a)s

apresentavam vergonha em nomear cientificamente os órgãos sexuais femininos, denotando-se maior facilidade em nomear correctamente os órgãos sexuais masculinos. Esta atitude, fruto de um possível preconceito, ou pelo simples facto de o(a)s aluno(a)s se encontrarem mais familiarizado(a)s com o órgão sexual externo masculino ou de nas conversas formais em contexto de sala de aula o(a)s aluno(a)s terem continuado a usar o nome vulgar para designar os órgãos sexuais femininos «vagina» e «vulva», pode ter conduzido a este resultado. Relativamente aos caracteres sexuais secundários é de referir que foi considerado o nome vulgar a designação «maminhas». Verifica-se que o(a)s aluno(a)s conferiram fraca importância aos caracteres sexuais secundários no pós-teste, observando-se que oito (40%) aluno(a)s não os mencionaram no contorno feminino e treze (65%) aluno(a)s não os referiram no contorno masculino. Quanto à localização dos caracteres sexuais primários e secundários, parece haver uma ligeira regressão na sua localização correcta. Coloca-se a hipótese do(a)s aluno(a)s se terem apercebido que a actividade estava a ser repetida e revelaram menos cuidado a efectuá-la, querendo mostrar rapidez na sua execução, não mencionando os caracteres sexuais secundários e demonstrando pouco rigor, quer no desenho dos caracteres, quer na sua localização. De salientar um (5%) aluno que, no pós-teste, não atendeu à legendagem dos contornos do corpo, por falta de atenção, e desenhou caracteres sexuais masculinos no contorno da menina e caracteres sexuais femininos no contorno do corpo legendado como menino.

Partindo da análise dos desenhos efectuados pela turma da escola M (Anexo 8), apresenta-se no gráfico X os resultados referentes à primeira actividade:

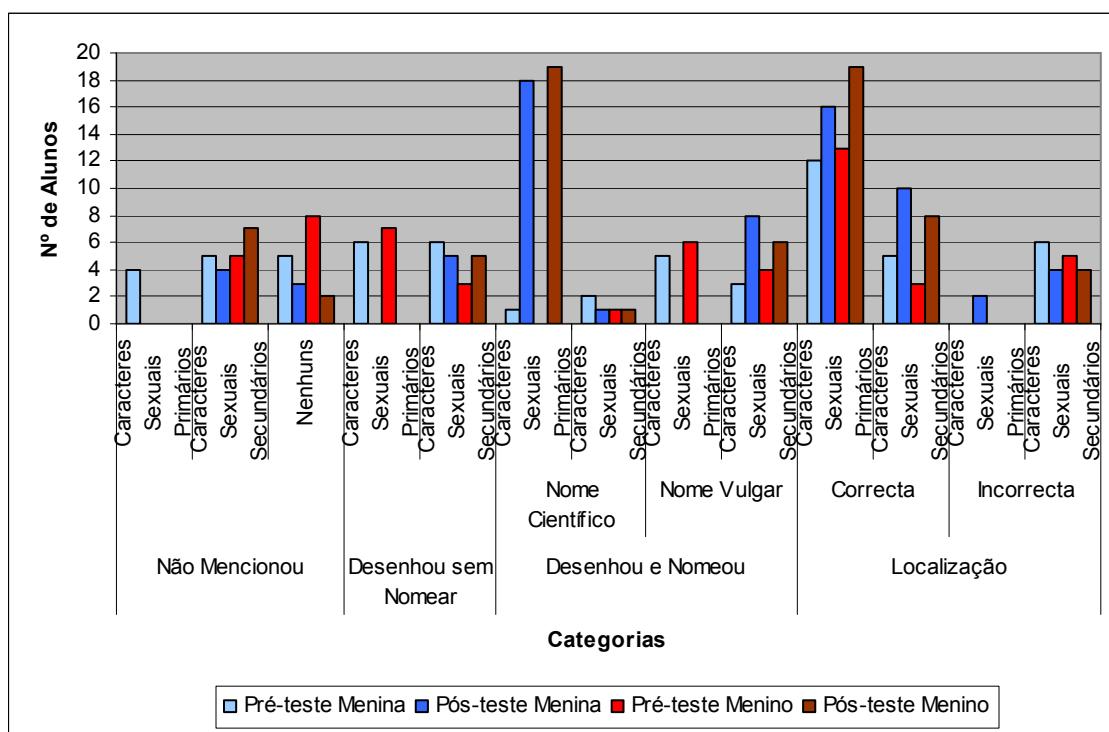


Gráfico X - 1ª Actividade - Desenho dos Órgãos do Corpo Humano – Escola M

Realizando uma análise comparativa entre os questionários administrados antes e depois da lecionação do tema, verifica-se uma evolução nítida nos conhecimentos do(a)s aluno(a)s relativamente à nomeação científica dos caracteres sexuais primários e à sua localização correcta no contorno humano fornecido pela actividade. Observa-se que, no pós-teste, dezoito (85%) aluno(a)s desenharam os caracteres sexuais primários no contorno feminino e conferiram-lhes um nome científico e que dezanove (90%) aluno(a)s efectuaram o mesmo para o contorno masculino. No pré-teste apenas um (4,5%) aluno tinha desenhado e nomeado cientificamente os caracteres sexuais primários do contorno masculino, não havendo nenhum aluno(a) a fazê-lo para o contorno humano feminino. Quanto à localização dos caracteres sexuais primários, observa-se que, no pós-teste, dezasseis (76%) aluno(a)s localizaram-nos correctamente no contorno feminino e dezanove (90%) aluno(a)s localizaram-nos correctamente no contorno masculino, verificando-se a evolução a partir do pré-teste. No que concerne aos caracteres sexuais secundários, não houve evolução nos conhecimentos, uma vez que «peito» e «maminhas» foram considerados como nomes vulgares, mas houve um esforço por parte de

alguns(algumas) aluno(a)s em localizá-los correctamente no pós-teste, observando-se que dez (47%) aluno(a)s localizaram-nos correctamente no contorno humano feminino e oito (38%) aluno(a)s localizaram-nos correctamente no contorno humano masculino.

Relativamente à segunda actividade - A Fecundação - em que o(a)s aluno(a)s teriam de formular uma explicação para o aparecimento de um bebé na barriga da mãe do João e da Joana, o(a)s aluno(a)s da turma da escola E, comparando os resultados do pré-teste e do pós-teste, revelaram os seguintes resultados organizados no quadro XI:

Categorias/Subcategorias		Freq. Pré-teste	Freq. Pós- teste	Exemplos de Respostas do(a)s aluno(a)s
O(A) aluno(a) possui conhecimentos correctos acerca da origem da vida	Elabora uma explicação completa	0	2	(...) quando um só óvulo apanha um espermatozóide, transforma-se num bebé" (Joana, pós-teste) "Para ter um filho é preciso um homem e uma mulher. O pénis precisa de tocar na vagina (...)" (David, pós-teste)
	Elabora uma explicação sucinta	4	5	"A mãe e o pai fizeram amor e ele pôs a semente e o bebé foi crescendo (Helena, pré teste) "Porque o pai e a mãe fizeram amor". (Andreia; Isabel, pós-teste)
		0	1	"O bebé apareceu na barriga porque o pai fez sexo com a mãe" (Fábio, pós-teste)
	O pai e a mãe foram para a cama	3	0	"Porque a mãe e o pai foram para a cama e fizeram um bebé." (Antónia; pré-teste) "O marido engravidou-a porque a mãe e o pai foram para a cama." (Ana, pré-teste)
O(A) aluno(a) possui conhecimentos incorrectos acerca da origem da vida	O(A) aluno(a) indica que não sabe	5	0	"Não sei como foi" (Carina, pré-teste)
	Outras respostas	6	4	"A mãe grita (...)" (Nuno, pré-teste); "O bebé foi parar à barriguinha da mãe com a ordem de Deus." (Sofia, pré-teste) "Foi uma cegonha que pôs o bebé aqui." (Carina, pós-teste); "Porque ela casou com o marido." (Rosa, pós-teste); "Porque quando duas pessoas se amam muito nasce um filho" (Miguel, pós-teste);
	O(A) aluno(a) não responde	0	3	

Quadro XI – 2ª Actividade – Fecundação – Escola E

Os resultados foram organizados no gráfico XI para facilitar a comparação entre o pré-teste e o pós-teste, assim como para constatar a evolução ou não dos conhecimentos:

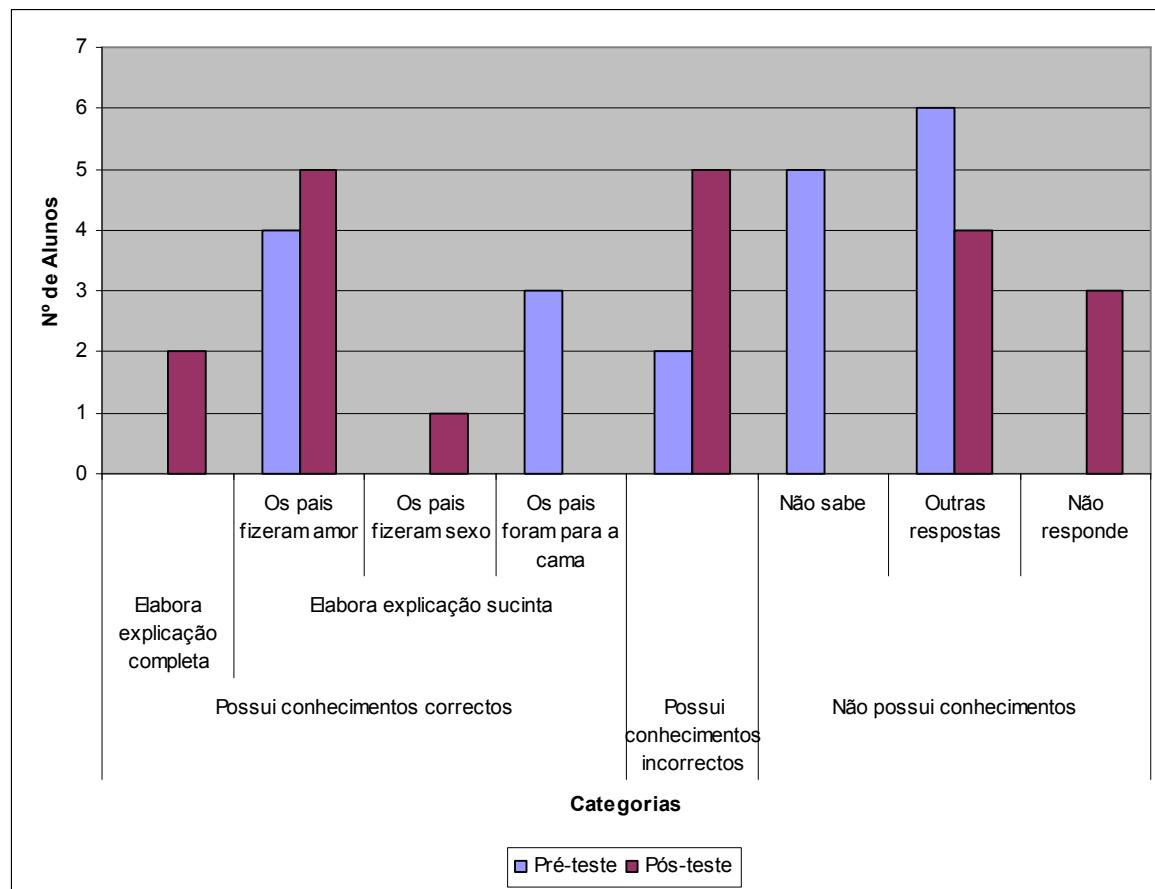


Gráfico XI - 2^a Actividade – Fecundação – Escola E

Observa-se que houve uma ligeira evolução nos conhecimentos referentes à fecundação quando se estabelece uma análise comparativa entre o pré-teste e o pós-teste, uma vez que houve dois (10%) aluno(a)s que elaboraram uma explicação mais completa (Ver quadro XI, Categoria: Elabora uma explicação completa – Joana, pós-teste e David, pós-teste). No entanto, verifica-se o aumento de respostas que revelaram conhecimentos incorrectos acerca da fecundação, nomeadamente erros científicos e confusão entre os sistemas urinário e reprodutor: “O pai tem um ovinho no pénis e quando fazem sexo sem cuecas o ovinho entra na bexiga e a mãe fica grávida.” (Sara, pós-teste). Não houve, pois, aquisição e consolidação de conhecimentos correctos sobre Reprodução Humana para a maioria do(a)s aluno(a)s da turma (12 aluno(a)s, cerca de 60%),

denotando-se, ainda, no pós-teste, respostas originárias de concepções que revelam a intenção da mãe na formação do bebé, ou a intervenção de um agente externo (“*Foi uma cegonha (...).*” (Carina, pós-teste). O(A)s aluno(a)s que responderam “*o pai e a mãe fizeram amor*” ou o aluno que respondeu “*o pai e a mãe fizeram sexo*” não explicitaram como se deu a fecundação.

Quanto à turma da escola M, podemos observar os resultados no quadro XII:

Categorias/Subcategorias		Freq. Pré- teste	Freq. Pós- teste	Exemplos de Respostas do(a)s aluno(a)s
O(A) aluno(a) possui conhecimentos correctos acerca da origem da vida	Elabora uma explicação completa	0	9	“(...) os espermatozóides fizeram uma corrida e houve um que chegou ao óvulo e daí em diante o bebé formou-se” (Sofia, pós-teste); “O pai e eu fizemos uma coisa: o pénis do pai enfiou-se na vagina. O espermatozóide reuniu-se com o óvulo e daí tornou-se o bebé.” (Alberto, pós-teste)
	O pai e a mãe fizeram amor	1	1	“O bebé sai da barriga pela loló. O bebé aparece porque eu e o teu pai fizemos amor.” (Alberto, pré-teste). “Eu esqueci-me de tomar os comprimidos e fiz amor com o teu pai.” (Ruben, pós-teste);
	Elabora uma explicação sucinta	5	5	“O meu bebé nasceu fazendo sexo com o teu pai.” (Lúcia, pré-teste); “Olhem filhos, eu e o vosso pai fizemos sexo e não pusemos preservativo (...)” (Ana, pré-teste); “(...) vão para a cama quando têm paixão e começam a fazer sexo. (Diogo, pós-teste); “O bebé apareceu porque eu e o pai fizemos sexo” (Isabel, pós-teste)
	O pai e a mãe foram para a cama	1	0	“(...) a mãe e o pai vão para a cama e chocam e começam a rebolar na cama.” (Martina, pré-teste);
O(A) aluno(a) não possui conhecimentos incorrectos acerca da origem da vida	O(A) aluno(a) possui conhecimentos incorrectos acerca da origem da vida	3	2	“Os bebés aparecem pelos bichinhos que passam do homem para a mulher e o bebé vai crescendo dentro da barriga” (Miguel, pré-teste); “(...) e a sementinha que estava dentro da pilinha do teu pai entrou na minha loló e a barriga começou a crescer” (Joana, pré-teste); “(...) quando se faz amor nasce um espermatozóide que vai crescendo, crescendo e (...) transforma-se no bebé. (Lúcia, pós-teste); “(...) e fizemos sexo, e os espermatozóides que estavam nos testículos fugiram para os óvulos e o espermatozóide foi crescendo” (Joana, pós-teste);
	O(A) aluno(a) indica que não sabe	0	2	“O pai junta-se com a mãe. Não sei fazer mais...” (Fábio, pós-teste); “Não sei, não me lembro.” (Hugo, pós-teste)
	Outras respostas	7	1	“Porque eu deixei de tomar a pílula e o bebé foi aparecendo.” (Pedro, pré-teste); “O bebé apareceu levando uma vacina.” (Daniela, pré-teste); “A mãe é palhaça e está grávida” (Raquel, pós-teste)
O(A) aluno(a) não responde		4	1	

Quadro XII– 2ª Actividade – Fecundação – Escola M

Apresenta-se o gráfico XII que explicita os resultados com maior clareza e de fácil leitura:

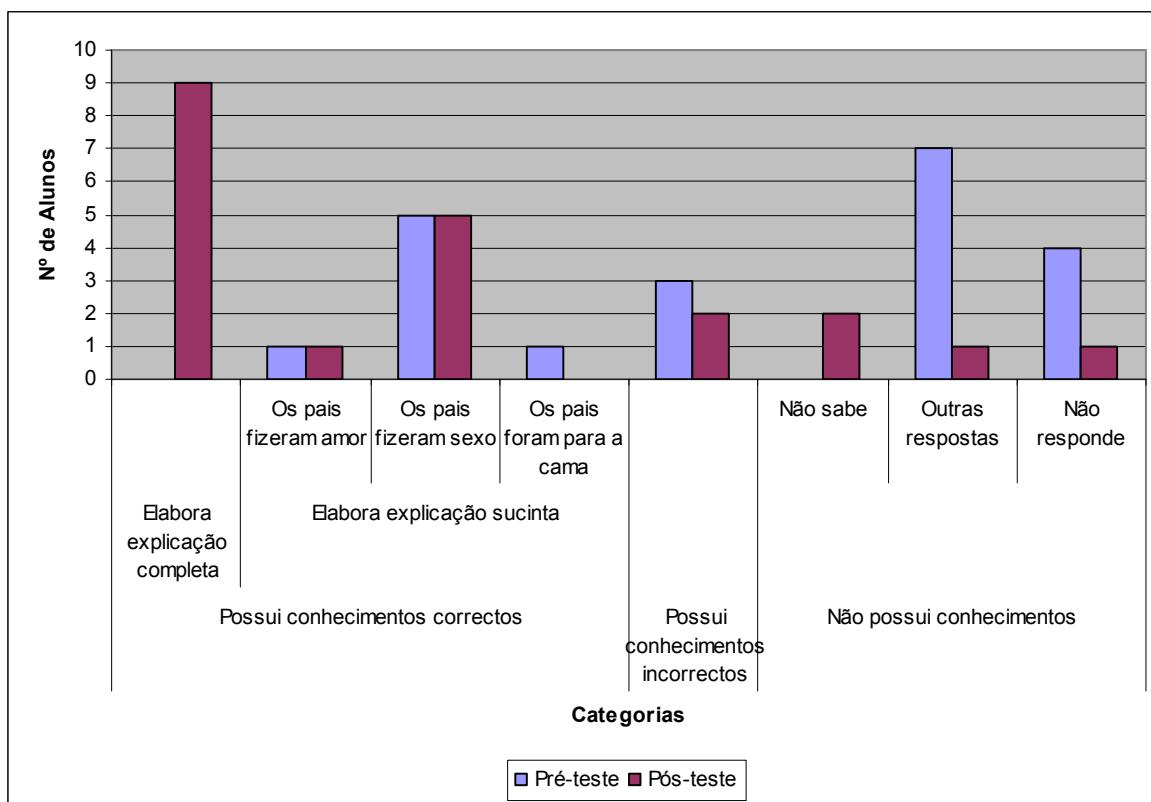


Gráfico XII - 2ª Actividade – Fecundação – Escola M

Observando os resultados, verificamos que houve uma evolução nos conhecimentos relativamente à fecundação, uma vez que, no questionário administrado depois da leccionação do tema da Reprodução Humana, nove (42%) aluno(a)s elaboraram uma explicação completa, mencionando a união entre um espermatozóide e o óvulo, o que não se observa em nenhuma resposta do pré-teste. Verificou-se que o(a)s aluno(a)s que demonstraram ter adquirido conhecimentos incorrectos acerca da fecundação fizeram confusão entre o gâmeto masculino e o ovo que vai originar o bebé. Apenas uma (4,5%) aluna forneceu uma resposta que pareceu não corresponder ao que era pedido na actividade (Ver Outras Respostas no Quadro XII, Raquel). No pós-teste, apenas um (4,5%) aluno indicou que “*o pai e a mãe fizeram amor*”, enquanto que cinco (24%) aluno(a)s optaram por indicar que “*o pai e a mãe fizeram sexo*” e as suas explicações são, na sua generalidade, a descrição de um acto de forma técnica, desprovida de sentimentos. Apesar da constatação da evolução de

conhecimentos ainda houve dois (9,5%) alunos que responderam que não sabiam e houve um aluno que não respondeu.

No que concerne à terceira actividade do questionário administrado antes e depois da leccionação do tema da Reprodução Humana – Conta uma História – onde se pretendia indagar se o(a)s aluno(a)s estariam alerta para possíveis situações de abuso sexual, e como evitar tais situações, os resultados foram obtidos a partir da análise das histórias contadas pelo(a)s aluno(a)s da turma da escola E, podendo-se observar alguns exemplos de histórias no Quadro XIII que categoriza os resultados.

Categorias/Subcategorias		Freq. Pré-teste	Freq. Pós-teste	Exemplos de histórias elaboradas pelo(a)s aluno(a)s
Elaborou história baseada nas vinhetas	Sugere que está alerta	5	7	<p>“(...)Um homem estava escondido atrás dos arbustos (...) deu aos meninos dois chupas e (...) com medo disseram: Obrigada. (...) o homem estava a pensar em raptar as crianças mas (...) foram embora antes que o homem as agarrasse (Joana, pré-teste)</p> <p>“(...) dois meninos estavam a brincar e um homem estava a ver atrás de um arbusto. Ele deu-lhes dois chupas e disse se queriam passear no carro e eles ficaram assustados e foram embora.” (Helena, pós-teste)</p> <p>“A menina e o menino estavam a jogar à bola e estava um homem a espreitar pelos arbustos. O homem queria dar um chupa a cada um mas os meninos não aceitaram. (...) não aceitaram os chupas de um estranho. E os meninos foram-se embora (...).” (Miguel, pós-teste)</p>
	Não sugere que está alerta	15	13	<p>“(...)a menina tinha levado uma bola e o adulto (...) deu umas maracas que era para eles brincarem e depois (...) disse para eles irem brincar para outro sítio e eles obedeceram e foram (...).” (Sara, pré-teste)</p> <p>“Os meninos estavam a brincar à bola. De repente apareceu um senhor e ficaram assustados, mas o senhor agarrou neles e deu-lhes dois chupas e os meninos ficaram contentes.” (Catarina, pré-teste)</p> <p>“(...) um menino e uma menina estavam a jogar à bola e um senhor estava a ver. Depois ele deu chupas e disse assim: Querem passear de carro? Os meninos disseram que sim e lá foram.” (Nuno, pós-teste)</p> <p>“(...) E houve um dia que o senhor disse-lhes: Querem um rebuçado? E eles: Sim, por favor! Depois o homem queria leva-los a passear e eles foram.” (Sofia, pós-teste)</p>
Elaborou história mas não se baseou nas vinhetas				
Não elaborou história				

Quadro XIII– 3ª Actividade – Conta uma História – Escola E

O Gráfico XIII traduz os resultados observados no quadro anterior com o intuito de facilitar a sua leitura e a comparação entre o pré-teste e o pós-teste.

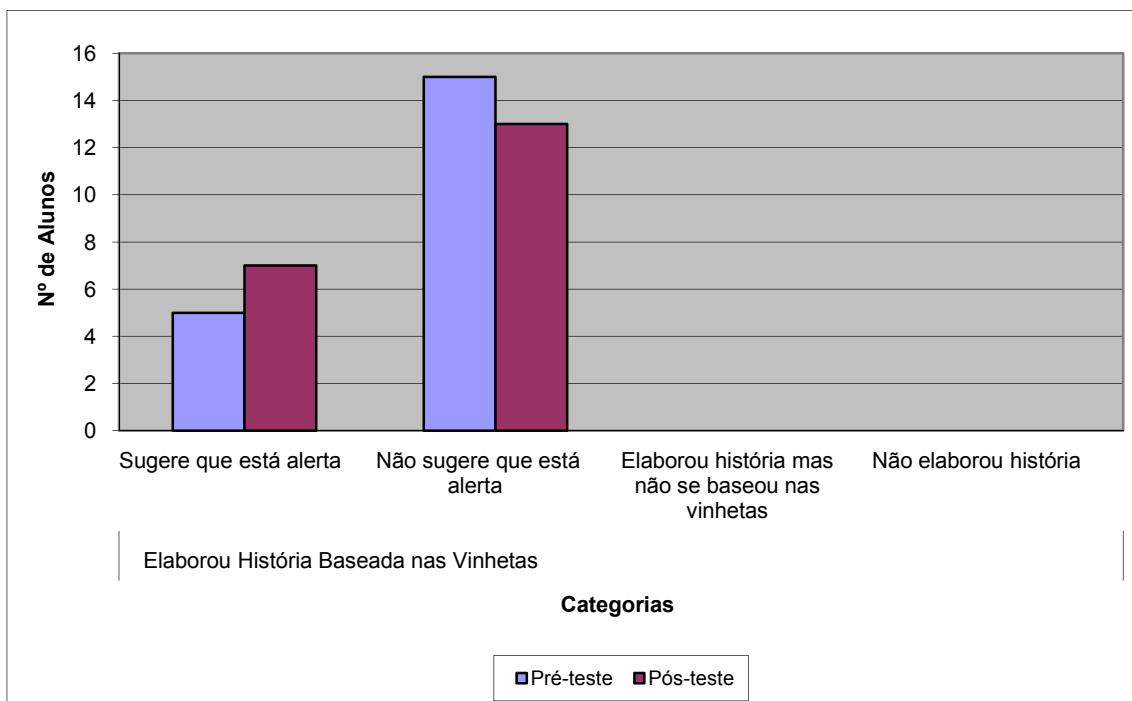


Gráfico XIII - 3ª Actividade – Conta uma História – Escola E

Observa-se que houve uma ligeira mudança na atitude do(a)s aluno(a)s no que concerne em estar alerta para situações de possível abuso sexual. Na generalidade, o(a)s aluno(a)s que revelaram encontrar-se alerta, no pós-teste, para situações de risco, mencionaram que as crianças/personagens da história estavam com medo ou assustadas ou sublinharam que o homem atrás dos arbustos era um estranho. No entanto, o número de aluno(a)s (treze, cerca de 65%) que no pós-teste ainda não entende a situação apresentada como sendo de risco para as crianças/personagens da história ainda é bastante elevado, o que leva a concluir que é necessário insistir mais neste tipo de prevenção para evitar futuras situações de abuso. As actividades realizadas pela professora dirigidas para este tipo de problemática, claramente, não foram suficientes e carecem de consolidação e insistência. De salientar, mais uma vez, que o manual escolar adoptado não possuía nenhuma actividade que contemplasse a prevenção do abuso sexual de menores, nem os restantes manuais escolares avaliados no estudo exploratório.

Os resultados obtidos a partir da análise das histórias contadas pelo(a)s aluno(a)s da turma da escola M foram organizados no quadro XIV:

Categorias/Subcategorias		Freq. Pré-teste	Freq. Pós-teste	Exemplos de histórias elaboradas pelo(a)s aluno(a)s
Elaborou história baseada nas vinhetas	Sugere que está alerta	5	13	<p>“(...) quando passa um desconhecido que lhes deu um chupa(...) ficaram muito assustados e foram para casa ter com os pais” (Joana, pré-teste)</p> <p>“(...) um senhor desconhecido que tinha dois chupas. Mas as crianças lembraram-se do que a mãe e o pai disseram. O senhor estava a planejar um plano e não resultou porque foram brincar para outro lado.” (Alberto, pré-teste)</p> <p>“(...)um senhor sai e oferece-lhes dois chupas e as crianças dizem: muito obrigado mas não podemos aceitar. (...) Porque a minha mãe disse-me que não devemos aceitar nada de estranhos.” (Catarina, pós-teste)</p> <p>“(...) Havia um senhor que os estava a espiar e tinha dois chupas para lhes dar. (...) mas eles não comeram porque o homem era estranho.” (Ana, pós-teste)</p>
	Não sugere que está alerta	13	6	<p>“ (...) um senhor deu dois chupas (...) E o senhor diz-lhes: É melhor darmos uma boleia para casa. E o menino diz: Está bem eu e ela vamos para casa de boleia.” (Daniel, pré-teste)</p> <p>(...)mas não era um senhor qualquer. Era o professor de música. Ele deu umas pandeiretas mas eles não aceitaram porque não queriam tocar musica. Depois os pais vieram busca-los e a menina ficou a olhar para o professor porque não queria ir embora” (Daniela, pré-teste)</p> <p>“(...)Quando o senhor se aproximou dos meninos queria-lhes dar chupas. (...) e aceitaram. O senhor levou os meninos para o campo (...) (Iuri, pós-teste)</p> <p>“(...) e apareceu um senhor que deu um chupa-chupa a cada um (...). Eles aceitaram os chupa-chupas e foram-se embora porque iam de carro a um piquenique. (Daniela, pós-teste)</p>
Elaborou história mas não se baseou nas vinhetas		0	1	<p>(...)mas a menina antes de dar a bola perguntou se ele queria jogar à bola. O menino disse: assim eu vou conseguir. (...) e tornou-se num verdadeiro herói. Quando entrou para a escola nova ele levava a bola (...)" (Fábio, pós-teste)</p>
Não elaborou história		3	1	

Quadro XIV – 3ª Actividade – Conta uma História – Escola M

O gráfico XIV traduz o disposto no quadro anterior expondo os resultados de forma clara:

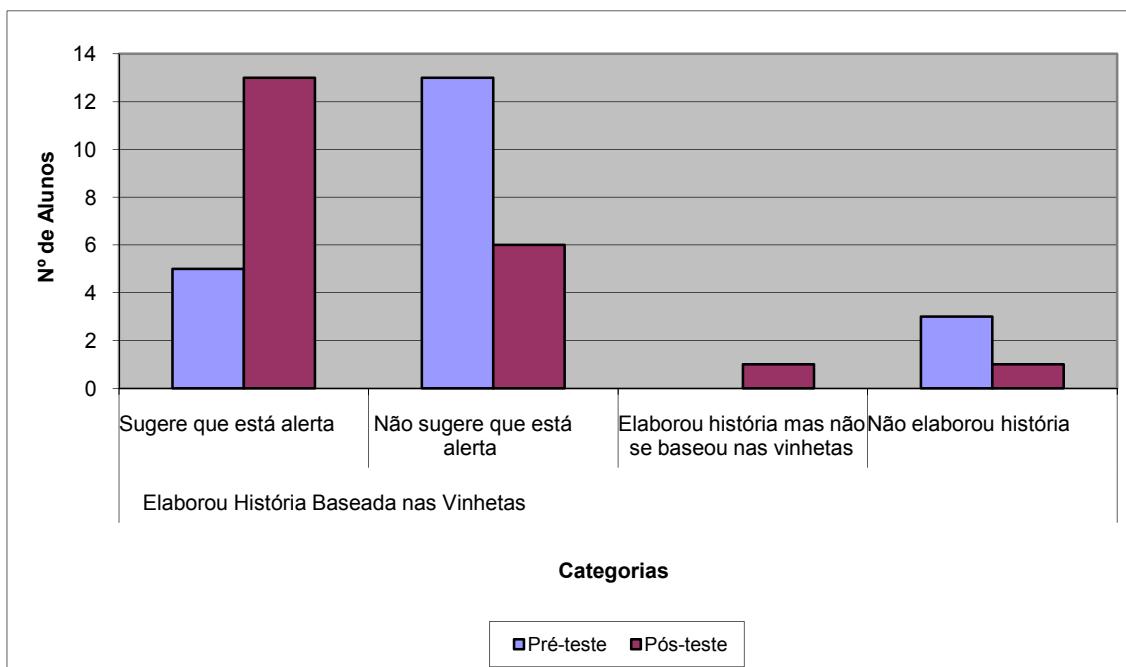


Gráfico XIV - 3ª Actividade – Conta uma História – Escola M

Comparativamente com a turma da escola E, verifica-se uma melhoria nos resultados no que concerne a estar alerta para situações consideradas de risco de abuso sexual, observando-se que treze (62%) aluno(a)s, no pós-teste, elaboraram uma história que sugeria claramente estarem alerta para situações de tentativa de abuso sexual. No pré teste, todo(a)s o(a)s aluno(a)s que demonstraram encontrar-se alerta para situações de risco (cinco, cerca de 24%), mencionaram os conselhos do(a)s pais/mães referentes à não aceitação de doces de estranhos. O mesmo se verificou nas histórias elaboradas no pós-teste por sete (33%) aluno(a)s. É o caso da história elaborada pela Joana: “(...) Os meninos viraram costas ao senhor e foram para casa contar o que o senhor lhes tinha oferecido (...) e o pai disse-lhes: Acho muitíssimo bem. Fizeram tudo o que eu vos disse da última vez” (Pós-teste). Houve um (4,5%) aluno que não elaborou a história no pré-teste e que no pós-teste elaborou uma história, mas não se baseou nas vinhetas. Observou-se que o aluno apresentava dificuldades ao nível da atenção/concentração, como registado no quadro de observação referente à turma da escola M (anexo 3) e que facilmente se distraía em conversas com os colegas, sendo frequente não realizar as actividades que lhe eram propostas.

Relativamente à quarta actividade do questionário administrado – Brinquedos e Tarefas – com o propósito de verificar se haveria uma mudança de atitudes entre o pré-teste e o pós-teste no que concerne ao estereótipo de papéis sexuais sociais ou à discriminação de género, apresentam-se os resultados da turma da escola E, no gráfico XV, relativamente ao pré-teste:

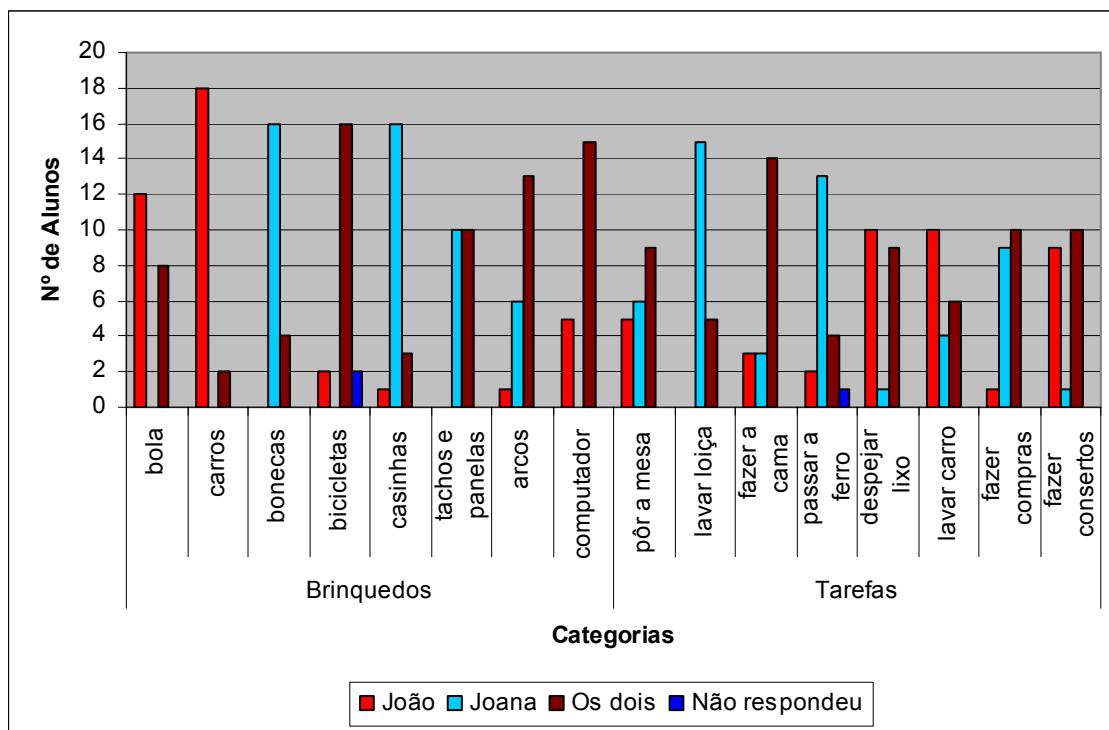


Gráfico XV – 4ª Actividade – Brinquedos e Tarefas – Pré-teste – Escola E

No gráfico XVI apresentam-se os resultados relativamente ao pós-teste da referida turma:

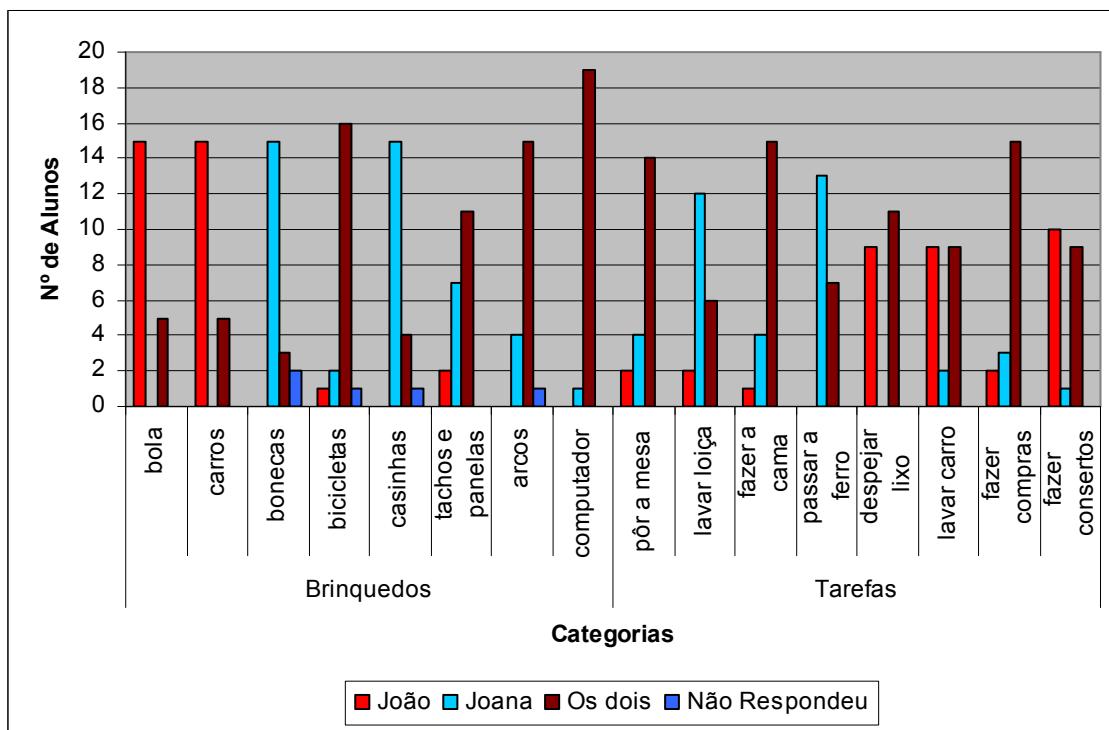


Gráfico XVI – 4ª Actividade – Brinquedos e Tarefas – Pós-teste – Escola E

Observando-se atentamente os resultados, verifica-se que não houve mudanças significativas na opinião do(a)s aluno(a)s, embora se registe uma ligeira evolução do pré-teste para o pós-teste. Houve actividades pontuais direcionadas para a abordagem dos papéis sexuais sociais promovidas pela professora, inseridas noutros conteúdos temáticos, que foram pouco eficazes. De salientar que o(a)s aluno(a)s no pré-teste, maioritariamente, haviam já escolhido certos brinquedos (bicicletas, tachos e panelas, arcos, computador) como comuns ao João e à Joana e tarefas (pôr a mesa, fazer a cama, fazer compras, fazer consertos) a realizar pelos dois. Pouco(a)s aluno(a)s assinalaram para a Joana e para o João, quer no pré-teste, quer no pós-teste, brinquedos estereotipados como preferenciais ou considerados característicos de meninos e de meninas (bola, carros, bonecas, casinhas). O mesmo se verificou com as tarefas de lavar a loiça e passar a ferro, que o(a)s aluno(a)s assinalaram a ser preferencialmente realizadas pela menina, quer no pré-teste, quer no pós-teste. Denota-se, pois, a influência dos media, nomeadamente na área da publicidade, e as vivências familiares como referência. Todos os dias é verificável a publicitação de brinquedos tipificados para menino e para menina, havendo uma pressão social evidente para o estereótipo dos papéis sexuais sociais. No seio familiar, ainda é pouco comum a partilha de tarefas.

Quanto à turma da escola M, apresentam-se os resultados do pré-teste no gráfico XVII referentes à quarta actividade:

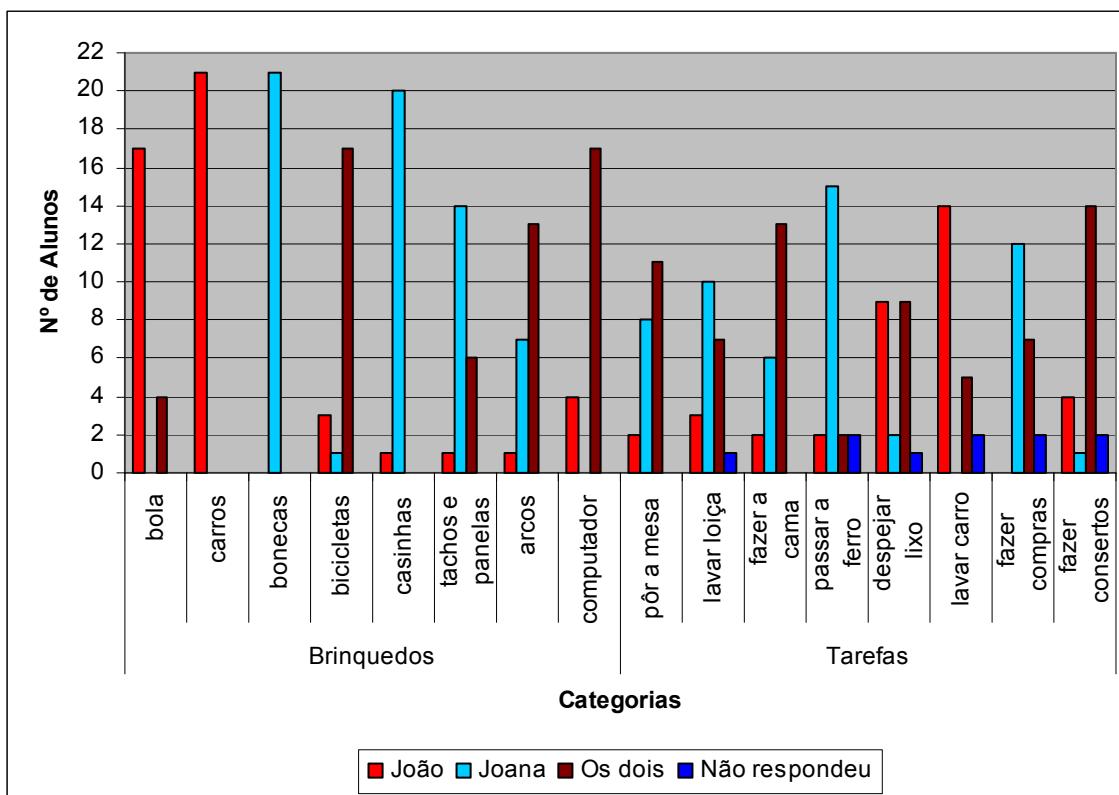


Gráfico XVII – 4ª Actividade – Brinquedos e Tarefas – Pré-teste – Escola M

Para a mesma actividade expõem-se os resultados do pós-teste no gráfico XVIII, referente à turma da escola M:

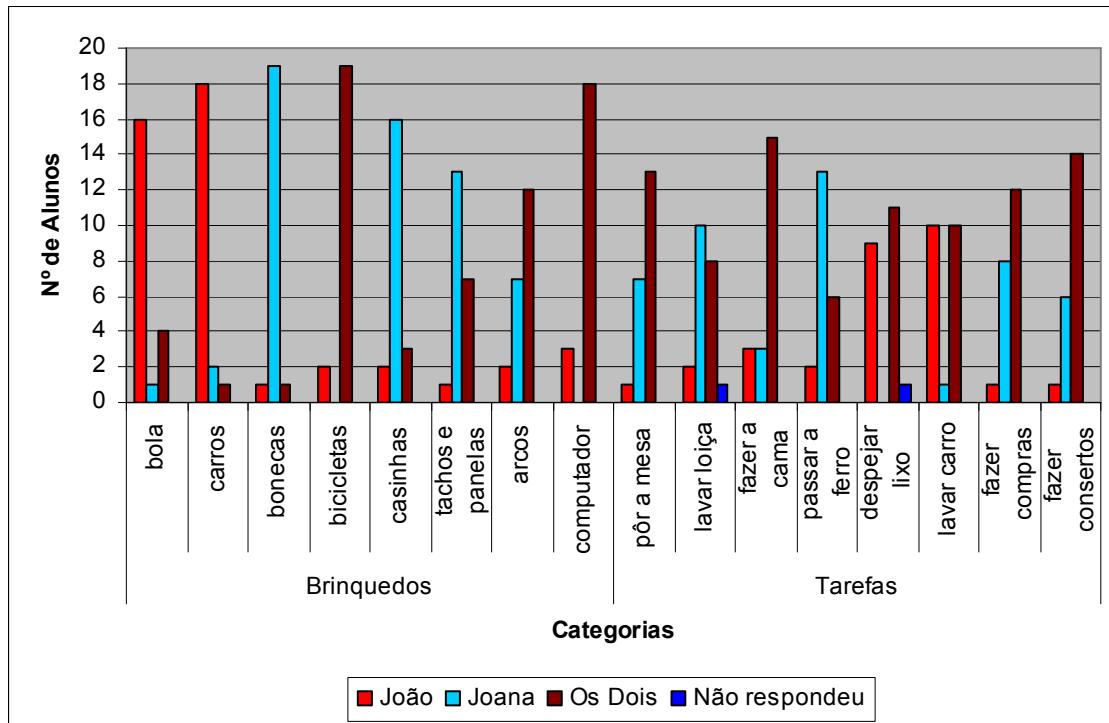


Gráfico XVIII – 4ª Actividade – Brinquedos e Tarefas – Pós-teste – Escola M

À semelhança da turma da escola E, houve uma ligeira mudança de atitudes no(a)s aluno(a)s da turma da escola M entre o pré-teste e o pós-teste, tanto na escolha dos brinquedos como nas tarefas. No entanto esta evolução é pouco significativa. A professora, também, promoveu em contexto de sala de aula actividades pontuais que focavam os papéis sexuais sociais, insuficientes para abalar as opções assumidas pelo(a)s aluno(a)s no pré-teste, como revelam os resultados observados. Observa-se, à semelhança do que se verificou para a turma da escola E, que o(a)s aluno(a)s tinham já indicado, no pré-teste, brinquedos (bicicletas, arcos, computador) e tarefas (pôr a mesa, fazer a cama, fazer consertos) que poderiam pertencer à Joana e ao João e que foram assinalados no pós-teste por mais aluno(a)s como pertencentes aos dois. Consta-se, quer no pré-teste, quer no pós-teste, à semelhança do que se verifica na turma da escola E., o acentuado estereótipo de género no que se refere aos brinquedos: bola, bonecas, carros e casinhas. No entanto a turma da escola M. tende, também, a estereotipar o brinquedo tachos e panelas, assinalando-o como pertencente preferencialmente à menina. Mais uma vez se denotam a influência das vivências familiares e como se traduzem no modo como a criança perspectiva o conhecimento da sua realidade.

As actividades pontuais direcionadas para evitar o estereótipo de papéis não foram eficazes, não se verificando alteração na maneira de pensar do(a)s aluno(a)s, tanto da turma da escola E como da turma da escola M. Verifica-se a necessidade de realizar actividades estruturadas nesta área e evitar que os papéis sociais sejam apenas transmitidos no currículo oculto. O(A)s aluno(a)s lidam, muitas vezes, com uma realidade familiar e social que não promove a igualdade de género e estas vivências pesam mais aquando da estruturação do conhecimento individual. Será, pois, uma área a insistir, sendo fundamental nos dias de hoje o combate à discriminação de género. Hoje, ambos os géneros possuem uma vida laboral activa, havendo a necessidade da partilha de tarefas para promover a qualidade de vida.

Comparativamente, observa-se que a turma da escola M obteve melhores resultados no pós-teste que a turma da escola E. Estes resultados são justificáveis pela natureza das turmas, verificando-se mais casos de dificuldades de aprendizagem, com défice de atenção/concentração na turma da escola E que na turma da escola M. Há, ainda, a considerar a escolha das actividades a explorar em contexto de sala de aula. Para a planificação elaborada em conjunto, as professoras escolheram actividades diferentes para a abordagem dos conteúdos assinalados como fundamentais para a exploração do tema da Reprodução Humana. Apesar de ambas terem considerado as necessidades educativas da turma e os conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, a professora Joana escolheu algumas actividades que implicaram o envolvimento mais activo do(a)s aluno(a)s na aquisição de conhecimento. Este facto associado a todos os factores assinalados pode ter contribuído para a diferença de resultados entre as duas turmas observadas.

Na generalidade, os resultados não foram os esperados em ambas as turmas, tanto ao nível da consolidação de conhecimentos, como ao nível da mudança de valores e atitudes. A evolução, considerada pouco significativa entre o pré-teste e o pós-teste, foi consequência de um conjunto de factores que conjugados podem ter influenciado os resultados e impediram um maior sucesso nas aprendizagens. É o caso do tempo alargado decorrido entre a administração dos questionários, uma vez que o pré-teste foi administrado no início do 1º período e o pós-teste foi administrado no 3º período, tendo o tema sido explorado em meados do 1º período, como planificado pelas professoras envolvidas. Contudo, este tempo de intervalo foi deliberado, visto que se pretendia verificar se o(a)s aluno(a)s haviam assimilado as aprendizagens ou procedido a alterações nas suas atitudes e valores, o que implicaria mudanças do foro intrínseco, demonstrando-se, assim, evolução no(a)s aluno(a)s como indivíduos numa sociedade mais tolerante e igualitária.

É conclusivo que a Educação Sexual não poderá ficar associada ao tema da Reprodução Humana e confinada a quatro sessões/aulas no período de um ano lectivo. Terá de ser abordada e fomentada ao longo de todo o ano, adoptando metodologias concertadas com outros conteúdos das diferentes áreas curriculares, assumindo o seu cariz transversal. A sua promoção terá de contemplar um treino de competências individuais que permitam a escolha de comportamentos saudáveis e capacitem o(a)s aluno(a)s a pedir ajuda quando necessário. Deverá incluir dinâmicas de grupo com estratégias que envolvam activamente o(a) aluno(a), direcionadas para a mudança de atitudes, promovendo a igualdade de género, a tolerância e o direito à diferença.

2.3. Análise do Inquérito por Entrevista administrado às Professoras Envolvidas

O Inquérito por entrevista administrado às professoras envolvidas teve lugar antes da exploração do tema da Reprodução Humana em contexto de sala de aula. Apenas as considerações finais foram tecidas após a leccionação do tema. Cada entrevista foi alvo de uma análise de conteúdo e encontram-se transcritas no anexo 6.

Considerando os quatro momentos que estruturaram a entrevista realizada, é possível verificar as respostas das professoras para cada momento, atendendo às categorias e subcategorias definidas para cada pergunta.

O primeiro momento, centrado no tema da Reprodução Humana no que concerne à sua abordagem no currículo, pelo manual escolar adoptado e em contexto de sala de aula, revelou que as professoras conferiam importância ao tema, mas eram da opinião que não era explorado como devia, como se verifica no quadro seguinte:

		Maria	Joana
1º Momento	a)	"O tema é de grande importância (...)"	"(...) pretende fazer passar aos alunos um conjunto de qualidades que lhes permite, futuramente, encontrar uma conduta sexual e contribuir para o seu desempenho como cidadãos activos na sociedade."
	b)	Levar futuramente o(a)s aluno(a)s a "(...) agir de forma responsável (...)"	"(...) identificar este processo vital comum aos seres vivos dependente do funcionamento de cada sistema orgânico." "(...) os alunos deverão ser capazes de exprimir, fundamentar e discutir as suas ideias sobre comportamentos na área da sexualidade."
	c)	"(...) não deve abordar apenas o ensino da anatomia mas também os sentimentos e os comportamentos de risco (...) ao nível das ISTs". "(...) permite que se abordem noções básicas de higiene."	"(...) doenças sexualmente transmitidas e à homossexualidade."
	d)	"É muito limitativo e com grandes lacunas. Os esquemas dos sistemas reprodutores são muito rudimentares. Transmite alguns conhecimentos mas muito básicos."	"O tema é abordado de forma incompleta."
	e)	"O manual deveria abordar o tema a partir dos afectos."	"Tendo em conta a diversidade da vida animal, seria interessante a apresentação da reprodução de outros animais, (...), ou sugerindo o recurso a DVD's/sites, cartazes exemplificativos, apresentação de curiosidades nesta área, sugestões de actividades a realizar(...)"
	f)	"(...) o assunto é ainda tabu na maior parte das famílias e encontram-se errados, pois muitas vezes são veiculados pelos colegas ou pela televisão." "Vai ser difícil desmistificar certos conceitos e levá-los a falar de forma natural sobre o corpo e a reprodução."	"(...) será difícil tentar encontrar tempo para a selecção/realização de diferentes suportes pedagógicos (...)" "(...) os alunos não possuem conhecimentos nesta área porque não há diálogo em casa."
	g)	"(...) Mas, através do diálogo será possível superar as dificuldades.	"(...) necessidade de começar nos conceitos mais básicos e usar uma linguagem simples e clara."

Quadro XV – Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 1º Momento³

No que concerne à primeira questão, relativamente à importância do tema da Reprodução Humana no currículo, a professora Maria focou, principalmente, razões ao nível das atitudes e valores relativamente à importância do tema no currículo do 1º Ciclo, enquanto que a professora Joana frisou, também, os

³ Subcategorias:

- a) Relevância do tema no currículo
- b) Competências básicas a desenvolver pelos alunos
- c) Conteúdos a abordar considerados essenciais
- d) Relevância do manual escolar adoptado na abordagem do tema
- e) Outras possíveis abordagens
- f) Dificuldades
- g) Medidas para as superar

conhecimentos ao nível do sistema orgânico e foi mais longe, uma vez que revelou que o tema contribui para a formação do(a)s aluno(a)s como cidadã(o)s sexuado(a)s. Ambas as professoras apontaram competências sociais básicas a desenvolver pelo(a)s aluno(a)s e foram da opinião que a Reprodução Humana deverá abordar as ISTs. A professora Maria conferiu importância à abordagem de noções básicas de higiene nesta área. No entanto, a avaliação dos manuais escolares disponíveis para adopção inserida no estudo exploratório efectuado, demonstrou que apenas um (6%) manual fomentava a necessidade de hábitos de higiene pessoal (parâmetro (II) 16 da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar), indicando dois cuidados com a saúde e segurança do sistema reprodutor e sugerindo uma conversa com o(a)s pais/mães sobre o assunto.

Quanto à segunda questão, no que concerne à abordagem do tema pelo manual escolar adoptado, ambas indicaram que o manual não abordava a Reprodução Humana de forma completa. A professora Maria indicou que o manual deveria abordar o tema a partir dos afectos. Verificou-se no estudo exploratório que apenas dois (12%) manuais davam ênfase a valores e sentimentos em algumas situações, tendo obtido classificação de Suficiente no parâmetro (II) 11 da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar. Não é uma abordagem escolhida pelos manuais, limitando-se apenas a expor informação. A professora Joana referiu que o manual deveria sugerir alguns recursos para melhor abordagem do tema e exemplificou (ver Joana, Categoria 2 – Quadro XV – Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 1º Momento).

Na terceira questão, questionadas sobre as dificuldades que terão de superar, tanto a professora Maria como a professora Joana mencionaram a falta de conhecimentos correctos nesta área por parte do(a)s aluno(a)s, consequência do escasso diálogo familiar. A professora Maria mencionou que no seio familiar esta área é tema tabu, muitas vezes ligada a crenças religiosas. A professora Maria referiu, ainda, a aquisição de conhecimentos errados por parte do(a)s

aluno(a)s através dos seus pares ou da TV, difíceis de desmontar. A professora Joana frisou a falta de tempo em organizar outros suportes de aprendizagem, já que o manual não oferecia o que era pretendido. Ambas indicaram o diálogo, entre professora e aluno(a), como ferramenta para superar as dificuldades assinaladas.

No segundo momento, relativamente à definição e promoção da Educação Sexual pelo manual escolar e pelos recursos a utilizar pelas professoras, verifica-se que as professoras eram da opinião que o manual escolar adoptado não promovia a Educação Sexual, como se pode observar nas respostas expostas no quadro XIV.

		Maria	Joana
2º Momento	4. Def. de Educação Sexual.	h) "Será o ensino de toda a «psicologia» relacionada com o tema: os comportamentos, os afectos (...) e permite a identificação dos alunos como seres sexuados (...)"	"Educação Sexual é educar os jovens nas diferentes vertentes da Educação, tais como, o sentimento (...), o respeito (...) e a componente física (...)"
	5. Promoção da Educação Sexual pelo manual escolar.	i) "Este manual não fomenta de todo o que deve ser a Educação Sexual."	"O manual não fomenta a Educação Sexual."
	j)	"Não aborda comportamentos nem os afectos."	"(...) falta a componente que permite o diálogo e o debate com os alunos, partindo de situações reais."; "(...)falta, ainda, a vertente do sentimento"
	k)	"(...) diálogos entre a professora e os alunos que propiciem a discussão de atitudes e valores e que visem o esclarecimento de dúvidas, emoções e sentimentos."	"Sessões de debate sobre o tema entre professora e alunos (...)"
	l)	"(...) powerpoint's (...)." "(...) notícias de revistas e até da T.V."	"(...) DVD's, histórias, diapositivos, filmes, jogos, cartazes exemplificativos, fichas de trabalho, powerpoint's"
	m)	Recursos Tecnológicos: "Textos simples retirados da Internet (...)"	

Quadro XVI – Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 2º Momento⁴

⁴ Subcategorias:

- h) Descrição do que é a Educação Sexual
- i) Actividades que promovem a Educação Sexual no manual escolar
- j) O que falta para promover a Educação Sexual
- k) Recursos humanos
- l) Recursos materiais
- m) Outros recursos mencionados

Quanto à questão quatro, relativamente ao que as professoras entendiam por Educação Sexual, a professora Maria definiu a Educação Sexual como a construção da identidade de cada um, enquanto que a professora Joana aludiu às dimensões da sexualidade. Ambas as professoras centraram a definição de Educação Sexual na sua contribuição para a formação intrínseca do(a) aluno(a): “(...) para o seu crescimento sadio.” (professora Maria) ou “(...) criar cidadãos activos e conscientes.” (professora Joana).

Na questão cinco, que inquiria as professoras quanto à forma de promoção da Educação Sexual pelo manual adoptado, ambas as professoras referiram que o manual escolar não fomentava a Educação Sexual, pois carecia da esfera dos sentimentos e dos afectos. A professora Joana verificou, ainda, que o manual não desenvolvia competências de comunicação, referindo o debate, para uma aprendizagem construtivista. E frisou a importância do papel do(a) professor(a) na promoção da Educação Sexual e no preenchimento das lacunas demonstradas pelo manual. É de salientar que, tendo em conta os critérios e os parâmetros definidos na Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar construída para avaliar os manuais escolares disponíveis no mercado, não houve manuais escolares com classificação de Bom nas áreas referentes à II parte - Educação Sexual.

As professoras mencionaram a necessidade de utilizar recursos diversificados, na questão seis, quando inquiridas em relação aos recursos que pretendiam utilizar para a colmatação de possíveis lacunas verificadas no manual e promover a Educação Sexual em contexto de sala de aula. A professora Maria optou por recursos que lhe fornecessem informação imediata e actual, referindo a Internet e notícias de revistas e TV. A professora Joana optou por recursos que servissem de motivação e variedade na apresentação da informação.

O terceiro momento, centrado no manual escolar, inquiriu as professoras quanto à constituição de um manual de Educação Sexual e à função dos manuais em contexto de sala de aula, observando-se as respostas no quadro XV.

	Maria	Joana
3º Momento	7. Constituição de um manual de Educação Sexual 8. Opinião acerca da função do manual escolar.	"(...) explorando actividades que envolvesse os papéis sociais e os comportamentos e atitudes."
		"(...) os cuidados de higiene e comportamentos futuros de risco."
		"Para além de imagens mais completas, deveria conter uma abordagem adequada à faixa etária dos alunos (...)"; "O manual deveria ser mais orientado para os afectos, as atitudes e valores. Deveria conter orientações para o professor, com sugestões de metodologias e estratégias que envolvessem o debate e trabalhos de pesquisa."
		"(...) como motivação utilize outros suportes"
		"(...) tento complementar a informação que se encontra nos manuais porque é sempre escassa."
		"Funciona principalmente como consolidação de conhecimentos."
		"Deveria sugerir recursos a utilizar (...)"
		"Pode recorrer a formas de motivação consideradas interessantes"
		"(...) é um meio de apresentação da informação a abordar (...)"
		"(...) útil para a consolidação dos conhecimentos."

Quadro XVII – Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 3º Momento⁵

Na questão sete, relativa ao que deveria constar num manual de Educação Sexual, tanto a professora Maria como a professora Joana indicaram que era fundamental a exploração de actividades que envolvessem os papéis sociais num manual de Educação Sexual. A professora Maria frisou novamente a importância de abordagem a nível dos afectos e sentiu necessidade de haver orientação para o(a) professor(a) com sugestões metodológicas, enquanto que a

⁵ Subcategorias:

- n) Actividades a incluir num manual de Educação Sexual
- o) Conteúdos a explorar num manual de Educação Sexual
- p) Outras sugestões
- q) O manual escolar como motivação
- r) O manual escolar como aquisição de informação
- s) O manual escolar como consolidação de conhecimentos
- t) Indicação de outra função

professora Joana referiu a sugestão de recursos e afirmou que o manual, na sua opinião, não era importante, mas sim o papel do(a) professor(a).

Relativamente à questão oito, que questionava sobre a função do manual em contexto de sala de aula, a professora Joana referiu que usa o manual escolar nas suas diferentes funções, enquanto que a professora Maria confessou que usa o manual escolar apenas como consolidação de conhecimentos.

Finalmente, no que concerne ao quarto momento, as professoras partilharam a opinião, sem restrições, acerca das actividades desenvolvidas, do papel da Educação Sexual e apresentaram sugestões para promover o sucesso das aprendizagens nesta área.

		Maria	Joana
4º Momento	9. Considerações finais	<p>u) "As actividades que foram desenvolvidas foram importantes para os alunos adquirirem informação e começarem a "pensar" de maneira diferente, mais tolerante, mas os resultados não foram os esperados. Talvez por falta de maturidade dos alunos."</p> <p>v) "(...) existem comportamentos de risco que é necessário combater. E é aí que a Educação Sexual tem um papel de prevenção."</p> <p>w) "(...) deveria haver suporte curricular para que o tema fosse também abordado no 4º ano de escolaridade (...)"</p>	<p>"Com as actividades desenvolvidas, o meu objectivo foi também promover o diálogo familiar, partindo de situações reais que os alunos pudessem, posteriormente, discutir com os pais."</p> <p>"Acho a Educação Sexual fundamental para a formação pessoal e social dos alunos."</p> <p>"Para melhores resultados, é necessário que a Educação Sexual seja explorada de forma transversal a todas as áreas curriculares."</p>

Quadro XVIII – Respostas das Professoras ao Inquérito por Entrevista – 4º Momento⁶

Efectuando uma análise comparativa das respostas das professoras, podemos verificar que a professora Maria conferiu importância à aquisição de informação por parte do(a)s aluno(a)s e à mudança de atitudes, enquanto que a professora Joana destacou a promoção do diálogo com a família. No que concerne ao papel

⁶ Subcategorias:

u) Opinião acerca das actividades desenvolvidas

v) Importância da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico

w) Sugestões de abordagem da Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico

da Educação Sexual, a professora Maria referiu o papel de prevenção de comportamentos de risco, enquanto que a professora Joana focou a importância na “*formação pessoal e social dos alunos*”. Ambas as professoras emitiram sugestões de abordagem da Educação Sexual no 1º CEB. A professora Maria indicou haver necessidade de um suporte curricular no 4º ano, onde o(a)s aluno(a)s possuem maior maturidade. A professora Joana referiu a necessidade da transversalidade a todas as áreas curriculares para o sucesso das aprendizagens nesta área. A professora Maria referiu, ainda, que sente necessidade de formação nesta área. Um conteúdo essencial que acusou não ser abordado pelos manuais escolares é a higiene dos órgãos reprodutores e que considerou fundamental, como já tinha mencionado em questões anteriores.

Conclusão

Atendendo à panorâmica geral dos resultados obtidos a partir do estudo exploratório que analisou o tema da Reprodução Humana nos manuais escolares de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade disponíveis no mercado, constata-se que houve poucos manuais que alcançaram a classificação de Bom nas áreas avaliadas, relativamente aos Aspectos Gerais. Não houve manuais escolares com classificação de Bom nas áreas referentes à Educação Sexual, segundo os parâmetros e critérios definidos para cada área, o que se conclui haver muito para fazer no que concerne à construção de um manual escolar que fomente a Educação Sexual com o propósito de contribuir para o crescimento de mentes sadias, livres de preconceito, que promova uma sociedade democrática e igualitária. Constata-se haver necessidade de um manual que privilegie actividades que permitam o desenvolvimento de competências individuais e que operem ao nível da mudança de valores e atitudes, não descurando a apresentação de um maior rigor científico na exposição dos conhecimentos, quer ao nível dos conteúdos, quer ao nível da ilustração.

O estudo exploratório permitiu antever as dificuldades que se fizeram sentir na abordagem do tema da Reprodução Humana através do manual escolar, numa perspectiva de promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula, analisada no estudo de caso que envolveu as duas turmas do 3º ano de escolaridade de um Agrupamento Vertical de Escolas do Barlavento Algarvio. Na generalidade dos manuais constatou-se que a informação veiculada se demonstrava pouco rigorosa do ponto de vista científico, que não privilegiavam sentimentos, nem operavam ao nível das atitudes e treino de competências. Desta forma, se constituiria um desafio para as professoras das turmas envolvidas a promoção da Educação Sexual na abordagem do tema da Reprodução Humana, considerando o manual escolar.

No estudo de caso foi possível averiguar a importância conferida ao manual escolar pelas professoras envolvidas, o papel das professoras na superação de dificuldades e na planificação das aulas/sessões e a evolução de conhecimentos e mudanças de comportamento por parte do(a)s aluno(a)s. As professoras foram da opinião que o manual escolar adoptado se encontrava incompleto na abordagem do tema da Reprodução Humana e não satisfazia as necessidades educativas do(a)s aluno(a)s. Desta forma, constata-se que a professora Joana, apesar de afirmar na entrevista que o manual é essencial em todas as suas funções, não considerou usá-lo aquando da lecionação da Reprodução Humana, justificando-se nas reflexões expressas nos relatos de sala de aula (reflexão expressa na 4ª sessão e Conclusão/reflexão) indicando ser pobre em conteúdo. Na sua entrevista, a professora Maria indicou que utilizaria o manual apenas como consolidação de conhecimentos, mas utilizou-o como informação uma vez que não conseguiu aceder ao site que tinha preparado (reflexão centrada na 1ª sessão) e como concretização de conhecimentos na 3ª sessão, quando pediu aos(as) aluno(a)s que comparassem as imagens do manual adoptado com o PowerPoint que tinha preparado. A professora Joana concedeu maior importância ao papel do(a) professor(a) do que ao manual escolar, encarando-o como um mero conjunto de orientações para a abordagem dos

temas, sugerindo uma sequenciação de conteúdos, enquanto que a professora Maria sentiu necessidade de um melhor suporte curricular de modo a que o(a)s professore(a)s tenham onde se apoiar.

Ambas as professoras consideraram o debate e o diálogo entre professor(a) e aluno(a) fundamental para a superação de dificuldades intimamente ligadas ao saber intrínseco do(a) aluno(a), no que concerne à superação de tabus e a encarar o tema de forma natural. Este facto é verificável tanto na entrevista realizada antes da abordagem da temática em contexto de sala de aula, como nas reflexões realizadas no fim das sessões.

Quanto à constatação da evolução dos conhecimentos e mudança nas atitudes do(a)s aluno(a)s da turma da escola E ficou aquém do desejável, verificável pelo questionário dirigido aos(as) aluno(a)s, pela observação realizada à turma nas quatro sessões e pela avaliação realizada pela professora, tendo esta proposto estratégias na reflexão efectuada, como a implementação de um projecto de Educação Sexual. Quanto à turma da escola M. observou-se uma evolução nos conhecimentos e nas mudanças de atitudes. No entanto, relativamente aos papéis sociais os resultados, também, não foram os esperados, constatados pelas observações realizadas à turma, pelo questionário administrado e pela avaliação da professora. A promoção da Educação Sexual carece de uma abordagem sistemática, com estratégias que envolvam activamente o(a) aluno(a) na dinâmica ensino/aprendizagem.

CONCLUSÃO

Introdução

As conclusões relacionam os dados obtidos empiricamente a partir dos dois estudos efectuados com a investigação bibliográfica, considerando os objectivos e as questões de investigação elaboradas, que serviram de fio condutor a esta investigação. Apresenta, ainda, um conjunto de actividades a incluir num manual escolar direcccionado para a Educação Sexual, considerando os resultados conseguidos a partir da investigação efectuada.

Este capítulo anuncia, também, as limitações da investigação e inclui um item com sugestões para futuras investigações, atendendo aos resultados obtidos, ao estudo teórico efectuado e às lacunas verificadas aquando da realização da investigação bibliográfica e apresenta algumas recomendações.

1. Conclusões da Investigação

Apresentam-se as conclusões baseadas nos resultados obtidos a partir dos dois estudos empíricos realizados. O primeiro estudo, de carácter exploratório, realizou uma análise comparativa a todos (dezassete) os manuais escolares destinados ao 3º ano de escolaridade na área do Estudo do Meio, que se encontram em vigência desde o ano lectivo 2004/2005, centrada na abordagem do tema da Reprodução Humana e na promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula. Posteriormente, foi realizado um estudo de caso num agrupamento de escolas do Barlavento Algarvio, que incluiu duas turmas do 3º ano de escolaridade, tendo-se observado as aulas/sessões que abordaram o tema da Reprodução Humana, administrado questionários aos(as) aluno(as), antes e depois da leccionação do tema e entrevistado as duas professoras titulares das turmas envolvidas.

Atendendo aos dois estudos realizados, e considerando o que é preconizado pela literatura consultada, foi possível delinejar um conjunto de orientações e a construção de algumas actividades a incluir num manual de Educação Sexual destinado ao 1º Ciclo do Ensino Básico. As conclusões são apresentadas de acordo com os objectivos traçados, as questões de investigação e o problema de investigação que constituiu o foco gerador de toda a investigação.

A Educação Sexual em meio escolar, atendendo às várias dimensões da sexualidade, opera considerando as três esferas: aquisição de conhecimentos sobre o corpo e a origem da vida; sentimentos, aquisição de valores e mudança de atitudes; treino de competências individuais que capacitem o(a) aluno(a) para a tomada de decisões responsáveis e para a escolha de estilos de vida saudáveis. Na esfera dos conhecimentos, atendendo às competências definidas para o 1º Ciclo no Currículo Nacional do Ensino Básico, na área de Estudo do Meio, para o tema da Reprodução Humana, e que são comuns aos temas que exploram as outras funções vitais do corpo humano, a análise realizada aos manuais escolares disponíveis no mercado veio constatar que, na generalidade, os manuais não contemplam todas as competências preconizadas naquele documento. Como verificado no estudo exploratório, apenas um (6%) manual escolar contempla todas as competências definidas pelo Currículo Oficial do Ministério da Educação. O manual aborda a estrutura e função do sistema reprodutor, possibilitando aos(as) aluno(a)s a aquisição de informação relativa aos órgãos sexuais e ao desenvolvimento intra-uterino e promove hábitos de higiene essenciais para uma vida sadia. Para um melhor desenvolvimento da competência “*Conhecimento das modificações que se vão operando com o crescimento e envelhecimento, relacionando-as com os principais estádios do ciclo de vida humana.*” (ME, 2001: p. 145), demonstrava-se pertinente a abordagem das transformações do corpo operadas na puberdade e que traduzem o crescimento natural e sexuado de cada um, contribuindo para a diminuição da ansiedade no(a)s aluno(a)s quando experimentassem tais transformações. No entanto, nenhum manual revelou essa preocupação com esta abordagem.

Para que haja aquisição de conhecimentos na área da Reprodução Humana, os manuais terão de traduzir as competências definidas no Currículo Oficial, sendo a manifestação de rigor científico na apresentação dos conhecimentos fundamental. A análise efectuada aos manuais escolares permitiu constatar pouco rigor na apresentação dos conhecimentos, incorrecções e erros científicos evidentes. A conclusões semelhantes chegou o estudo mencionado em Teixeira *et al.* (1999) e em Veiga, Teixeira e Couceiro (2001) referente a manuais disponíveis para adopção entre 1991 e 1995 e o estudo mencionado em Alves e Carvalho (2005), Alves Anastácio e Carvalho (2007), Alves e Carvalho (2007) referente a manuais disponíveis para adopção antes de 2003. A designação “*aparelho reprodutor*” é usada em sete (42%) manuais escolares e que induz a que esta função se traduza num conjunto de órgãos à parte dos restantes sistemas orgânicos, quando o que se pretende é que o corpo seja entendido como um todo dinâmico, interactivo, dependendo daí a sua sobrevivência e o seu bem-estar. Os erros científicos constatados prendem-se com a noção de fecundação e as incorrecções são cometidas aquando da descrição do nascimento. Quanto à informação veiculada pelo manual ser suficiente para cada conteúdo abordado, quase metade (47%) dos manuais não fornece informação suficiente, como já verificado no estudo mencionado em Teixeira *et al.* (1999) e em Veiga, Teixeira e Couceiro (2001). No campo das ilustrações encontram-se omissões, o que levam à não veiculação de informação. Quatro (24%) manuais não legendam os órgãos reprodutores. Apenas um manual escolar efectua a legenda de «escroto» e «vulva», distinguindo-os de «testículo» e «vagina», respectivamente. Os estudos conduzidos por Pereira (2004) e Sousa (2006) constataram que o manual escolar adoptado não era rigoroso no que concerne à distinção dos órgãos sexuais externos e dos órgãos sexuais internos, podendo levar à perpetuação de concepções erradas. No que concerne ao rigor científico das ilustrações, dois manuais escolares não foram avaliados neste parâmetro por não ilustrarem os órgãos sexuais, nem o desenvolvimento intra-uterino. A obtenção de Insuficiente por oito (47%) manuais neste parâmetro é considerada

preocupante. O estudo mencionado em Alves e Carvalho (2005), Alves Anastácio e Carvalho (2007), Alves e Carvalho (2007) chegou a conclusões similares, quanto à falta de rigor científico das ilustrações. No entanto, no estudo exploratório realizado, uma pequena fracção de manuais (3 - 18%) exibe ilustrações que demonstram ser produto de avanços tecnológicos, o que se traduzem no maior rigor aquando da aquisição do conhecimento. Ainda na esfera dos conhecimentos, os manuais não focam temas ou problemas actuais, como é o caso da prevenção do VIH/SIDA, facto já verificado no estudo em Alves e Carvalho (2005), Alves Anastácio e Carvalho (2007), Alves e Carvalho (2007), nem abordam a prevenção de abusos sexuais.

Na esfera dos sentimentos, valores e atitudes, os manuais analisados não revelam conceder ênfase a valores e sentimentos e não fomentam uma atitude crítica, apenas dois (12%) manuais indiciam considerar os sentimentos e privilegiar a atitude crítica. O mesmo se verifica quanto à transmissão de uma atitude positiva em relação à sexualidade e no alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos. A dimensão psico-afectiva da sexualidade é amplamente descurada pelos manuais analisados, conferindo-lhe parca importância, quando o que é defendido por vários autores é uma educação centrada nas atitudes e valores (Buxarrais, 2000; Zapian, 2003). Relativamente à discriminação quanto ao género, os manuais avaliados não revelaram favorecer um género em detrimento do outro, quer ao nível das ilustrações, quer ao nível dos textos. Não se verificou o estereótipo de papéis sexuais sociais, nem uma linguagem discriminatória em relação aos sexos no tema da Reprodução Humana. Este facto representa uma evolução do que foi constatado no estudo mencionado em Teixeira *et al.* (1999) e em Veiga, Teixeira e Couceiro (2001). Outros estudos mais direcionados para a problemática da discriminação de género, referenciaram ser comum os manuais não promoverem a igualdade de género, como verificou Martelo (1999) e Correia e Ramos (2002). Os manuais escolares analisados neste estudo revelam, pois, uma maior preocupação na promoção da igualdade de género ao nível do currículo oculto, mas não são

criadas condições explícitas para que se operacionalize a mudança de atitude no(a)s aluno(a)s.

Na esfera das competências individuais, os manuais não demonstram preocupação em apelar ao agir responsável e de grupo. Poucos manuais (3 - 18%) promovem actividades direcionadas para uma aprendizagem autónoma e diversificada, condição necessária para conferir competência e capacitação ao(à) aluno(a) na construção do conhecimento. Denota-se essencial voltar a mencionar a importância de um treino de competências direcionadas para a protecção do corpo, o que se verifica omissamente nos manuais escolares analisados. A protecção do corpo já é evidenciada na legislação recente que enquadra a Educação Sexual nas escolas: Lei nº 60/2009 e a Portaria nº 196-A/2010. Para que seja realizada uma prevenção efectiva das aproximações abusivas, revela-se fundamental desenvolver competências no(a)s aluno(a)s que potenciem a capacidade de denunciar possíveis aproximações abusivas desde cedo, como nos leva a concluir o estudo levado a cabo por Brino (2006), sendo considerada uma das finalidades da Educação Sexual por Halstead e Reiss (2003). O «uso seguro das TIC», incidindo incisivamente nas redes sociais disponíveis on-line, seria um ponto essencial a incluir nos manuais escolares, alertando-os para o perigo da partilha de informação pessoal e levando-os a adquirir um conjunto de precauções fundamentais para a sua segurança.

Há, ainda, a considerar a avaliação dos conteúdos realizada pelos manuais escolares, essencial para que se verifique se houve estruturação do conhecimento. De salientar que os manuais escolares que demonstram o cuidado de incluir a Reprodução Humana na avaliação formativa do(a)s aluno(a)s, o fazem unicamente considerando a esfera dos conhecimentos, uma vez que as restantes esferas mencionadas são descuradas pelos manuais. Foi possível verificar no estudo exploratório que alguns manuais (seis - 36%) não evidenciaram preocupação em avaliar os alunos no tema da Reprodução Humana, sendo fácil concluir que não é conferida a devida importância ao

tema. No entanto, alguns manuais (quatro – 24%) incluem proposta de auto-avaliação, sugerindo ao(à) aluno(a) que reflecta sobre o conhecimento que estruturou e aponte as suas dificuldades para as conseguir superar.

Na generalidade, considerando a estrutura da grelha de apreciação dos manuais escolares, construída e validada no estudo exploratório para que se efectuassem uma análise exaustiva dos dezassete manuais disponíveis no mercado para adopção pelas escolas, atendendo aos parâmetros definidos em «Aspectos Gerais» os manuais são considerados satisfatórios, tendo em conta a sua «Estrutura Organizacional», o «Conteúdo», a «Ilustração» e «Textos». No entanto, assentando nos parâmetros definidos para «Educação Sexual», os manuais escolares, na globalidade, revelam-se pouco satisfatórios, sobretudo na área da «Ilustração» e «Sociedade».

Apesar do enquadramento legal ter criado condições para avaliação e certificação de manuais escolares com o intuito de garantir a sua qualidade científica e pedagógica, verifica-se que, na prática, tal não acontece. O processo de avaliação e certificação dos manuais de Estudo do Meio dos 3º e 4º anos, segundo o disposto no nº 7 do Despacho nº 22025/2009 de 2 de Outubro, teria de já estar concluído. No entanto, na lista publicada na página oficial da DGIDC do ME referente aos manuais avaliados e certificados, não constam os manuais de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade nem se encontra calendarizada para 2011/2012 a sua selecção e adopção pelas escolas. Foi possível constatar a correcção de informação pouco rigorosa apenas em alguns dos manuais escolares. Resta averiguar se foi por indicação das comissões de avaliação ou por iniciativa do(a)s autore(a)s e editore(a)s.

O manual escolar é o recurso didáctico mais utilizado nas escolas (Santos e Valente, 1997; Gerard e Roegiers, 1998), apto de estruturar o conhecimento essencial de qualquer conteúdo ou temática (Oppel, 1976; Choppin, 1998), podendo ser promotor do saber numa perspectiva construtivista (Gerard e

Roegiers, 1998; Fernandes, 2001), divulga modelos e estipula estereótipos (Pinto, 1999). É, pois, capaz de promover a Educação Sexual em contexto de sala de aula, operando ao nível da mudança de valores e atitudes, promovendo o desenvolvimento de capacidades individuais e veiculando informação pertinente e rigorosa do ponto de vista científico. No entanto, apesar de haver a possibilidade de fomentar a Educação Sexual, quer a nível formal, quer a nível informal, não revela preocupação em fazê-lo. Os manuais escolares não promovem uma perspectiva positiva da sexualidade, considerando as suas dimensões e demonstram-se redutores na abordagem aos conceitos da Reprodução Humana. Os manuais escolares não realizam, pois, Educação Sexual de forma plena e que contribua para o desenvolvimento psico-social da criança. O(A)s aluno(a)s dificilmente desenvolvem competências individuais a partir dos manuais escolares, nem estes revelam operar ao nível da mudança de atitudes e valores. Desta forma, destaca-se a necessidade de tomar medidas no que concerne à formação e sensibilização de autore(a)s e editores, como alerta Anastácio (2007), para que o manual escolar seja um poderoso instrumento na promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula.

O(A) professor(a), consciente das incorrecções e omissões verificadas no manual escolar adoptado, inovará na sua prática lectiva se optar por realizar uma abordagem crítica ao manual escolar, desmantelando concepções, abalando os alicerces de único detentor do saber e utilizando outros recursos didácticos de suporte para colmatar as lacunas verificadas, quer ao nível da aprendizagem de conhecimentos, quer ao nível do treino de competências. Nesta perspectiva, o papel do(a) professor(a) é fundamental e passa indiscutivelmente pela vontade genuína de promover o crescimento pleno e sadio do(a) aluno(a). O papel fundamental do(a) professor(a) como impulsionador de mentes abertas, tolerantes, livres de tabus e preconceitos, capaz de capacitar o(a)s aluno(a)s nos diversos domínios, poderá ser evidenciado na formação de professore(a)s. Revela-se, pois, a necessidade de formação de professore(a)s e de futuros professore(a)s com metodologias

activas e espaço para reflectir sobre as práticas lectivas, como já observado em vários estudos centrados na formação de professore(a)s, nomeadamente os estudos conduzidos por Sebastião (2005) e Vilaça (2006).

As duas professoras envolvidas no estudo de caso, apesar de possuírem formação académica distinta e de só uma delas possuir formação na área da Educação Sexual, já tinham experienciado o desenvolvimento da Educação Sexual em contexto de sala de aula de forma intencional, o que proporcionou o desenrolar de actividades na área da Reprodução Humana considerando as diferentes dimensões da sexualidade. No estudo realizado por Anastácio (2007) foi possível constatar que se verifica maior receptividade por parte do(a)s professore(a)s quando já possuem experiência na promoção da Educação Sexual em contexto de sala de aula. No entanto, observou-se a escolha de actividades que envolveram mais activamente o(a) aluno(a) na aquisição de conhecimento, por parte da professora possuidora de formação na área da Educação Sexual. Denota-se, pois, uma influência positiva operada pela formação adquirida e que privilegiou o(a)s aluno(a)s, proporcionando-lhes estratégias activas e diversificadas.

As professoras denotaram a abordagem fugaz dos conteúdos por parte do manual escolar adoptado na área da Reprodução Humana e optaram pela construção ou utilização de outros materiais pedagógicos. A higiene, uma abordagem no plano dos afectos e a sugestão de recursos a utilizar foram lacunas apontadas pelas professoras no que concerne ao manual escolar. As professoras recorreram ao manual escolar para servir de fio condutor à planificação das actividades, mas não o utilizaram com o(a)s aluno(a)s, alegando estar incompleto, haver fraco rigor nas ilustrações e não proceder à relacionação de conceitos, não se denotando interdisciplinaridade, nem apresentando inter-relação com outros conteúdos programáticos da mesma área curricular. Houve, apenas, por parte de uma professora, a planificação de uma actividade para o uso deliberado do manual escolar em contexto de sala de

aula, consistindo na comparação entre os órgãos reprodutores observados no suporte informático seleccionado pela professora e os órgãos reprodutores ilustrados no manual escolar adoptado. Desta forma, o manual escolar foi usado como concretização de conhecimentos. Mais uma vez, o papel do(a) professor(a) é salientado como fundamental na construção do conhecimento. A outra professora frisou, várias vezes, a importância do papel do(a) professor(a), não considerando o manual escolar relevante na construção do conhecimento, utilizando-o apenas como consolidação dos conhecimentos. A opção metodológica escolhida pelas professoras não proporcionou aferir as concepções manifestadas pelo(a)s aluno(a)s originárias do uso do manual escolar nem as competências desenvolvidas pelo(a)s aluno(a)s, na área da Educação Sexual, a partir dos manuais escolares. No entanto, foi possível apurar a aquisição de conhecimentos correctos na área da Reprodução Humana e a mudança nas atitudes e valores por parte do(a)s aluno(a)s nas turmas observadas.

O estudo de caso efectuado permitiu concluir que o(a)s aluno(a)s adquirem conhecimento na área da Reprodução Humana e revelam operar ao nível das mudanças de atitudes e valores, unicamente se o(a) professor(a) fomentar a Educação Sexual em contexto de sala de aula, considerando as suas diferentes dimensões, não podendo esta orgânica ficar a cargo do manual escolar adoptado. O(A)s aluno(a)s, alvos do estudo de caso referido, demonstraram ter adquirido alguns conhecimentos no que concerne à identificação dos órgãos reprodutores e na área da fecundação e ter realizado algumas mudanças ao nível das suas atitudes e valores. No entanto, na generalidade, os resultados não foram os esperados. Houve aluno(a)s que mantiveram concepções erradas no que concerne à fecundação após a abordagem do tema, tendo surgido confusões entre o sistema orgânico urinário e reprodutor e erros evidentes manifestados por conferir ao gâmeta masculino características de ovo que irá originar o bebé. Relativamente ao desenho e nomeação dos caracteres sexuais primários, denotou-se que um grupo de aluno(a)s pertencente à mesma turma

revelou maior facilidade em desenhar e nomear cientificamente os órgãos sexuais do contorno masculino, do que no contorno feminino, constatando-se vergonha e o uso da nomeação vulgar para designar «vagina» e «vulva». Esta situação tinha já sido verificada em estudos anteriores realizados no campo das concepções (Pereira, 2004 e Sousa, 2006), em que o(a)s aluno(a)s demonstraram maior facilidade em designar o órgão sexual masculino copulador pelo nome científico . Na área da prevenção do abuso sexual, a evolução denotada no(a) aluno(a)s foi ligeira. A necessidade de se realizar um treino de competências, assentando na exploração de possíveis situações de risco revela-se essencial. No que concerne aos papéis sexuais sociais não se verificaram mudanças substanciais. O(A)s aluno(a)s estereotiparam os papéis sociais, distribuindo brinquedos e tarefas de acordo com o sexo, segundo o que consideram adequado socialmente. No entanto, o(a)s aluno(a)s, actualmente, já consideram natural haver brinquedos e tarefas que podem pertencer a ambos os sexos. Bicicletas, arcos e computador, no caso dos brinquedos e pôr a mesa, despejar o lixo e fazer consertos, no caso das tarefas são consideradas naturalmente como pertença de ambos os sexos.

Não foi constituído um projecto concertado ao longo do ano lectivo, contemplando um treino fundamental de competências que capacitassem o(a) aluno(a) na aquisição sólida de conhecimentos correctos e na escolha de comportamentos saudáveis. Estudo efectuados em escolas ou grupos/turma incluídos num projecto de Educação Sexual (Diogo, 2003; Pintor, 2005) verificaram que o(a)s aluno(a)s obtiveram melhores resultados ao nível dos conhecimentos, das competências desenvolvidas e ao nível das mudanças de atitudes. Estudos efectuados em grupos/turma que não se encontravam abrangidos por um projecto de Educação Sexual (Pereira, 2004; Sousa, 2006) concluíram não haver aquisição de conhecimentos correctos, pertinentes e suficientes no campo da Reprodução Humana, por parte do(a)s aluno(a)s. Desta forma, é possível considerar a lei nº 60/2009 e a respectiva regulamentação instituída pela Portaria nº 196-A/2010 uma das medidas mais adequadas

realizadas pelo ME, que vem considerar a Educação Sexual como um projecto continuado, atendendo às diferentes dimensões da sexualidade, fundamental para a construção da identidade do(a) aluno(a) e essencial no desenvolvimento de competências que permitam a tomada de decisões ponderadas e responsáveis. Durante anos, organismos não governamentais, autore(a)s e investigadore(a)s haviam defendido e exigido uma atitude oficial, que fosse mais além do que simples linhas orientadoras, que implementasse a Educação Sexual nas escolas. A Educação Sexual, incluída na Educação para a Saúde, possibilita uma visão holística do indivíduo, contribuindo em pleno para o crescimento global saudável do(a) aluno(a) e potenciando a escolha futura de estilos de vida saudáveis. Pressupõe-se, pois, que estamos mais perto de atingir as metas definidas pela OMS no que concerne aos(as) aluno(a)s possuírem o direito de usufruir de uma Escola Promotora de Saúde.

Defende-se que o projecto de Educação Sexual poderá assentar num conjunto de estratégias de suporte que facilite a aquisição de conhecimentos cientificamente correctos na área da Reprodução Humana, confira ênfase a sentimentos, atitudes e valores e contribua para o desenvolvimento de capacidades individuais essenciais, como o espírito crítico e a tomada de decisões responsáveis. Desta forma, operará ao nível da mudança de comportamentos. Não sem considerar as necessidades educativas do grupo/turma, este conjunto de estratégias levaria a que o(a) professor(a) sentisse um maior apoio na realização das actividades e funcionaria como fio condutor no desenrolar dos temas a tratar. Essas actividades, incluídas num recurso didáctico como um manual escolar direcionado para o ciclo de ensino em que se encontram o(as) aluno(a)s, constituiria um importante suporte de aprendizagem em contexto de sala de aula. Considerando as suas características de promotor do saber, sintetizador de conhecimentos essenciais, quer ao nível das aquisições formais, quer ao nível do currículo oculto, o manual operaria ao nível da aquisição do saber científico e pertinente, ao nível da promoção de sentimentos, valores e atitudes e ao nível do desenvolvimento de capacidades

individuais. Em conclusão, um manual escolar que realize uma contribuição efectiva para a promoção da Educação Sexual em meio escolar será um recurso didáctico a considerar se contemplar a esfera dos conhecimentos, a esfera dos sentimentos, valores e atitudes e a esfera das competências individuais, não descurando um ponto fundamental em toda a dinâmica ensino/aprendizagem: o processo da avaliação. De salientar que um manual escolar estruturado para a promoção da Educação Sexual, considerando as diferentes dimensões da sexualidade, nunca poderá dispensar a formação de professore(a)s, mencionada anteriormente como um ponto fundamental em todo o processo.

A investigação efectuada demonstra-se actual e contextualizada no que se verifica agora no terreno educativo. Considera, ainda, que a dinâmica ensino/aprendizagem deverá considerar o(a) aluno(a) numa perspectiva holística, contribuindo para o seu desenvolvimento global sadio, atendendo às diferentes dimensões da sexualidade. Realizada na área da Educação Sexual veiculada pelos manuais escolares, a investigação apresentada revela inovação, uma vez que não se debruça unicamente na indagação de conhecimentos científicos veiculados pelos manuais escolares, mas considera a articulação das três esferas que permitem a promoção formal da Educação Sexual em meio escolar.

2. Actividades a Incluir num Manual de Educação Sexual

Sugere-se um conjunto de actividades, a incluir num manual escolar, que sejam capazes de fomentar a Educação Sexual, a partir da sua execução em contexto de sala de aula, no 1º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente no 3º ano de escolaridade. De salientar, mais uma vez, que o papel do(a) professor(a) se revela fundamental em todo o processo de promoção da Educação Sexual. Atendendo ao quadro teórico que fundamentou o desenrolar do estudo empírico e englobou uma investigação bibliográfica, é possível afirmar que o manual escolar é o recurso didáctico mais difundido em meio escolar e que,

considerando nas suas características, é capaz de sintetizar conhecimento pertinente e rigoroso, conferir ênfase a valores e sentimentos e operar a nível de atitudes e desenvolver competências. Desta forma, um manual escolar na área da Educação Sexual, integrador das diferentes dimensões da sexualidade, terá de fomentar estratégias que contemplem aquelas três esferas essenciais à sua promoção formal. As estratégias sugeridas terão de ser activas para que haja envolvimento efectivo do(a)s aluno(a)s na construção do conhecimento e sugere-se que se respeitem espaços de discussão dinamizados pelo(a) professor(a). Há, ainda, a salientar a necessidade de se efectuar uma avaliação concertada das diferentes esferas que compõem a Educação Sexual, processo essencial em toda a dinâmica ensino/aprendizagem.

Apresenta-se uma possível estrutura de um Manual de Educação Sexual para o 1º Ciclo, referenciando os temas que suportam a sua organização. São apresentadas algumas actividades que representam os temas sugeridos e a respectiva explanação e reflexão das opções tomadas. É efectuada a articulação das actividades com a investigação bibliográfica realizada e os resultados obtidos com a condução da investigação empírica. Houve, ainda, o cuidado de referir, para cada actividade, quais as áreas curriculares em articulação com a Educação Sexual, as competências que se pretendem desenvolver com a execução da actividade e algumas sugestões de abordagem.

2.1. Estrutura de um Manual de Educação Sexual

O manual de Educação Sexual que sugerimos estrutura-se em quatro grandes temáticas: O meu Corpo; A minha Origem; Os meus Sentimentos; Menino ou Menina? Esta estruturação não é original, pois a generalidade dos projectos implementados em Portugal, as linhas orientadoras emanadas dos órgãos oficiais (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000), os manuais de Educação Sexual existentes no mercado (GTES, 2007) e a legislação actual (Portaria nº 196-A/2010) apontam para a organização do manual com base nos

temas referenciados, por se revelarem basilares à promoção da Educação Sexual em meio escolar.

Considerando o que foi analisado aquando da investigação bibliográfica, sugere-se que cada tema compreenda os seguintes conteúdos: «O meu Corpo» inclui o conhecimento da anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores feminino e masculino, as transformações que ocorrem na puberdade e os cuidados a ter com a higiene do corpo. O tema «A minha Origem» engloba a noção de fecundação e o conhecimento do desenvolvimento intra-uterino. No entanto, revela-se pertinente incluir-se estratégias que foquem a origem no sentido mais lato, levando à noção de família e à construção da árvore genealógica, havendo a preocupação de valorizar a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes. Para o tema «Os meus Sentimentos», as estratégias deverão privilegiar a dimensão comunicativa da sexualidade, adoptando um carácter promotor das relações interpessoais sadias. Saber expressar sentimentos facilita o estabelecimento de conexões relacionais entre os pares. Neste tema, também, deverão ser incluídas estratégias que potenciem a prevenção das aproximações abusivas, levando as crianças a identificar possíveis situações de abuso sexual e a capacitá-las no direito de dizer não. Quanto ao tema «Menino ou Menina?» a finalidade assenta numa perspectiva de promoção da igualdade de género, privilegiando-se a discussão dos papéis sexuais sociais.

Idealmente, a compartimentação temática não se pretende estanque, podendo haver actividades que se enquadrem ou interliguem com mais que uma temática. No entanto, a opção do estabelecimento de diversos temas facilita a estrutura organizacional e, posteriormente, a sua utilização na prática lectiva em contexto de sala de aula. Há, ainda, a referir que as actividades poderão integrar mais do que uma das esferas apontadas como essenciais para a promoção formal da Educação Sexual. A esfera dos conhecimentos deverá contemplar o disposto a nível curricular pelo ME para o 1º Ciclo do Ensino

Básico, no que concerne às competências essenciais definidas para todos os sistemas orgânicos. Há, ainda, a mencionar a importância da transversalidade das diferentes áreas curriculares, reforçada pela Lei nº 60/2009, havendo interligação com conteúdos das outras áreas, como preconizado pelas linhas orientadoras de órgãos oficiais (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000). A esfera dos sentimentos, valores e atitudes deverão contemplar uma abordagem ao nível dos afectos e da expressão de sentimentos, havendo a necessidade de se efectuar uma reflexão ao nível das atitudes e valores. Relativamente à esfera das competências individuais, deverão contemplar-se estratégias que capacitem o(a) aluno(a) a tomar decisões ponderadas e responsáveis. A articulação das três esferas deverão levar o(a) aluno(a) a optar por comportamentos saudáveis e a escolher futuramente estilos de vida saudáveis.

2.2. Exemplos de Actividades a incluir num Manual de Educação Sexual

Centrou-se a atenção na construção de actividades. Verificou-se no estudo exploratório realizado que apenas 10 (58%) manuais escolares propunham actividades aos(as) aluno(as), havendo uma maior preocupação na veiculação da informação. Obviamente que um manual de Educação Sexual terá, também, de reunir um conjunto de informações científicas, pertinentes e adequadas à faixa etária do(as) aluno(as), contextualizando cada um dos temas que integram o manual. Por indisponibilidade temporal, só se revelou possível exibir actividades exemplificativas para cada um dos temas escolhidos, não se apresentando o enquadramento teórico respectivo com a informação científica necessária. As actividades tendem a envolver estratégias activas e que envolvam a criança na construção do seu conhecimento. Cada actividade é sinalizada com um ícone, conforme a estratégia a adoptar para a sua execução. É realizada uma reflexão e respectiva justificação das opções tomadas.

2.2.1. O meu Corpo

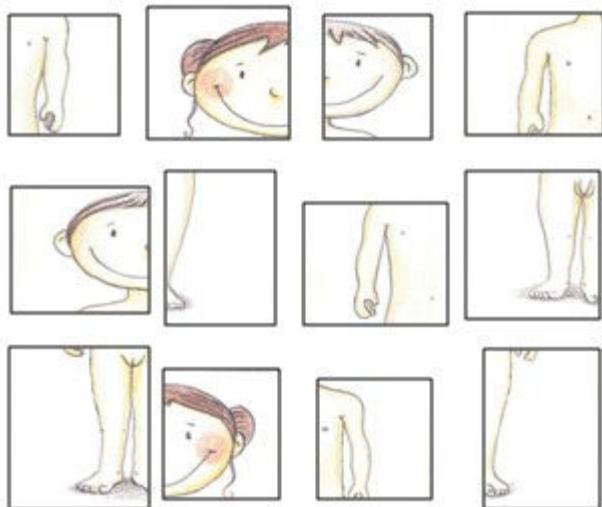
A primeira actividade escolhida para exemplificar o tema apresenta a finalidade de identificar as diferenças anatómicas entre rapaz e raparigas, atendendo aos órgãos sexuais externos.

Os ícones dispostos no canto superior direito da actividade «O meu Corpo. O teu Corpo.» indicam que se apresenta uma actividade de «recorta e monta», que consiste no recorte e montagem do puzzle que traduz o corpo nu de um menino e de uma menina. Optou-se pelo desenho do corpo, mas com algum rigor na apresentação dos órgãos sexuais externos. Depois, é pedido que se identifique o corpo da menina e o corpo do menino, legendando os órgãos sexuais externos.

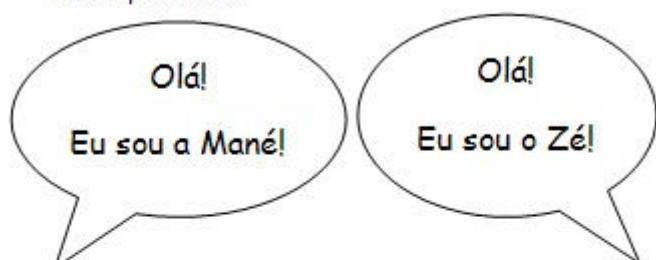


O meu Corpo. O teu Corpo.

*Recorta os quadradinhos, organiza-os e constrói o corpo do Zé e da Mané.



*Destaca os balões e cola-os no corpo correspondente.



*Efectua a legenda dos órgãos genitais que identificam o Zé e a Mané, destacando as palavras em baixo.

VULVA

ESCROTO

PÉNIS

Imagen IX – Actividade «O meu Corpo. O teu Corpo.»

É pedido que se destaque os balões e que identifiquem o corpo da menina e o corpo do menino e que efectuem a legenda dos órgãos genitais com a ajuda das palavras apresentadas.

Como indagado na investigação bibliográfica, a criança está a atravessar uma fase em que confere importância às diferenças anatómicas e fortalece o conceito de identidade sexual (López e Fuertes, 1999). Estudos realizados (Pereira, 2004; Pintor, 2005; Sousa, 2006) concluíram que as crianças manifestavam maior facilidade em representar o órgão copulador masculino que os restantes órgãos genitais, facto também verificável numa das turmas alvo do estudo de caso efectuado. No estudo exploratório realizado verificou-se que apenas um manual escolar efectuava a legenda de «vulva» e «escroto», distinguindo-os dos órgãos sexuais internos «vagina» e «testículos». Desta forma, justifica-se a realização das duas actividades em conjunto, consolidando a identificação dos órgãos性uais externos.

O Quadro XIX apresenta as áreas curriculares que se encontram em articulação e as competências que se pretendem desenvolver com as actividades, assim como algumas sugestões de abordagem.

Actividades	Áreas Curriculares em Articulação	Competências	Sugestões de Abordagem
O meu Corpo. O teu Corpo.	Estudo do Meio Expressão Plástica	Reconhecimento da sua identificação sexual. Conhecimento das partes constituintes do seu corpo. Estabelecimento de comparações entre o seu corpo e o corpo do sexo oposto. Desenvolvimento da destreza manual.	Sugere-se que se dê espaço aos(as) aluno(a)s para comentar os corpos do menino e da menina e expressem livremente a sua opinião acerca das diferenças anatómicas visíveis.

Quadro XIX – Actividade «O meu Corpo. O teu Corpo.»

Esta actividade efectua articulação com a área curricular de Expressão e Educação Plástica e Estudo do Meio e pressupõe, posteriormente, a exploração dos órgãos sexuais internos do menino e da menina, fomentando uma maior consolidação da sua identidade sexual e a utilização de vocabulário correcto para a nomeação dos caracteres sexuais, havendo um maior rigor na aquisição do conhecimento. Desta forma, a actividade insere-se na esfera dos conhecimentos.

A próxima actividade, ainda inserida no tema «O meu Corpo», pretende alertar para a importância da higiene do corpo.



O Zé toma banho.

Que limpinho vou ficar
Cuido do meu corpo a valer
Banho sozinho se ~~se~~ tomar
Que bom, estou a crescer!

*Indica os cuidados de higiene que tens com os teus órgãos genitais.

*Recorta os objectos que o Zé usa na sua higiene pessoal, cola-os no desenho e pinta-os.

* Escreve um texto ou elabora uma quadra sobre a importância da higiene.

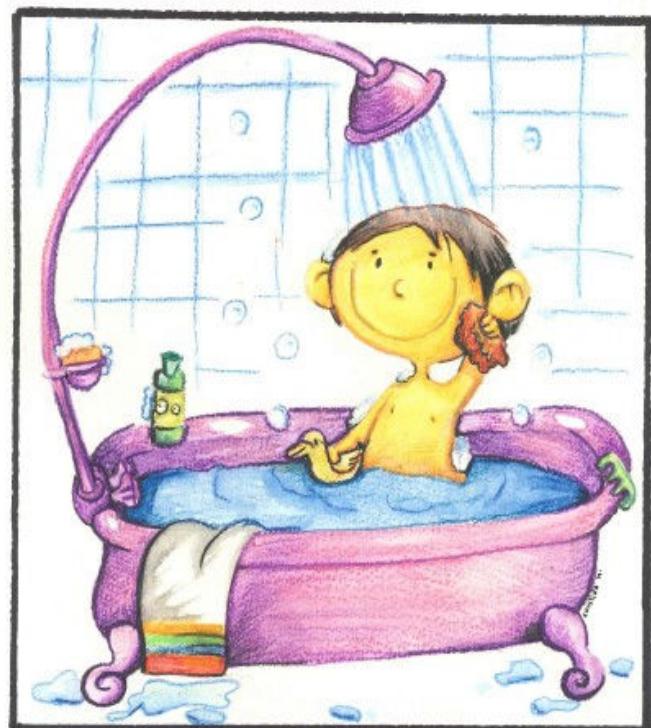


Imagen X – Actividade «O Zé toma banho.»

Os ícones no canto superior direito da primeira página da imagem XII indicam que se apresenta uma actividade de «recorta, pinta e escreve». Numa primeira abordagem à actividade, o(a)s aluno(a)s poderão explorar a quadra e identificar a rima. Depois, é sugerido que o(a)s aluno(a)s recortem os objectos dispostos na parte inferior da segunda página da imagem XII, os colem nos locais correctos e pintem com as cores definidas no desenho, inteirando-se dos objectos necessários à higiene pessoal de cada um. Finalmente, é pedido aos(as) aluno(a)s que elaborem um texto ou uma quadra sobre a importância da higiene. Denota-se, pois, haver articulação com as áreas de Expressão Plástica e de Língua Portuguesa.

A higiene é contemplada nas competências para o 1º Ciclo do Ensino Básico, delineadas pelo ME mas é descurada pelos manuais escolares, como observado no estudo exploratório realizado. Apenas um manual escolar fomentava a necessidade de hábitos de higiene, mencionando dois cuidados a ter com a saúde e segurança do sistema reprodutor, reforçando a importância da higiene diária e alertando para os cuidados a ter com a utilização dos sanitários públicos. As professoras titulares das turmas, alvo do estudo de caso, mencionaram nas reflexões efectuadas e na entrevista que a abordagem da higiene se revelava fundamental. A promoção desta actividade pretende, pois, alertar para a importância da higiene e desenvolver no(a)s aluno(a)s competências que se traduzam em hábitos de higiene. Desta forma, a actividade insere-se na esfera dos conhecimentos, em articulação com a esfera das competências individuais.

O Quadro XX expõe as competências e as sugestões de abordagem delineadas para esta actividade.

Actividade	Áreas Curriculares em articulação	Competências	Sugestões de Abordagem
O Zé toma banho.	Estudo do Meio Expressão Plástica Língua Portuguesa	Desenvolvimento de hábitos de higiene pessoal. Coloração de imagens respeitando as cores definidas pelo desenho. Identificação de rimas e produção de quadras, segundo um tema dado. Produção de pequenos textos subordinados a um tema.	Exploração oral da quadra que inicia a actividade, identificando a rima. Incitar o(a)s aluno(a)s a enumerarem os cuidados de higiene que têm com o corpo e quais é que já fazem sozinhos. Frisar a importância da higiene diária dos órgãos genitais. A produção de um texto ou de uma quadra sobre a higiene serve para consolidar o que foi abordado.

Quadro XX – Actividade «O Zé toma banho.»

É de frisar que o espaço para o diálogo entre professor(a) e aluno(a) é fundamental, enumerando-se em conjunto hábitos de higiene necessários para a promoção da saúde, incluindo-se a higiene dos órgãos genitais.

2.2.2. A minha Origem

Para este tema poderão incluir-se actividades que se prendem com a fecundação e o desenvolvimento intra-uterino e, numa perspectiva mais lata, com a construção da árvore genealógica, conferindo importância à identidade da criança e ao conhecimento das suas raízes. No estudo exploratório efectuado constatou-se que apenas um manual escolar valorizava o conhecimento das raízes do(a) aluno(a). A Portaria nº 196-A/2010 inclui a «Noção de família» nos conteúdos a abordar no 1º Ciclo, uma vez que surge a necessidade de considerar a diversidade de estruturas familiares que hoje a sociedade abrange e a que a Escola deverá ser sensível.

A actividade que se sugere, propõe aos(as) aluno(a)s que construam a sua árvore genealógica, fazendo corresponder cada maçã a cada membro da família. Para a sua operacionalização, será necessário destacar as maçãs e colá-las na

árvore apresentada na página ao lado, hierarquicamente, identificando os membros da sua família pelo nome.



A minha família

* Constrói a tua árvore genealógica, correspondendo cada maçã a cada elemento da tua família.



*Pesquisa as datas de nascimento dos membros da tua família.



Imagen XI – Actividade «A minha família.»

O ícone disposto no canto superior direito da primeira página da imagem XIII indica que se apresenta uma actividade de «recorta e monta», uma vez que se refere à montagem da árvore genealógica através do recorte e à identificação dos membros da família. O Quadro XXI indica as competências a desenvolver com esta actividade e algumas sugestões de abordagem.

Actividade	Áreas Curriculares em Articulação	Competências	Sugestões de Abordagem
A minha família.	Estudo do Meio Formação Cívica Expressão Plástica	Valorização da sua identidade e raízes. Estabelecimento de relações de parentesco. Desenvolvimento da auto-estima e da auto-confiança. Capacidade de se exprimir de forma pessoal	Sugere-se que a árvore inclua o(a)s avós e outros ascendentes importantes na vida da criança. A inclusão da fotografia de cada membro ou o retrato efectuado pela criança enriquecerá a árvore e contribuirá para frisar a importância de cada elemento. Alerta-se para o caso da família ser multinuclear, a importância de se colocarem os meios irmãos.

Quadro XXI – Actividade «A minha família.»

Sugere-se que, depois de explicado o significado de árvore genealógica, a árvore inclua o(a)s avós, valorizando a sua importância na estrutura familiar, e outros ascendentes importantes com que a criança partilhe o seu dia-a-dia e sejam incluídos na sua educação. O(A) docente deverá ser sensível a outras estruturas familiares diferentes da família nuclear típica, sendo o seu papel essencial na organização em esquema da família de cada criança. A actividade insere-se na esfera dos conhecimentos, em articulação com a esfera dos sentimentos, valores e atitudes, uma vez que imprime importância à identidade da criança e ao conhecimento das suas raízes, passando pelos sentimentos inerentes que se despertam ao explorar-se a árvore genealógica de cada um.

2.2.3. Os meus Sentimentos

As actividades que se sugerem para este tema potenciam a expressão de sentimentos e promovem a protecção do corpo, levando o(a)s aluno(a)s a identificar situações de risco e a adquirir a capacidade de dizer «não» às aproximações abusivas. A actividade que apresenta é direcionada para a protecção do corpo, uma vez que se revela um tema urgente a abordar, e que

tem vindo a ser focado por vários programas e especialistas na educação (Harimaguada, 1993; Wallis e Vanevery, 2000; Halstead e Reiss, 2003). Verificou-se com o estudo exploratório que os manuais escolares não demonstravam preocupação em apostar na prevenção de aproximações abusivas. Actualmente, a Portaria nº 196-A/2010 já menciona este conteúdo a promover em meio escolar, sendo essencial o desenvolvimento de competências que capacitem o(a) aluno(a) a evitar estas situações, uma vez que no estudo de caso efectuado verificou-se que pouco(a)s aluno(a)s se demonstravam alerta para situações de risco.

Considerando que a difusão das redes sociais através da internet e o uso das TIC é uma realidade constante, revela-se fundamental usufruir de tais instrumentos de forma segura e alertar as crianças para as possíveis situações de risco com que se poderão deparar ou, mais importante, que poderão evitar. A actividade seguinte, baseada numa ficha construída por um grupo de docentes a realizar formação contínua na área da Educação Sexual, explicita duas situações, abrindo caminho para a sua discussão em contexto de sala de aula, com o intuito de que as crianças as identifiquem como situações de risco e explanem possíveis soluções para evitar o possível abuso. É sugerido, posteriormente, que o(a)s aluno(a)s exponham, individualmente, as suas ideias à turma e se parta para o debate. Desta forma, a actividade proposta insere-se na esfera das competências individuais em articulação com a esfera dos sentimentos, atitudes e valores.



Saber resistir!

1. Lê as seguintes situações e regista a tua opinião acerca da atitude ou comportamento das personagens.

Situação 1

«O João tem oito anos e consulta regularmente a internet. Num "chat" é-lhe sugerido que envie uma fotografia sua, a tomar banho quando era bebé, para participar num concurso "O bebé mais bonito". É-lhe dito que se for o vencedor ganhará uma PSP. Informa os colegas sobre o concurso e estes acham a ideia óptima, dizendo que também vão participar!»

Situação 2

«A Joana tem dez anos e costuma ir à Internet todas as tardes para ver quem "anda por lá". Certo dia, um rapaz meteu conversa com ela no Facebook. Pela fotografia, ela reparou que era muito bonito e parecia da sua idade. Resolveu, então, responder-lhe. Todos os dias conversavam, pelo que fizeram amizade. Ele fazia-lhe muitas perguntas, como onde e com quem morava, se costumava estar sozinha, que tamanho de roupa vestia, entre outras. Ela, como era sua amiga, respondia-lhe. Um dia, marcaram um encontro para se conhecerem melhor.»

2. Expõe a tua opinião à turma e debate ideias com o(a)s teus/tuas colegas.

Imagen XII – Actividade «Saber resistir!»

O Quadro XXIV apresenta as competências a desenvolver com a actividade exposta.

Actividade	Áreas Curriculares em Articulação	Competências	Sugestões de Abordagem
Saber resistir!	Formação Cívica Língua Portuguesa	Capacidade para identificar situações de risco Capacidade de discutir o tema em grande grupo Capacidade para dizer «não» às aproximações abusivas Capacidade para expressar a sua opinião através da comunicação escrita	Sugere-se que depois da actividade realizada se abra um espaço para discussão do que cada aluno(a) redigiu. Pretende-se que o(a)s aluno(a)s que não demonstraram estar alerta para situações de risco se apercebam dos perigos a que as crianças se expuseram com o seu comportamento.

Quadro XXII – Actividade «Saber resistir!»

Na actividade proposta, denota-se a evidente articulação com a Língua Portuguesa e, obviamente, com a área de Formação Cívica, uma vez que esta área curricular oferece espaço para debater sobre temas diversos e problemas actuais da sociedade.

2.2.4. Menino ou Menina?

Este tema pretende abordar os papéis sexuais sociais e levar o(a)s aluno(a)s a pensar sobre a igualdade de género. A actividade seleccionada para ilustrar o tema foi construída tendo por base as actividades sugeridas pelo programa Harimaguada (1993), pelas linhas orientadoras de órgãos oficiais (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000) e por livros de Educação Sexual existentes no mercado (Frade *et al.*, 2001). Ambas as professoras entrevistadas na condução do estudo de caso foram da opinião que um manual de Educação Sexual deveria incluir uma abordagem aos papéis sociais. Também a Portaria nº 196-A/2010 aponta como conteúdo «diferenças entre rapazes e raparigas», havendo uma consciência generalizada da importância do combate à discriminação de género. Os resultados obtidos a partir do estudo de caso referentes a esta temática evidenciam a necessidade de se realizar um trabalho efectivo, com actividades direcionadas especificamente para esta área, de modo a que o(a)s aluno(a)s reflectam, potenciando uma mudança de atitude no(a)s aluno(a)s e se comece a delinejar uma sociedade mais igualitária em questões de género. No estudo exploratório realizado verificou-se que os manuais escolares não demonstravam efectuar discriminação de papéis sociais, mas não apresentavam nenhuma actividade que levasse ao debate por parte do(a)s aluno(a)s acerca desta temática.

Atendendo ao anteriormente mencionado, a actividade proposta insere-se na esfera dos sentimentos, valores e atitudes e pretende que o(a)s aluno(a)s discutam sobre as tarefas a realizar em casa, numa perspectiva de género.

*A Mané e o Zé fazem algumas tarefas. Efectua a correspondência.

Imagen XIII – Actividade «Quais são as minhas tarefas?»

* Discute com os colegas as escolhas que fizeste e regista as conclusões.

Depois de o(a)s aluno(a)s efectuarem a correspondência, revela-se fundamental que debatam em grande grupo as escolhas efectuadas, tendo como mediador(a) o(a) professor(a) e que registem as conclusões a que chegaram. No Quadro XV expõem-se as competências que se pretende desenvolver e as sugestões de abordagem.

Actividade	Áreas Curriculares em Articulação	Competências	Sugestões de Abordagem
Quais são as minhas tarefas?	Formação Cívica Língua Portuguesa	Capacidade de se exprimir por iniciativa própria em debates Capacidade de discutir o tema em grande grupo Capacidade para registar conclusões emanadas do debate em grande grupo	O(A) professor(a), antes de sugerir a realização da actividade, poderá propor aos(as) aluno(as) que partilhem com o grande grupo como são distribuídas as tarefas da casa em família. Desta forma, o(a) professor(a) poderá antever se o(as) aluno(as) efectuarão o estereótipo de papéis aquando da realização da actividade.

Quadro XXIII – Actividade «Quais as minhas tarefas?»

Mais uma vez se denota a articulação com a Língua Portuguesa e a Formação Cívica, uma vez que é privilegiado o debate e a expressão de ideias e opiniões.

As actividades sugeridas para cada tema pretendem ser ilustrativas do que se pretende fomentar ao nível da Educação Sexual em contexto de sala de aula. A formação de professore(as) revela-se essencial para a promoção efectiva, sem inibições preconceitos ou tabus, da Educação Sexual em contexto de sala de aula. O(A)s docentes realizam um papel crucial de mediadores do debate em grande grupo, sendo os promotores da mudança de comportamentos. Desta forma, a formação, contínua ou inicial, desenvolverá competências basilares no(as) docentes para que as actividades sejam promovidas numa perspectiva de capacitar o(as) aluno(as) a tomar decisões ponderadas e a adquirir informação pertinente e rigorosa, com vista a mudar comportamentos de risco e a privilegiar comportamentos sadios.

3. Limitações da Investigação

A investigação realizada, essencialmente de carácter qualitativo, possui limitações que se prendem com as características inerentes à opção metodológica adoptada, nomeadamente no que concerne aos métodos e instrumentos de investigação utilizados. Com o intuito de minorar as

limitações, no caso do estudo exploratório, os instrumentos utilizados para a apreciação e avaliação dos manuais escolares disponíveis no mercado, foram validados por peritas especializadas em diferentes campos na área da Educação. De salientar que a apreciação realizada centrou-se apenas num só capítulo da área curricular de Estudo do Meio, referente à Reprodução Humana. Desta forma, os restantes capítulos não foram apreciados e não foi averiguado se promoveriam Educação Sexual ao nível do currículo oculto, no que concerne à discriminação de género ou a papéis sexuais sociais. Relativamente ao estudo de caso realizado, com a finalidade de atenuar as possíveis limitações, optou-se por se efectuar uma triangulação metodológica (Denzin, 1978; Carmo e Ferreira, 1998; Cousin, 2005), havendo o cuidado de fazer corresponder os resultados à realidade estudada. A triangulação metodológica comportou: a observação; o inquérito por questionário; o inquérito por entrevista. Houve a descrição pormenorizada de como a investigação foi efectuada, do processo de recolha de dados e como os resultados foram obtidos, possibilitando assegurar a coerência, a validade e fidelidade da investigação realizada. A observação, de carácter naturalista, implicou interacção com os sujeitos alvo do estudo, o que pode ter interferido com a interpretação dos resultados (Estrela, 1994). No entanto, todos os esforços possíveis foram concertados para que o relacionamento com os sujeitos não tivesse influência e que se evitasse interferências ao nível da objectividade de análise por parte da investigadora. A observação foi, pois, sistematizada, de modo a que fosse rigorosa e coerente com a realidade efectivamente observada e a análise dos resultados não fosse influenciada.

Uma limitação óbvia prende-se com o facto de os grupos intervenientes no estudo de caso serem reduzidos e, consequentemente, os dados terem sido tratados utilizando apenas a estatística descritiva. A possibilidade de se efectuar uma estatística analítica foi ponderada, mas os resultados não se traduziram significativos pelas mesmas razões.

Há, ainda, a apontar o facto de se ter optado apenas por construir algumas actividades a incluir num manual de Educação Sexual direcionado para o 1º Ciclo e não a estruturação do manual na sua totalidade. Cada actividade sugerida carece de reflexão no que concerne à pertinência da sua execução pelo(a)s aluno(a)s. Desta forma, no tempo destinado à execução da dissertação de investigação não foi possível a construção de um manual na íntegra.

4. Recomendações e Sugestões para Futuras Investigações

Ao conduzir a presente investigação, atendendo ao quadro teórico construído a par com o estudo empírico realizado, foram constatadas algumas falhas no campo da investigação em Educação Sexual, no que concerne aos seus intervenientes. É caso dos auxiliares de acção educativa. Parece-nos essencial indagar o papel que detém em meio escolar, relativamente à promoção da Educação Sexual. Averiguar as concepções que possuem acerca de comportamentos e papéis sexuais sociais, contribuiria para avaliar até que ponto se pode considerar a Escola como espaço promotor de Educação para a Saúde, atendendo ao facto de que a meta fundamental é oferecer o seu contributo genuíno para o crescimento pleno e sadio de todos os indivíduos. A realização de estudos na área da formação de auxiliares de acção educativa, poderão conceder a devida importância a este grupo de agentes educativos, no que concerne à promoção da Educação Sexual em meio escolar. Constatase, ainda, que as investigações realizadas no campo da Educação Sexual não se debruçam sobre a articulação entre a Escola e a família na promoção da Educação Sexual em meio escolar. Pais, mães e encarregado(a)s de educação são amplamente mencionados nos estudos realizados e a sua opinião é valorizada, no que concerne ao processo em que se desenrola a Educação Sexual. No entanto, um estudo centrado na articulação entre a Escola e a família seria relevante para apurar se efectivamente a articulação acontece, em que moldes é processada e qual o grau de envolvimento dos intervenientes.

Considerando o novo enquadramento legal, no que concerne à Educação Sexual em meio escolar, parece-nos pertinente averiguar se as escolas estão a dar cumprimento ao disposto legalmente e quais as medidas concertadas para sua a promoção efectiva, quer a nível da gestão ou da direcção da escola, quer ao nível do projectos elaborados. O enquadramento legal contempla, ainda, a disponibilização, por parte dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas dos 2º, 3º Ciclos e Ensino Secundário, um Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno. Denota-se relevante realizar uma avaliação que averigüe a eficácia do Gabinete na promoção da Educação Sexual em meio escolar, indagando medidas tomadas e articulações efectuadas com parceiros educativos, nomeadamente com a equipa de Saúde Escolar e órgãos da comunidade educativa para o cumprimento do plano anual de actividades.

Atendendo ao facto de que a Educação Sexual permite efectuar um contributo essencial para a formação da identidade do(a) aluno(a) e para o seu crescimento pleno e saudável, seria oportuno verificar se o presente enquadramento legal permitirá, futuramente, que afirmemos possuir uma população discente informada, capaz de tomar decisões ponderadas e responsáveis e de optar por estilos de vida saudáveis.

Apesar da pertinência das sugestões, revela-se que muito já foi concretizado ao nível da investigação na área e demonstra-se fundamental que no terreno educativo se comece a verificar uma mudança ao nível das práticas, considerando o que é preconizado por órgãos oficiais e pelos vários especialistas na área da Educação Sexual. Recomenda-se, pois, que sejam criadas as condições necessárias para que os estudos realizados pela comunidade académica sejam divulgados na comunidade educativa e algumas medidas, entendidas como essenciais, sejam tomadas para que a divulgação seja exequível. Uma das medidas a tomar passa pela oferta de formação de docentes e futuros docentes na área.

BIBLIOGRAFIA

- Albagly, M. (Out. 2005/Jan. 2006). Educação para a Sexualidade. *Educação Sexual em Rede 2*, pp. 23-26.
- Albuquerque, M. (2006). *Educação Pré-Escolar e Promoção da Saúde: Que Necessidades de Formação Contínua*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Allen, I. (1987). *Education in Sex and Personal Relationships*. Oxford: Policy Studies Institute.
- Alverca, C. (1998). Formação de Professores: Uma Necessidade. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar 17/18*, pp. 20-23.
- Alves, G., Anastácio, Z., Carvalho, G. (2007). Reprodução Humana e Sexualidade nos Manuais Escolares do 1º Ciclo do Ensino Básico. *Revista de Educação XI (1)*, pp. 21-45.
- Alves, G., Carvalho, G. (2005). Manuais Escolares do 1º Ciclo do Ensino Básico: Contributos para a Educação para a Sexualidade em Meio Escolar. In *International Seminar of Physical Education, Leisure and Health 2*. Braga: IEC Universidade do Minho.
- Alves, G., Carvalho, G. (2007). Reproduction and Sex Education in Portuguese Primary School Textbooks: a Poor Contribution to Scientific Learning. In *Proceedings of IOSTE International Meeting of Critical Analysis of School Science Textbooks*. Hammamet, Tunisia.
- Alves, G., Carvalho, G. (2007a). Reprodução Humana e Sexualidade nos Manuais Escolares Portugueses e Moçambicanos. In B. Pereira, G. Carvalho, V. Pereira (ed. Lit). *Novas Realidades, Novas Práticas: Actas do Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde, 3*, Braga: IEC Universidade do Minho.
- Alves, M. (2001). A Educação Sexual é... . *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar 31*, pp.1-2.
- Alvim, F. (1986). Meus Pais não Ousaram Falar. *Psicologia 5 (1)*, pp. 11-17.
- Anastácio, Z. (2007). *Educação Sexual no 1º CEB: Concepções, Obstáculos e Argumentos dos Professores para a sua (não) Consecução*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

- Apple, M. (1997). *Os Professores e o Currículo: Abordagens Sociológicas* (1^a ed.). Lisboa: Educa.
- APF (2001). *Educação Sexual: Responsabilidades e Desafios*. Lisboa: APF.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar* (1.^a ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Babbie, E. (1986). *The Practice of Social Research*. (4^a ed.). Belmont: Wadsworth Publishers.
- Barraca, C. (2001). Educação Sexual nas Escolas: Conversa da Treta. *Abraço 4*, pp. 12-14.
- Berger, D., Bernard, S., Carvalho, G., Munoz, F., Clément, P. (2007). Sex Education: Analysis of Teacher's and Future Teacher's Conceptions from 12 Countries of Europe, Africa and Middle East. In *WCCES XIII World Congress – Comparative Education Societies*. Sarajevo, Bosnia-Herzegovina.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Lisboa: Porto Editora.
- Borgia, P., Marinacci, C., Schitano, P., Perucci, C. (2005). Is Peer Education the best Approach for HIV Prevention in Schools? Findings from a Randomized Controlled Trial. *Journal of Adolescent Health* 36 (6), pp. 508-516.
- Braeken, D., Massey, D. (1990). *They Know it All: a Manual for Everyone Interested in Sex Education Work*. London: International Planned Parenthood Federation.
- Branco, M. (1999). Metodologias em Educação Sexual nos Diferentes Graus de Ensino. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 21/22, pp. 29-34.
- Brennan, L. (1995). Early Childhood Sexuality. *On the Level – Children and Sexuality* 4, pp. 21-24.
- Brino, R. (2006). *Professores como Agentes de Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Avaliação de um Programa de Capacitação*. Tese de Doutoramento. Universidade Federal de S. Carlos.
- Brito, A. (1999). A Problemática da Adopção dos Manuais Escolares. In R. Castro, A. Rodrigues, J. Silva, M. Sousa (org.) *Manuais Escolares: Estatuto, Funções, História: Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*.

- Braga: Centro de Estudo em Educação e Psicologia Universidade do Minho.
- Bruess, C., Greenberg, J. (2004). *Sexuality Education: Theory and Practice* (4^a ed.). Sudbury: Jones and Bartlett Publishers.
- Burgher, M., Rasmussen, V., Rivett, D. (1999). *The European Network of Health Promotion Schools – The Aliance of Education and Health*. IPC Kailow Tryk.
- Buxarrais, M. (2000). *La Formación del Profesorado en Educación en Valores: Propuesta y Materiales* (2^a ed.). Bilbao: Desclée.
- Cabrita, I. (1999). Utilização do Manual Escolar pelo Professor de Matemática. In R. Castro, A. Rodrigues, J. Silva, M. Sousa (org.) *Manuais Escolares: Estatuto, Funções, História: Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*. Braga: Centro de Estudo em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Caetano, J. (2010). Sexualidade, Saúde e Direitos Humanos. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- Camamero, C., Redondo, E., Urruzola, M. (1985). *Sexualidad en la Escuela:Manual para Educadoras/es*. Barcelona: Ediciones de les Dones.
- Carmo, H., Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação*. Coimbra: Universidade Aberta.
- Caron, S., Knox, C., Rhoads, C., Aho, J., Tulman, K., Voloch, M. (1993). Sexuality Education in the Workplace: Seminars for Parents. *Journal of Sex Education and Therapy* 3, pp. 200-211.
- Carreira, J. (2007). *A Importância da Formação no Desempenho dos Auxiliares de Acção Educativa*. Tese de Mestrado: Universidade Aberta.
- Carvalho, T. (1999). Alguns Comentários ao Documento: Orientações Técnicas sobre Educação Sexual em Meio Escolar. *FERLAP* 78, pp. 5-6.
- Carvalho, G., Clément, P. (2007). Projecto «Educação em Biologia, Educação para a Saúde e Educação Ambiental para uma melhor Cidadania»:

- Análise de Manuais Escolares e Concepções de Professores de 19 Países (Europeus, Africanos e do Próximo Oriente). *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências* 7 (2).
- Carvalho, G., Dantas, C., Rauma, A., Luzi, D., Geier, C., Caussidier, C., Berger, D., Clément, P. (2007). Health Education Approaches in School Textbooks of Fourteen Countries: Biomedical Model versus Health Promotion. In Proceedings of IOSTE International Meeting on Critical Analysis of School Science Textbooks, 7, Hammamet: Tunísia.
- Carvalho, G., Clément, P., Berger, D. (2009). Educação para a Saúde: Concepções de Professores de Dezasseis Países Europeus, Africanos e do Próximo Oriente. In J. Bonito (org.). *Educação para a Saúde no Século XX: Teorias, Modelos e Práticas: Actas do Congresso Nacional de Educação para a Saúde*, 2, Évora: Universidade de Évora.
- Carvalho, A., Fadigas, N. (2007). *O Manual Escolar no Século XXI – Estudo Comparado da Realidade Portuguesa no Contexto de alguns Países Europeus*. Porto: Observatório dos Recursos Educativos. www.observatorio.org.pt.
- Castro, R. (1999). *Manuais Escolares: Estatuto, Funções, História*. Braga: Universidade do Minho.
- CCPES, DEB, DES, IIE (eds.) (2001). *Educação Sexual : Guia Anotado de Recursos (Materiais de Apoio ao Currículo)* (1^a ed.). Lisboa: CCPES, DEB, DES, IIE/ Ministério da Educação.
- Chizzotti, A. (2003). A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. *Revista Portuguesa de Educação* 16 (2), pp. 221-236.
- Choppin, A. (1998). Manuel Scolaire. In *Dictionnaire Encyclopédique de l'Éducation et de la Formation* (2^a ed.). Paris: Nathan Université.
- Circular nº 6/2005. 14 de Abril. <http://www.deb.min-edu.pt>.
- Clément, P. (2004). Science et Idéologie: Exemples en Didactique et en Épistémologie de la Biologie. *Actes du Colloque Science-Médias-Société*. Lyon: ENS-LSH. <http://wwwsciences-medias.ens-lsh.fr>.

- Clément, P. (2006). *Didactic Transposition and KVP Model: Conception as Interaction between Scientific Knowledge, Values and Social Practices*. ESERA Summer School. Braga: IEC Universidade do Minho.
- Collier, G. (1995). Children and Sexuality: What Can a Parent Do?. *On the Level-Children and Sexuality 4*, pp. 3-7.
- Correia, A., Ramos, M. (2002). *Representações de Género em Manuais Escolares – Língua Portuguesa e Matemática: 1º Ciclo*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres – Presidência do Conselho de Ministros.
- Cortesão, I., Silva, M., Torres, M. (1989). *Educação para uma Sexualidade Humanizada: Guia para Professores e País*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cousin, G. (2005). Case Study Research. *Journal of Geography in Higher Education* 29 (3), pp. 421-427.
- Creswell, J., Clark, V. (2007). *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. (1^aed.). Thousand Oaks: Sage.
- Cró, M. (2004). Uma Experiência de Investigação em Educação. In L. Oliveira, A. Pereira, R. Santiago (org.) *Investigação em Educação – Abordagens Conceptuais e Práticas*. Porto: Porto Editora.
- Decreto-Lei nº 369/90. 26 de Novembro. DR nº 273 – I Série-A.
- Decreto-Lei nº 176/96. 21 de Setembro. DR nº 220 – I Série-A.
- Decreto-Lei nº 261/2007. 17 de Julho. DR nº 136 – 1^a Série.
- Dellamont, S. (1986). *Os Papéis Sexuais e a Escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Denzin, N. (1978). *The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods*. (2^a ed.). New York: Mc Graw-Hill.
- Denzin, N., Lincoln, Y. (1998). *The Landscape of Qualitative Research – Theories and Issues*. London: Sage.
- Desaulnier, M (1986). A Educação Sexual Enquanto Disciplina Escolar. *Revista de Educação* 1 (1), pp. 63-68.
- Despacho nº 139/ME/90. 16 de Agosto. DR nº 202 – 2^a Série.
- Despacho nº 172/ME/93. 13 de Agosto. DR nº 189 – 2^a Série.
- Despacho Conjunto (ME e MS) nº 271/98. 15 de Abril. DR nº 164 – 2^aSérie.

- Despacho Conjunto (ME e MS) nº 734/2000. 18 de Julho. DR nº 88 – 2ªSérie.
- Despacho nº 29864/2007. 27 de Dezembro. DR nº 249 – 2ª Série.
- Despacho nº 415/2008. 04 de Janeiro. DR nº 3 – 2ª Série.
- Despacho nº 22025/2009. 02 de Outubro. DR nº 192 – 2ª Série.
- Destombes, C., Hameline, D., Marchand, F. (1974). *L'education Sexuelle Permanente*. Paris : ÉPI.
- Diogo, A. (2003). *A Educação Sexual no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Estudo de Caso. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Diogo, F., Vilar, A. (2003). *Gestão Flexível do Currículo*. (1ª ed.). Porto: Porto Editora.
- ENHPS (1997). First Conference of the European Network of Health Promoting Schools – an Investment in Education, Health and Democracy. *Conference Report*. Thessaloniki-Halkidiki: Greece.
- Espinosa, M. (1993). Programa Harimaguada: La Educación Afetivo Sexual y la Comunidad Educativa, un Proyecto en Construcción. In *I Encuentro Internacional de Educación Afetivo-sexual y Calidad de Vida*. Las Palmas, Canarias: Consejería de Educación Cultura y Deportes del Gobierno de Canarias, Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- Espinosa, M. (1998). Formação de Pais e Mães em Educação Afetivo-Sexual Segundo o Programa Harimaguada. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 17/18, pp. 24-26.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes* (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Estrela, M., Estrela A. (1994). *A Técnica dos Incidentes Críticos no Ensino* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Estampa.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os Paradigmas de Investigação em Educação. *Noesis* (18), pp. 64-66.
- Fernandes, J. (2001). *Saberes, Competências, Valores e Afetos Necessários ao Bom Desempenho Profissional do/a Professor/a* (1ª ed.). Lisboa: Plátano.
- Ferreira, A. (1995). Partilhar Experiências de Animação e Formação na Área da Sexualidade. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 7, pp. 5-10.

- Ferreira, A. (1998). Sexualidade na Infância: os Papéis da Família, da Escola e da Sociedade. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 17/18, pp. 27-28.
- Ferreira, M., Santos, M. (1994). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender* (1^a ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, A., Veiga, F., Mendes, L. (2002). Sugestões de Actividades da Educação Sexual Para o 1º Ciclo do Ensino Básico. In A. Marques, D. Vilar, F. Forreta (coord.). *Educação Sexual no 1º Ciclo – Um Guia para Professores e Formadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Finco, D. (2004). *Faca sem Ponta, Galinha sem Pé, Homem com Homem, Mulher com Mulher: Relações de Gênero nas Brincadeiras de Meninos e Meninas na Pré-Escola*. Tese de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- Finger, W. (2000). Sex Education Helps Prepare Young Adults. *Network* 3, pp. 10-15.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., Vilar, D. (2001). *Educação Sexual na Escola: um Guia para Professores, Formadores e Educadores* (4^a ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Freitas, L. (Out. 2005/Jan. 2006). Do que Eles se Lembram! Representações dos Pré-Escolares acerca da Sexualidade Humana. *Educação Sexual em Rede* 2, pp. 5-13.
- Gama, J. (1991). O Manual Escolar. In M. Oliveira (coord.) *Didáctica da Biologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Gaudreau, L. (1990). A Educação Sexual no Québec. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 47/48, pp. 15-1.
- Gérard, F., Roegiers, X. (1998). *Conceber e Avaliar Manuais Escolares* (1^a ed.). Porto: Porto Editora.
- Ghiglione, R., Matalon, B. (1997). *O Inquérito: Teoria e Prática* (3^a ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Goldman, J. (1995). Children Speak Several Languages. *On the Level – Children and Sexuality* 4, pp. 8-12.
- Grave-Resendes, L., Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Greydanus, D., Pratt, H., Dannison, L. (1995). Sexuality Education Programs for Youth: Current State of Affairs and Strategies for the Future. *Journal of Sex Education And Therapy* 4, pp. 238-254.
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual (2007). Relatório Final. Lisboa.
www.dgdc.min-edu.pt.
- Grupo de Trabalho Manuais Escolares. (2005). *Relatório do Grupo de Trabalho Manuais Escolares.* www.Portugal.gov.pt/pt/documentos/governo/med/relatorio_manuais_escolares.pdf.
- Guasch, G. (1973). Educação Sexual. In R. Volcher (Dir.), *Enciclopédia da Sexualidade* 2. Lisboa: Moraes Editores.
- Guimarães, F. (2009). A Importância de Ser Professor do 1º Ciclo: Conhecimento Escolar e Manuais Escolares. In *Jornadas de Educação: Pensar a Educação*. Fafe.
- Guimarães, F., Cavadas, B. (2009). A Especificidade de Ser Professor de Ciências da Natureza: Reflexões em Torno do Conhecimento Científico/Escolar e dos Manuais Escolares. In *Encontro de Investigação e Formação. Formar Professores /Investigar as Práticas: Actas*. Lisboa: ESE.
- Halstead, J., Reiss, M. (2003). *Values in Sex Education: From Principles to Practice* (1ª ed.). London, New York: Routledge Falmer.
- Harimaguada, Programa (1993-a). *Educación Afectivo-Sexual en la Etapa Primaria: Experiencias Ejemplificadoras*. Canarias, Gobierno. Consejería de Educación, Cultura Y Deportes. Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- Harimaguada, Programa (1993-b). *Educación Afectivo-Sexual en la Etapa Primaria: Guía Didáctica del Profesorado*. Canarias, Gobierno. Consejería de Educación, Cultura Y Deportes. Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- Harimaguada, Programa (1993-c). *Educación Afectivo-Sexual en la Etapa Primaria: Unidades Didácticas*. Canarias, Gobierno. Consejería de Educación, Cultura Y Deportes. Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.

- Harimaguada, Programa (1993-d). *Educación Afectivo-Sexual en las Etapas Infantil y Primaria: Guia de Formación de Madres y Padres*. Canarias, Gobierno. Consejería de Educación, Cultura Y Deportes. Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- Henriques, F., Joaquim, T. (1995). *Os Materiais Pedagógicos e o Desenvolvimento de uma educação para a Igualdade entre Sexos*. Lisboa: CIDM.
- Hill, M., Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. (2^aed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- I CISES. (2010). Carta de Aveiro. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- Jewitt, C. (1994). *Exploring Health Sexuality: a Guide to Sex Education in a Youth Setting*. London: FPA.
- Kay, H., Gray, J., Hassall, G. (1993). *Building Better Health: Teaching Strategies for Human Relationships and Sexuality Education in the Primary School*. London: Family Planning Association.
- Lee, C. (1986). *The Ostrich Position: Sex, Schooling and Mystification*. London: Unwin Paperbacks.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, Boutin, G. (1990). *Investigaçāo Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (1^a ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lei de Bases do Sistema Educativo. 14 de Outubro. DR nº 237 – I Série-A.
- Lei nº 47/2006. 28 de Agosto. DR nº 165 – 1^a Série.
- Lei nº 60/2009. 6 de Agosto. DR nº 151 -1^a Série.
- Link, P. (1995). Children and Sexuality. *On the Level – Children and Sexuality 4*, pp. 28-32.
- Llewellyn, J. (1987). *Springboards: Ideas for Health Education*. Sourh Melbourne: Nelson.
- López, F. (1985). *Principios Básicos de la Educación Sexual*. Instituto de Ciencias de la Educación. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

- López, F. (1990). Conceitos e Objectivos da Educação Sexual. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 47/48, pp. 14-15.
- López, F. (1993). Orientaciones Evolutivas. In Programa Harimaguada, *Guia del Profesorado*. Canarias, Gobierno. Consejería de Educación, Cultura Y Deportes. Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- López, F., Fuertes, A. (1999). *Para Compreender a Sexualidade*. Lisboa: APF.
- López, F., Oroz, A. (1999). *Para Compreender la Vida Sexual del Adolescente*. Editorial Verbo Divino.
- Louro, G. (2000). *Curriculo, Género e Sexualidade* (1^a ed.). Lisboa: Porto Editora.
- Ludke, M., André, E. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. S. Paulo: EPU.
- Machado, A. (1988). A Educação Sexual na Escola. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 40, pp. 2-4.
- Madureira, D. (2001). Sexualidade é dar Afectos... . *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 31, pp. 33-34.
- Madureira, A. (2007). *Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola: A Construção de uma Cultura Democrática*. Tese de Doutoramento. Brasília: Universidade de Brasília.
- Magalhães, J. (1999). Um apontamento para a História do Manual Escolar entre a Produção e a Representação. In R. Castro, A. Rodrigues, J. Silva, M. Sousa (org.) *Manuais Escolares: Estatuto, Funções, História: Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*. Braga: Centro de Estudo em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Malpique, C. (1986). A Sexualidade Infantil. *Psicologia* 5, pp. 27-31.
- Manhães, M. (2004). *Menino ou Menina? Um Estudo sobre Gênero e Desenvolvimento Infantil*. Tese de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- Marques, A., Vilar, D., Forreta, F. (2002). *Educação Sexual no 1º Ciclo – Um Guia para Professores e Formadores*. Lisboa: Texto Editora.

- Martelo, M. (1999). *Escola e a Construção da Identidade das Raparigas: O Exemplo dos manuais Escolares*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres – Presidência do Conselho de Ministros.
- Mauco, G. (1977). *Educação e Sexualidade*. Lisboa: Moraes Editores.
- Meredith, P. (1990). A Educação Sexual nos Países Europeus. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 47/48, pp. 11-13.
- Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Indústria Comércio e Serviços, Direcção-Geral da Empresa. (2004). *Convenção APEL* <http://www.dgcc.pt>.
- Ministério da Economia, Secretaria de Estado da Indústria Comércio e Serviços, Direcção-Geral da Empresa. (2004). *Convenção UEP*. <http://www.dgcc.pt>.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministérios da Educação e da Saúde, APF (2000). *Educação Sexual em Meio Escolar: Linhas Orientadoras* (1^a ed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2001). *Curriculum Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2002). *Educação Sexual*. <http://www.drec.min-edu.pt/cae/Coimbra/gtpes/html>.
- Ministério da Educação (2004/05). *Manuais Escolares*. <http://www.dgidc.min-edu.pt>.
- Moita, M., Santos, M. (1992). *Falemos de Sexualidade: Um Guia para Pais e Educadores*. Lisboa: APF.
- Morgado, L. (2005). Jean Piaget: Um Pedagogo?. In G. Miranda, S. Bahia (org.). *Psicologia da Educação – Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Myles, H., Gale, W., Szirom, T., Davison, D., Dyson, S. (1983). *Taught not Caught: Strategies for Sex Education*. LDA.

- Nilsson, A. (2008). Avaliação da Qualidade da Educação em Sexualidade e Relações Interpessoais Suécia, 1999 e 2005. *Educação Sexual em Rede* 4, pp. 21-24.
- Niza, S. (1998). O Modelo Curricular de Educação Pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Formosinho (org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. (2^a ed.). Porto: Porto Editora.
- Nodim, N. (2002). O que é a Educação Sexual?.
<http://www.Sentidosesensações.pt>.
- Oliveira, M. (s.d.). *La Educación Sentimental*. Icarla Antrazyt.
- Oliveira, M., Chagas, I. (2010). Investigação em Educação Sexual em Portugal. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- Oliveira, R., Vilaça, T., Aguiar, F., Esteves, C., Cardoso, E., Ardachessien, J., Ferreira, M., Oliveira, M., Freitas, T., Caetano, J. (2010). Projecto de Educação pelos Pares em Escolas do Porto durante o Ano Lectivo 2009/2010. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- ONU (1948). Declaração Universal dos Direitos do Homem.www.cnpcjr.pt.
- ONU (1989). Convenção sobre os Direitos da Criança.www.unicef.pt.
- Oppel, Y. (1976). *L'Analyse des Manuels Scolaires*. Neuchâtel: IRDP.
- Oppenheim, A. (2004). *Questionnaire Design, Interviewing and Attitude Measurement*. Londres: Continnum.
- Orth, E. (1991). *Educação Sexual da Criança* (13^a Ed.). Petrópolis: Vozes.
- Osório, G. (2007). *Fertilidade Humana e seu Controlo: Um Estudo com Manuais Escolares e Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

- Pacheco, J., Gamito, C. (1993). *O Sexo é de Todas as Idades*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Parreira, A. (Out. 2005/Jan. 2006). A importância dos Projectos em Escolas. *Educação Sexual em Rede* 2, pp. 14-15.
- Pereira, I. (2004). *Concepções e Obstáculos de Aprendizagem no Estudo da Reprodução Humana em Crianças do 1º CEB, do Meio Rural*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Peschar, I., Thompson, M., Laevy, J. (1995). Working Together Education and Health: A Co-operative Approach to Sexuality Education in Primary Schools. *On the Level Children and Sexuality* 1 (4), pp. 25-27.
- Petrenas, R., Gonini, F. (2010). Reflexões acerca da Trajetória da Sexualidade e suas Implicações na Educação: Mudanças e Desafios. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- Piaget, J. (2000). *Seis Estudos de Psicologia* (11ª Ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Piaget, J., Inhelder, B. (1993). *A Psicologia da Criança*. Porto: Edições Asa.
- Pinto, J. (1982). Educação e Formação para uma Verdadeira Sexualidade Humana. In APF, *II Jornadas Nacionais da APF*. Lisboa: Instituto Pasteur.
- Pinto, T. (1999). A Avaliação dos Manuais Escolares numa Perspectiva de Género. In R. Castro, A. Rodrigues, J. Silva, M. Sousa (org). *Manuais Escolares: Estatuto, Funções, História: Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*. Braga: Centro de Estudo em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Pintor, M. (2005). *Educação em Sexualidade: Um Percurso em Cooperação no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Portaria nº 186/91. 4 de Março. DR nº 52 – I Série-B.
- Portaria nº 724/91. 24 de Julho. DR nº 168 – I Série-B.
- Portaria nº 792/2007. 23 de Julho. DR nº 140 – 1ª Série.

- Portaria nº 1628/2007. 28 de Dezembro. DR nº 250 - 1ª Série.
- Portaria nº 196-A/2010. 9 de Abril. DR nº 69 - 1ª Série.
- Portugal, S. (2009). *Mensagens Veiculadas nos Conteúdos dos Videojogos: O Caso dos The Sims 2 e os estereótipos*. Tese de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Precioso, J. (2004). Educação para a Saúde na Escola: Um direito de todos os alunos que urge satisfazer. *O Professor 85*, pp. 17-24.
- Resolução do Conselho de Ministros nº 17/1990. 21 de Abril. DR nº 93 - 1ª Série.
- Richaudeau, F. (1986). *Conception et Production des Manuels Scolaires - Guide Pratique*. Paris : Unesco.
- Robert, A., Bouillaguet, A. (2002). *L' Analyse de Contenu*. (2ª ed.). Paris: PUF..
- Rocha, F. (2009). *Família e Educadores de Infância : Representações de Género*. Tese de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Rodrigues, V., Carvalho, A., Gonçalves, A., Carvalho, G. (2007). Os Professores e a Educação/Promoção para a Saúde. In B. Pereira, G. Carvalho, V. Pereira (ed. Lit). *Novas Realidades, Novas Práticas: Actas do Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde*, 3, Braga: IEC Universidade do Minho.
- Rossi, C., Chagas, M., Freitas, D., Tripa, R. (2010). Educação Sexual Intencional na Escola: Contributos para a Formação Contínua de Professores. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual - Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED - Universidade do Minho.
- Sampaio, M. (1987). *Escola e Educação Sexual*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sampaio, M. (1984). *Sex Education in Schools*. Dissertação de Mestrado. Boston: Boston University.
- Sampieri, R. , Collado, C. , Lucio, B. (1991). *Metodología de la investigación*. México: Mac Graw-Hill.
- Sánchez, F. (2005). Educação Sexual em Espanha. *Educação Sexual em Rede 1*, pp. 21-24.

- Sanders, P., Swinden, L. (1990). *Knowing me, Knowing you: Strategies for Sex Education in the Primary School.* LDA.
- Sanders, P., Swinden, L. (1995). *Para me Conhecer. Para te Conhecer – Estratégias de Educação Sexual para o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico.* Lisboa: APF.
- Santos, M. (1994). A Educação Sexual está Morta – Viva a Educação Sexual. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 2, pp. 14-15.
- Santos, E., Valente, O. (1997). O Ensino da Ciência/Tecnologia/Sociedade no Currículo, nos Manuais e nos Media. In E. Santos. *Ensino das Ciências* (1^a ed.). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Sarmento, V. (1999). Debate sobre a Educação Sexual em Meio Escolar. *FERLAP* 78, pp. 7-8.
- Sarmento, V. (2001). Pais Debatem Educação Sexual nas Escolas. *FERLAP* 83, p. 8.
- Sebastião, C. (2005). *Educação em Sexualidade: Um Contributo para a Formação Inicial de Professores.* Tese de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SHE (2009). *Vilnius Resolution. Better School Through Health: The Third European Conference on Health Promoting Schools.* IPC.
- Silva, J. (2001). A Construção do Conhecimento em Manuais Escolares de Ciências. In B. Silva, L. Almeida (ed. Lit). *Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia: Actas.* Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia Universidade do Minho.
- Sousa, A. (1998). O Trabalho com Pais na Óptica da Formação em Educação Sexual. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 17/18, pp. 17-18.
- Sousa, A. (2006). *Aparelho Reprodutor: Concepções e Obstáculos de Aprendizagem em Crianças do 1º CEB – Um estudo de caso em meio urbano.* Tese de Mestrado. Braga: IEC Universidade do Minho.
- Sousa, V. (1993). Principios de la Educación Sexual con Preadolescentes . In *I Encuentro Internacional de Educación Afectivo-sexual y Calidad de Vida.* Las Palmas, Canarias: Consejeria de Educación Cultura y Deportes del Gobierno de Canarias, Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.

- Spreng, B. (1976). *La Problématique des Manuels Scolaires: Étude sur les Fonctions du Manuel*. Neuchâtel : IRDP.
- Stake, R. (1998). *Investigación con Estúdio de Casos*. Madrid: Ediciones Morata.
- Tavares, J., Alarcão, I. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Teixeira, F. (2010). Educação em Sexualidade e Formação de Professores(as). In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual - Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED - Universidade do Minho.
- Teixeira, F., Couceiro, F., Veiga, L., Martins, I. (1999). A Educação Científica Veiculada por Manuais Escolares de Estudo do Meio do 1º CEB no que respeita à Reprodução Humana. In V. Trindade (coord). *Actas do VI Encontro Nacional de Docentes – Educação em Ciências da Natureza*. Évora: Universidade de Évora.
- Thorogood, N. (2000). Sex Education as Disciplinary Technique: Policy and Practice in England and Wales. *Sexualities* 3 (4), pp. 425-438.
- Tormenta, J. (1996). *Manuais Escolares: Inovação ou Tradição?*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Tuckman, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação: Como Conceber Realizar o Processo de Investigação em Educação* (1ª ed.). Lisboa: Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vaz, J. (coord.) (1996). *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Veiga, L., Teixeira, F., Couceiro, F. (2001). *Menina ou Menino – Eis a Questão. Livro do Aluno* (1ª ed.). Lisboa: Plátano Editora.
- Veiga, L., Teixeira, F., Couceiro, F. (2001). *Menina ou Menino – Eis a Questão. Livro do Professor* (1ª ed.). Lisboa: Plátano Editora.
- Vilaça, M. (2006). *Acção e Competência de Acção em Educação Sexual: Uma Investigação com Professores e Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

- Vilaça, T. (2010). Formação Contínua de Professores/as na Educação em Sexualidade Orientada para a Acção: A (Auto)Supervisão como processo de transformação da identidade de práticas dos/as professores/as. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- Vilar, D. (1987). Aprendizagem Sexual e Educação Sexual. In F. Gomes, A. Albuquerque, J. Nunes (Ed.), *Sexologia em Portugal: Sexualidade e Cultura, 2º vol.*, Lisboa: Texto Editora.
- Vilar, D. (1990). As Encruzilhadas da Educação Sexual. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 47/48, pp. 6-8.
- Vilar, D. (1999). *Falar Disso... .* Dissertação de Doutoramento. Lisboa: ISCTE.
- Vilar, D. (Out. 2005/Jan. 2006). Educação Sexual nas Escolas: Um Tema Polémico???. *Educação Sexual em Rede* 2, pp. 1-2.
- Vilar, D., Ferreira, P. (2010). A Educação Sexual dos Jovens Portugueses: Conhecimentos, Fontes e Impacto. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I. Chagas, T. Vilaça, A. Maia, C. Rossi, S. Melo (orgs). *Actas I Congresso Internacional Sexualidade e Educação Sexual – Políticas Educativas, Investigação e Práticas*. Braga: Edições CIED – Universidade do Minho.
- Wallis, A., Vanevery, J. (2000). Sexuality in the Primary School. *Sexualities* 3 (4), pp. 409-423.
- Weiss, M., Greco, B. (1995). *Educación Sexual – Charlando sobre Nuestra Sexualidad* (1 ª Ed). Buenos Aires: Editorial Troquel.
- Went, D. (1985). *Sex Education: Some Guidelines for Teachers*. London: Bell & Hyman.
- WHO (1978). *Alma-Ata Declaration*. Geneva: World Health Organization.
- WHO (1986). *Ottawa Charter for Health Promotion*. Geneva: World Health Organization.
- WHO (1988). *Adelaide Recommendation on Healthy Public Policy*. Geneva: World Health Organization.

- WHO (1991). *Sundsvall Statement on Supportive Environments for Health*. Geneva: World Health Organization.
- WHO (1997). *Jakarta Declaration on Leading Health Promotion into the 21st Century*. Geneva: World Health Organization.
- WHO (1999). *Health 21: The Health for all Policy Framework for the WHO European Region*. Copenhagen: World Health Organization, Regional Office for Europe.
- WHO (2005). *The Bangkok Charter for Health Promotion in a Globalized World*. Geneva: World Health Organization.
- Yin, R. (2003). *Case Study Research. Design and Methods*. (3^a ed.) London: Thousand Oaks/SAGE.
- Zapiain, J. (1993). La Educación Afectivo Sexual a Partir de Hoy. In *I Encuentro Internacional de Educación Afectivo-sexual y Calidad de Vida*. Las Palmas, Canarias: Consejería de Educación Cultura y Deportes del Gobierno de Canarias, Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- Zapiain, J. (2003). A Educação Afectivo-Sexual na Escola. *Revista Sexualidade e Planeamento Familiar* 36, pp. 33-35.
- Zienoly, R., IPPF – EN (2008). *Manual de Educação Inter-pares em Direitos e Saúde Sexual e Reprodutiva*. Lisboa: APP.

ANEXOS

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar:

Ano de Escolaridade:

Título:

Autore(a)s:

Edição:

Editor:

ISBN:

ANEXO 1

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)				
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas				
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética				
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades				
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial				
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos				
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado				
8. Produz motivação ao promover o saber				
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar				
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes				
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem				
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto				
13. Apresentam legenda adequada				
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram				
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)				
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)				
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico				
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização				
19. Focam temas e problemas actuais				

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos				
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro				
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares				
4. Fomenta uma atitude crítica				
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico				
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos				
7. Apresentam equilíbrio entre géneros				
8. Apresentam equilíbrio entre raças				
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais				
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias				
11. Dá ênfase a valores e sentimentos				
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos				
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os				
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)				
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade				
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal				
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade				
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes				

I – Insuficiente; **S** – Suficiente; **B** – Bom;

I Parte - Aspectos Gerais

ANEXO 2

Parâmetros	Critérios	Classificação
(I) 1.	a) Indica como está organizado o capítulo, apresentando instruções de utilização, objectivos, resumos, notas e assinalando as actividades propostas com um “ícone”.	B
	b) Apresenta apenas algumas das opções descritas na alínea anterior	S
	c) Não indica como o capítulo se encontra organizado	I
(I) 2.	a) Propõe actividades de pesquisa noutras fontes de informação	B
	b) Propõe actividades de pesquisa para usar unicamente o manual escolar	S
	c) Não propõe actividades de pesquisa	I
(I) 3.	a) A mancha textual é pouco condensada, as cores são apelativas e existe harmonia entre o texto e a imagem	B
	b) Apresenta algumas das características descritas na alínea anterior	S
	c) A mancha textual é muito condensada; as cores são pouco apelativas e não existe harmonia entre o texto e a imagem	I
(I) 4.	a) Inclui sempre uma proposta de avaliação das actividades	B
	b) Inclui, por vezes, uma proposta de avaliação das actividades	S
	c) Não inclui uma proposta de avaliação das actividades	I

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

(I) 5.	a) Contempla as competências definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico na área da Reprodução Humana	B
	b) Contempla duas das competências definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico na área da Reprodução Humana	S
	c) Contempla uma ou não contempla as competências definidas no Currículo Oficial na área da Reprodução Humana	I
(I) 6.	a) Os conhecimentos apresentados não contêm erros nem omissões e incorrecções	B
	b) Os conhecimentos apresentados contêm alguns erros ou incorrecções e omissões leves	S
	c) Os conhecimentos apresentados contêm erros ou incorrecções e omissões graves	I
(I) 7.	a) A informação fornecida para cada conteúdo abordado é suficiente	B
	b) A informação fornecida em alguns conteúdos abordados é suficiente	S
	c) A informação fornecida para cada conteúdo abordado não é suficiente	I
(I) 8.	a) Os conteúdos encontram-se apresentados de forma apelativa e motivadora	B
	b) Alguns dos conteúdos apresentam-se de forma apelativa e motivadora	S
	c) Os conteúdos não se encontram apresentados de forma apelativa e motivadora	I
(I) 9.	a) Em todas as situações, as ilustrações clarificam e aprofundam os conteúdos, conferindo-lhes significado	B
	b) Em algumas situações, as ilustrações clarificam e aprofundam os conteúdos, conferindo-lhes significado	S
	c) Em nenhuma das situações, as ilustrações clarificam e aprofundam os conteúdos, conferindo-lhes significado	I

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

(I) 10.	<p>a) Considerando as cores, a dimensão e a definição, as ilustrações apresentam-se motivadoras e atraentes</p> <p>b) Considerando as cores, a dimensão e a definição, as ilustrações apresentam-se, por vezes, motivadoras e atraentes</p> <p>c) Considerando as cores, a dimensão e a definição, as ilustrações não se apresentam motivadoras nem atraentes</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 11.	<p>a) Há equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página</p> <p>b) Há, por vezes, equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página</p> <p>c) Não há equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 12.	<p>a) A imagem está sempre relacionada com o conteúdo a explorar</p> <p>b) A imagem está, por vezes, relacionada com o conteúdo a explorar</p> <p>c) A imagem não está relacionada com o conteúdo a explorar</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 13.	<p>a) Todas as ilustrações encontram-se legendadas adequadamente e com rigor científico</p> <p>b) Algumas das ilustrações encontram-se legendadas adequadamente e com rigor científico</p> <p>c) Nenhuma das ilustrações se encontra legendada adequadamente e com rigor científico</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 14.	<p>a) Todas as ilustrações se encontram bem localizadas, consoante pretendam ser motivadoras, informativas ou de síntese</p> <p>b) Algumas ilustrações encontram-se bem localizadas, consoante pretendam ser motivadoras, informativas ou de síntese</p> <p>c) As ilustrações não se encontram bem localizadas, consoante pretendam ser motivadoras, informativas ou de síntese</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

(I) 15.	a) Recorre a mais de dois tipos de ilustração	B
	b) Recorre a dois tipos de ilustração	S
	c) É apresentado sempre o mesmo tipo de ilustração	I
(I) 16.	a) Apresentam um bom nível de legibilidade tipográfica, tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas	B
	b) Apresentam um nível de legibilidade tipográfica razoável, tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas	S
	c) Apresentam um fraco nível de legibilidade tipográfica, tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas	I
(I) 17.	a) Apresenta sempre uma linguagem gramaticalmente correcta, utilizando um discurso com um estilo adequado à faixa etária	B
	b) Apresenta, por vezes, uma linguagem gramaticalmente correcta, utilizando um discurso com um estilo adequado à faixa etária	S
	c) Não apresenta uma linguagem gramaticalmente correcta nem um discurso com um estilo adequado à faixa etária	I
(I) 18.	a) Promovem sempre outro tipo de aprendizagens, para além dos factos, das leis e das teorias	B
	b) Promovem, por vezes, outro tipo de aprendizagens, para além dos factos, das leis e das teorias	S
	c) Apenas se preocupam com os factos, as leis e as teorias	I
(I) 19.	a) Focam sempre temas e problemas actuais de acordo com os conteúdos a explorar	B
	b) Focam, por vezes, temas e problemas actuais, de acordo com os conteúdos a explorar	S
	c) Não focam temas e problemas actuais, de acordo com os conteúdos a explorar	I

Legenda: B – Bom; S – Suficiente; I – Insuficiente

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

II Parte - Educação Sexual

Parâmetros	Critérios	Classificação
(II) 1.	a) Dá sempre ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, partindo das suas vivências, contextualizando o conhecimento	B
	b) Dá, por vezes, ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, partindo das suas vivências, contextualizando o conhecimento	S
	c) Não dá ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s	I
(II) 2.	a) O tema está sempre inter-relacionado com outros conteúdos do livro ou com outros já estudados nesta área curricular	B
	b) O tema está, por vezes, inter-relacionado com outros conteúdos do livro ou com outros já estudados nesta área curricular	S
	c) O tema não está inter-relacionado com outros conteúdos do livro nem com outros já estudados nesta área curricular	I
(II) 3.	a) Permite, sempre, o desenvolvimento de competências de outras áreas curriculares	B
	b) Permite, por vezes, o desenvolvimento de competências de outras áreas curriculares	S
	c) Não permite o desenvolvimento de competências de outras áreas curriculares	I
(II) 4.	a) Permite que o(a) aluno(a) expresse a sua opinião de forma livre	B
	b) Segundo orientações (restrições) permite que o(a) aluno(a) expresse a sua opinião	S

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

	c) Não permite que o(a) aluno(a) expresse as suas opiniões	I
(II) 5.	a) As ilustrações apresentam sempre rigor científico	B
	b) As ilustrações apresentam, por vezes, rigor científico	S
	c) As ilustrações não apresentam rigor científico	I
(II) 6.	a) Todas as ilustrações demonstram produtos de avanços tecnológicos	B
	b) Algumas ilustrações demonstram produtos de avanços tecnológicos	S
	c) Nenhuma das ilustrações demonstra produtos de avanços tecnológicos	I
(II) 7.	a) Todas as ilustrações apresentam equilíbrio entre géneros	B
	b) Algumas das ilustrações apresentam equilíbrio entre géneros	S
	c) Nenhuma das ilustrações apresenta equilíbrio entre géneros	I
(II) 8.	a) Todas as ilustrações apresentam equilíbrio entre raças	B
	b) Algumas das ilustrações apresentam equilíbrio entre raças	S
	c) Nenhuma das ilustrações apresenta equilíbrio entre raças	I
(II) 9.	a) A apresentação do tema nunca estereotipa os papéis sexuais sociais	B
	b) A apresentação do tema estereotipa, por vezes, os papéis sexuais sociais	S
	c) A apresentação do tema estereotipa sempre os papéis sexuais sociais	I
(II) 10.	a) Os sexos estão sempre colocados em iguais circunstâncias	B
	b) Os sexos estão, por vezes, colocados em iguais circunstâncias	S

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

	c) Os sexos não estão colocados em iguais circunstâncias	I
(II) 11.	a) Dá sempre ênfase a valores e sentimentos	B
	b) Dá ênfase, por vezes, a valores e sentimentos	S
	c) Não dá ênfase a valores e sentimentos	I
(II) 12.	a) Alerta sempre para a tolerância e liberdade de sentimentos	B
	b) Alerta, por vezes, para a tolerância e liberdade de sentimentos	S
	c) Não alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	I
(II) 13.	a) Apresenta sempre uma linguagem não discriminatória em relação aos sexos	B
	b) Apresenta, por vezes, uma linguagem discriminatória em relação aos sexos	S
	c) Apresenta uma linguagem discriminatória em relação aos sexos	I
(II) 14.	a) Promove sempre atitudes responsáveis	B
	b) Promove, por vezes, atitudes responsáveis	S
	c) Não promove atitudes responsáveis	I
(II) 15.	a) Permite adquirir conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	B
	b) Permite adquirir conhecimentos sobre o corpo e a origem	S
	c) Permite adquirir escassos conhecimentos sobre o corpo ou a origem ou as transformações da puberdade	I
(II) 16.	a) Fomenta, sempre, a necessidade de hábitos de higiene pessoal	B

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

	b) Fomenta, por vezes, a necessidade de hábitos de higiene	S
	c) Não fomenta a necessidade de hábitos de higiene	I
(II) 17.	a) Transmite sempre atitudes positivas em relação à sexualidade	B
	b) Transmite algumas atitudes positivas em relação à sexualidade	S
	c) Não transmite atitudes em relação à sexualidade	I
(II) 18.	a) Valoriza sempre a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	B
	b) Valoriza, por vezes, a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	S
	c) Não valoriza a identidade do(a) aluno(a) nem o conhecimento das suas raízes	I

Legenda: B – Bom; S – Suficiente; I - Insuficiente

ANEXOS

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar:

Ano de Escolaridade:

Título:

Autore(a)s:

Edição:

Editor:

ISBN:

ANEXO 1

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)				
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas				
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética				
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades				
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial				
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos				
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado				
8. Produz motivação ao promover o saber				
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar				
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes				
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem				
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto				
13. Apresentam legenda adequada				
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram				
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)				
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)				
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico				
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização				
19. Focam temas e problemas actuais				

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos				
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro				
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares				
4. Fomenta uma atitude crítica				
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico				
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos				
7. Apresentam equilíbrio entre géneros				
8. Apresentam equilíbrio entre raças				
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais				
10. Coloca ambos os sexos em iguais circunstâncias				
11. Dá ênfase a valores e sentimentos				
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos				
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos sexos				
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)				
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade				
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal				
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade				
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes				

I – Insuficiente; **S** – Suficiente; **B** – Bom;

Parâmetros	Critérios	Classificação
(I) 1.	a) Indica como está organizado o capítulo, apresentando instruções de utilização, objectivos, resumos, notas e assinalando as actividades propostas com um “ícone”.	B
	b) Apresenta apenas algumas das opções descritas na alínea anterior	S
	c) Não indica como o capítulo se encontra organizado	I
(I) 2.	a) Propõe actividades de pesquisa noutras fontes de informação	B
	b) Propõe actividades de pesquisa para usar unicamente o manual escolar	S
	c) Não propõe actividades de pesquisa	I
(I) 3.	a) A mancha textual é pouco condensada, as cores são apelativas e existe harmonia entre o texto e a imagem	B
	b) Apresenta algumas das características descritas na alínea anterior	S
	c) A mancha textual é muito condensada; as cores são pouco apelativas e não existe harmonia entre o texto e a imagem	I
(I) 4.	a) Inclui sempre uma proposta de avaliação das actividades	B
	b) Inclui, por vezes, uma proposta de avaliação das actividades	S
	c) Não inclui uma proposta de avaliação das actividades	I

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

(I) 5.	a) Contempla as competências definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico na área da Reprodução Humana	B
	b) Contempla duas das competências definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico na área da Reprodução Humana	S
	c) Contempla uma ou não contempla as competências definidas no Currículo Oficial na área da Reprodução Humana	I
(I) 6.	a) Os conhecimentos apresentados não contêm erros nem omissões e incorrecções	B
	b) Os conhecimentos apresentados contêm alguns erros ou incorrecções e omissões leves	S
	c) Os conhecimentos apresentados contêm erros ou incorrecções e omissões graves	I
(I) 7.	a) A informação fornecida para cada conteúdo abordado é suficiente	B
	b) A informação fornecida em alguns conteúdos abordados é suficiente	S
	c) A informação fornecida para cada conteúdo abordado não é suficiente	I
(I) 8.	a) Os conteúdos encontram-se apresentados de forma apelativa e motivadora	B
	b) Alguns dos conteúdos apresentam-se de forma apelativa e motivadora	S
	c) Os conteúdos não se encontram apresentados de forma apelativa e motivadora	I
(I) 9.	a) Em todas as situações, as ilustrações clarificam e aprofundam os conteúdos, conferindo-lhes significado	B
	b) Em algumas situações, as ilustrações clarificam e aprofundam os conteúdos, conferindo-lhes significado	S
	c) Em nenhuma das situações, as ilustrações clarificam e aprofundam os conteúdos, conferindo-lhes significado	I

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

(I) 10.	<p>a) Considerando as cores, a dimensão e a definição, as ilustrações apresentam-se motivadoras e atraentes</p> <p>b) Considerando as cores, a dimensão e a definição, as ilustrações apresentam-se, por vezes, motivadoras e atraentes</p> <p>c) Considerando as cores, a dimensão e a definição, as ilustrações não se apresentam motivadoras nem atraentes</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 11.	<p>a) Há equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página</p> <p>b) Há, por vezes, equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página</p> <p>c) Não há equilíbrio entre o texto e a imagem relativamente ao espaço ocupado na página</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 12.	<p>a) A imagem está sempre relacionada com o conteúdo a explorar</p> <p>b) A imagem está, por vezes, relacionada com o conteúdo a explorar</p> <p>c) A imagem não está relacionada com o conteúdo a explorar</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 13.	<p>a) Todas as ilustrações encontram-se legendadas adequadamente e com rigor científico</p> <p>b) Algumas das ilustrações encontram-se legendadas adequadamente e com rigor científico</p> <p>c) Nenhuma das ilustrações se encontra legendada adequadamente e com rigor científico</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>
(I) 14.	<p>a) Todas as ilustrações se encontram bem localizadas, consoante pretendam ser motivadoras, informativas ou de síntese</p> <p>b) Algumas ilustrações encontram-se bem localizadas, consoante pretendam ser motivadoras, informativas ou de síntese</p> <p>c) As ilustrações não se encontram bem localizadas, consoante pretendam ser motivadoras, informativas ou de síntese</p>	<p>B</p> <p>S</p> <p>I</p>

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

(I) 15.	a) Recorre a mais de dois tipos de ilustração	B
	b) Recorre a dois tipos de ilustração	S
	c) É apresentado sempre o mesmo tipo de ilustração	I
(I) 16.	a) Apresentam um bom nível de legibilidade tipográfica, tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas	B
	b) Apresentam um nível de legibilidade tipográfica razoável, tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas	S
	c) Apresentam um fraco nível de legibilidade tipográfica, tendo em conta a dimensão dos caracteres, a existência de contrastes e utilização de molduras e manchas brancas	I
(I) 17.	a) Apresenta sempre uma linguagem gramaticalmente correcta, utilizando um discurso com um estilo adequado à faixa etária	B
	b) Apresenta, por vezes, uma linguagem gramaticalmente correcta, utilizando um discurso com um estilo adequado à faixa etária	S
	c) Não apresenta uma linguagem gramaticalmente correcta nem um discurso com um estilo adequado à faixa etária	I
(I) 18.	a) Promovem sempre outro tipo de aprendizagens, para além dos factos, das leis e das teorias	B
	b) Promovem, por vezes, outro tipo de aprendizagens, para além dos factos, das leis e das teorias	S
	c) Apenas se preocupam com os factos, as leis e as teorias	I
(I) 19.	a) Focam sempre temas e problemas actuais de acordo com os conteúdos a explorar	B
	b) Focam, por vezes, temas e problemas actuais, de acordo com os conteúdos a explorar	S
	c) Não focam temas e problemas actuais, de acordo com os conteúdos a explorar	I

Legenda: B – Bom; S – Suficiente; I – Insuficiente

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

II Parte - Educação Sexual

Parâmetros	Critérios	Classificação
(II) 1.	a) Dá sempre ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, partindo das suas vivências, contextualizando o conhecimento	B
	b) Dá, por vezes, ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s, partindo das suas vivências, contextualizando o conhecimento	S
	c) Não dá ênfase a conhecimentos prévios do(a)s aluno(a)s	I
(II) 2.	a) O tema está sempre inter-relacionado com outros conteúdos do livro ou com outros já estudados nesta área curricular	B
	b) O tema está, por vezes, inter-relacionado com outros conteúdos do livro ou com outros já estudados nesta área curricular	S
	c) O tema não está inter-relacionado com outros conteúdos do livro nem com outros já estudados nesta área curricular	I
(II) 3.	a) Permite, sempre, o desenvolvimento de competências de outras áreas curriculares	B
	b) Permite, por vezes, o desenvolvimento de competências de outras áreas curriculares	S
	c) Não permite o desenvolvimento de competências de outras áreas curriculares	I
(II) 4.	a) Permite que o(a) aluno(a) expresse a sua opinião de forma livre	B
	b) Segundo orientações (restrições) permite que o(a) aluno(a) expresse a sua opinião	S

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

	c) Não permite que o(a) aluno(a) expresse as suas opiniões	I
(II) 5.	a) As ilustrações apresentam sempre rigor científico	B
	b) As ilustrações apresentam, por vezes, rigor científico	S
	c) As ilustrações não apresentam rigor científico	I
(II) 6.	a) Todas as ilustrações demonstram produtos de avanços tecnológicos	B
	b) Algumas ilustrações demonstram produtos de avanços tecnológicos	S
	c) Nenhuma das ilustrações demonstra produtos de avanços tecnológicos	I
(II) 7.	a) Todas as ilustrações apresentam equilíbrio entre géneros	B
	b) Algumas das ilustrações apresentam equilíbrio entre géneros	S
	c) Nenhuma das ilustrações apresenta equilíbrio entre géneros	I
(II) 8.	a) Todas as ilustrações apresentam equilíbrio entre raças	B
	b) Algumas das ilustrações apresentam equilíbrio entre raças	S
	c) Nenhuma das ilustrações apresenta equilíbrio entre raças	I
(II) 9.	a) A apresentação do tema nunca estereotipa os papéis sexuais sociais	B
	b) A apresentação do tema estereotipa, por vezes, os papéis sexuais sociais	S
	c) A apresentação do tema estereotipa sempre os papéis sexuais sociais	I
(II) 10.	a) Os性os estão sempre colocados em iguais circunstâncias	B
	b) Os性os estão, por vezes, colocados em iguais circunstâncias	S

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

	c) Os sexos não estão colocados em iguais circunstâncias	I
(II) 11.	a) Dá sempre ênfase a valores e sentimentos	B
	b) Dá ênfase, por vezes, a valores e sentimentos	S
	c) Não dá ênfase a valores e sentimentos	I
(II) 12.	a) Alerta sempre para a tolerância e liberdade de sentimentos	B
	b) Alerta, por vezes, para a tolerância e liberdade de sentimentos	S
	c) Não alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	I
(II) 13.	a) Apresenta sempre uma linguagem não discriminatória em relação aos sexos	B
	b) Apresenta, por vezes, uma linguagem discriminatória em relação aos sexos	S
	c) Apresenta uma linguagem discriminatória em relação aos sexos	I
(II) 14.	a) Promove sempre atitudes responsáveis	B
	b) Promove, por vezes, atitudes responsáveis	S
	c) Não promove atitudes responsáveis	I
(II) 15.	a) Permite adquirir conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	B
	b) Permite adquirir conhecimentos sobre o corpo e a origem	S
	c) Permite adquirir escassos conhecimentos sobre o corpo ou a origem ou as transformações da puberdade	I
(II) 16.	a) Fomenta, sempre, a necessidade de hábitos de higiene pessoal	B

Critérios definidos para os Parâmetros de Avaliação da Ficha de Caracterização e Apreciação do Manual Escolar

	b) Fomenta, por vezes, a necessidade de hábitos de higiene	S
	c) Não fomenta a necessidade de hábitos de higiene	I
(II) 17.	a) Transmite sempre atitudes positivas em relação à sexualidade	B
	b) Transmite algumas atitudes positivas em relação à sexualidade	S
	c) Não transmite atitudes em relação à sexualidade	I
(II) 18.	a) Valoriza sempre a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	B
	b) Valoriza, por vezes, a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	S
	c) Não valoriza a identidade do(a) aluno(a) nem o conhecimento das suas raízes	I

Legenda: B – Bom; S – Suficiente; I - Insuficiente

ANEXO 3

Quadro de Observação

Legenda: Sim – S; Não – N; Às Vezes – AV; Adequado – Ad.; Inadequado – Inad. Motivação – M; Informação – I; Consolidação de Actividades – C

Quadro de Observação – 3º Ano de Escolaridade da Escola E.

Aluno(a)s (os nomes são fictícios)	Educação Sexual											Observações	Intervenções Significativas
	Atento(a)	Tímido(a)	Extrovertido(a)	Comportamento na sala de aula	Comunica com os colegas	Participa nas actividades	Conhecimentos sobre Reprodução Humana	Dá ênfase a valores / sentimentos	Esteriotípa papéis sexuais sociais	Encontra-se alerta para situações de abuso sexual	Consulta o manual escolar para ...		
Carina	S	S	N	Ad.	N	AV	Poucos	S	S	AV	I, C	Dificuldade em verificar alguns parâmetro porque é muito tímida	
Mariana	AV	N	S	Ad.	S	S	S	S	S	AV	I, C		
Miguel	AV	N	S	Ad.	S	S	Poucos	N	AV	AV	I, C	Não confere importância aos afectos	
Ricardo	S	N	S	Ad.	S	S	S	N	N	S	I, C		
Rosa	S	N	S	AV Inad.	AV	AV	Poucos	S	N	AV	I, C	Possui concepções prévias difíceis de desenraizar - Fecundação	
Alexandra	S	S	N	Ad.	AV	S	Poucos	S	S	AV	I, C		
Ana	S	N	S	Ad.	S	S	Poucos	S	N	S	I, C	“Devo dizer não quando algum rapaz ou homem se quer aproveitar de mim”	
Francisca	S	N	S	Ad.	S	S	Poucos	S	AV	AV	I, C		
Isabel	AV	S	N	Ad.	AV	S	Poucos	AV	N	N	I, C		
David	S	N	S	Ad.	S	S	Poucos	S	AV	AV	I, C	Possui concepções prévias difíceis de desenraizar - Fecundação	
Antónia	S	N	S	AV Inad.	S	S	S	AV	S	S	I, C	“Quando um menino quer fazer amor com uma menina, quer levar a menina para a cama (...) e ela não quer, deve dizer não.”	
Helena	S	S	AV	Ad.	S	S	Poucos	S	N	AV	I, C		
Joana	S	N	S	AV Inad.	S	S	Muitos	S	S	AV	I, C	“Eu vi num DVD. Vi que a sementinha do pai misturava-se com a da mãe e, ao fim de uns dias já estava crescido”; (referente à legenda dos órgãos do manual escolar) “faltam coisas no livro...as trompas no sistema feminino”; “O óvulo e o espermatozóide dão origem a uma nova vida”	
Andreia	S	S	AV	Ad.	S	S	S	S	S	AV	I, C	Imaginava que os óvulos se formavam na barriga	
Sofia	S	N	S	AV Inad.	S	S	Poucos	S	AV	AV	I, C	Denota-se possuir tabus religiosos; “Quando fomos às salinas eu vi...as libelinha a acasalarem.”	
Miguel	S	N	S	Ad.	S	S	S	S	AV	S	I, C	(referente à legenda dos órgãos do manual escolar) “Falta a vulva também.”	
Nuno	AV	S	AV	AV Inad.	S	S	Poucos	S	AV	AV	I, C	Refere que não se deve aceitar nada de estranhos	
Sara	S	N	S	Ad.	S	S	S	S	S	AV	I, C		
Fábio	S	N	S	Ad.	S	S	Poucos	S	N	N	I, C		
Catarina	S	N	S	Ad.	S	S	S	S	S	S	I, C	“Os animais acasalam e as pessoas fazem amor”; “O homem tem uns ovinhos pequeninos que quando fazem...os ovinhos passam para a mulher dele” (quanto a ter um filho pela barriga) ”Nem sempre, a minha mãe diz que a minha irmã nasceu pela barriga mas eu e o meu irmão nascemos pela «loló»	

Legenda: Sim – S; Não – N; Às Vezes – AV; Adequado – Ad.; Inadequado – Inad. Motivação – M; Informação – I; Consolidação de Actividades – C

Quadro de Observação – 3º Ano de Escolaridade da Escola M.

Aluno(a)s (os nomes são fictícios)	Educação Sexual										Observações
	Atento(a)	Tímido(a)	Extrovertido(a)	Comportamento na sala de aula	Comunica com os colegas	Participa nas actividades	Conhecimentos sobre Reprodução Humana	Dá ênfase a valores / sentimentos	Esteriotípia papéis sexuais sociais	Encontra-se alerta para situações de abuso sexual	
Catarina	S	S	N	Ad.	S	S	Muitos	S	AV	S	C
Ana	S	N	S	Ad.	S	S	Muitos	S	N	S	C
Beatriz	S	N	S	Ad.	S	S	Muitos	S	S	S	C
Sofia	S	S	N	Ad.	N	S	S	S	S	S	C
Isabel	S	N	S	AV Inad.	S	S	S	S	S	AV	C
Daniel	S	N	S	AV Inad.	S	S	Muitos	S	N	AV	C
Daniela	S	S	N	Ad.	N	AV	Poucos	S		AV	C
Diogo	S	N	N	AV Inad.	S	S	Poucos	S	N	AV	C
Fábio	AV	N	S	AV Inad.	Inad.	AV	Poucos	AV	N	AV	C
Filipe	S	AV	AV	Ad.	S	S	Muitos	S	S	S	C
Hugo	S	N	S	AV Inad.	S	S	S	S	AV	S	C
Iuri	S	N	S	Ad.	S	S	Muitos	S	AV	AV	C
Joana	S	N	S	Ad.	S	S	S	S	AV	S	C
Alberto	S	N	S	AV Inad.	Inad.	S	S	S	S	S	C
Rafael	S	N	AV	AV Inad.	Inad.	S	Poucos	S	AV	S	C
Lúcia	S	N	N	Ad.	N	S	Poucos	S	S	S	C
Miguel	S	N	S	Ad.	S	S	Muitos	S	N	S	C
Martina	S	N	S	Ad.	S	S	Muitos	S	S	S	C
Raquel	AV	N	S	Ad.	N	AV	Muitos	S	S	AV	C
Ruben	S	N	S	AV Inad.	S	S	Poucos	S	S	S	C
Pedro	S	N	S	AV Inad.	Inad.	S	Poucos	S	N	AV	C

Legenda: Sim – S; Não – N; Às Vezes – AV; Adequado – Ad.; Inadequado – Inad. Motivação – M; Informação – I; Consolidação de Actividades – C

Relatos de Sala de Aula das Turmas do 3º ano de Escolaridade a partir das Observações Realizadas

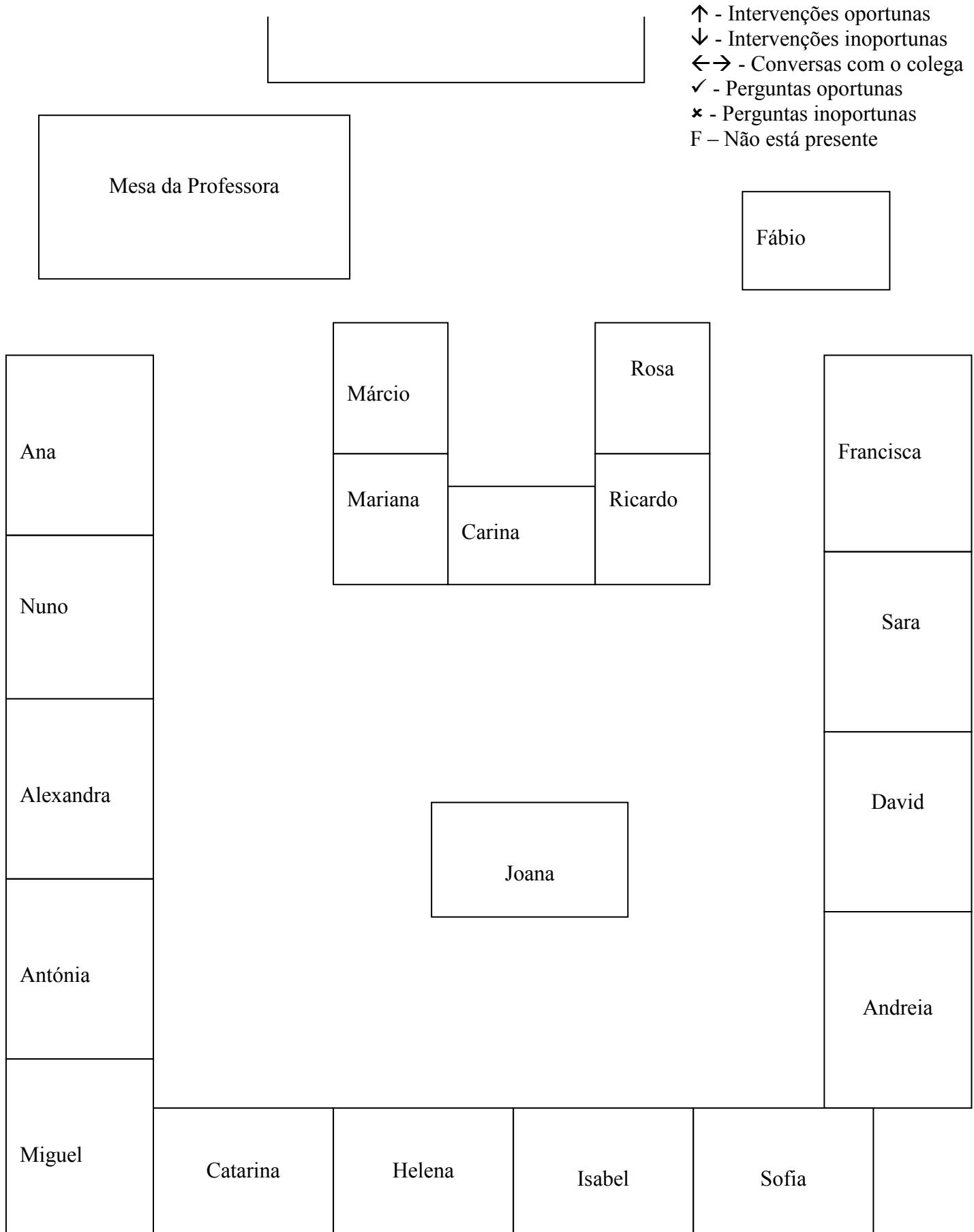
Numa primeira visita foram elaboradas as respectivas plantas de sala de aula, de modo a facilitar a observação e a transcrição fiel das opiniões ou considerações efectuadas pelo(a)s aluno(a)s. Houve oportunidade para observar o trabalho do(a)s aluno(a)s em contexto de sala de aula, nomeadamente a sua participação activa nas actividades e tarefas propostas. Foi possível, ainda, consultar as planificações das aulas/sessões sobre Reprodução Humana elaboradas pelas professoras das turmas observadas que incluíam os conteúdos que iriam ser abordados e as competências que pretendiam que o(a)s aluno(a)s desenvolvessem com a exploração do tema. As professoras acharam necessário a planificação de quatro sessões, atendendo aos conteúdos que pretendiam ver abordados.

Antes da introdução do tema da Reprodução Humana houve mais duas visitas para que o(a)s aluno(a)s não estranhasssem a presença de alguém exterior ao contexto de sala de aula e se sentissem à vontade nas suas intervenções. Para o(a) observador(a) estas visitas são essenciais para se familiarizar com os métodos de ensino usados pela professora e com a reacção do(a)s aluno(a)s perante as propostas de trabalho efectuadas, sendo possível verificar a adesão do(a)s aluno(a)s às tarefas que lhes são propostas e a sua capacidade de resolução, quer dos problemas, quer dos desafios com que se deparam.

Foi pedido às professoras que, no fim de cada aula /sessão sobre Reprodução Humana, efectuassem uma reflexão crítica ao trabalho desenvolvido com o(a)s aluno(a)s atendendo ao que era pretendido. No fim das quatro sessões foi pedido que as professoras elaborassem uma conclusão/reflexão abrangente.

1 - Turma do 3º Ano de Escolaridade da Escola E.

Planta da Sala de Aula



Competências Específicas	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">•Identificação da reprodução como processo vital comum a todos os seres vivos•Valorização do processo de formação de um novo ser	<ul style="list-style-type: none">*Reprodução*Fecundação

A professora introduz o tema da Reprodução Humana através do conto de uma história «A Mamã Pôs um Ovo» da autora Babette Cole. O(A)s aluno(a)s ouvem com atenção enquanto a professora enfatiza os diálogos. Mas a professora não acaba a história. Antes de chegar ao fim, propõe que o(a)s aluno(a)s desenhem, numa folha branca que distribui, a sua opinião de como se “fazem os bebés” e reforça indicando que quer descobrir como é que o pai e a mãe se juntam para fazerem um bebé. O(A)s aluno(a)s ficam entusiasmado(a)s mas o Miguel refere “*Não posso porque eu nunca vi...*”. No entanto, a Joana menciona “*Eu vi num DVD. Vi que a semente do pai misturava-se com a da mãe e, ao fim de uns dias, já estava crescido*”.

À medida que o(a)s aluno(a)s desenham e ilustram, o(a)s aluno(a)s continuam a opinar sobre o acto sexual: “*Os animais acasalam e as pessoas fazem amor.*” (risos) diz a Catarina. E acrescenta “*O homem tem uns ovinhos pequeninos que quando fazem...os ovinhos passam para a mulher dele.*” O David coloca o dedo no ar e informa “*Eu tenho cinco éguas para o cavalo. É um garanhão. Acasala uma vez por semana.*” Já quase a terminarem os desenhos, a Sofia informa “*Quando fomos às salinas eu vi... as libelinhas a acasalarem*”.

A professora, depois de recolher os desenhos e as ilustrações (anexo a), continua a história. Através de uma linguagem simples, usando “ovos pequeninos” para referir os óvulos e “sementes” para referir os espermatozóides, a história explica como se dá o acto sexual entre o pai e a mãe e apresenta até as várias maneiras de como os papás e as mamãs se ajustam. A professora acaba a história mencionando que os pais e as mães estão muito apaixonados quando

decidem ter um bebé. E pergunta: “*O que é estar apaixonado?*” A Antónia prontamente responde “*É gostar muito...*”

A professora remete agora para o livro do Estudo do Meio, com o intuito de o(a)s aluno(a)s verificarem quais os nomes científicos que devem usar para nomear os órgãos do sistema reprodutor feminino e masculino. O(A)s aluno(a)s abrem o livro e protestam argumentando que os órgãos reprodutores não estão “*bem desenhados*” no livro. A professora informa que encontrou um site na Internet que mostra com precisão os órgãos e com uma legenda correcta mas não conseguiu nesse dia aceder com o computador da sala.

Apesar de tudo, como trabalho de casa, a professora pede aos(as) aluno(a)s para lerem a página com os pais e sublinhar “*O que é preciso para formar um novo ser?*”. Já mesmo no fim, a professora pergunta se gostaram da aula. A Catarina responde “*Eu gostei mais ou menos de fazer o desenho. É que fiquei com vergonha de desenhar e de falar também*”. O Miguel e a Antónia disseram que gostaram muito de desenhar.

Reflexão

A professora refere que a aula correu como tinha planificado. A professora justifica a actividade do desenho indicando que é fundamental explorar a “*ideia mental*” que o(a)s aluno(a)s têm do acto de fazer amor, uma vez que ele(a)s vêem na televisão, nas revistas e até em casa e há a necessidade de levar o acto para o lado dos afectos. A professora menciona que ainda há famílias numerosas em que o(a)s filho(a)s partilham o quarto com o(a)s pais/mães e se apercebem do acto sexual. Esclarece que desde o 1º ano de escolaridade tem falado com ele(a)s formalmente sobre o corpo e a origem dos bebés e que, desta forma, sentiu o à vontade necessário para pedir aos(as) aluno(a)s que realizassem esta actividade. No entanto, está consciente que há aluno(a)s que não desenharam porque se sentiram inibido(a)s devido a crenças religiosas e ao

pudor natural que sentem nestas idades. Através do diálogo e da exploração dos desenhos no grupo/turma seria uma estratégia para começar a desmistificar tabus. Há ainda o caso do Fábio que copiou do livro, sendo um aluno que ingressou esta turma apenas este ano lectivo.

A professora afirma que os órgãos reprodutores observados na ilustração do manual escolar não são fáceis de explorar. Tinha preparado um site «Escolovar» que possui animação mas que não foi possível aceder. O site parece-lhe bastante rigoroso do ponto de vista científico, mas sendo um site espanhol, haverá necessidade de legendar os órgãos em português.

2^a Sessão

Data: 15/11/07

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">•Capacidade para distinguir fisiologicamente o género masculino do género feminino•Identificação das diferentes etapas que levam ao nascimento de um novo ser, desde a maturação das células sexuais até ao parto•Aquisição de hábitos de higiene corporal	<ul style="list-style-type: none">*Órgãos reprodutores masculinos*Órgãos reprodutores femininos*Células sexuais: Óvulo e Espermatozóide*Maturação das células sexuais*Fecundação*Desenvolvimento intra-uterino* Parto

A professora distribui uma ficha onde o(a)s aluno(a)s terão de completar os sistemas reprodutores e responder a questões sobre a fecundação e o desenvolvimento intra-uterino com a ajuda de três fichas informativas - «Sistema Reprodutor Masculino»; «Sistema Reprodutor Feminino» e «Fecundação» (anexo b)- e do manual escolar de Estudo do Meio.

A Sofia está com receio e vergonha de responder às questões da ficha aquando da sua correcção. O(A)s restantes aluno(a)s colocam o dedo no ar e respondem ordeiramente quando solicitado pela professora.

Depois da correcção da ficha, a professora alerta para os hábitos de higiene e que é muito importante conhecermos o nosso corpo e mantermos os órgãos genitais limpos para evitar doenças.

A professora pede que levem as fichas informativas para casa para serem lidas com mais atenção.

Reflexão

A professora menciona que o manual escolar está incompleto e que houve necessidade de recorrer a outros suportes de informação. A professora reconhece que as imagens da ficha de trabalho carecem de rigor científico mas é da opinião que as fichas informativas que forneceu aos(as) aluno(a)s são completas na informação e têm rigor científico, quer na apresentação dos conceitos, quer nas imagens.

A professora informa que a Sofia mostrou vergonha aquando da correcção da ficha porque é muito religiosa e possui muitos tabus enraizados no que concerne à reprodução e até ao seu próprio corpo. A professora é da opinião que com o diálogo a aluna poderá superar esses tabus.

Quanto ao tema higiene, a professora afirma que já houve casos de falta de higiene na turma e que é necessário incutir esses hábitos desde cedo e que, por vezes, os pais não têm esse cuidado.

3^a Sessão

Data: 21/11/07

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">•Capacidade para distinguir fisiologicamente o género masculino do género feminino•Identificação das diferentes etapas que levam ao nascimento de um novo ser, desde a maturação das células sexuais até ao parto•Capacidade de comparar e emitir uma opinião crítica	<ul style="list-style-type: none">*Órgãos sexuais masculinos e femininos*Fecundação*Desenvolvimento intra-uterino

A professora inicia a aula fazendo um apanhado de tudo o que se falou até então na área da Reprodução Humana inquirindo o(as) aluno(as), de modo a verificar os conhecimentos que já adquiriram.

De seguida, a professora pergunta quando é que uma rapariga está preparada para ter um bebé. A Catarina responde que será quando tiver o período. A Sofia afirma que nunca terá filhos porque a avó lhe disse que se terá de cortar a barriga. Catarina contrapõe “*Nem sempre, a minha mãe diz que a minha irmã nasceu pela barriga mas eu e o meu irmão nascemos pela «loló»*”. A Catarina refere-se à vagina como sendo a “*loló*”.

A professora apresenta em PowerPoint a fecundação animada. A professora pede aos(as) aluno(as) para compararem as imagens da apresentação com as imagens do manual escolar. A Joana refere “*Faltam coisas no livro...as trompas no sistema feminino*” e o Miguel indica “*Falta a vulva também*”. A Sofia menciona que faltam os canais deferentes no sistema reprodutor masculino do manual escolar. Verifica-se na apresentação que quando o óvulo não é fecundado dá-se a menstruação. Quando o óvulo é fecundado pelo espermatozóide, verifica-se o desenvolvimento intra-uterino de um novo ser até ao seu nascimento. O(A)s aluno(as) dizem que no manual não se observa de onde vem o óvulo. A Andreia menciona que imaginava os óvulos na barriga. Joana remata “*O óvulo e o espermatozóide dão origem a uma nova vida.*”

Reflexão

A professora aponta que alguns(algumas) aluno(a)s foram muito crítico(a)s em relação às imagens observadas no manual escolar e ficou satisfeita por isso porque significa que estão a aprender. É também da opinião que a aula correu muito bem mas revela que não realizou uma actividade que gostaria: o desenho, por parte do(a)s aluno(a)s, do desenvolvimento intra-uterino. É importante explorar como é que eles vêem o desenvolvimento do novo ser e haveria o feedback do que teria ficado nas suas cabeças, aquando da exploração da apresentação em PowerPoint.

4^a Sessão

Data - 27/02/08

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
•Reconhecimento de situações de abuso sexual •Capacidade para identificar situações de risco	*Abuso sexual

A professora começa por distribuir um questionário para que o(a)s aluno(a)s respondam com «Verdadeiro» ou «Falso» (anexo c). O questionário inquiri o(a)s aluno(a)s sobre situações de abuso sexual e sobre possíveis agressores.

O questionário, depois de respondido, é explorado em conjunto. Verifica-se que a maioria do(a)s aluno(a)s está alerta para situações de risco. No entanto, alguns(algumas) aluno(a)s são da opinião que os abusadores são sempre pessoas desconhecidas e a maioria acha que os abusos só poderão ocorrer em lugares distantes ou escuros. A professora reforça que é muito importante a denúncia de situações que lhes pareçam estranhas e que devem dizer não a situações suspeitas e consideradas de risco.

De seguida, a professora distribui uma ficha para o(a)s aluno(a)s treinarem o direito de dizer não e explorarem diversas situações de risco (anexo d). No entanto, e apesar de oralmente o(a)s aluno(a)s parecerem alertas para estas situações, apenas sete aluno(a)s descrevem situações de abuso sexual ou situações de risco: O Nuno refere que não se deve aceitar coisas de estranhos; A Antónia vai mais longe e indica que “*Quando um menino quer fazer amor com uma menina, quer levar a menina para a cama e fazer sexo, mas ela não quer, deve dizer não.*”; A Catarina menciona uma situação em que alguém pede que ela dispa as calças e que ela deve dizer não; A Ana refere: “*Devo dizer não quando algum rapaz ou homem se quer aproveitar de mim*” e que não deve acompanhar desconhecidos.

Reflexão

A professora é da opinião que não há diálogo entre pais, mães e filho(a)s e que o(a)s aluno(a)s não dão importância a situações de risco. Será necessário voltar a este assunto e explorar mais situações com o intuito de alertar o(a)s aluno(a)s e consciencializá-lo(a)s de certos perigos. O manual escolar também não possui actividades que desperte para situações de risco. A professora revela que a turma tem um caso de abuso sexual, operado por um familiar, e que nem mesmo assim o próprio e alguns colegas que conhecem o caso, se encontram despertos para estas situações. Poucos demonstraram encontrar-se alerta e denotaram-se poucas mudanças na atitude perante situações de risco que lhes foram apresentadas.

Reflexão / Conclusões Finais

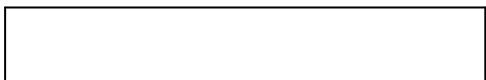
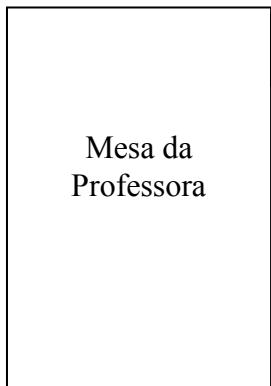
Após a realização de algumas actividades de avaliação, a professora deu-se conta que a nomeação científica dos órgãos genitais não ficou consolidada. O(A)s aluno(a)s apresentam alguma relutância em usar o termo “*vagina*” e

"vulva", preferindo dizer *"loló"* ou *"pombinha"*, enquanto que estão mais à vontade para usar o termo *"pénis"* quando se referem ao órgão sexual masculino. Há apenas um aluno – o Ricardo – que não evidencia pudor em mencionar os órgãos pelos nomes científicos. Porque será que o(a)s aluno(a)s se sentem mais inibidos em falar dos órgãos sexuais femininos? A professora questiona-se e decide que irá fazer uma revisão dos conceitos abordados e continuará no 4º ano de escolaridade com um projecto na área da Educação Sexual dirigido à turma, de modo a colmatar todas as dificuldades que apresentam e também com o intuito de abordar os comportamentos de risco, as ISTs e a homossexualidade.

Menciona que realizou actividades pontuais sobre papéis sociais mas que também não obteve os resultados que esperava. Revela que desde o 1º ano que insiste nesta área para futuramente evitar a discriminação de género.

2 - Turma do 3º Ano de Escolaridade da Escola M.

Planta da Sala de Aula



↑ - Intervenções oportunas
↓ - Intervenções inoportunas
←→ - Conversas com o colega
✓ - Perguntas oportunas
✗ - Perguntas inoportunas
F – Não está presente

Isabel	Rafael
--------	--------

Iuri	Fábio
------	-------

Raquel	Lúcia
--------	-------

Diogo	Ruben
-------	-------

Ana	Tiago
-----	-------

Daniela	Pedro
---------	-------

Daniel	Catarina
--------	----------

Miguel	Beatriz
--------	---------

Hugo	
------	--

Alberto	Emília
---------	--------

Sofia	Filipe
-------	--------

Martina	Joana
---------	-------

Sessão nº 1

Data: 3/12/07

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">•Identificação da reprodução como processo vital comum a todos os seres vivos•Capacidade para distinguir fisiologicamente o género masculino do género feminino•Desenvolvimento de hábitos de higiene corporal	<ul style="list-style-type: none">*Reprodução*Fecundação*Células sexuais*Órgãos reprodutores masculinos*Órgãos reprodutores femininos*Higiene

A professora começa por informar que vão jogar a um jogo de palavras. A professora coloca espaços correspondentes a letras no quadro, que originarão quatro palavras. Depois, coloca letras do abecedário por baixo de cada espaço e propõe aos(as) aluno(a)s que sigam a regra - colocar no espaço a letra que vem depois - e adivinhem o enigma. O(A)s aluno(a)s, muito agitados, opinam sobre o enigma e o que este esconde e revelam em voz alta o que vão pensando até que alguns(algumas) chegam à conclusão que o enigma esconde: A Unidade da Vida. O Hugo pergunta rapidamente “O que é isso?” A professora responde que é o que se irá explorar já de seguida.

A professora conta a história da Terra de uma forma simples e clara, passando pelas plantas, animais e chegando aos seres humanos. A história é acompanhada de ilustrações que a professora cola com bostick no quadro, à medida que vai avançando no conto. Quando a professora chega aos seres humanos, apresenta à turma, sob a forma de ilustração, a D. Alice e o Sr. Nuno. Desta forma, inicia uma nova história «A História do Zezinho» baseada no livro «Para onde foi o Zezinho?» de Nicholas Allan. O Zezinho é um espermatozóide que vive dentro do Sr. Nuno. À medida que a história avança, a professora vai colocando as ilustrações no quadro, explicando como se irá formar um novo ser dentro da D. Alice (anexo e). O(A)s aluno(a)s vão intervindo. A Isabel acha que o espermatozóide se misturou com o óvulo. O Diogo indica “Professora, daquele ovo pequenino vai sair um bebé!” A Beatriz informa: “Para fazer filhos é necessário

fazer sexo." A professora vai colocando no quadro, dentro de uma nuvem, o nome dos órgãos genitais e das células intervenientes na fecundação, à medida que vão aparecendo na história.

No fim da história, a professora revela que, para que a Terra continue a ser povoada, é necessário que haja reprodução e pergunta o que é que o(a)s aluno(a)s entendem por essa palavra. A Joana menciona que é "*criar um novo ser*". A Isabel indica "*Fazer nascer uma nova cria*". A professora vai mais longe e pergunta: "*Porque nasce uma criança?*" O Alberto responde "*Para o mundo não ficar vazio*". A Joana frisa "*Quando as pessoas morrem, os seus filhos vão enchendo o mundo*". A Martina completa "*Uma criança nasce para ser feliz*". Num cartaz, a professora pede aos(as) aluno(a)s que escrevam estas opiniões.

Depois, a professora sugere uma actividade com as palavras que ficaram na nuvem: que as dividam entre o sexo feminino e o sexo masculino. Assim, forma dois grupos no quadro e o(a)s aluno(a)s, ordenadamente, colocam os órgãos pertencentes ao sexo feminino do lado direito do quadro e os órgãos pertencentes ao sexo masculino do lado esquerdo.

A professora entrega uma actividade (anexo f) para o(a)s aluno(a)s realizarem em casa sobre a higiene que consiste na ordenação das vinhetas, pintarem e escreverem sobre a higiene praticada pelas personagens da história.

Reflexão

A professora foi da opinião que a aula poderia ter corrido melhor, uma vez que a turma é muito reguila e o(a)s aluno(a)s são muito activo(a)s, não respeitando a regra do «dedo no ar».

A professora mencionou que o objectivo das actividades iniciais era realizar uma introdução motivante e haver um encadeamento lógico de ideias para que

o estudo da Reprodução Humana não fosse introduzido “*do nada*”. Desta forma, também foi possível indagar o que o(a)s aluno(a)s conheciam sobre o assunto, através do debate das actividades.

A actividade sobre a higiene tinha o propósito de alertar para a importância da higiene diária e adequada.

2ª Sessão

Data: 6/12/07

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">•Identificação da reprodução como processo vital comum a todos os seres vivos•Conhecimento das modificações que se vão operando com o crescimento e envelhecimento do ser humano•Identificação das diferentes etapas que levam ao nascimento de um novo ser	<ul style="list-style-type: none">*Células sexuais: Óvulo e Espermatozóide*Caracteres sexuais secundários*Maturação das células sexuais*Fecundação*Desenvolvimento intra-uterino* Parto

A professora inicia esta aula por fazer uma revisão do que foi explorado na aula anterior. A professora volta a perguntar “*O que é a reprodução?*” O(A)s aluno(a)s respondem quase ao mesmo tempo. As intervenções mais pertinentes são da Joana “*É quando o homem e a mulher se juntam e fazem um bebé.*” e da Daniela que indica que envolve o acto de fazer amor.

A professora apresenta à turma o livro «O Mundo está Cheio de Bebés» de Mick Manning e Brita Granström e exploram-no em conjunto, comparando as diferentes células sexuais e os tempos de gestação de vários animais.

A professora pede aos(as) aluno(a)s que agora a acompanhem a ver uma apresentação em PowerPoint onde são exploradas as mudanças na puberdade, nomeadamente nos caracteres sexuais secundários e foca a maturação das células sexuais e a fecundação. Depois da exploração da apresentação é pedido

aos(as) alunos(a) que realizem uma actividade de recorta e cola. Esta actividade permite que o(as) aluno(as) ordenem as vinhetas desde a concepção do novo ser até ao seu nascimento (anexo g).

Reflexão

A professora usou a exploração do livro como motivação, mencionando que o(as) aluno(as) gostam muito de ler e pesquisar e que desta forma, se apercebem que todos os seres vivos se reproduzem apesar das diferenças.

A professora menciona que foi fundamental a apresentação de slides incluir as transformações da puberdade, uma vez que o(as) aluno(as) irão passar por isso brevemente e necessitam de encarar as transformações com naturalidade.

3^a Sessão

Data: 7/12/07

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">•Capacidade para distinguir fisiologicamente o género masculino do género feminino•Identificação das diferentes etapas que levam ao nascimento de um novo ser	<ul style="list-style-type: none">*Órgãos sexuais masculinos e femininos*Fecundação*Desenvolvimento intra-uterino* Parto

É proposto aos(as) aluno(as) que colem os respectivos órgãos sexuais internos no modelo da D. Alice e do Sr. Nuno no quadro. É também pedido que colem um conjunto de etiquetas para identificar as várias partes do corpo. Depois, é pedido que seja realizada uma ficha para ligar a imagem à definição correspondente (Fecundação, Célula, Placenta, Ecografia...) (anexo h).

No fim da aula, a professora entrega uma ficha/resumo de todos os conceitos abordados para o(as) aluno(as) lerem e estudarem.

Reflexão

A professora é da opinião que a realização da actividade no quadro permitiu a consolidação dos conhecimentos apreendidos e a rever os conceitos, assim como a nomeação científica dos órgãos reprodutores.

4ª Sessão

Data: 24/01/08

Relato de Sala de Aula

Competências Específicas	Conteúdos
•Reconhecimento de situações de abuso sexual •Capacidade para identificar situações de risco	*Abuso sexual

A professora entrega um questionário e explica que quer saber primeiro a opinião do(a)s aluno(a)s antes de ter uma conversa importante. O questionário é sobre agressores e abuso sexual (anexo i). Realizando a exploração do questionário, a professora dá-se conta que o(a)s aluno(a)s não entendem estes conceitos nem o que querem dizer. A professora esclarece o(a)s aluno(a)s indicando que ocorre abuso sexual quando uma pessoa acaricia ou toca nos órgãos genitais de outra pessoa ou criança sem o seu consentimento. O(A)s aluno(a)s começam a intervir: “*Isso é fazer pouco da criança.*” (Isabel); “*Obrigar a fazer coisas que ela não quer...*” (Ana); “*Tratam-nas mal e depois fazem com que elas desapareçam*” (Joana). A professora pede aos(as) aluno(a)s que voltem a responder ao questionário. Verificando as respostas oralmente, o(a)s aluno(a)s opinam: “*É preciso ter cuidado porque há pessoas que pedem a morada e o nº de telefone e não se sabe...*”(Isabel); “*Os abusadores podem ser pessoas da família.*” (Beatriz).

A professora pede que o(a)s aluno(a)s realizem uma ficha para treinar o direito de dizer não (anexo d). Aquando da correcção, verifica-se que todo(a)s o(a)s

aluno(a)s descrevem situações de risco em que devem dizer não, que podem incluir o abuso sexual.

A professora pede aos(as) aluno(a)s que, partindo das situações descritas por ele(a)s, desenhem uma das situações de risco (anexo j)

Reflexão

A professora reflecte e é da opinião que o(a)s aluno(a)s ficaram um pouco confuso(a)s e não entenderam os conceitos porque foram influenciado(a)s pela imagem escolhida para ilustrar o questionário. Futuramente indica que irá suprimir a imagem. Refere que se verifica uma lacuna no manual no que concerne a esta temática e que foi necessário o recurso a fichas. Apesar de tudo, a professora frisou que a abordagem deste tema é fundamental, uma vez que os riscos são cada vez maiores e o(a)s aluno(a)s, cada vez mais, se deparam com situações que não estão à espera, como a abordagem por pessoas estranhas, com propostas aliciantes. O desenho serviu para o(a)s aluno(a)s exprimirem uma situação já vivenciada ou traduzir a ideia que ele(a)s têm da realidade. E a maioria do(a)s aluno(a)s demonstrou encontrar-se alerta para estas situações e as mentes foram despertadas para saber como agir.

Reflexão / Conclusões Finais

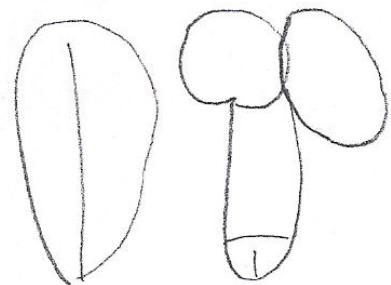
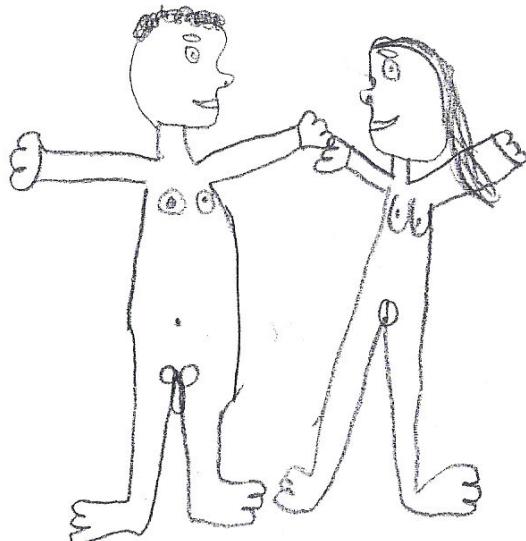
A professora indica que, além destas actividades realizadas nestas quatro aulas/sessões, propôs actividades sobre os afectos, a discriminação de género e que «apelou ao coração» por achar fundamental falar de sentimentos quando se aborda a Reprodução com o intuito de “humanizá-la”.

A professora realiza um balanço positivo, indicando que houve consolidação de conhecimentos relativamente à identificação dos órgãos sexuais e à fecundação, tendo sido promovido o debate e o diálogo. No entanto, verificou que não

houve mudança de atitude em relação aos papéis sociais, talvez porque a realidade familiar é bem diferente daquela que foi abordada na sala de aula e, por isso, é difícil mudar mentalidades. Realizando mais debates e fomentando o diálogo aberto e sem restrições será possível contribuir para essa mudança. Mas a professora ficou satisfeita com o feedback que recebeu das actividades relacionadas com a prevenção de situações de risco, verificando-se uma mudança de comportamentos nesta área.

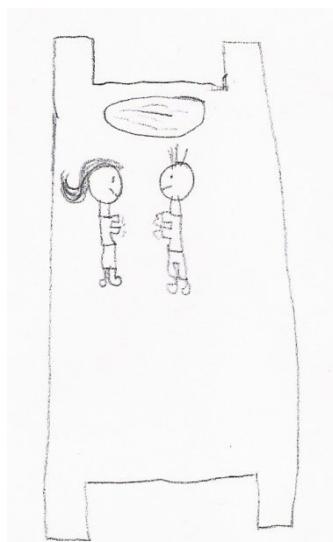
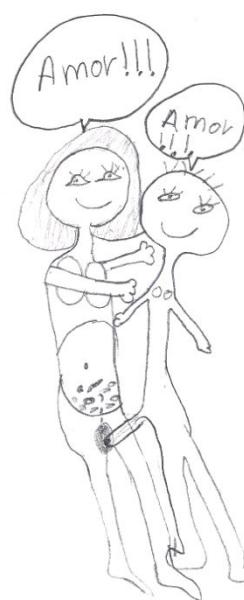
A professora mencionou que não usou o manual escolar por achar que era pobre em conteúdo e, apesar de apresentar um vocabulário adequado à faixa etária do(a)s aluno(a)s, não efectuava a relacionação de conceitos. No entanto, pediu que realizassem a ficha de trabalho do manual escolar para trabalho de casa. Volta a frisar que o manual escolar não é importante e que o(a) professor(a) é que tem um papel fundamental na aquisição de conhecimentos. O manual pode sugerir ao(à) professor(a) a sequenciação das temáticas mas depois, o trabalho é do(a) professor(a).

Alguns Desenhos elaborados pelo(a)s Aluno(a)s para a Actividade proposta
pela Professora Titular da Turma da Escola E



1º EB1 E

- 3º ano da EB1 E



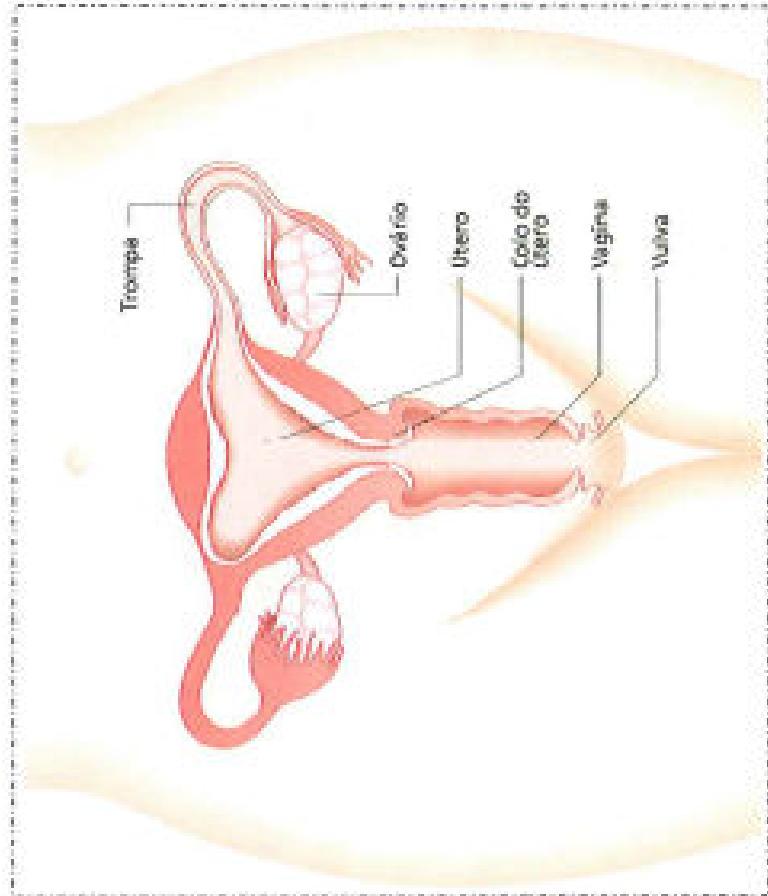
o da EB1 E

- 3º ano da EB1 E

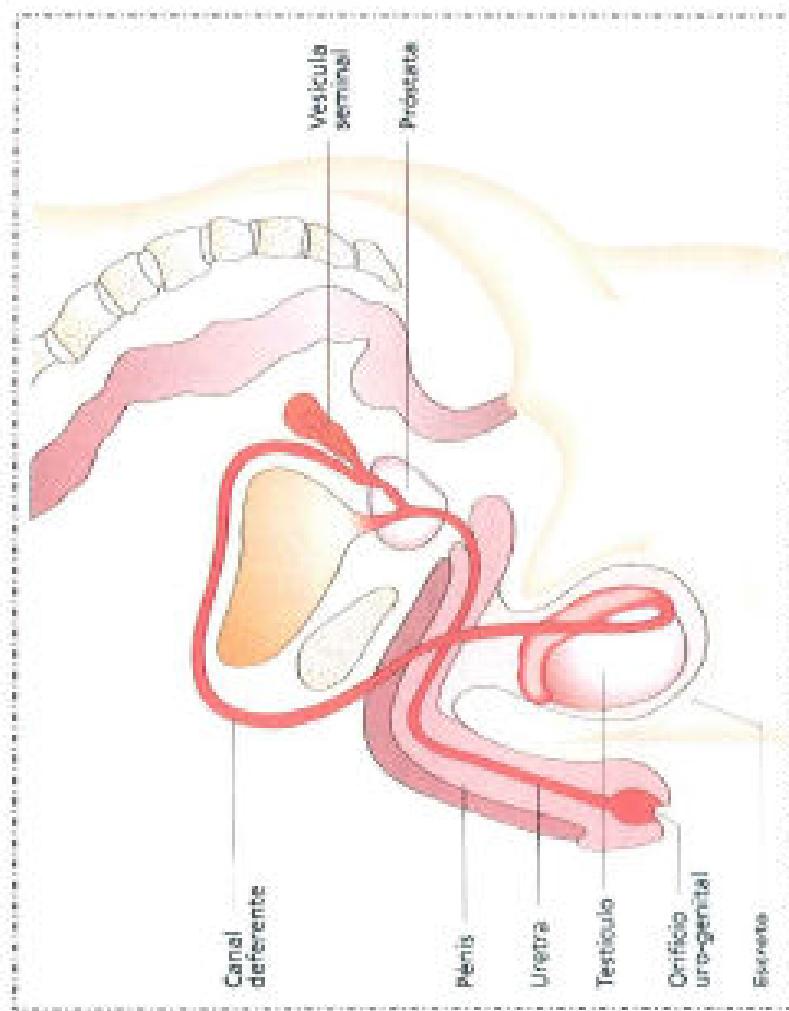
Sistema Reprodutor Feminino

O sistema reprodutor feminino é constituído por:

- Vagina** – músculo elástico em forma de tubo que se liga ao útero por um canal delgado e se abre para o exterior pela vulva, com dois pequenos e dois grandes lábios.
- Útero** – tem a forma de pêra virada ao contrário e é oco, com fortes paredes musculares muito elásticas.
- Trompas** – dois canais delgados que partem da região superior do útero em direção a cada um dos ovários.
- Ovários** – duas glândulas do tamanho de uma amêndoa onde se produzem os óvulos.



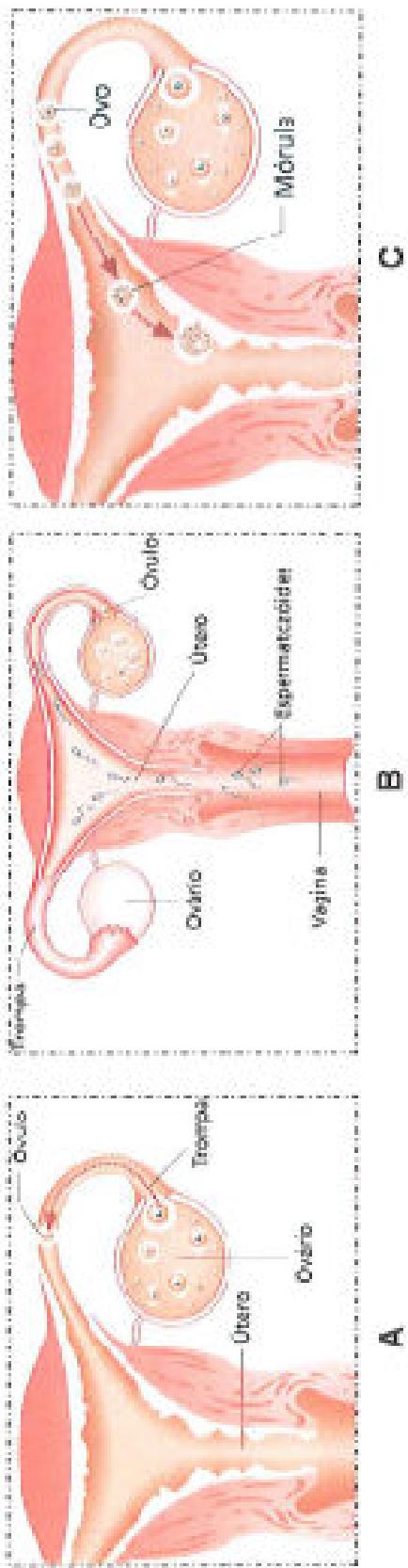
Sistema Reprodutor Masculino



O sistema reprodutor masculino é constituído por:

- Testículos – são duas glândulas situadas na parte exterior do corpo, numa espécie de bolsa – o escroto – que produzem os espermatozoides.
- Próstata – glândula que produz o líquido prostático, situada na base da bexiga e atravessada pela uretra.
- Pênis – situado na parte exterior do corpo, enche-se de sangue e endurece quando sexualmente excitado – erecção. É atravessado pela uretra, por onde o esperma é expulso quando acontece a ejaculação.

Fecundação



A – No interior dos ovários amadurece, alternadamente em cada mês, um óvulo. Este óvulo amadurecido deixa o ovário e passa para a trompa, iniciando-se a ovulação.

B – Se, nas relações sexuais, for depositado esperma na vagina da mulher, os espermatozoides, devido à sua mobilidade, sobem até à trompa, comendo a fecundação.

C – Após a fecundação, o óvulo desloca-se para o interior do útero e, depois de transformado num pequeno embrião fixa-se na parede. Esta, entretanto, tornou-se espessa e esponjosa, como que acolchoada para o receber confortavelmente.

**Qual a tua opinião
sobre...**

Lê atentamente as frases que se seguem e faz um círculo à volta do V se achares que são verdadeiras ou do F se achares que são falsas.

1.	As pessoas que abusam de crianças são sempre desconhecidas.	V	F
2.	Os abusos só ocorrem em lugares distantes e escuros.	V	F
3.	Qualquer pessoa pode ser agressora.	V	F
4.	Os meninos e as meninas mais velhas também o podem ser.	V	F
5.	Os agressores são pessoas que necessitam de ajuda.	V	F
6.	Os abusos sexuais podem ocorrer em qualquer lugar.	V	F
7.	A maioria das pessoas não fazem estas coisas.	V	F
8.	Nós podemos dizer aos agressores que o que fazem não está bem.	V	F
9.	Conhecendo estas coisas aprendemos a proteger-nos e a sentirmo-nos mais seguros.	V	F
10.	Quando temos problemas, existe sempre algum adulto de confiança que nos pode ajudar.	V	F

Nome: _____

O DIREITO DE DIZER NÃO

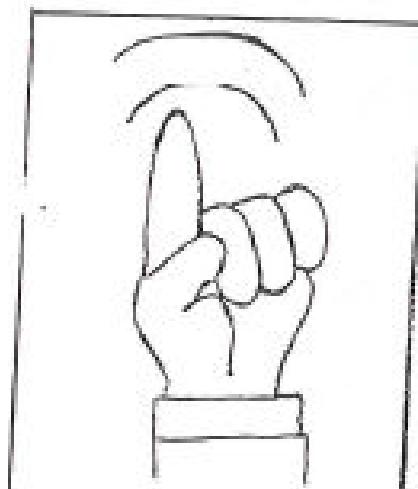
Dá exemplos de situações em que aches que deves dizer NÃO.

Exemplo: _____

Exemplo: _____

Existem várias formas de dizer NÃO sem ferir os sentimentos das pessoas.

Repara nos seguintes exemplos:



- ➔ Lamento muito, mas não me apetece fazer isso.
- ➔ Não, não acredito que isso seja correcto.
- ➔ Lamento muito, mas não me interessa.
- ➔ Prefiro não fazer isso.
- ➔ Não, não gosto de fazer isso.

Pensa noutras formas de dizer NÃO e escreve-as:

Aprende a dizer NÃO em diversas situações. Para isso completa as que se seguem utilizando uma das frases anteriores.

1^a situação: Uma pessoa pede-te que a acaricies e tu não queres.

Pessoa: Vou-te ensinar a jogar um jogo mas tu tens de me fazer carícias.

Tu: _____

2^a situação: Um desconhecido convida-te para ires a casa dele.

Desconhecido: Se vieres a minha casa, ensino-te um jogo de computadores divertido!

Tu: _____

3^a situação: Um familiar começa a tocar-te de uma forma que não te agrada.

Familiar: Não tem mal, vamos calar-nos e não dizemos nada a ninguém.

Tu: _____

4^a situação: Um(a) colega pede-te que faças uma travessura que não queres fazer.

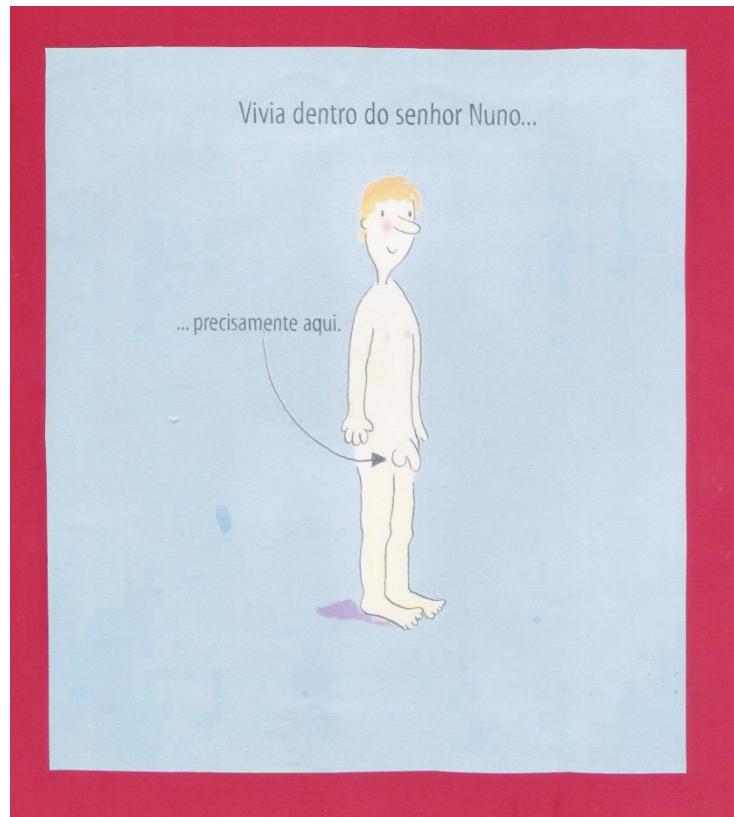
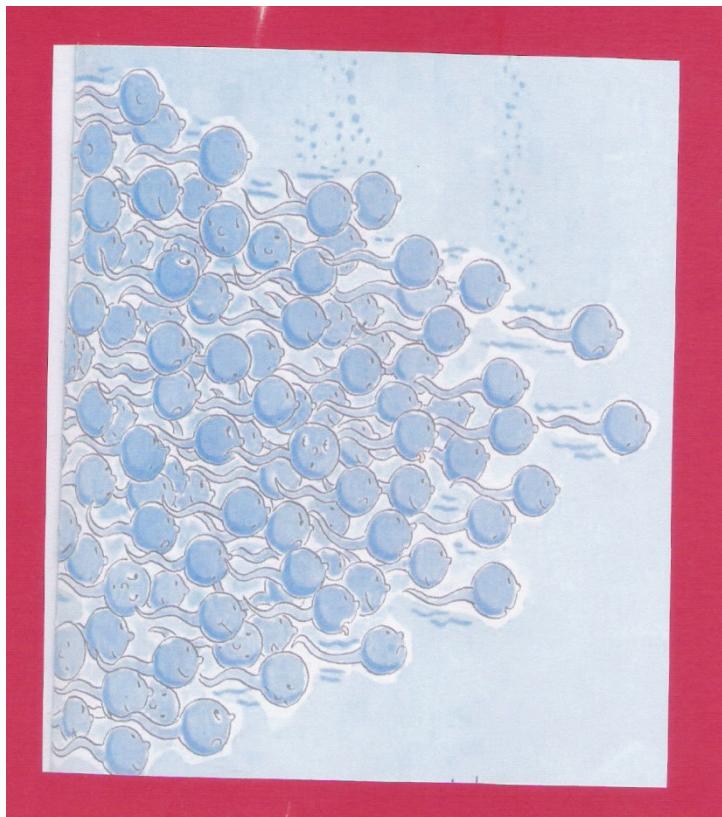
Colega: Porque não pintamos com giz a cadeira da professora?

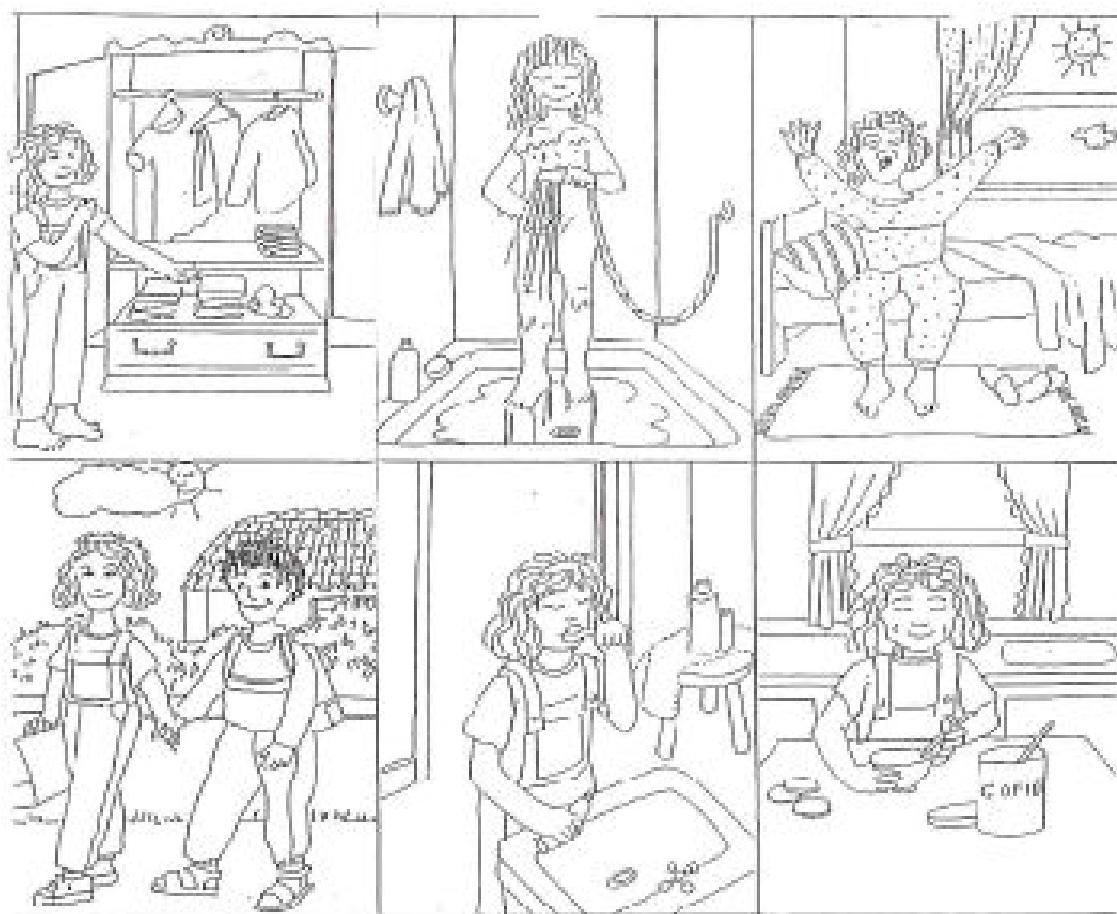
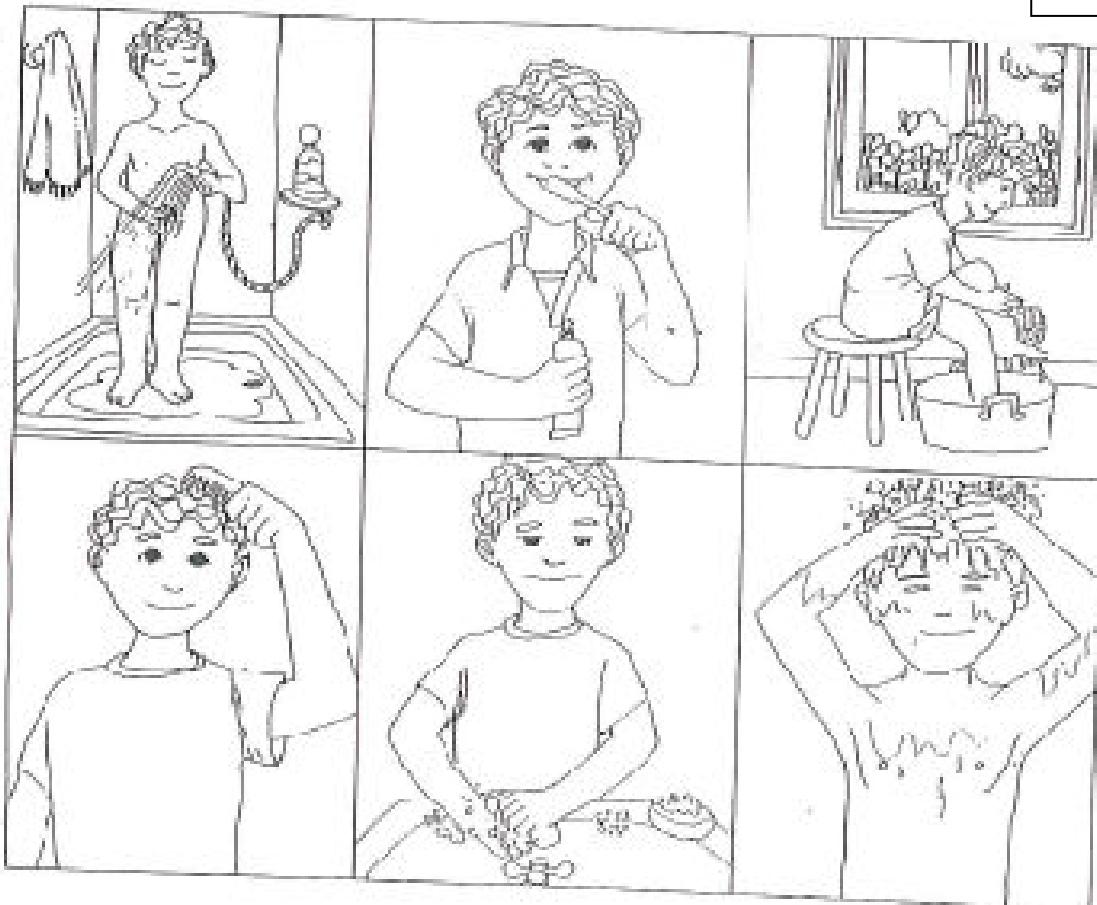
Tu: _____

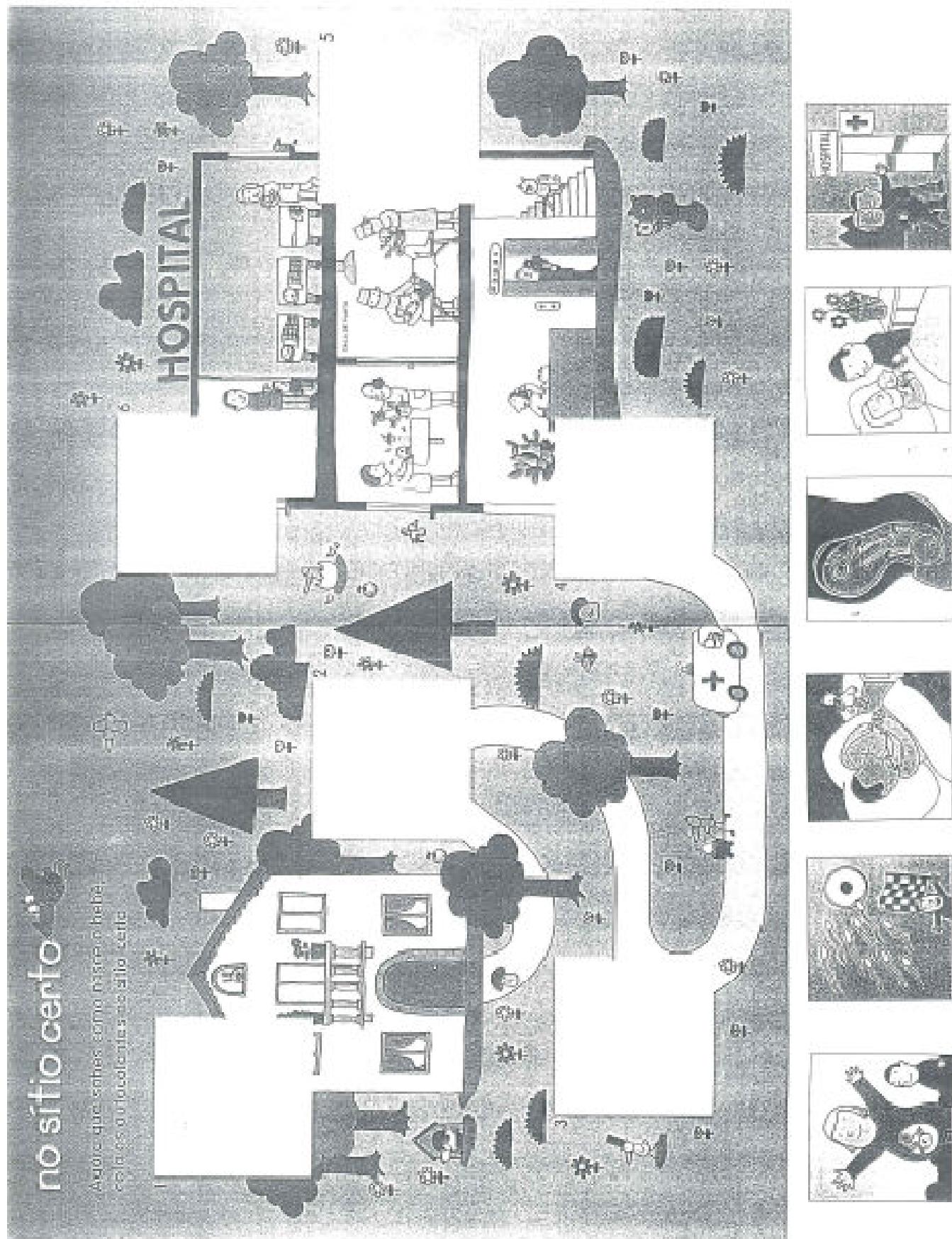
Agora inventa uma situação:

5^a situação: _____

Algumas Ilustrações da «História do Zezinho»







FICHA DE TRABALHO



Vem ver como sei responder correctamente...

Liga cada desenho ao seu significado.



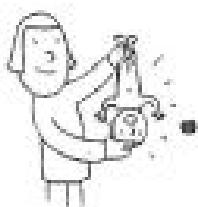
- **Fecundação** – encontro de uma célula masculina com uma feminina que se juntam e se transformam numa única célula.



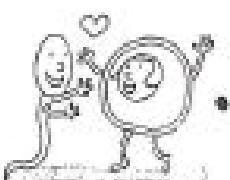
- **Célula** – unidade minúscula que compõe todos os seres vivos. No seu interior estão os cromossomas com as informações sobre as características de todos os seres vivos.



- **Placenta** – espécie de esponja ligada ao útero; através do cordão umbilical, dá ao bebé os açúcares, o oxigénio e as proteínas de que ele precisa para crescer.



- **Ecografia** – fotografia do que está dentro do corpo humano; é feita por um aparelho que emite ultra-sons.



- **Contracções** – série de movimentos que fazem os músculos do útero para expulsar o bebé.



- **Parteira** – pessoa que, durante o parto, assiste à futura mãe e lhe dá conselhos úteis para ajudar o bebé a nascer mais facilmente.

**Qual a tua opinião
sobre...**



Lê atentamente as frases que se seguem e faz um círculo à volta do V se achares que são verdadeiras ou do F se achares que são falsas.

1.	As pessoas que abusam de crianças são sempre desconhecidas.	V	F
2.	Os abusos só ocorrem em lugares distantes e escuros.	V	F
3.	Qualquer pessoa pode ser agressora.	V	F
4.	Os meninos e as meninas mais velhas também o podem ser.	V	F
5.	Os agressores são pessoas que necessitam de ajuda.	V	F
6.	Os abusos sexuais podem ocorrer em qualquer lugar.	V	F
7.	A maioria das pessoas não fazem estas coisas.	V	F
8.	Nós podemos dizer aos agressores que o que fazem não está bem.	V	F
9.	Conhecendo estas coisas aprendemos a proteger-nos e a sentirmo-nos mais seguros.	V	F
10.	Quando temos problemas, existe sempre algum adulto de confiança que nos pode ajudar.	V	F

Nome: _____

Desenhos realizados pelo(a)s aluno(a)s para a Actividade proposta pela Professora Titular da Turma da Escola M





Pedro - 3º ano da EB1 M

Actividade 1
Desenho dos Órgãos do Corpo Humano

ANEXO 5

ata: ___/___/___ Nome: _____ Ano: _____

Desenha os órgãos que pertencem ao interior do corpo da menina e do menino a caneta e os órgãos que pertencem ao exterior a lápis. Legenda tudo o que desenhares.



Actividade 2

Fecundação

Data: ___/___/___ Nome: _____ Ano: _____

Ontem à noite, a mãe do João e da Joana disse que tinha um segredo para lhes contar. E, mesmo antes de irem para a cama, explicou-lhes que iam ter um irmão pequenino dentro de uns oito meses. Ela ainda não sabia se ia ser um menino ou uma menina. A Joana apressou-se a perguntar:

- Como apareceu esse bebé na tua barriga?

Põe-te no lugar da mãe do João e da Joana e tenta responder à pergunta que a Joana fez.



Actividade 3

Conta uma história



Escreve uma história a partir das figuras

Data: ___ / ___ / ___

Nome: _____

Ano: _____

Actividade 4

Brinquedos e Tarefas



Data: ___ / ___ / ___ Nome: _____ Ano: _____

O João e a Joana são gémeos. Têm nove anos, gostam muito um do outro e brincam sempre juntos. Em casa deles há brinquedos. Imagina a quem pertencem:

	João	Joana
Bola		
Carros		
Bonecas		
Bicicleta		
Casinhas		
Tachos /Panelas		
Arcos		
Computador		

O João e a Joana ajudam os pais em casa e têm a seu cargo várias tarefas. Imagina quem faz as seguintes tarefas:

	João	Joana
Pôr a mesa		
Lavar a loiça		
Fazer a cama		
Passar a ferro		
Despejar o lixo		
Lavar o carro		
Fazer compras		
Fazer consertos		

GUIÃO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO

Nome :

Habilidades Literárias :

Situação Profissional :

Nº de Anos de Serviço :

Formação feita na área da Educação Sexual:

1º Momento

- 1- Na sua opinião, qual a importância do tema da Reprodução Humana no currículo do 1º Ciclo?
- 2- Qual a sua opinião acerca do manual escolar adoptado, relativamente à sua abordagem ao tema da Reprodução Humana?
- 3- Quais as dificuldades que supõe ter de superar para introduzir e desenvolver o tema da Reprodução Humana em contexto de sala de aula?

2º Momento

- 4- O que entende por Educação Sexual?
- 5- De que forma o manual escolar fomenta a Educação Sexual ao abordar este tema?
- 6- Que recursos (materiais ou humanos) pretende utilizar para colmatar possíveis lacunas que o manual possa apresentar no sentido de fomentar a Educação Sexual em contexto de sala de aula?

3º Momento

- 7- O que deveria constar num manual de Educação Sexual?
- 8- Na sua opinião, qual a função do manual escolar em contexto de sala de aula (motivação, informação, consolidação de conhecimentos...)?

ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Joana

Habilidades Literárias:

- * Licenciatura em Ensino de 2º Ciclo, variante de Português e Francês
- * Pós-Graduação em Formação Especializada em Educação Especial no âmbito das Necessidades Educativas Permanentes: enfoque nos Domínios cognitivo e Motor

Situação Profissional: Docente pertencente ao Quadro de Escola da E.B. 1 M

Nº de anos de serviço: 13

Formação feita na área da Educação Sexual: acções de formação, seminários e fórum

1º Momento

1. Na sua opinião, qual a importância do tema da Reprodução Humana no currículo do 1º Ciclo?

Este tema é importante no currículo do 1º CEB porque pretende fazer passar aos alunos um conjunto de qualidades que lhes permite, futuramente, encontrar uma conduta sexual e contribuir para o seu desempenho como cidadãos activos na sociedade. Terão a possibilidade de identificar este processo vital comum aos seres vivos dependente do funcionamento de cada sistema orgânico. Igualmente, através da apresentação de determinadas situações quotidianas, os alunos deverão ser capazes de exprimir, fundamentar e discutir as suas ideias sobre comportamentos na área da sexualidade. Acho importante fazer uma breve referência às doenças sexualmente transmitidas e à homossexualidade.

2. Qual a sua opinião acerca do manual escolar adoptado, relativamente à sua abordagem ao tema da Reprodução Humana?

O tema é abordado de forma incompleta. Tendo em conta a diversidade da vida animal, seria interessante a apresentação da reprodução de outros animais, (com ilustrações exemplificativas), ou sugerindo o recurso a DVD's/sites, cartazes exemplificativos, apresentação de curiosidades nesta área, sugestões de actividades a realizar, entre outras.

3. Quais as dificuldades que supõe ter de superar para introduzir e desenvolver o tema da Reprodução Humana em contexto de sala de aula?

Mediante o horário do 1º CEB extremamente preenchido, será difícil tentar encontrar tempo para a selecção/realização de diferentes suportes pedagógicos que complementem esta área temática. Há ainda a noção de que os alunos não possuem conhecimentos nesta área porque não há diálogo em casa. Possivelmente, haverá necessidade de começar nos conceitos mais básicos e usar uma linguagem simples e clara.

2º Momento

4. O que entende por Educação Sexual?

Educação Sexual é educar os jovens nas diferentes vertentes da Educação, tais como, o sentimento (por si próprio/pelo outro), o respeito (abuso/consentimento mútuo) e a componente física (causas/consequências), no sentido de se criar cidadãos activos e conscientes.

5. De que forma o manual escolar fomenta a Educação Sexual ao abordar este tema?

O manual não fomenta a Educação Sexual. Daí o papel do professor ser de extrema importância, uma vez que terá de propor e realizar actividades que

propiciem a Educação Sexual. O manual escolar é demasiado teórico, falta a componente que permite o diálogo e o debate com os alunos, partindo de situações reais. É daí que os alunos constroem o seu próprio conhecimento: dialogando e debatendo. No manual falta, ainda, a vertente do sentimento. Mas aí, menciono novamente que o papel do professor é fundamental.

6. Que recursos (materiais ou humanos) pretende utilizar para colmatar possíveis lacunas que o manual possa apresentar no sentido de fomentar a Educação Sexual em contexto de sala de aula?

Sessões de debate sobre o tema entre professora e alunos, apresentação de DVD's, histórias, diapositivos, filmes, jogos, cartazes exemplificativos, fichas de trabalho, powerpoint's, entre outras actividades consideradas pertinentes.

3º Momento

7. O que deveria constar num manual de Educação Sexual?

Acho que já respondi na questão 2. Deveria sugerir recursos a utilizar e actividades a realizar. Deveria realizar uma abordagem clara, explorando actividades que envolvesse os papéis sociais e os comportamentos e atitudes. No entanto, para mim, o manual não é relevante. O papel do professor é que é fundamental na mudança de atitudes.

8. Na sua opinião, qual a função do manual escolar em contexto de sala de aula (motivação, informação, consolidação de conhecimentos...)?

É um recurso, por vezes, útil para a consolidação dos conhecimentos. Pode recorrer a formas de motivação consideradas interessantes, é um meio de apresentação da informação a abordar e uma forma de apresentar a realidade da temática de acordo com o escalão etário e adequado ao ano de escolaridade em questão. Acho todas estas funções importantes.

4º Momento

Considerações Finais

Acho a Educação Sexual fundamental para a formação pessoal e social dos alunos. Com as actividades desenvolvidas, o meu objectivo foi também promover o diálogo familiar, partindo de situações reais que os alunos pudessem, posteriormente, discutir com os pais. Estou certa que os pais e os encarregados de educação terão muito a aprender com isto.

Para melhores resultados, é necessário que a Educação Sexual seja explorada de forma transversal a todas as áreas curriculares.

ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Maria

Habilidades Literárias:

* Curso do Magistério Primário

Situação Profissional: Docente pertencente ao Quadro de Escola da E.B. 1 E

Nº de anos de serviço: 28

Formação feita na área da Educação Sexual: Não tem

1º Momento

1. Na sua opinião, qual a importância do tema da Reprodução Humana no currículo do 1º Ciclo?

O tema é de grande importância, mas não deve abordar apenas o ensino da anatomia mas também os sentimentos e os comportamentos de risco relacionados com o sexo, ao nível das ISTs. A abordagem do tema contribui para que se evitem, futuramente, gravidezes indesejadas, levando os alunos a agir de forma responsável, e permite que se abordem noções básicas de higiene.

2. Qual a sua opinião acerca do manual escolar adoptado, relativamente à sua abordagem ao tema da Reprodução Humana?

É muito limitativo e com grandes lacunas. Os esquemas dos sistemas reprodutores são muito rudimentares. Transmite alguns conhecimentos mas muito básicos. E falta uma parte fundamental: os afectos. O manual deveria abordar o tema a partir dos afectos.

3. Quais as dificuldades que supõe ter de superar para introduzir e desenvolver o tema da Reprodução Humana em contexto de sala de aula?

Os conhecimentos que os alunos trazem de casa sobre este tema, revelam que o assunto é ainda tabu na maior parte das famílias e encontram-se errados, pois muitas vezes são veiculados pelos colegas ou pela televisão. Vai ser difícil desmistificar certos conceitos e leva-los a falar de forma natural sobre o corpo e a reprodução. Muitos desses tabus estão associados às crenças religiosas da família. Mas, através do diálogo será possível superar as dificuldades.

2º Momento

4. O que entende por Educação Sexual?

Educação Sexual é muito mais que do que ensinar a constituição dos sistemas reprodutores. Será o ensino de toda a “psicologia” relacionada com o tema: os comportamentos, os afectos... e permite a identificação dos alunos como seres sexuados, com tudo o que isso implica, nomeadamente para o seu crescimento sadio.

5. De que forma o manual escolar fomenta a Educação Sexual ao abordar este tema?

Este manual não fomenta de todo o que deve ser a Educação Sexual. Está incompleto até no que respeita aos conhecimentos. Adopta uma atitude informativa mas não suficiente. Não aborda comportamentos nem os afectos.

6. Que recursos (materiais ou humanos) pretende utilizar para colmatar possíveis lacunas que o manual possa apresentar no sentido de fomentar a Educação Sexual em contexto de sala de aula?

Textos simples retirados da Internet e adaptados à faixa etária dos alunos que transmitam o conhecimento, powerpoint's acerca da fecundação, diálogos entre a professora e os alunos que propiciem a discussão de atitudes e valores e que visem o esclarecimento de dúvidas, emoções e sentimentos. Poderei usar também notícias de revistas e até da T.V. para explorar.

3º Momento

7. O que deveria constar num manual de Educação Sexual?

Para além de imagens mais completas, deveria conter uma abordagem adequada à faixa etária dos alunos, focando os cuidados de higiene e comportamentos futuros de risco. Deveria conter, ainda, actividades que explorassem os papéis sociais dos homens e mulheres. O manual deveria ser mais orientado para os afectos, as atitudes e valores. Deveria conter orientações para o professor, com sugestões de metodologias e estratégias que envolvessem o debate e trabalhos de pesquisa.

8. Na sua opinião, qual a função do manual escolar em contexto de sala de aula (motivação, informação, consolidação de conhecimentos...)?

Funciona principalmente como consolidação de conhecimentos. Porque como motivação utilizo outros suportes e tento complementar a informação que se encontra nos manuais porque é sempre escassa.

4º Momento

Considerações Finais:

Posso mencionar que sinto necessidade de formação nesta área, de modo a que tivesse várias perspectivas de abordagem do tema, uma vez que a abordagem que faço é de forma intuitiva. Mas a formação para 1º Ciclo é inexistente.

As actividades que foram desenvolvidas foram importantes para os alunos adquirirem informação e começarem a pensar de maneira diferente, mais tolerante, mas os resultados não foram os esperados. Talvez por falta de maturidade dos alunos.

Sou da opinião que deveria haver suporte curricular para que o tema fosse também abordado no 4º ano de escolaridade, uma vez que os alunos possuem mais maturidade e haveria uma continuidade do trabalho realizado no 3º ano, abordando-se os comportamentos sexuais de risco e as ISTs. Sinto que se não houver suporte curricular, os professores não abordam o tema, mesmo quando se sabe que nesta comunidade, por exemplo, existem comportamentos de risco que é necessário combater. E é aí que a Educação Sexual tem um papel de prevenção.

Ao longo da minha carreira profissional ainda não me deparei com um manual que desse importância à higiene dos órgãos genitais, o que eu acho fundamental.

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Amiguinhos

Autore(a)s: Alberta Rocha; Carla do Lago; Manuel Linhares

Edição: 1^a Editor: Texto Editores, Lda

ISBN: 972-47-2803-X

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Órgãos reprodutores; Nocão de reprodução; Nocão de fecundação; Menção ao tempo de gestação.

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades		X		
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial		X		
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos			X	
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado		X		
8. Produz motivação ao promover o saber			X	
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar			X	
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem			X	
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto			X	
13. Apresentam legenda adequada		X		
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram			X	
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)			X	
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)			X	
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico			X	
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos		X		
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		No capítulo seguinte “Sensações agradáveis e desagradáveis”
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos		X		“Quando um homem e uma mulher gostam um do outro e fazem amor...”
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Aprender a Descobrir

Autoras: Carlinda Leite; Rosalina Pereira

Edição: 1^a Editor: Edições Nova Gaia

ISBN: 972-712-382-I

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Noção de função reprodutora; Actividades; Informação – noção de reprodução, órgãos reprodutores;

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética	X			
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber		X		
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem	X			
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram		X		
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos		X		
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Na exploração de outros temas
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes			X	

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Despertar - Estudo do Meio - 3º Ano - 1º Ciclo do Ensino básico

Autora: Hortência Neto

Edição: 1^a Editor: Edições Livro Directo

ISBN: 972-8537-71-9

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Definição do conceito de fecundação; Definição de reprodução; Os sistemas reprodutores; Completar duas frases destacadas.

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética	X			
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			Não avalia todos os conceitos explorados
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X			Definição de reprodução é pouco correcta
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar	X			
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem	X			
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto			X	
13. Apresentam legenda adequada	X			Não apresentam legenda
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram	X			
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)	X			
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico	X			
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			A imagem sugere que o fruto dá origem à flor
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Apenas no capítulo seguinte “Situações agradáveis e desagradáveis”
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais		X		
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; **S** – Suficiente; **B** – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Fio-de-Prumo - Estudo do Meio

Autor: António Monteiro

Edição: 1^a Editor: Livraria Arnado

ISBN: 972-701-153-5

Organização do Tema “Reprodução Humana”: Definição de reprodução; Pequena actividade de pesquisa;
Actividade sobre a fecundação;

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			Apresenta ícones nas actividades propostas e um esquema-síntese
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas		X		Sugere apenas uma
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			Inclui auto-avaliação
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X			“...a união de um elemento do sexo masculino com um elemento do sexo feminino
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar	X			
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto	X			
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram	X			
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros	X			Aparece apenas a figura feminina
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias	X			
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			No esquema/ síntese sugere as transformações do corpo
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio	Ano de Escolaridade: 3º
Título: Giroflé - 3º Ano	
Autore(a)s: Mª José Marques; Armando Gonçalves; Anabela Colaço	
Edição: 1ª Editor: Santillana- Constância	ISBN: 9727614698

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Definição de reprodução; Diferenças físicas entre homem/mulher; Actividades de pesquisa; Órgãos sexuais;

Definição de fecundação; Desenvolvimento intra-uterino; O nascimento; Actividades para avaliação.

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas			X	
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética			X	
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades			X	Inclui auto-avaliação
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial		X		
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		"Aparelho reprodutor"; "(...) um novo ser chamado ovo."
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado		X		
8. Produz motivação ao promover o saber			X	
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes			X	
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem			X	
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada		X		
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram			X	
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)			X	
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização		X		
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos		X		
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos		X		
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Nas ilustrações da avaliação e noutros capítulos
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos		X		“Devemos sempre respeitar os outros.” – no capítulo seguinte “Sentimentos”
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes		X		

I – Insuficiente; **S** – Suficiente; **B** – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Estudo do Meio do João 3º Ano

Autores: João Monteiro; Miguel Paiva

Edição: 1^a Editor: Edições Gailivro

ISBN: 989-557-188-7

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Noção de função reprodutora; Os órgãos sexuais; A formação do novo ser; O período da gravidez; Resumo;
Actividades;

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética	X			
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X		"aparelho reprodutor"	
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar	X			
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem	X			
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto	X			
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram	X			
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Júnior – Estudo do Meio – 3º Ano

Autoras: Conceição Vieira da Silva; M^a de Lurdes Monteiro

Edição: 1^a Editor: Texto Editores, Lda

ISBN: 972-47-2798-X

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Actividade motivadora; Definição de reprodução; Órgãos reprodutores; Noção de fecundação; Breve menção do desenvolvimento intra-uterino e nascimento; Proposta de três actividades; Esquema-síntese; Ficha de avaliação;

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética	X			
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades		X		Inclui proposta de autoavaliação
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X			"Para nascer, o bebé tem de passar pela vagina."
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem	X			
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram		X		
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)	X			
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica		X		"E tu? O que podes fazer?"
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos		X		Na introdução da Unidade 2
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Só no capítulo seguinte: "Sensações agradáveis e desagradáveis"
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade		X		"Viagem fantástica"; "é ou não é uma maravilha?"
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I - Insuficiente; S - Suficiente; B - Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio Ano de Escolaridade: 3º

Título: Papagaio e o Estudo do Meio

Autora: Adélia Pires G.

Edição: 1ª Editor: Editora a Educação Nacional

ISBN: 972/659/241/0

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Órgãos reprodutores; Noção de fecundação.

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética	X			
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		“Aparelho reprodutor/sexual”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem			X	
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada		X		Não legenda os órgãos reprodutores
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram			X	
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			Só sobre a origem
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Pirilampo - Estudo do Meio

Autora: Noémia Torres

Edição: 1^a Editor: Edições Nova Gaia

ISBN: 972-712-397-X

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Noção de função reprodutora; Constituição dos sistemas reprodutores; Noção de fecundação;
Desenvolvimento intra-uterino; Actividades

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X	"Por contracções do útero o bebé nasce."		
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram		X		
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		No capítulo seguinte “Sensações”
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias		X		
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio Ano de Escolaridade: 3º

Título: Pitágoras e o Meio

Autores: Dinis Salgado; Teixeira Costa

Edição: 1ª Editor: Edições Nova Gaia

ISBN: 972-712-387-2

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Definição de reprodução; Definição de fecundação; Breve menção aos órgãos reprodutores; “Recorda”

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades		X		No livro de fichas
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		“(...) que se junte um elemento do pai com um elemento da mãe para formar um ovo”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes			X	
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem			X	
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram		X		
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico				Não aplicável
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			Só sobre a origem e pouco rigoroso do ponto de vista científico
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio Ano de Escolaridade: 3º

Título: Trampolim 3

Autore(a)s: Mª José Castro; Fernando Gomes; Mª Teresa Costa

Edição: 1ª Editor: Porto Editora

ISBN: 9720120274

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Noção de função reprodutora; Órgãos do sistema reprodutor; Células sexuais reprodutoras; Noção de fecundação; Saúde e segurança do sistema reprodutor; Avaliação.

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades		X		Inclui auto avaliação
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial			X	
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X			“Escreve a função do aparelho reprodutor.”; “Depois de fecundado, o óvulo aloja-se no útero materno”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado		X		
8. Produz motivação ao promover o saber		X		
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar			X	
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto			X	
13. Apresentam legenda adequada			X	
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram			X	
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)			X	
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico			X	
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal			X	
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; **S** – Suficiente; **B** – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

<u>Área Curricular Disciplinar:</u> Estudo do Meio	<u>Ano de Escolaridade:</u> 3º
<u>Título:</u> Vá de Roda - Estudo do Meio	
<u>Autore(a)s:</u> Helena Campos; José Reis	
<u>Edição:</u> 1ª <u>Editor:</u> Edições Nova Gaia	<u>ISBN:</u> 972-712-394-5

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Noção de função reprodutora; Noção de fecundação; Actividades;

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial		X		
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X			“...espermatozóide do Pai se une a um ovo dentro da Mãe.”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado		X		
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada		X		
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram		X		
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização		X		
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica		X		“comenta as imagens”
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos		X		“... e depois trataram de ti com muito carinho.”
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade		X		
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes		X		

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio Ano de Escolaridade: 3º

Título: Pasta Mágica - Estudo do Meio 3 – 3º Ano

Autoras: Angelina Rodrigues; Cláudia Pereira; Isabel Borges; Luísa Azevedo

Edição: 1ª Editor: Areal Editores ISBN: 972-627-772-8

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Breve introdução à função reprodutora; Esquemas dos sistemas reprodutores; Noção de fecundação;
Desenvolvimento do novo ser no útero da mãe; Avaliação Final

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades		X		Inclui auto-avaliação
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial		X		
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		"Aparelho reprodutor"
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado		X		
8. Produz motivação ao promover o saber		X		
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada		X		
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram			X	
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)		X		
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)			X	
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico			X	
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Noutras unidades temáticas
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Bambi 3 - Estudo do Meio - 3º Ano Ensino Básico

Autoras: Ana Pinto; Maria Aurélio Carneiro

Edição: 1^a Editor: Porto Editora

ISBN: 972-0-12117-3

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Actividade de investigação; “Leio e informo-me”: Nocão de reprodução, Nocão de fecundação.

Análise do Manual:

I Parte - Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)	X			
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas		X		
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética	X			
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial	X			
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos	X			“...elemento masculino e um elemento feminino”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber	X			
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar	X			
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes	X			
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem	X			
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto	X			
13. Apresentam legenda adequada	X			
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram	X			
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)	X			
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)		X		
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico	X			
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos		X		
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico				Não aplicável
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Noutros capítulos
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio Ano de Escolaridade: 3º

Título: Crescer - Estudo do Meio – 3º Ano ensino básico

Autoras: Ana Maria Rodrigues; Maria Felícia Cruz

Edição: 1ª Editor: Editora Educação Nacional

ISBN: 972-659-293-3

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Actividade de comparação; Sistemas reprodutores; Noção de fecundação; Breve menção ao desenvolvimento intra-uterino;

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)		X		
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades	X			
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial		X		
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		“ovo pequeno”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber		X		
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar		X		
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada		X		Não legenda os órgãos reprodutores
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram			X	
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)		X		
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)			X	
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico		X		
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico	X			
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros			X	
8. Apresentam equilíbrio entre raças		X		Noutros capítulos
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade	X			
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio Ano de Escolaridade: 3º

Título: Projecto Saltitão

Autore(a)s: Júlia Fonseca; António Mota

Edição: 1ª Editor: Gailivro

ISBN: 989-557-197-6

Organização do Tema “Reprodução Humana”:

Noção de função reprodutora; Desenvolvimento intra-uterino; Sistemas reprodutores; Alusão aos caracteres sexuais secundários com sequenciação de imagens;

Análise do Manual:

I Parte – Aspectos Gerais

	I	S	B	Obs.
Estrutura organizacional				
1. Permite uma utilização fácil e funcional do ponto de vista do(a) aluno(a)			X	
2. Sugere actividades para aprendizagens autónomas e diversificadas	X			
3. É apelativo no que concerne à sua apresentação estética		X		
4. Inclui uma proposta de avaliação das actividades		X		
Conteúdo				
5. Está de acordo com as competências definidas no Currículo Oficial		X		
6. Manifesta rigor científico na apresentação de conhecimentos		X		Caderno de notas: “aparelho reprodutor”
7. Fornece informação suficiente para o conteúdo abordado	X			
8. Produz motivação ao promover o saber		X		
Ilustração				
9. São relevantes em relação ao conteúdo a explorar			X	
10. Apresentam-se motivadoras e atraentes		X		
11. A página apresenta equilíbrio em relação ao texto/imagem		X		
12. Há articulação conceptual entre as imagens e o texto		X		
13. Apresentam legenda adequada		X		Não legenda os órgãos reprodutores
14. Encontram-se bem localizadas em relação ao texto que ilustram		X		
15. São variadas recorrendo a diferentes tipos (esquemas, quadros, fotografias, ...)		X		
Textos				
16. Apresentam um nível de legibilidade adequado à faixa etária do(a) aluno(a)			X	
17. São claros e rigorosos do ponto de vista linguístico			X	
18. Privilegiam mais a compreensão do que a memorização	X			
19. Focam temas e problemas actuais	X			

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos	X			
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares	X			
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias		X		
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		Indica com esquema de imagens as transformações do corpo mas não explora
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes		X		

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

Identificação:

Área Curricular Disciplinar: Estudo do Meio

Ano de Escolaridade: 3º

Título: Caminhos – Estudo do Meio

Autore(a)s: Conceição Dinis; Luís Ferreira

Edição: 1^a Editor: Porto Editora

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO E APRECIAÇÃO DO MANUAL ESCOLAR

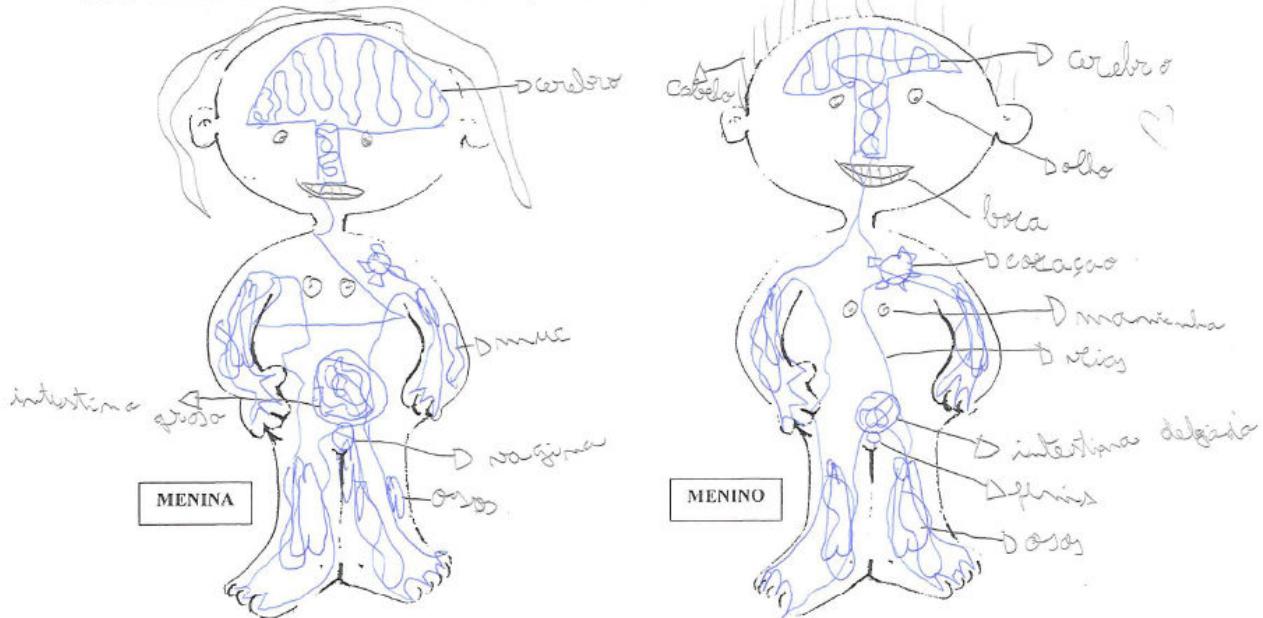
II Parte – Educação Sexual

	I	S	B	Obs.
Metodologia				
1. Promove a compreensão dos conceitos		X		
2. Inter-relaciona o tema com outros conteúdos programáticos do livro	X			
3. Sugere a interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares		X		
4. Fomenta uma atitude crítica	X			
Ilustração				
5. Apresentam rigor científico		X		
6. Demonstram produtos de avanços tecnológicos	X			
7. Apresentam equilíbrio entre géneros		X		
8. Apresentam equilíbrio entre raças	X			
Sociedade				
9. Não estereotipa os papéis sexuais sociais			X	
10. Coloca ambos os性os em iguais circunstâncias			X	
11. Dá ênfase a valores e sentimentos	X			
12. Alerta para a tolerância e liberdade de sentimentos	X			
13. Apresenta uma linguagem não discriminatória em relação aos性os			X	
14. Apela ao agir responsável (pessoal e de grupo)	X			
Reprodução Humana				
15. Permite a aquisição de conhecimentos sobre o corpo, a origem e as transformações da puberdade		X		
16. Fomenta a necessidade de hábitos de higiene pessoal	X			
17. Transmite atitudes positivas em relação à sexualidade	X			
18. Valoriza a identidade do(a) aluno(a) e o conhecimento das suas raízes	X			

I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom;

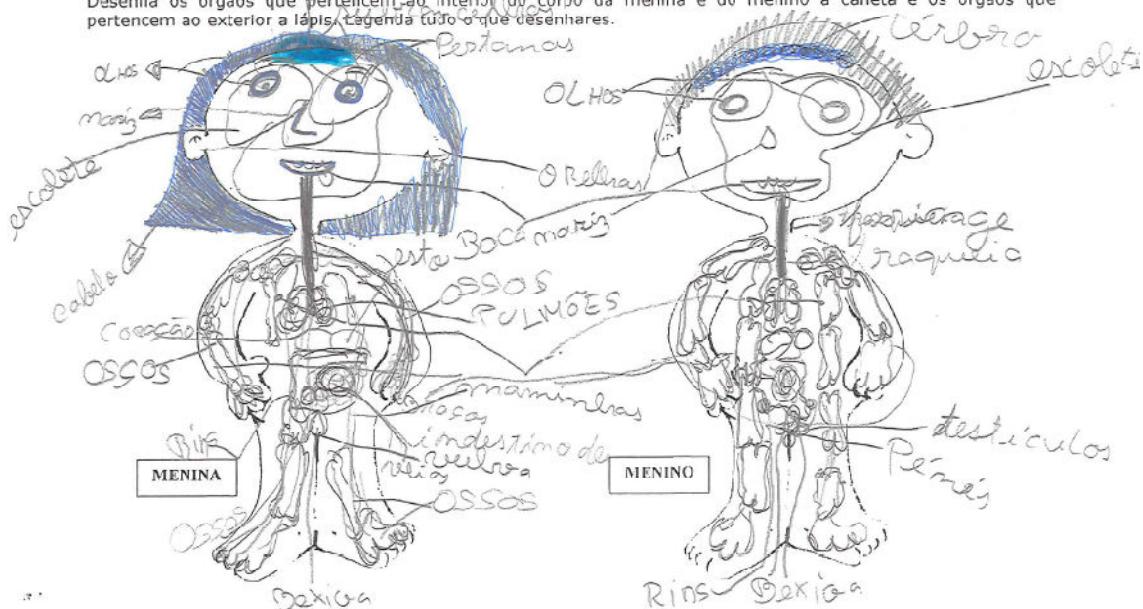
Desenhos efectuados pelo(a)s aluno(a)s na 1^a Actividade – Desenho dos Órgãos do Corpo Humano – do Questionário Administrado

Desenha os órgãos que pertencem ao interior do corpo da menina e do menino a caneta e os órgãos que pertencem ao exterior a lápis. Legenda tudo o que desenhares.

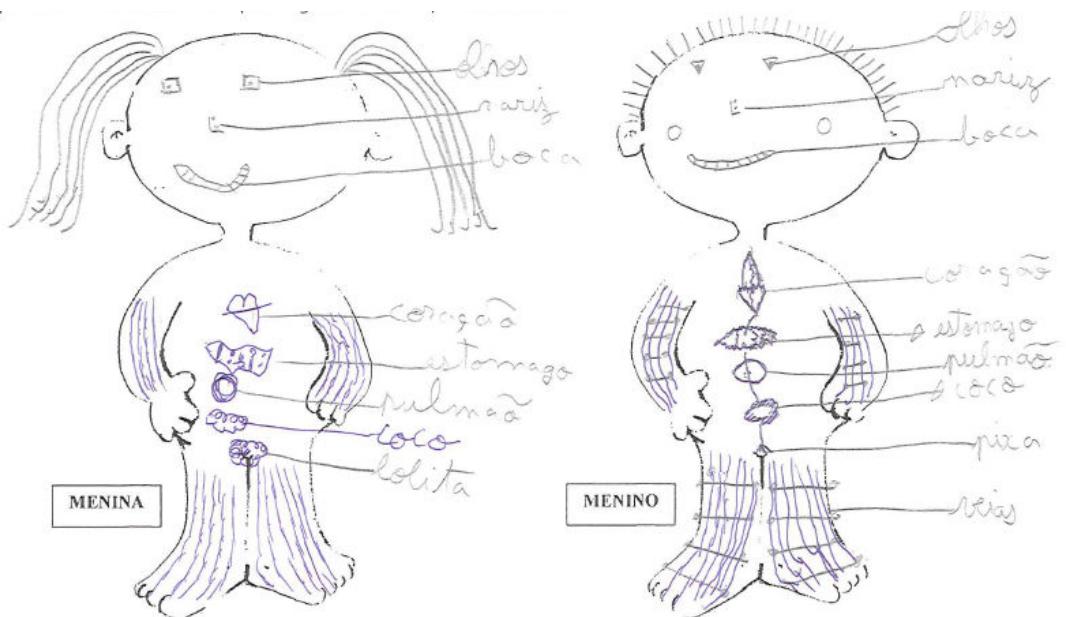


Pós-teste - 3º ano da EB1 M

Desenha os órgãos que pertencem ao interior do corpo da menina e do menino a caneta e os órgãos que pertencem ao exterior a lápis. Legenda tudo o que desenhares.

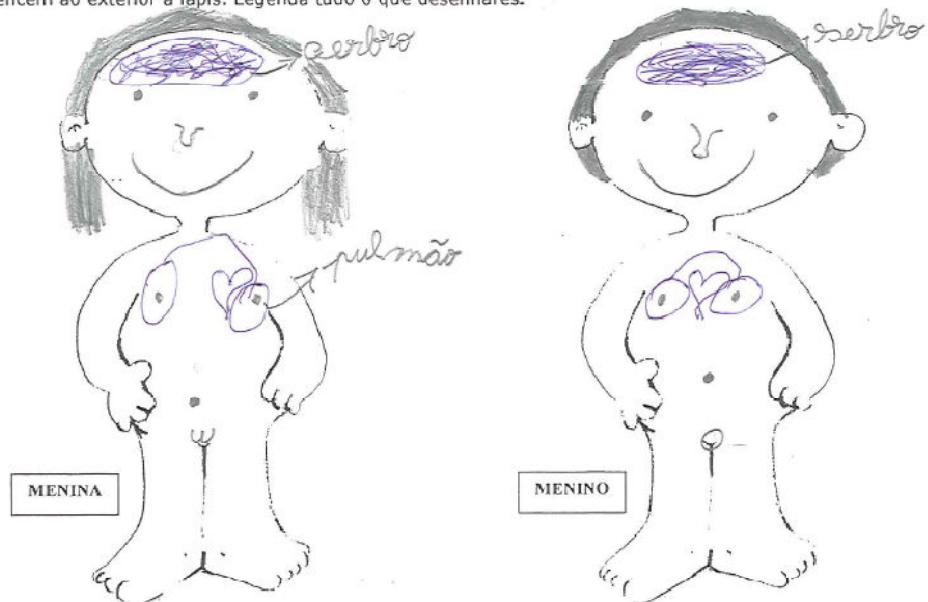


Pós-teste – 3º ano da EB1 M

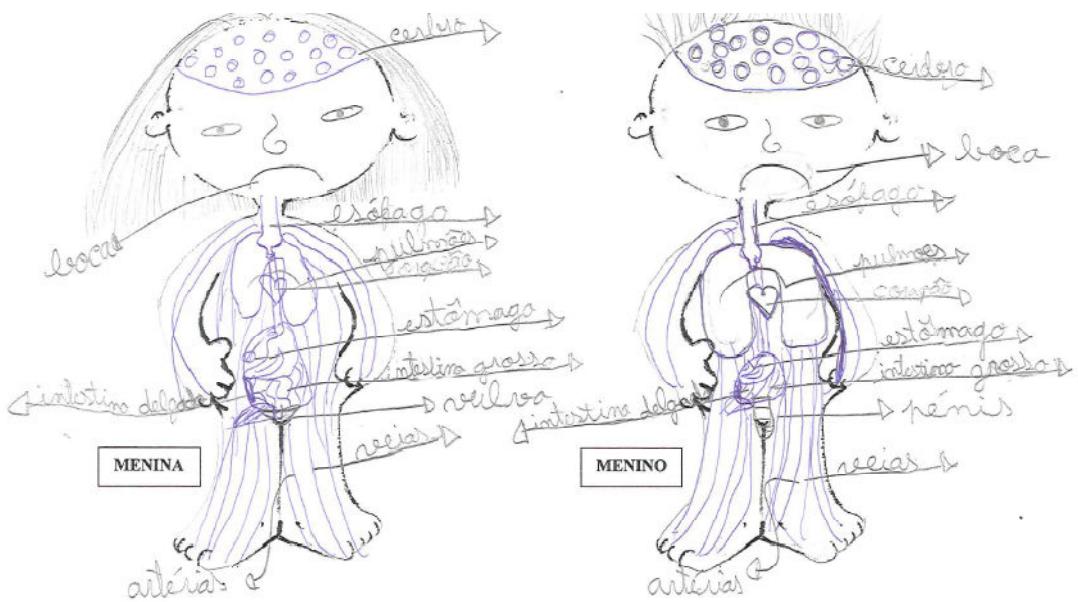


Pré-teste – 3º ano da EB1 M

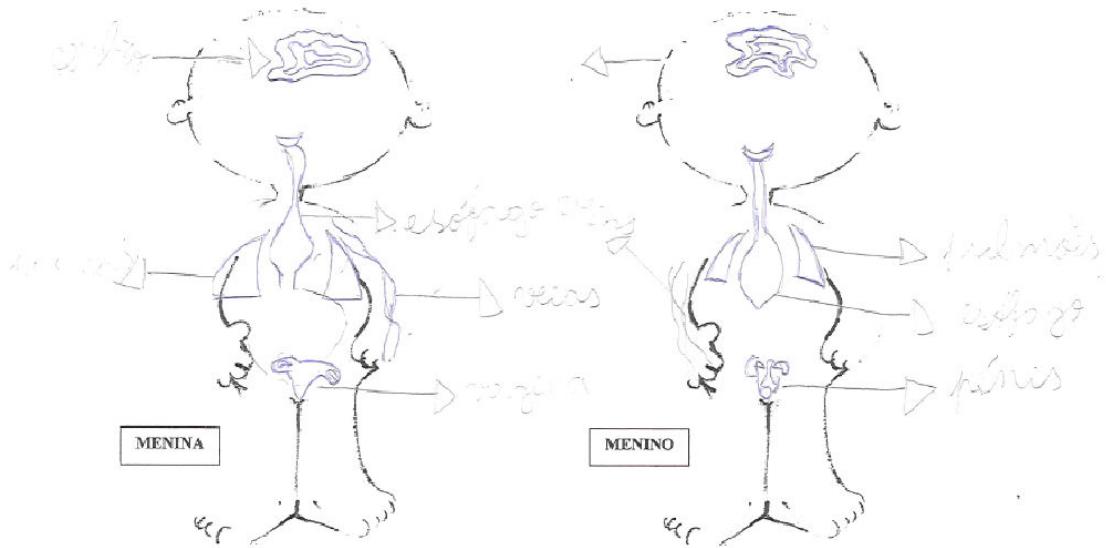
Desenha os órgãos que pertencem ao interior do corpo da menina e do menino a caneta e os órgãos que pertencem ao exterior a lápis. Legenda tudo o que desenhares.



Pré-teste – 3º ano da EB1 M



Pós-teste – 3º ano da EB1 E



Pós-teste – 3º ano da EB1 E